

**FACULDADE DE DIREITO DO SUL DE MINAS**

**BÁRBARA VIEGAS CARVALHO**

**QUEM TEM MEDO DO TERRORISMO? A VOZ E O  
SILÊNCIO DOS REFUGIADOS NIGERIANOS NO  
BRASIL VÍTIMAS DO BOKO HARAM**

POUSO ALEGRE – MG

2019

**BÁRBARA VIEGAS CARVALHO**

**QUEM TEM MEDO DO TERRORISMO? A VOZ E O  
SILÊNCIO DOS REFUGIADOS NIGERIANOS NO  
BRASIL VÍTIMAS DO BOKO HARAM**

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do Título de Mestre em Constitucionalismo e Democracia do programa de Pós-Graduação *strictu sensu* da Faculdade de Direito do Sul de Minas.

Eixo temático: Constitucionalismo e Democracia.

Linha de pesquisa: Relações Sociais e Democracia.

Orientador: Prof. Dr. Cícero Krupp da Luz.

FDSM - MG

2019

337q CARVALHO, Bárbara Viegas

Quem tem medo do terrorismo? A voz e o silêncio dos refugiados nigerianos no Brasil vítimas do Boko Haram. / Bárbara Viegas Carvalho. Pouso Alegre: FDSM, 2019.

197p. Il.

Orientador: Cícero Krupp da Luz.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Direito do Sul de Minas, Programa de Pós-Graduação em Direito.

1. Terrorismo. 2. Falha Comunicativa. 3. Boko Haram. 4. Direitos Humanos. 5. Refúgio. I da Luz, Cícero Krupp. II Faculdade de Direito do Sul de Minas. Programa de Pós-Graduação em Direito. III Título.

CDU 340

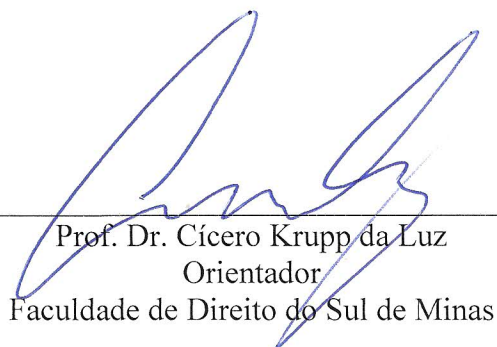
BÁRBARA VIEGAS CARVALHO

QUEM TEM MEDO DO TERRORISMO? A VOZ E O SILÊNCIO DOS  
REFUGIADOS NIGERIANOS NO BRASIL VÍTIMAS DO BOKO HARAM

FACULDADE DE DIREITO DO SUL DE MINAS

Data da Aprovação 10/05/2019

Banca Examinadora



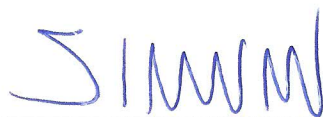
---

Prof. Dr. Cícero Krupp da Luz  
Orientador  
Faculdade de Direito do Sul de Minas



---

Prof. Dr.ª Amy Niang  
University of the Witwatersrand



---

Prof. Dr. Rafael Lazzarotto Simioni  
Faculdade de Direito do Sul de Minas

Pouso Alegre – MG  
2019

*Dedico este trabalho ao meu marido Lucas Berner Lira por todo o apoio e carinho dado ao longo desta trajetória e por não ter medido esforços em me ajudar a concluir mais essa etapa importante da minha vida;*

*Aos meus pais Luciano da Rosa Carvalho e Verônica Viegas Carvalho pela confiança, compreensão e pelo incentivo diário para que eu me dedicasse ao mestrado e a este trabalho;*

*Aos meus irmãos Laura Viegas Carvalho e Gustavo Viegas Carvalho por terem sido bons ouvintes, entusiastas e muitas vezes cooperadores com a realização do trabalho.*

# AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Cícero Krupp da Luz, orientador, por ter sido o melhor orientador que eu poderia ter tido para a realização deste trabalho; por todas as sugestões de leitura que me fizeram ver o outro lado da história; pelo carinho comigo e com o meu trabalho; por todos os cutucões que me fizeram sair da minha zona de conforto e me tornaram, ainda mais, um ser pensante e crítico; por todos os devaneios durante as orientações que nos fizeram construir um trabalho humano, acima de tudo; por todos esses anos de convivência que fizeram com que nascesse em mim, além da admiração pelo professor inteligente, uma grande amizade, a essa pessoa entusiasta, criativa e excepcional que você é. Muito obrigada professor por ter sido o meu sustentáculo nessa jornada.

Ao Prof. Dr. Rafael Lazzarotto Simioni, coordenador, pelo brilhantismo das aulas e das explicações; por trazer clareza à filosofia do Direito e nos mostrar que o Direito é uma ciência que transcende a dogmática; por nos ensinar que Niklas Luhmann e sua teoria dos sistemas não é tão difícil assim, embora só pareça fácil quando você fala; por ser tão acessível e empático aos alunos; e por todas as falas e questionamentos lançados propositalmente que me ajudaram a compreender melhor o meu marco teórico.

Ao Prof. Dr. Eduardo Henrique Lopes Figueiredo pelos raciocínios incompreendidos que, com o avançar das leituras, se tornaram compreendidos, e pelos apontamentos e questionamentos feitos quanto ao meu tema em minha banca de qualificação, que amadureceram o meu trabalho.

Aos Professores Doutores do Mestrado em Constitucionalismo e Democracia da Faculdade de Direito do Sul de Minas, por terem sido grandes mestres ao longo da minha formação e por terem me feito pensar o Direito de uma forma mais crítica e menos dogmática.

Às meninas da secretária do mestrado, por todo o carinho, apoio e ajuda ao longo do curso. Vocês foram essenciais nessa caminhada.

Aos amigos e colegas do mestrado, por toda amizade, carinho, apoio e companheirismo ao longo desses anos de convivência. Sinto que a nossa turma foi excepcional pela união, pois estávamos sempre dispostos a ajudar-nos. E sim, como dizia o Prof. Dr. Rafael Lazzarotto Simioni, formamos o nosso grupinho.

Aos refugiados entrevistados para este trabalho, por todo o realismo de suas falas, por cada detalhe narrado da história de suas vidas. Vocês me transformaram como pessoa e me fizeram mais humana.

A irresponsabilidade dos danos é parte da  
essência do terrorismo.

Jürgen Habermas

A paz sem voz, não é paz, é medo.

Marcelo Yuka



## RESUMO

CARVALHO, Bárbara Viegas. Quem tem medo do terrorismo? A voz e o silêncio dos refugiados nigerianos no Brasil vítimas do Boko Haram. 2019. 197 f. **Dissertação** (Mestrado em Constitucionalismo e Democracia) – Faculdade de Direito do Sul de Minas. Programa de Pós – Graduação em Direito, Pouso Alegre, 2019.

O medo do terrorismo é justamente a sua arma de confronto. A narrativa ocidental tem buscado construir uma imagem a qual se vincula como vítima e promove o medo aos grupos terroristas. Mas quem tem medo do terrorismo? Essa é a pergunta que se busca analisar através da voz dos refugiados nigerianos e do silêncio das refugiadas nigerianas residentes no Brasil na cidade de São Paulo/SP. Os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 representaram uma mudança de paradigma para o terrorismo moderno com a utilização do medo, como arma principal, e da invisibilidade dos combatentes. Diante disso, a pesquisa visa analisar a hipótese de que o terrorismo pós 11 de setembro de 2001 afeta mais a população civil dos Estados de origem dos grupos terroristas do que a população civil dos Estados atacados esporadicamente, por conviverem diariamente com o medo e com a incerteza, através do exame, especificamente, dos impactos da atuação do grupo terrorista Boko Haram na Nigéria, mediante a voz e o silêncio de seus protagonistas, os refugiados nigerianos. O intuito da pesquisa é averiguar, através da Teoria da Ação Comunicativa de Jürgen Habermas, o porquê do surgimento do grupo terrorista fundamentalista islâmico Boko Haram na Nigéria, quais são os seus objetivos e se a insurgência se deu em virtude de uma falha comunicativa entre o modelo de Estado democrático da Nigéria e os integrantes do Boko Haram que não se veem representados por ele. Para tanto, é utilizado o método de pesquisa de natureza empírica qualitativa, através da metodologia da história oral temática, fundamentada na análise cruzada da narrativa dos refugiados nigerianos com a bibliografia e os dados coletados. Através dele, são analisadas as narrativas dos refugiados nigerianos sobre o medo e o refúgio; sobre o conflito na Nigéria e sobre a prática de feminicídio pelo Boko Haram. Também é analisado, se a narrativa global sobre o terrorismo é a narrativa ocidental que não demonstra a realidade fática daqueles que o vivenciaram. Assim, esta pesquisa conclui que há uma falha comunicativa que faz com que os insurgentes não se veem, através da propagação do medo e da violência, como uma tentativa de deslegitimar esse modelo de Estado, intensificando o conflito que ocasiona deslocamento forçado. Por fim, ela contribuirá para que a sociedade verifique que, na verdade, ainda que o mundo tenha medo do terrorismo, os que mais o temem são a população dos Estados de origem dos grupos terroristas, como ocorre no caso específico da Nigéria, em que os nigerianos, especialmente as mulheres, são os que mais temem o Boko Haram.

**Palavras – chave:** Terrorismo. Falha comunicativa. Boko Haram. Direitos Humanos. Refúgio.

## **ABSTRACT**

CARVALHO, Bárbara Viegas *Who is afraid of terrorism? The voice and silence of Nigerian refugees in Brazil victims of Boko Haram*. 2019. 197 f. **Dissertation** (Master in Constitucionalism and Democracy) – Faculdade de Direito do Sul de Minas. Program of Post – Graduation in Law, Pouso Alegre, 2019.

*The fear of terrorism is precisely its weapon of confrontation. The Western narrative has sought to construct an image that binds itself as a victim and promotes fear to terrorist groups. But who is afraid of terrorism? This is the question to be analyzed through the voice of Nigerian men refugees and the silence of Nigerian women refugees residing in Brazil in the city of São Paulo / SP. The terrorist attacks of 11 September 2001 represented a paradigm shift for modern terrorism with the use of fear as the main weapon and the invisibility of combatants. In the light of this, the research aims at analyzing the hypothesis that terrorism after September 11, 2001 affects more the civilian population of the States of origin of the terrorist groups than the civil population of the states attacked sporadically, for living daily with the fear and with the by specifically examining the impact of the actions of the Boko Haram terrorist group in Nigeria, through the voice and silence of its protagonists, the Nigerian refugees. The purpose of the research is to ascertain, through Jürgen Habermas' Theory of Communicative Action, the reason for the emergence of the Islamic fundamentalist terrorist group Boko Haram in Nigeria, what are its objectives and if the insurgency occurred due to a communicative failure between the model of democratic state of Nigeria and the members of Boko Haram who are not represented by him. To do so, the research method of qualitative empirical nature is used through the methodology of the oral history based on the cross-analysis of the narrative of Nigerian refugees with the bibliography and data collected. Through it, the narratives of Nigerian refugees about fear and refuge are analyzed; on the conflict in Nigeria and on the practice of femicide by Boko Haram. Thus, this research concludes that there is a communicative failure that makes the insurgents not see themselves, through the spread of fear and violence, as an attempt to delegitimize this state model, intensifying the conflict that caused forced displacement. Finally, it will help society to verify that, in fact, even though the world is afraid of terrorism, the people who fear it most are the population of the home states of terrorist groups, as is the case in Nigeria, where Nigerians, especially women, are the ones who fear the Boko Haram.*

**Key – words:** *Terrorism. Communicative failure. Boko Haram. Human Rights. Refuge.*

Gráfico 1: Intensificação do número de ataques a partir do ano de 2014 .....	40
Mapa 1: Concentração de riqueza .....	52
Mapa 2: Vacinação de crianças até 01 ano de idade .....	53
Mapa 3: Taxa de alfabetização da Nigéria .....	57
Gráfico 2: Percentual de alfabetização entre as mulheres na Nigéria .....	58
Gráfico 3: Número de fatalidades pelo terrorismo por região .....	82
Gráfico 4: Vítimas mortais de ataques terroristas de 2004 à 2014.....	113
Mapa 4: Concentração e intensidade de ataques terroristas em 2017.....	113

ACNUR: Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados.

DSC: Discurso do Sujeito Coletivo.

HO: História Oral

ONU: Organização das Nações Unidas.

RS: Representação Social.

TCLE: Termo de consentimento livre e esclarecido.

11 S: Atentados terroristas de 11 de setembro de 2001.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>1. A NIGÉRIA E O BOKO HARAM: O GIGANTE AFRICANO E O GIGANTE TERRORISTA.</b> .....	<b>18</b>
1.1 Nigéria: A democratização e o contexto político, econômico e religioso do país no ano de 2002. ....	18
1.2 A criação do grupo Boko Haram no ano de 2002 e os seus objetivos políticos e religiosos. ....	30
1.3 Os principais fatos que influenciaram na transformação dos objetivos do grupo ao longo desses anos.....	42
1.4 O caos social nigeriano: As principais implicações sociais ocasionadas pelo grupo terrorista Boko Haram. ....	48
<b>2. O BOKO HARAM COMO UMA FALHA COMUNICATIVA DO MODELO DEMOCRÁTICO</b> .....	<b>59</b>
2.1 Os atentados de 11 de setembro de 2011: uma mudança de paradigma. ....	59
2.2 A concepção ocidental dominante sobre o conceito de terrorismo após a mudança de paradigma.....	75
2.3 O Boko Haram e a falha comunicativa com o governo nigeriano: O terrorismo como forma de oposição a ocidentalização da Nigéria. ....	80
2.4 O medo como a principal arma do grupo terrorista Boko Haram.....	88
<b>3. A VOZ E O SILÊNCIO DAS VÍTIMAS DO BOKO HARAM.</b> .....	<b>97</b>
3.1 A narrativa dos refugiados nigerianos residentes no Brasil: A história oral como metodologia.....	97
3.2 O conflito na Nigéria: o terrorismo do Boko Haram e o Governo nigeriano. ...	106
3.3 O medo e o refúgio na voz de seus protagonistas. ....	112
3.4 O feminicídio terrorista do Boko Haram.....	123
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>129</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>134</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>154</b>
APÊNDICE 1: Autorização do comitê de ética da Plataforma Brasil. ....	154
APÊNDICE 2: Questionário da pesquisa.....	159
APÊNDICE 3: Transcrição das entrevistas. ....	160

## INTRODUÇÃO

O medo do terrorismo é um fenômeno que tem afetado o mundo todo desde os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 por se mostrar mais presente no cotidiano de todos, pois tem sido utilizado pelos grupos terroristas como a principal arma de confronto. Desde então, a narrativa ocidental tem buscado construir uma imagem a qual se vincula como vítima e promove o medo aos grupos terroristas, fazendo com que o medo do fenômeno esteja presente cotidianamente.

Isso pelo motivo de que os ataques aos Estados Unidos representaram uma mudança de paradigma na sociedade contemporânea: desde então “(...) a mídia vem bombardeando o mundo com imagens e reportagens sobre o terrorismo”<sup>1</sup>, retratando a ideia de que os países ocidentais são os que mais sofrem com os ataques terroristas no mundo e que somos nós, ocidentais, os que mais tememos o terrorismo.

Partindo desse pressuposto, uma problemática central surgiu que desencadeou no desenvolvimento dessa pesquisa: Até que ponto o terrorismo afeta mais os nacionais dos países de origem dos grupos terroristas que convivem diariamente com a atuação do grupo do que a população do ocidente que sofre ataques esporádicos. Para tentar responder a esse problema, optou-se pela análise de um grupo terrorista específico, o Boko Haram.

Isso porque, embora a mídia retrate constantemente o terrorismo e os seus ataques, o destaque se dá para aqueles que ocorrem no ocidente. Ainda que o Boko Haram seja considerado hoje o quarto grupo terrorista que mais mata no mundo<sup>2</sup>, a sua atuação na Nigéria é basicamente ignorada pelos meios de comunicação global, ganhando visibilidade apenas quando ocorreu o sequestro de 276 meninas alunas de uma escola no vilarejo de Cibok.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> BORRADORI, Giovanna. *A filosofia em tempo de terror: Diálogos com Habermas e Derrida*. Tradução: Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2004. p.11.

<sup>2</sup> DUDLEY, Domenic. Forbes: *Os grupos terroristas que mais matam no mundo atualmente*. Disponível em: <https://forbes.uol.com.br/colunas/2018/12/os-grupos-terroristas-que-mais-matam-no-mundo-atualmente/>; Acesso em 05 de janeiro de 2019.

<sup>3</sup> ESTADÃO. *Boko Haram assume sequestro de 276 meninas no interior da Nigéria*. Disponível em: <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,boko-haram-assume-sequestro-de-276-meninas-no-interior-da-nigeria,1162436>>; Acesso em: 13 de fevereiro de 2018.

Essa falta de interesse da mídia internacional pelo Boko Haram se dá, segundo Salem Nasser, devido à falta de interesse das agências internacionais que reproduzem essencialmente aquilo que noticiam e pensam os grandes grupos de comunicação norte-americanos e europeus<sup>4</sup>, ou seja, reproduzem apenas informações sobre grupos terroristas que os afetam diretamente.

O Boko Haram é um grupo terrorista fundamentalista islâmico que surgiu na Nigéria no ano de 2002. Criado nas regiões norte e nordeste da Nigéria, o Boko Haram é um movimento insurgente contra ao modelo de estado democrático de direito do estado nigeriano, isto é, contra ao modelo de estado ocidental e secular introduzido no país pela Constituição de 1999.

A República Federal da Nigéria é uma ex-colônia britânica que no ano de 1999 passou a ser um governo civil, cujo sistema adotado é o republicano constitucional federal. Considerado como o gigante da África, o país, que possui 186 milhões de habitantes<sup>5</sup> divididos em aproximadamente 300 grupos étnicos<sup>6</sup>, é a maior economia africana<sup>7</sup>. O crescimento do país nas últimas duas décadas foi em média de 5% ao ano. Tendo o petróleo como o seu principal impulsionador e responsável por 70% da receita do país, a Nigéria é o país que tem o maior PIB (Produto interno bruto) da África.<sup>8</sup>

Desde a proclamação da independência em 1960, a Nigéria possui relação diplomática com os Estados Unidos<sup>9</sup>, sendo este o maior parceiro comercial dos norte americanos no ramo do petróleo, pois os norte americanos são o principal importador do produto.<sup>10</sup> Em razão dessa estreita relação entre os dois países, os Estados Unidos são os maiores investidores estrangeiros na Nigéria, o que acaba por transformá-los em uma das maiores influências política, econômica e cultural.

<sup>4</sup> NASSER, Salem H. *Olhares sobre as revoltas no mundo árabe*. Projeto História, São Paulo, n. 46, pp. 115-133, Abr. 2013. p.119.

<sup>5</sup> BANCO MUNDIAL. *Nigeria. Población, total*. Disponível em: <<https://datos.bancomundial.org/pais/nigeria?view=chart>>; Acesso em: 13 de maio de 2018.

<sup>6</sup> MWALIMU, Charles. *The Nigerian Legal System: Public Law*. New York: Peter Lang Publishing Inc, 2005. p. 5.

<sup>7</sup> HOLMES, Peter. *Nigeria: giant of Africa*. London: Swallow Editions, 1987.

<sup>8</sup> CALEIRO, João Pedro. *Por que a Nigéria entrou em recessão?* Revista Exame. 04 de setembro de 2016. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/economia/por-que-a-nigeria-entrou-em-recessao/>>; Acesso em: 13 de maio de 2018.

<sup>9</sup> US DEPARTMENT OF STATE. U.S. *Relations With Nigeria*. Bureau of African Affairs; Fact Sheet; February 21, 2017. Available in: <<https://www.state.gov/r/pa/ei/bgn/2836.htm>>; Cited: 13 de maio de 2018.

<sup>10</sup> DA CRUZ, Anabela Faria Nogueira. *Interesses energéticos e implicações políticas: RPC e os Estados Unidos em Angola, no Sudão e na Nigéria*. 2012. p. 111. Dissertação de mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais. Universidade de Nova Lisboa, Lisboa, 2012.

Com a aprovação da Constituição em 29 de maio de 1999, a Nigéria, inspirada no constitucionalismo norte americano, do seu principal parceiro econômico, adotou o modelo de Estado Democrático de Direito, guiado pelo princípio da separação dos poderes, cujo sistema de governo é o presidencial.<sup>11</sup> Portanto, esse novo modelo do Estado nigeriano, vigente até os dias atuais, é um modelo de Estado ocidental, pautado nos preceitos fundamentais do constitucionalismo contemporâneo, com normas duradouras para uma estrutura federal, que são fundamentadas na dignidade da pessoa humana.<sup>12</sup>

Com uma população predominantemente mulçumana, cuja maior concentração está no norte e no nordeste do país, esse modelo de Estado ocidentalizado e secular adotado pela Nigéria contrariou um grupo de jovens nigerianos mulçumanos da cidade de Maidiguri, que viam no comportamento do governo nigeriano, um comportamento corrupto que desenraizava as tradições do país.

Diante disso, surgiu assim o grupo terrorista, cujo significado na língua hausa para Boko é “a educação de estilo ocidental” e para Haram é “foi legalmente proibida pelo islã”<sup>13</sup> e tem como designação a expressão “*Jama'atu Ahlis Sunna Lidda'awati Wal-Jihad*” que significa “pessoas comprometidas com a propagação dos ensinamentos do Profeta e da *Jihad* (guerra santa)”<sup>14</sup>. O grupo em sua gênese vislumbrava a criação de uma comunidade separatista com a criação de um Estado Islâmico que implementasse a *Sharia* (lei islâmica) e os princípios islâmicos extremos.

Com o objetivo de derrubar a democracia nigeriana e implementar um Estado Islâmico, o grupo passou a utilizar a nova ferramenta do terrorismo pós 11 de setembro de 2001: o medo. Na tentativa de alcançar o controle político, econômico, social e religioso da região, isto é, o controle estatal, o Boko Haram aterroriza a população nas regiões norte e nordeste do país com o intuito de romper a confiança da população no governo nigeriano e deslegitimá-lo, demonstrando que esse modelo de Estado é um modelo fraco.

---

<sup>11</sup> MWALIMU, Charles. *The Nigerian Legal System: Public Law*. New York: Peter Lang Publishing Inc, 2005.p. 6.

<sup>12</sup> MWALIMU, Charles. *Op. cit.* p. 4.

<sup>13</sup> THURSTON, Alexander. *Boko Haram – The History of an African Jihadist Movement*. Princeton: Princeton University Press, 2017.p. 01.

<sup>14</sup> JOHNSON, Toni; SERGIE, Mohammed Aly. *Boko Haram*. Council on Foreign Relations. Council on foreign relations, 2013. Available in: <<http://www.cfr.org/nigeria/boko-haram/p25739>>. Cited: 13 de fevereiro de 2018.



Diante da violência extrema do grupo, ainda que os nigerianos saibam da existência do grupo terrorista islâmico Boko Haram, eles não sabem quem são os seus combatentes e quando e onde ocorrerá o próximo atentado. O caos social e o medo imperam nas regiões norte e nordeste do país, principalmente porque hoje, a estratégia do grupo é jogar com o medo, obrigando a população a escolher entre duas opções: a conversão forçada com a adesão ao Estado islâmico ou a morte.

Ademais, ressalta-se que, com o passar dos anos, além dos ataques com os objetivos de combate à educação ocidental e secular; de combate à corrupção dos políticos e dos líderes mulçumanos; da implementação de um Estado Islâmico e da utilização da *Sharia* (lei islâmica) como a lei do Estado, de um modo geral, verificou-se que, a partir do ano de 2013, os ataques do Boko Haram foram voltados especialmente ao gênero feminino.

Desse modo, verificamos que o terrorismo praticado pelo Boko Haram, embora o objetivo central seja o de deslegitimar o Estado nigeriano para a implementação de um Estado islâmico, tem os civis nigerianos como suas principais vítimas. Diante disso, e com base na problemática central da pesquisa, chegou-se às seguintes hipóteses: (i) Quem tem medo do terrorismo são os próprios nacionais dos países de origem dos grupos terroristas; (ii) as principais vítimas do grupo terrorista islâmico Boko Haram são os nigerianos; (iii) Dentre os nigerianos, vítimas do grupo terrorista islâmico Boko Haram, o gênero feminino é o mais afetado pela violência do grupo; (iv) os objetivos do grupo são políticos; e (v) existe uma desconexão entre a narrativa global e a narrativa dos refugiados nigerianos residentes no Brasil na cidade de São Paulo/SP sobre quem tem medo do terrorismo.

Para responder a essas hipóteses criou-se um objetivo geral que visa analisar a existência de uma desconexão entre a narrativa global e a narrativa dos refugiados nigerianos residentes no Brasil na cidade de São Paulo/SP sobre quem tem medo do terrorismo, se são os nacionais dos países de origem dos grupos terroristas ou se são os ocidentais que convivem esporadicamente com o terrorismo.

E a partir do que se propõe o objetivo geral, foram criados os objetivos específicos que visam complementar a pesquisa e auxiliar no alcance do objetivo geral que são: (i) Analisar o contexto político, econômico e religioso da Nigéria no ano de criação do Boko Haram e a evolução do grupo e dos seus objetivos intrínsecos e extrínsecos, bem como as principais implicações sociais ocasionadas

pelo grupo; (ii) Analisar a mudança de paradigma do terrorismo após os atentados de 11 de setembro de 2001, a existência de uma falha comunicativa que enseja na criação de grupos terroristas como o Boko Haram e o medo como principal arma do terrorismo; e (iii) Analisar, através da análise cruzada do método de pesquisa da História Oral temática, as narrativas dos refugiados nigerianos residentes na cidade de São Paulo/SP quanto ao medo e o refúgio do terrorismo do grupo terrorista islâmico Boko Haram, quanto ao conflito na Nigéria e quanto à prática de feminicídio por parte do grupo terrorista.

Para responder a essas hipóteses e analisar os objetivos específicos e o objetivo geral da pesquisa, especialmente no caso do terrorismo na Nigéria, se mostrou patente à necessidade de investigar, através da pesquisa empírica qualitativa, pelo método de pesquisa da história oral temática, as opiniões dos refugiados nigerianos residentes no Brasil na cidade de São Paulo/SP especificamente sobre quem verdadeiramente tem medo do terrorismo, sobre o refúgio, sobre o conflito na Nigéria entre o governo e o grupo terrorista Boko Haram e sobre a prática de feminicídio pelo Boko Haram visando constatar, através da análise cruzada entre a bibliografia e os documentos coletados e a narrativa dos refugiados nigerianos, se há uma desconexão entre narrativa global e a narrativa daqueles que vivenciaram diariamente o terrorismo.

Compreender a problemática central desta pesquisa, através do desenvolvimento deste trabalho, é fundamental para o Direito Internacional e para o Direito brasileiro, ainda que indiretamente, pois o terrorismo é um fenômeno social que tem afetado o mundo ao longo desses últimos 20 anos e que o Direito Internacional e os Direitos internos ainda não o compreenderam, não sabendo lidar ao certo com ele e com as consequências dele, como as migrações forçadas em massa e os pedidos de refúgio.

E por fim, a partir da problemática central, depreender os objetivos geral e específicos dessa pesquisa é de suma importância para o Direito brasileiro, uma vez que, além de um dos princípios que regem a República Federativa do Brasil em suas relações internacionais é o repúdio ao terrorismo, as violações aos Direitos Humanos que ocorrem na Nigéria com o terrorismo praticado pelo grupo Boko Haram influenciam indiretamente o Brasil, pois o país se tornou uma das rotas de fuga para pedido de refúgio dos nigerianos.

Assim, compreender o fenômeno é necessário para recepcioná-los e integrá-los a sociedade brasileira, garantindo que os seus direitos fundamentais inerentes a condição humana como o direito a vida, a igualdade de tratamento e a integridade física sejam concretizados e respeitados em território brasileiro.

# 1. A NIGÉRIA E O BOKO HARAM: O GIGANTE AFRICANO E O GIGANTE TERRORISTA.

## 1.1 Nigéria: A democratização e o contexto político, econômico e religioso do país no ano de 2002.

A Nigéria é um país situado na África ocidental que foi colônia britânica durante o século XIX e até metade do século XX. O interesse da Grã-Bretanha pela região começou muito antes da colonização e se deu em virtude de fatores econômicos. No século XVIII, por volta do ano de 1712, o interesse econômico era no comércio de escravos. Posteriormente, o interesse era nos tratados comerciais com o reino de Sokoto situado na região norte. Já em 1861 ocorreu o estabelecimento de uma colônia britânica na região de Lagos para a exploração do local. E na década de 1880, mais precisamente em 1886, houve o estabelecimento da empresa britânica *The Royal Niger Company* que explorava o óleo da palma, cujo interesse econômico era na exploração e comercialização do óleo da planta.<sup>15</sup>

A Conferência de Berlim, também conhecida como Conferência da África Ocidental, ocorrida em 1885 na cidade de Berlim na Alemanha, foi um evento que contou com a participação dos países europeus para decidir a respeito das atividades europeias coloniais no continente africano com o intuito de resolver os seus conflitos de interesses sobre a exploração da região.<sup>16</sup> Nessa conferência, a Grã-Bretanha reivindicou a região da Bacia do Níger. Porém, devido as fortes pressões da França e da Alemanha em atuar e conquistar aquela região e em virtude da Conferência ter estipulado que apenas a ocupação efetiva asseguraria o reconhecimento em plano internacional, o processo de ocupação pela Grã-Bretanha foi acelerado.

Diante disso, Segundo Philips, a ocupação e a expansão política da Grã-Bretanha na região foi se dando de forma crescente. Além da colônia da região de Lagos existente antes das reivindicações da Conferência de Berlim, "(...) Outras

---

<sup>15</sup> PHILIPS, Douglas A. *Nigeria*. Series Consulting Editor Charles F. Gritzner South Dakota State University. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2004. p. 37 - 41.

<sup>16</sup> LOVEJOY, Paul E. *Nigeria: a country study*. Edited by Helen Chapin Metz; 5th ed. Washington: Federal Research Division, Library of Congress, 1992. p. XXIII.

terras costeiras foram designadas como protetorado britânico.”<sup>17</sup> Em 1897 o *Lord Frederick Lugard* foi enviado para ser um comissário britânico na região nordeste e também para controlar a atuação da empresa *The Royal Níger Company* naquela região.<sup>18</sup> Aos poucos, a Grã-Bretanha foi inserindo-se na região, conquistando territórios economicamente e politicamente, através de alianças com os líderes locais.

Visando controlar o óleo da palma explorado, inúmeros tratados foram celebrados e protetorados britânicos foram instituídos tanto na região norte quanto na região sul, através de negociações diplomáticas ou imposições militares que visavam o cumprimento dos tratados negociados.<sup>19</sup> Diante disso, o controle político da Grã-Bretanha nos reinos da Nigéria tinha alcançado toda a região. A Nigéria, que até então não tinha esse nome, passou a ser chamada assim após a sugestão dada pela primeira vez pela jornalista inglesa Flora Shaw, esposa do Lord Lugard, em um artigo publicado no jornal *The Times of London* no ano de 1897.<sup>20</sup>

No artigo, no qual a escritora assinou como F. Shaw para que o seu sexo não influenciasse contra a sugestão do nome, Shaw sugere que o país tenha o nome de Nigéria por que:

Em primeiro lugar, como o título “Territórios da Companhia Real Níger” não só é inconveniente de se usar, mas muito extenso, como também é enganoso. Pode ser admissível um título mais curto para a aglomeração de estados pagãos e mulçumanos que foram trazidos pelos esforços da Companhia Real do Níger, dentro dos limites do Protetorado Britânico, e que assim precisam pela primeira vez em sua história, como uma entidade, serem descritos por algum nome geral. Falar deles como o Sudão Central, que é o título concedido por alguns geógrafos e viajantes, tem a desvantagem de ignorar as linhas de fronteira política, enquanto que para o mundo, “Sudão”, é bem provável que se conectará a mente do público como o interior francês da Argélia, ou as questões controversas da bacia do Níger. O nome “Nigéria”, que não se aplica a nenhuma outra parte da África, pode ser considerado como coextensivo com os territórios sobre os quais a Companhia Real do Níger estendeu a influência britânica, e pode servir para diferenciá-los, igualmente, das colônias britânicas de Lagos e do Protetorado do Níger na costa, e do território francês do Alto Níger.<sup>21</sup>

<sup>17</sup> Other coastal lands were designated as a British Protectorate. PHILIPS, Douglas A. *Nigeria*. Series Consulting Editor Charles F. Gritzner South Dakota State University. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2004. p. 42.

<sup>18</sup> PHILIPS, Douglas A. *Op. cit.* p. 42.

<sup>19</sup> LOVEJOY, Paul E. *Nigeria: a country study*. Edited by Helen Chapin Metz; 5th ed. Washington: Federal Research Division, Library of Congress, 1992. p. 30/31.

<sup>20</sup> BLAKE, Hogarth. *Flora Shaw gives the name Nigeria*. Hogarth Blake Ltd. Available from: <<http://www.hh-bb.com/flora-shaw.pdf>>; Cited: 13 de maio de 2018. p. 3.

<sup>21</sup> *In the first place, as the title “Royal Niger Company’s Territories” is not only inconvenient to use but to some extent is also misleading, it may be permissible to coin a shorter title for the agglomeration of pagan and Mohammedan states which have been brought, by the exertions of the Royal Niger*

Criado através da união de diversos reinos e povos da região pelo imperialismo europeu<sup>22</sup>, o país era uma “entidade política artificial”,<sup>23</sup> haja vista a falta de identificação da população diversificada com o governo ali instituído. Lovejoy descreve que a história moderna da Nigéria - como um estado político que abrange aproximadamente 300 grupos étnicos de culturas e modos de organização política amplamente variados - data da conclusão da conquista britânica em 1903.<sup>24</sup>

Isso porque, a Nigéria era formada por reinos que surgiram das raízes culturais tribais que atuavam como Estados independentes um do outro.<sup>25</sup> Até 1900 o norte e o sul da Nigéria eram separados em razão do norte ser um califado islâmico de nome *Sokoto*, cujo líder era um Emir da origem Fulani, e o sul ser a ocupação britânica do Delta do Rio Níger que explorava o óleo da palma.

Com a chegada do *Lord Frederick Lugard* na região norte em 1903, com a sua Força de Fronteira da África Ocidental, os britânicos conquistaram a região, matando o califa, criando o Protetorado do Norte da Nigéria.<sup>26</sup> Quando *Lugard* foi nomeado ao alto comissariado do Protetorado do Norte da Nigéria, o objetivo da Grã-Bretanha deixou de ser o de transformar a região na esfera comercial e passou a ser o de conquistar toda a região do norte e nordeste, para que houvesse a implementação de um estado político unificado, reconhecido pelo protetorado britânico e, inclusive, pelas lideranças locais dos reinos.<sup>27</sup>

As diferenças ambientais, históricas e culturais entre as regiões norte e sul eram enormes conforme relata Philips.<sup>28</sup> Ademais, a diferença religiosa passou a existir. A região norte que havia sido conquistada pelo grupo étnico Fulani durante a guerra

---

*Company, within the confines of British Protectorates, and thus need for the first time in their history to be described as an entity by some general name. To speak of them as the Central Sudan, which is the title accorded by some geographers and travellers, has the disadvantage of ignoring political frontier-lines, while the word “Sudan” is too apt to connect itself in the public mind as the French hinterland of Algeria, or the vexed questions of the Niger basin. The name “Nigeria” applying to no other portion of Africa, may, without offence to any neighbors, be accepted as coextensive with the territories over which the Royal Niger Company has extended British influence, and may serve to differentiate them equally from the British colonies of Lagos and the Niger Protectorate on the coast and from the French territory of the Upper Niger.* SHAW, Flora. In: BLAKE, Hogarth. *Flora Shaw gives the name Nigeria*. Hogarth Blake Ltd. Available in: <<http://www.hh-bb.com/flora-shaw.pdf>>; Cited: 13 de maio de 2018.

<sup>22</sup> LOVEJOY, Paul E. *Nigeria: a country study*. Edited by Helen Chapin Metz; 5th ed. Washington: Federal Research Division, Library of Congress, 1992. p. 03.

<sup>23</sup> LOVEJOY, Paul E. *Op. cit.* p. 38.

<sup>24</sup> LOVEJOY, Paul E. *Op. cit.* p. 03.

<sup>25</sup> PHILIPS, Douglas A. *Nigeria*. Series Consulting Editor Charles F. Gritzner South Dakota State University. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2004.p. 32.

<sup>26</sup> PHILIPS, Douglas A. *Op. cit.* p. 60.

<sup>27</sup> LOVEJOY, Paul E. *Op. cit.* p. 31-32.

<sup>28</sup> PHILIPS, Douglas A. *Op. cit.* p. 43.

santa *Jihad* ocorrida no século XIX teve o islam implementado enquanto que o Sul era a região de atuação dos missionários cristãos britânicos em virtude dessa ocupação. Portanto, a desarmonia e as diferenças existentes entre as regiões no início do século XX foram cruciais para a conquista inglesa da região.<sup>29</sup>

Portanto, entre 1903 e 1906 foram instituídos os protetorados britânicos do Norte e do Sul respectivamente. Mas foi em 1912, com o retorno do *Lord Frederick Lugard* para a Nigéria com o objetivo de unificar as regiões norte e sul que, em 1914, houve a fusão das duas regiões.<sup>30</sup> Foi formada assim a colônia da Nigéria. O controle da colônia pela Grã – Bretanha se deu, em princípio, de forma indireta através dos líderes locais.<sup>31</sup> Mas com o passar dos anos, imposições coloniais ocorreram nas esferas administrativa e judicial.<sup>32</sup>

Durante a colonização britânica e devido à diversidade étnica, cultural e de modos de organização política, assim como devido à falta de identificação da população com esse estado político unificado nigeriano, isto é, com a colônia unificada da Nigéria, surge, no período entre as duas grandes guerras mundiais, um nacionalismo pautado em um particularismo político e em um pan-africanismo.<sup>33</sup> Lovejoy relata que nesse nacionalismo pan-africano, isto é, multiétnico:

No norte, os apelos à legitimidade islâmica confirmaram o domínio dos emires, de modo que os sentimentos nacionalistas eram decididamente antiocidentais. Nacionalistas modernos no sul, cujo pensamento foi moldado por ideais europeus, se opunham ao governo indireto, que havia entrincheirado o que havia sido considerada uma classe dominante anacrônica no poder e excluiu a elite ocidentalizada.<sup>34</sup>

Portanto, tanto no norte quanto no sul, ainda que os objetivos políticos fossem distintos, a insatisfação da população era tamanha que surgiram movimentos nacionalistas, como por exemplo, o da Juventude Nacional, que lutaram ao longo de aproximadamente quatro décadas para alcançar a independência nigeriana da Grã-

<sup>29</sup> PHILIPS, Douglas A. *Nigeria*. Series Consulting Editor Charles F. Gritzner South Dakota State University. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2004.p. 39.

<sup>30</sup> PRATTEN, David. *The Man-Leopard Murders: History and Society in Colonial Nigeria*. Edinburgh: Edinburgh University Press Ltd for the International African Institute, London, 2007. p. 83.

<sup>31</sup> PHILIPS, Douglas A. *Op. cit.* p. 42.

<sup>32</sup> PRATTEN, David. *Op. cit.* p. 83/87.

<sup>33</sup> LOVEJOY, Paul E. *Nigeria: a country study*. Edited by Helen Chapin Metz; 5th ed. Washington: Federal Research Division, Library of Congress, 1992. p. 38.

<sup>34</sup> *In the north, appeals to Islamic legitimacy upheld the rule of the emirs, so that nationalist sentiments there were decidedly anti-Western. Modern nationalists in the south, whose thinking was shaped by European ideas, opposed indirect rule, which had entrenched what was considered to be an anachronistic ruling class in power and shut out the Westernized elite.* LOVEJOY, Paul E. *Op. cit.* p. 38.

Bretanha. Partidos políticos como o Partido Democrático Nacional Nigeriano que surgiu na região de Lagos, liderado por Herbert Macauley, foi fundamental para o nascimento do movimento nacionalista.<sup>35</sup>

Embora os nacionalistas aceitassem a influência europeia e norte-americana na Nigéria, esse período foi marcado por inúmeros movimentos sociais, culturais e educacionais contra o colonialismo britânico, pois, para eles, o colonialismo era incapaz de “apreciar a antiguidade das culturas indígenas/nativas.”<sup>36</sup> Diante desse cenário nacionalista, inicia-se a fase de transição de colônia britânica para a de governo autônomo.

Segundo o Lovejoy: “A preparação para uma nova constituição federal para a independência da Nigéria foi realizada em conferências ocorridas na *Lancaster House* em Londres, entre os anos de 1957 e 1958, e foi presidida pelo secretário colonial britânico.”<sup>37</sup> Portanto, por um ato do governo britânico, em 01 de Outubro de 1960 a Nigéria tornou-se independente da Grã-Bretanha.<sup>38</sup>

Três anos após a independência, nasce a Primeira República Federal da Nigéria. Durante o início da República, a Nigéria foi governada pela coalisão de dois partidos políticos existentes, o PPN (Partido Popular do Norte) e o CNNC (Conselho Nacional da Nigéria e os Camarões). O primeiro partido representava a região norte do país e era regionalista, mulçumano e aristocrático. Já o segundo, era nacionalista, cristão e populista.<sup>39</sup>

Porém, durante essa fase pós-colonial, em um período de trinta e nove anos após a independência, a Nigéria vivenciou uma inconstância política entre governos civis e governos militares. Houveram três repúblicas que foram intercaladas por ditaduras militares até que, diante dessa inconstância e em razão dos excessos cometidos pelos governos militares, na década de 80 iniciou-se a discussão para o ressurgimento da democratização.<sup>40</sup> Para MGBA:

<sup>35</sup> PHILIPS, Douglas A. *Nigeria*. Series Consulting Editor Charles F. Gritzner South Dakota State University. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2004.p. 43.

<sup>36</sup> (...) *appreciate the antiquity of indigenous cultures*. LOVEJOY, Paul E. *Nigeria: a country study*. Edited by Helen Chapin Metz; 5th ed. Washington: Federal Research Division, Library of Congress, 1992. p. 38.

<sup>37</sup> *The preparation of a new federal constitution for an independent Nigeria was carried out at conferences held at Lancaster House in London in 1957 and 1958 and presided over by the British colonial secretary*. LOVEJOY, Paul E. *Op cit.*p. 47.

<sup>38</sup> LOVEJOY, Paul E. *Op. cit.* p. 47

<sup>39</sup> LOVEJOY, Paul E. *Op. cit.* p. 48.

<sup>40</sup> MGBA, Chimaroke. *Civil Society and Democratization in Nigeria: A Historical Perspective*. Department of Political & Administrative Studies Faculty of Social Sciences, University of Port Harcourt Nigeria. American International Journal of Social Science. Vol. 4, No. 5; October 2015.



A atual onda de democratização foi um processo engendrado, por um lado, por diversos fatores externos incluindo: o fim da guerra fria e a retirada parcial do apoio dado pelos países ocidentais à governos autoritários/militares/partido único; por pressões diplomáticas e econômicas dos governos ocidentais e organizações intragovernamentais para reformas políticas; e pela criação de um clima democrático sustentado pela revolução da comunicação, característica da globalização.<sup>41</sup>

Isto é, para o autor, houve uma série de fatores externos que “influenciaram”, ou seja, que impuseram o ressurgimento do processo de democratização. Se analisarmos a situação da Nigéria, assim como de outros países, verificamos que, na condição de ex-colônias dos países ocidentais, ainda que independentes, esses países eram dependentes economicamente dos países ocidentais.

Diante disso, com o advento da globalização, ou seja, dos “processos através dos quais o capital foi universalizado, resultando em pressões mais elevadas para o alargamento das fronteiras, em vez de aumentar as fronteiras.”<sup>42</sup>, toda e qualquer imposição diplomática e econômica na Nigéria era aceita para que este conseguisse se manter como um país pertencente a essa comercialização internacional.

Para Mgba, além dos fatores externos, fatores internos foram cruciais para o início do processo de democratização, tais como, a pressão local exercida pela população contra a má administração da política e da economia pelo governo; contra a corrupção dos oficiais do Estado; contra os abusos aos direitos humanos; e contra a centralização do governo na figura das pessoas.<sup>43</sup>

O autor menciona que, para o John Makumbe:

(...) enquanto os desenvolvimentos políticos do final da década de 1980 e 1990 na maior parte da África subsaariana tendem a dar a impressão de que a sociedade civil na África é sinônimo de anti estadismo, a verdade é que a

---

Available in: < [http://www.aijssnet.com/journals/Vol\\_4\\_No\\_5\\_October\\_2015/20.pdf](http://www.aijssnet.com/journals/Vol_4_No_5_October_2015/20.pdf)>; Cited: 13 de maio de 2018.p. 177.

<sup>41</sup> *The current democratization wave was a process engendered on the one hand, by various external factors including: the end of the cold war and partial withdrawal of support by Western countries for authoritarian/military/single party governments; diplomatic and economic pressure by Western governments and intergovernmental organizations for political reforms; and creation of a democratic climate underpinned by communication revolution characteristic of globalization.* MGBA, Chimaroke. *Op. Cit.* p. 177.

<sup>42</sup> *Processes through which capital has been universalized resulting in higher pressures for boundary-broadening rather than boundary-heightenin.* UMEZURIKE, Chuku. Phd. *The Divergence of Economic Reforms and Democracy in Nigeria.* Department of Political Science University of Nigeria Nsukka. Being a paper for the 21st World Congress of the International Political Science Association, IPSA, at Santiago, Chile, July 12-16, 2009. Available in: <[http://paperroom.ipsa.org/papers/paper\\_203.pdf](http://paperroom.ipsa.org/papers/paper_203.pdf)>; Cited: 14 de maio de 2018. p. 7.

<sup>43</sup> MGBA, Chimaroke. *Op. cit.*p. 177.

experiência africana de sociedade civil está focada nas lutas do povo contra governantes despóticos, regimes repressivos e governos que violaram direitos individuais e coletivos.<sup>44</sup>

A sociedade civil nigeriana foi essencial, durante o período de redemocratização do país, na luta pela democracia. Os diversos grupos sociais que compõe a sociedade civil nigeriana não só impulsionaram a redemocratização como também foram essenciais no questionamento das relações de dominação e arbitrariedade do Estado nigeriano para com a população.<sup>45</sup>

O objetivo da sociedade civil nigeriana com o processo de redemocratização era que o Estado nigeriano experimentasse e colocasse em prática, nas palavras de Nwabueze, “*certas condições básicas*”.<sup>46</sup> Portanto, a década de 90 na Nigéria foi marcada pela luta incessante da sociedade civil para que o país deixasse de ser um governo militar e retornasse a um governo civil democrático que pudesse garantir aos seus cidadãos certas condições básicas que estavam, até então, sendo suprimidas. Para Mgba: “A luta pelo empoderamento popular tem sido um fenômeno contínuo desde os anos imediatos a independência”<sup>47</sup>

Porém, ainda que houvesse essa pressão popular pela redemocratização da Nigéria, ou seja, ainda que houvesse um anseio de uma parte da população pelo fim do governo militar, foram os fatores externos os cruciais para que em 29 de maio de 1999 fosse promulgada a Constituição que institui, pela quarta vez, a república na Nigéria. Isso porque, em uma perspectiva pós-colonialista<sup>48</sup>, a Nigéria na condição

---

<sup>44</sup> (...) while the political developments of the late 1980s and 1990s in most of sub-Saharan Africa have tended to give the impression that civil society in Africa is synonymous with anti-statism, the truth is that the African experience of civil society is focused on the people's struggles against despotic rulers, repressive regimes and governments that violated both individual and their collective rights. MAKUMBE, John. *Is There a Civil Society in Africa?*, International Affairs 74, 2, 1998, pp.305-317 In: MGBA, Chimaroke. *Op. Cit.* p. 182.

<sup>45</sup> MGBA, Chimaroke. *Civil Society and Democratization in Nigeria: A Historical Perspective*. Department of Political & Administrative Studies Faculty of Social Sciences, University of Port Harcourt Nigeria. American International Journal of Social Science. Vol. 4, No. 5; October 2015. Available in: < [http://www.aijssnet.com/journals/Vol\\_4\\_No\\_5\\_October\\_2015/20.pdf](http://www.aijssnet.com/journals/Vol_4_No_5_October_2015/20.pdf)>; Cited: 13 de maio de 2018. p. 183.

<sup>46</sup> *Certain basic conditions*. NWABUEZE, B. *Democratization*. Ibadan: Spectrum Books Ltd.1993 In: ALUMONA, Ikenna Mike. *The politics of democratization in nigeria: are the people involved?*; Department of Political Science, Igbaram Campus, Anambra State University; Journal of Sustainable Development in Africa (Volume 12, No.7, 2010) ISSN: 1520-5509; Clarion University of Pennsylvania, Clarion, Pennsylvania; Available in: < <https://pdfs.semanticscholar.org/0dfc/a358d7c2ffe3ec2dd858e0474b08300861e8.pdf>>; Cited: 14 de maio de 2018. p. 97.

<sup>47</sup> *The struggle for popular empowerment had been a continuing phenomenon since the immediate independence years*. MGBA, Chimaroke. Chimaroke. *Op. cit.* p. 183.

<sup>48</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. *Do pós-moderno para o pós-colonial. E para além de um e outro*. Revista de Ciências Sociais e Humanas com sede editorial rotativa nas instituições acadêmicas dos

de ex-colônia britânica, encontra-se às margens e na periferia da dependência econômica das antigas colônias, acatando a imposição do universalismo ocidental de igualdade através de um modelo de Estado.

Denominada pelos estudiosos como a Quarta República, este é o sistema de governo atual do país. Formada por 36 estados e um distrito federal, a República Federal da Nigéria é uma tentativa ocidental, primeiramente britânica na era colonial e posteriormente norte americana na era pós-colonial, de criar um país democrático, ocidentalizado, secular, composto por mais de 300 grupos étnicos diferentes sob a mesma lei: A Constituição de 1999.

O contexto de redemocratização da Nigéria está relacionado à economia. O principal interesse que liga os Estados Unidos à Nigéria é a exportação/importação de petróleo. Em razão de os Estados Unidos serem o principal investidor na Nigéria, a nova constituição nigeriana é uma tentativa de tornar o Estado Nigeriano o mais semelhante e o mais próximo possível do sistema norte americano. Said menciona que, nesse contexto, “a França e a Inglaterra não ocupam mais o centro do palco na política mundial; o império americano tirou a ambos do lugar. Uma vasta trama de interesses liga hoje todas as partes do antigo mundo colonial aos Estados Unidos (...)”<sup>49</sup>

O petróleo descoberto na bacia do Delta do Níger em 1956<sup>50</sup> passou a ser explorado por companhias estrangeiras após a independência, dando início a terceira fase de abertura da Nigéria para as forças globalizantes defendida particularmente pelos Estados Unidos. Essa terceira fase é marcada pela pressão da dependência econômica da Nigéria de países estrangeiros ocidentais, especialmente dos Estados Unidos, em virtude da comercialização desse recurso natural. Isso fez com que fosse imposto a Nigéria, nesta Quarta República, um tipo de Estado e um modelo democrático, através da implementação da Constituição de 1999.

Segundo Racière “(...) levar a democracia para outro povo não é levar apenas os benefícios do Estado constitucional, eleições e imprensa livre. É levar também a

---

países de língua portuguesa. Edição dos números 6/7. Org. Elísio Estanque *et al.* Coimbra: Tipografia Guerra, Viseu, 2008. p. 20.

<sup>49</sup> SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 289.

<sup>50</sup> DA CRUZ, Anabela Faria Nogueira. *Interesses energéticos e implicações políticas: RPC e os Estados Unidos em Angola, no Sudão e na Nigéria*. 2012. p. 111. Dissertação de mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais. Universidade de Nova Lisboa, Lisboa, 2012. p. 101.

bagunça.”<sup>51</sup> Para Umezurike, o transnacionalismo e o multilateralismo dessa terceira fase transformaram a sociedade nigeriana e trouxe consigo uma crise financeira, falhas no projeto nacional e a intensificação das crises étnicas.<sup>52</sup> Segundo o autor:

Os líderes tornaram-se prisioneiros da dívida nacional acumulada, dos caprichos dos credores estrangeiros, das muitas prescrições do FMI e do Banco Mundial, do potencial estrangulamento econômico de uma economia monocultural baseada no petróleo e do estrangulamento pelos EUA como o maior comprador do petróleo bruto do país.<sup>53</sup>

Esse estrangulamento da sociedade nigeriana pelas interferências de parceiros econômicos impuseram uma ocidentalização àquele Estado, que adotou um modelo importado dos Estados Unidos. Mwalimu, ao abordar sobre a Constituição nigeriana de 1999, menciona que: “O sistema constitucional da Nigéria tem o mesmo padrão dos Estados Unidos.”<sup>54</sup> É um sistema federal de governo, em que existem três ramos: o executivo, o legislativo e o judiciário<sup>55</sup>. É bicameral (Assembléia Nacional)<sup>56</sup>, presidencialista e secular. Nesta data os nigerianos, após seis anos de governo militar, puderam votar para eleger um líder de sua escolha. Escolheram o Presidente *Olusegun Obasanjo*, um ex-líder militar, de etnia Yorubá e convertido ao cristianismo que se tornou o primeiro líder democrático eleito, empossado em 29 de maio de 1999.<sup>57</sup>

O retorno de um governo democrático na Nigéria enfrentaria, segundo Arturi, Oliveira e Chaise:

(...) uma série de desafios se apresentavam ao país, como a melhora de sua imagem internacional, a sua reestruturação econômica e o combate a

<sup>51</sup> RANCIÈRE, Jacques. *O ódio à democracia*. Tradução: Mariana Echalar. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 14.

<sup>52</sup> UMEZURIKE, Chuku. Phd. *The Divergence of Economic Reforms and Democracy in Nigeria*. Department of Political Science University of Nigeria Nsukka. Being a paper for the 21st World Congress of the International Political Science Association, IPSA, at Santiago, Chile, July 12-16, 2009. Available in: <[http://paperroom.ipsa.org/papers/paper\\_203.pdf](http://paperroom.ipsa.org/papers/paper_203.pdf)>; Cited: 14 de maio de 2018.p.

<sup>53</sup> *The leaders have become prisoners of accumulated national debt, the whims and caprices of foreign creditors, many of the prescriptions of the IMF and the World Bank, the potential economic stranglehold of a monocultural economy resting on oil, and the stranglehold of the USA as the major purchaser of the nation's crude oil*. UMEZURIKE, Chuku. Phd. *Op. cit.* p. 07.

<sup>54</sup> *The Nigerian constitutional system is patterned after that of United States*. MWALIMU, Charles. *The Nigerian Legal System: Public Law*. New York: Peter Lang Publishing Inc, 2005. p. 5.

<sup>55</sup> OKEKEOCHA, Chinelo; EWOH, Andrew I. E. *Questioning the Constitutionality of Sharia Law in some Nigerias States*. Africa Social Science Review. Volume 6; Issue 1; Article 2; 5-23-2013. p. 15.

<sup>56</sup> MWALIMU, Charles. *Op. cit.* p. 5.

<sup>57</sup> OKEKEOCHA, Chinelo; EWOH, Andrew I. E. *Op. cit.* p. 17.

elementos que haviam sido muito presentes ao longo dos governos militares, como a corrupção, o patrimonialismo e o desrespeito aos Direitos Humanos.<sup>58</sup>

Durante os anos de 1999 até 2007, inúmeras foram às mudanças ocorridas na Nigéria com o intuito de melhorar a imagem do país e a economia. O contexto político do país era o de transição. Com um ex-militar como o primeiro presidente eleito após a promulgação da Constituição de 1999, os maiores desafios enfrentados por *Olusegun Obasanjo* foram a inclusão de outros grupos da sociedade civil na política do país como os tecnocratas e os professores universitários, visando relativizar a influência dos militares sobre os demais atores e sobre o sistema político nigeriano como um todo.<sup>59</sup>

Outro desafio político importante enfrentado pelo primeiro presidente eleito da Quarta República foi à necessidade de fortalecimento da segurança nacional. Com a nova constituição, a chefia da segurança nacional passou a ser exclusiva do governo federal. Nesse processo, segundo Arturi, Oliveira e Chaise:

O governo nigeriano buscou o apoio de agências externas, como a empresa Military Professional Resources Incorporated (MPRI), o British Defence Advisory Team e o programa de Treinamento e Educação Militar Internacional do governo dos Estados Unidos (AIYEDE, 2015). As reformas propostas tinham como objetivos garantir o controle governamental sobre os militares, bem como a supremacia de oficiais de Estado eleitos sobre oficiais indicados, em todos os níveis; de um civil no comando do Ministério da Defesa e de outros serviços estratégicos; da prerrogativa das autoridades civis na definição dos objetivos políticos e estratégicos das operações militares; da aplicação de princípios civis em todas as investigações e julgamentos militares; e do direito da Suprema Corte (civil) para rever ações e decisões dos juízes militares.<sup>60</sup>

A política nigeriana nesse momento, principalmente nos três primeiros anos da existência da quarta república, vivenciou uma fase de transição e de reestruturação do Estado, uma vez que, após dezesseis anos de governo militar autoritário, o sistema político do estado nigeriano, quase que na integralidade, estava nas mãos dos militares.

<sup>58</sup> ARTURI, Carlos Schmidt; OLIVEIRA, Guilherme Ziebell de; CHAISE, Mariana Falcão. *Reforma no setor de segurança em Estados Pós-Autoritários Africanos: Conclusões preliminares a partir dos casos nigeriano e tunisiano*. Rev. Conj. Aust. | Porto Alegre | v.8, n.42 | p.96-113 | jun./jul. 2017 | ISSN: 2178-8839. p. 104.

<sup>59</sup> ARTURI, Carlos Schmidt; OLIVEIRA, Guilherme Ziebell de; CHAISE, Mariana Falcão. *Op. cit.* p. 105.

<sup>60</sup> ARTURI, Carlos Schmidt; OLIVEIRA, Guilherme Ziebell de; CHAISE, Mariana Falcão. *Op. cit.* p. 105-106.

Embora fosse uma fase de transição para a política, para a economia não era. O contexto econômico do país era típico de um país em desenvolvimento, ou seja, esteve em constante crescimento desde o descobrimento da bacia de petróleo e de gás natural no delta do rio Níger no ano de 1958.<sup>61</sup> O crescimento do país nas últimas duas décadas foi em média de 5% ao ano, sendo que, apenas no ano de 2002, o crescimento foi de 15%.<sup>62</sup>

Ainda que o contexto político fosse de transição com a Nigéria vivenciando um governo democrático e o contexto econômico fosse de crescimento constante com a exploração de recursos naturais, a clivagem entre norte e sul em razão das diferenças religiosas, ou seja, do norte ser muçumano e do sul ser cristão, acentuou-se após pressões dos muçumanos do norte – que representam 50% da população nigeriana<sup>63</sup> -, para a implementação da *Sharia* na Constituição. Em 27 de outubro de 1999 o governador *Sani Ahmed* proclamou a introdução da lei da *Sharia* na Constituição nigeriana.<sup>64</sup>

A partir desse momento, embora já houvesse previsões de aplicação do direito muçumano tanto no período colonial quanto na Constituição de 1979, houve uma alteração no contexto religioso da Nigéria que constitucionalizou a utilização da *Sharia* e a existência das cortes muçumanas, que passaram a aplicar o direito muçumano, “sobretudo relativamente às questões de estatuto pessoal do indivíduo”<sup>65</sup>.

Portanto, ainda que o Estado nigeriano fosse democrático e pautado em princípios ocidentais como o do secularismo, a constitucionalização dos tribunais muçumanos e, conseqüentemente da lei islâmica, fez com que o Estado nigeriano, que até então era laico, incorporasse a legislação islâmica em estados da região norte.

<sup>61</sup> ODULARU, Olusegun. “Crude oil and the Nigerian economic performance.” *Oil and Gas Business In: XAVIER, Rafael Corrêa; FILIPPI, Eduardo Ernesto. Nigéria Contemporânea: Raízes da insurgência doméstica e implicações regionais.* Rev. Conj. Aust. | Porto Alegre | v.8, n.42 | p.78-95 | jun./jul. 2017 | ISSN: 2178-8839. p. 80.

<sup>62</sup> CALEIRO, João Pedro. *Por que a Nigéria entrou em recessão?* Revista Exame. 04 de setembro de 2016. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/economia/por-que-a-nigeria-entrou-em-recessao/>>; Acesso em: 13 de maio de 2018.

<sup>63</sup> CIA. *The World Factbook - Nigeria.* Available in: <<https://www.cia.gov/library/publications/resources/the-world-factbook/geos/ni.html>> ; Cited: 15 de maio de 2018.

<sup>64</sup> OKEKEOCHA, Chinelo; EWOH, Andrew I. E. *Questioning the Constitutionality of Sharia Law in some Nigerias States.* Africa Social Science Review. Volume 6; Issue 1; Article 2; 5-23-2013. p. 17.

<sup>65</sup> COSTA, Arthur Barreto de Almeida. *Uma Lei Mutilada, uma Nação Dividida: Sharia, federalismos e o (des)cumprimento dos Direitos Humanos na Nigéria.* Alethes: Per. Cien. Est. Dir. UFJF, n. 4, v. 6, pp.453-471, jul./dez., 2014. p. 456.

Costa, ao citar Bolaji, menciona que, após a promulgação da constituição de 1999 e da constitucionalização da *Sharia*, o estado nigeriano vivenciou o início de um processo de implementação da lei islâmica aos códigos penais dos estados federados do norte do país. O processo teve o seu início no estado de *Zamfara*, mas estendeu-se a mais 11 estados, totalizando uma quantia de 12 estados, dentre os 36 estados que compõem a federação nigeriana.<sup>66</sup>

O cenário do país nesse contexto era de que, ainda que a Nigéria seja um estado democrático de direito laico, cuja separação entre a religião e o Estado é um preceito fundamental, em que há uma imparcialidade do Estado quanto as questões religiosas, quase a metade do território do país, 12 estados da região norte aplicam a *Sharia* subsidiariamente a constituição e a legislação federal.<sup>67</sup> Okekeocha e Ewoh mencionam que:

A implementação de uma lei religiosa em um país democrático como a Nigéria, é controversa porque não se trata de uma nação religiosa, mas sim, de uma nação secular. A constituição exige uma separação entre religião e estado, sendo inconstitucional um estado forçar seus cidadãos a respeitar o ensino e as regras de uma lei religiosa.<sup>68</sup>

Portanto, a situação do país no ano de 2002 era ruim. Embora a economia estivesse emergente, apresentando uma receita maior do que a dos países vizinhos, a instabilidade política e religiosa da Nigéria fez com que a dicotomia entre o norte e o sul se acentuasse. Com isso, grupos de pessoas situadas no norte do país começaram a se revoltar contra esse novo governo nigeriano, por não se sentirem representados e por acreditarem que a quarta república democrática era uma representação da ocidentalização do país que suprimia as tradições locais.

---

<sup>66</sup> BOLAJI, Mohammed. *Between democracy and federalism: Shari'ah in northern Nigeria and the paradox of institutional impetuses*. In: COSTA, Arthur Barreto de Almeida. *Uma Lei Mutilada, uma Nação Dividida: Sharia, federalismos e o (des)cumprimento dos Direitos Humanos na Nigéria*. Alethes: Per. Cien. Est. Dir. UFJF, n. 4, v. 6, pp.453-471, jul./dez., 2014. p. 457.

<sup>67</sup> OKEKEOCHA, Chinelo; EWOH, Andrew I. E. *Questioning the Constitutionality of Sharia Law in some Nigerias States*. Africa Social Science Review. Volume 6; Issue 1; Article 2; 5-23-2013; p. 18.

<sup>68</sup> *The implementation of a religious law in a democratic country like Nigeria is controversial because it is not a religious but rather a secular nation. The constitution requires a separation of religion and state, making it unconstitutional for a state to force its citizens to abide by the teaching and rules of a religious law*. OKEKEOCHA, Chinelo; EWOH, Andrew I. E. *Op. cit.* p. 18.

## 1.2 A criação do grupo Boko Haram no ano de 2002 e os seus objetivos políticos e religiosos.

A República Federal da Nigéria é um país dividido entre as regiões norte e sul por questões étnicas, políticas, econômicas e religiosas. Isso porque, o país é formado por mais de 300 etnias distintas que influenciam diretamente na composição social das regiões. Essa aglomeração de diversas tribos se deu, principalmente, nas regiões norte e nordeste da Nigéria porque é nelas que se concentram, segundo Forest, 2/3 das minorias étnicas do país, que vivem marginalizadas pelo sistema nigeriano e em desvantagem quanto ao repasse de recursos financeiros.<sup>69</sup>

Em razão da falta de repasse de recursos financeiros para essas regiões, instalou-se um abismo social entre as regiões norte e sul da Nigéria. A pobreza e a desigualdade social na região norte fizeram com que surgisse uma economia paralela formada por militantes do Delta do Níger e traficantes transnacionais que “(...) forneciam serviços sociais, eletricidade, taxas para os estudantes pagarem pelos exames, microcrédito para empresas locais, suprimentos hospitalares, subsídios para pagamento de professores e assim por diante.”<sup>70</sup>

Essa economia paralela justifica o surgimento de atividades terroristas na região<sup>71</sup> pois ela demonstra a ineficácia do governo nigeriano no repasse de recursos e no fornecimento de serviços básicos ao norte. A luta da população, que acaba por ocasionar a insurgência terrorista do Boko Haram, é pelo acesso a recursos controlados pelo governo federal, estadual e municipal.<sup>72</sup> Portanto, além das questões religiosas, a concentração de poder nas mãos de uma pequena elite e a corrupção do governo nigeriano, foram essenciais para o surgimento do Boko Haram.

---

<sup>69</sup> FOREST, James. *Confronting the terrorism of Boko Haram in Nigeria*. Tampa: JSOU Report 12-5, 2012. p. 53.

<sup>70</sup> (...) have provided social services, electricity, fees for students to pay for exams, micro-credit for local businesses, hospital supplies, subsidies for teacher's pay, and so forth. FOREST, James. *Op. cit.* p. 52.

<sup>71</sup> NAGHSHPOUR, S. et al. *The Shadow Economy and Terrorist Infrastructure*. in *Countering Terrorism and Insurgency in the 21st Century*, edited by James J.F. Forest, Westport, CT: Praeger, 2007. In: FOREST, James. *Op. cit.* p. 52.

<sup>72</sup> FOREST, James. *Op. cit.* p. 56.



No ano de 2002, um grupo de jovens islâmicos que adoravam na Mesquita *Alhaji Muhammadu Ndimi* em Maiduguri, decidiu embarcar na *hijra*<sup>73</sup>, conhecida pelos mulçumanos como o exílio de Maomé (fuga de Maomé da cidade de Meca para a cidade de Medina em 16 de julho de 622),<sup>74</sup> se exilando da cidade de Maiduguri. Eles foram viver em um vilarejo afastado chamado Kanama e tinham o intuito de criar, ali, uma comunidade separatista pautada nos princípios islâmicos extremos. Nasce assim o grupo terrorista fundamentalista islâmico denominado como Boko Haram.<sup>75</sup>

O grupo foi criado, após três anos da democratização da Nigéria, nas regiões mais pobres do Estado, o norte e o nordeste. Isso porque, esses jovens mulçumanos da mesquita de *Alhaji Muhammadu Ndimi* acreditavam que o novo modelo de Estado nigeriano, o Estado democrático de direito secular, representava a ocidentalização do país e o desenraizamento das tradições locais. Ademais, segundo Walker, os jovens estavam insatisfeitos com os políticos mulçumanos que se encontravam no poder, por acreditarem que as regiões norte e nordeste estavam sendo governadas por mulçumanos corruptos.

O grupo terrorista Boko Haram, cuja denominação dada por seus integrantes é “*Jama'atu Ahlis Sunna Lidda'awati Wal-Jihad*”, que significa “pessoas comprometidas com a propagação dos ensinamentos do Profeta e da *Jihad* (guerra santa)”<sup>76</sup>, tem em sua designação enraizados os propósitos do grupo. A expressão Boko Haram, hoje difundida internacionalmente pelo qual o grupo passou a ser conhecido, na verdade, foi utilizada por pessoas que não pertencem ao grupo para denominá-los,<sup>77</sup> em que Boko, na língua hausa, significa a expressão “a educação de estilo ocidental” e Haram, também na língua hausa, significa a expressão “foi legalmente proibida pelo islã.”<sup>78</sup>

O grupo terrorista fundamentalista islâmico é um grupo que representa os conflitos e as tensões entre a política e a religião que ocorrem nas regiões norte e nordeste da Nigéria. Para Alexander Thurston, o grupo Boko Haram representa “O

<sup>73</sup> Que no português se chama Hégira e significa exílio.

<sup>74</sup> MOREZ, Francielli. *Introdução ao direito islâmico – evolução histórica, aspectos dogmáticos e elementos de inserção social*. 1ª ed. (anno 2008), 1ª reimpr. Curitiba: Juruá, 2009. p.36.

<sup>75</sup> WALKER, Andrew. *What is Boko Haram?* Washington: United States Institute of Peace, 2012. p. 3.

<sup>76</sup> JOHNSON, Toni; SERGIE, Mohammed Aly. *Boko Haram*. Council on Foreign Relations. Council on foreign relations, 2013. Available in: <<http://www.cfr.org/nigeria/boko-haram/p25739>>. Cited: 13 de fevereiro de 2018.

<sup>77</sup> THURSTON, Alexander. *Boko Haram – The History of an African Jihadist Movement*. Princeton: Princeton University Press, 2017. p. 13.

<sup>78</sup> THURSTON, Alexander. *Op. cit.* p. 1.

resultado da dinâmica, das interações locais entre a religião e a política.”<sup>79</sup> Portanto, para entender a insurgência desses jovens e a formação do grupo, primeiramente, devemos levar em consideração quatro pontos relevantes que tem ocorrido na política nigeriana e que tem ocasionado uma revolta na população. Para Thurston, esses pontos são: “(...) eleições cruéis; corrupção generalizada; desigualdade severa; e a violência e a impunidade que cercam as abordagens para o gerenciamento de conflitos.”<sup>80</sup>

A história do Boko Haram, segundo alguns autores, se divide em cinco fases. Embora o grupo tenha sido oficialmente criado no ano de 2002, o primeiro momento da história do grupo denominada como a fase pré-histórica, é datada das décadas de 70 a 90, período em que os fundadores do grupo nasceram e cresceram na Nigéria entre as incertezas políticas, entre a relação do islamismo com a política e entre as violências inter-religiosas. Analisar a fase pré-histórica do Boko Haram é crucial para compreender os motivos de sua existência, pois tais acontecimentos são responsáveis diretamente pela formação política e religiosa dos futuros integrantes do grupo.

Durante esse período, a Nigéria que tinha apenas 10 anos de independência da Grã-Bretanha, passou por inúmeras transições políticas. Thurston relata que:

Após a independência da Grã-Bretanha em 1960, a Nigéria passou por enormes flutuações políticas: um sistema parlamentar liderado por civis de 1960 a 1966, uma sucessão de governos militares e transições democráticas fracassadas de 1966 a 1999 até o presente (a Quarta República). A constituição da Nigéria de 1999 estabeleceu uma presidência forte, uma legislatura bicameral e um sistema federal composto por trinta e seis estados. O presidente e os poderosos governadores do país estão limitados a dois mandatos. Eleições para cargos nacionais e estaduais são realizadas a cada quatro anos. A democratização ampliou as demandas das pessoas comuns por um governo melhor e menos corrupto - mesmo que essas exigências sejam raramente atendidas.<sup>81</sup>

<sup>79</sup> *The outcome of dynamics, locally grounded interactions between religion and politics.* THURSTON, Alexander. *Boko Haram – The History of an African Jihadist Movement.* Princeton: Princeton University Press, 2017. p. 3.

<sup>80</sup> (...) *cutthroat elections; pervasive corruption; severe inequality; and the violence and impunity that surround approaches to conflict management.* THURSTON, Alexander. *Op. Cit.* p. 27.

<sup>81</sup> Following its independence from Britain in 1960, Nigeria underwent tremendous politician fluctuations: a civilian-led parliamentary system from 1960 to 1966, a succession of military rulers and failed democratic transitions from 1966 to 1999 to the present (the Fourth Republic). Nigeria's 1999 constitution established a strong presidency, a bicameral legislature, and a federal system comprising thirty-six states. The president and the country's powerful governors are limited to two terms in office. Elections for national and state offices are held every four years. Democratization has amplified ordinary people's demands for better and less corrupt government - even if those demands are seldom met. THURSTON, Alexander. *Op. cit.* p. 27.

Deste modo, a instabilidade política, econômica e religiosa do país no momento de formação dos, até então, futuros insurgentes e criadores do Boko Haram, foi diretamente responsável pela formação política e social desses indivíduos. Nesse momento de instabilidade, a religião se tornava ainda mais presente e forte no norte/nordeste da Nigéria, pois, contrariados com a situação do país, os nigerianos da região voltavam-se cada vez mais para a religião buscando a estabilidade social.

Mohammed Yusuf, que mais adiante será um dos líderes do Boko Haram, passou a ser um dos seguidores do grupo *Sahaba*, que significa “os companheiros do profeta”, fundado em 1995 por Mallam Abubakar Lawal.<sup>82</sup> O *Sahaba* é um grupo formado por pessoas que, para os muçulmanos, possuem uma elevada estrutura espiritual e moral devido ao fato de que esses indivíduos tiveram, em algum momento, algum tipo de contato com o profeta Maomé, seja ele direto ou indireto.<sup>83</sup>

Portanto, o caos social, a corrupção excessiva e a espiritualidade do seu futuro líder durante essa primeira fase do grupo, foram denominadores cruciais na formação dos propósitos do Boko Haram. Mas foi com a implementação da *Sharia*, lei islâmica, em 27 de outubro de 1999 no Estado do governador Sani Ahmed e posteriormente em mais 11 Estados nigerianos, todos situados nas regiões norte e nordeste, que a criação do Boko Haram encontrou respaldo.<sup>84</sup>

No período de 2000 até 2003 ocorre a insurgência do senador Ali Modu Sheriffi contra o governo da Mala Khashalla no Estado de Borno. Para Reinert e Garçon o senador Ali Modu Sheriffi: “(...) candidato a governador, critica a implementação falha da *Sharia* no estado e se alia a um grupo de bandidos políticos. Muitos dos recrutas são estudantes do imã Mohammed Yusuf. Posteriormente, Sheriff e Yusuf reforçam laços.”<sup>85</sup>

<sup>82</sup> REINERT, Manuel; GARÇON, Lou. *Boko Haram: A chronology*. In: MONTCLOS, Marc-Antoine Pérouse de. *Boko Haram and politics: From insurgency to terrorism* In: Boko Haram: Islamism, politics, security and the state in Nigeria, CHOUIN, Gérard (org.). French Institute for Research in Africa / Institut Français de Recherche en Afrique (IFRA-Nigeria) University of Ibadan, Zaria: Ahmadu Bello University, 2014. p. 237.

<sup>83</sup> MUHAMMAD, Aminuddin. Os *Sahaba*. Disponível em: <<http://www.islamemlinha.com/index.php/artigos/os-companheiros-do-profeta/item/os-sahaba>>; Acesso em: 01 de junho de 2018.

<sup>84</sup> MURTADĀ, Ahmad. *Boko Harām in Nigeria: its beginnings, principles and activities in Nigeria*. Copyright SalafiManhaj, 2013. Disponível in: <[http://download.salafimanhaj.com/pdf/SalafiManhaj\\_BokoHaram.pdf](http://download.salafimanhaj.com/pdf/SalafiManhaj_BokoHaram.pdf)>; Cited: 31 de maio de 2018. p. 5.

<sup>85</sup> (...) *running for governor, criticizes the flawed implementation of Shariah in the state and rallies a group of political thugs. Many of the recruits are students of Imam Mohammed Yusuf. Subsequently, Sheriff and Yusuf strengthen ties*. REINERT, Manuel; GARÇON, Lou. *Op. cit.* p. 237.

Em razão desse momento histórico de insurgência e estreitamento de laços entre o insurgente e o Mohammed Yusuf, inicia-se então a segunda fase do Boko Haram,<sup>86</sup> que data de 2003 a 2009 e é conhecida como “a fase da pregação aberta”. Essa fase, embora seja a segunda na ordem cronológica dos acontecimentos, é, na verdade, o primeiro momento do grupo após a sua formação.

Nessa fase, o autor Kyari Mohammed<sup>87</sup> a subdivide em fase da *Kanama* e fase da *Dawah*. A fase *Kanama* é a fase da gênese do grupo que, segundo Walker<sup>88</sup>, tinha uma ideologia pregada anti-estatal e pautada no retorno dos mulçumanos a uma vida sob a lei islâmica, considerada por eles como a lei “verdadeira”, no intuito de transformar a sociedade nigeriana em uma sociedade mais perfeita e longe do estabelecimento islâmico corrupto. Isso em razão do fato de que os insurgentes acreditavam que, embora as regiões norte e nordeste estivessem sendo governadas por mulçumanos, estes eram corruptos e vendidos ao governo nigeriano.

Essa pregação anti-estatal se dava em virtude da implementação forçada do modelo democrático na Nigéria com a instituição da Quarta República com a Constituição de 1999. Essa implementação se deu em razão de uma imposição comercial ocidental do novo colonizador, Estados Unidos, que visava alcançar uma igualdade entre os Estados, mas que na verdade, segundo Rancière, a única igualdade que ele conhece “(...) é a igualdade mercantil que repousa sobre a exploração cínica e brutal, sobre a desigualdade fundamental da relação entre o “prestador” do serviço trabalho e o “cliente” que compra sua força de trabalho.”<sup>89</sup>

Portanto, esse Estado democrático de direito secular nigeriano imposto pela ocidentalização do país não representava esses jovens mulçumanos que haviam crescido em um Estado religioso sob os preceitos mulçumanos. Assim, o objetivo do grupo nessa fase, segundo Farouk Chothia<sup>90</sup> era a criação de um Estado Islâmico, um Estado sob a *Sharia* (lei islâmica). Para tanto, a escola tornou-se um campo de

<sup>86</sup> THURSTON, Alexander. *Boko Haram – The History of an African Jihadist Movement*. Princeton: Princeton University Press, 2017. p. 2.

<sup>87</sup> MOHAMMED, Kyari. *The message and methods of Boko Haram*. In: *Boko Haram: Islamism, politics, security and the state in Nigeria*, CHOUIN, Gérard (org.). French Institute for Research in Africa / Institut Français de Recherche en Afrique (IFRA-Nigeria) University of Ibadan, Zaria: Ahmadu Bello University, 2014. p. 10.

<sup>88</sup> WALKER, Andrew. *What is Boko Haram?* Washington: United States Institute of Peace, 2012. p. 3.

<sup>89</sup> RANCIÈRE, Jacques. *O ódio à democracia*. Tradução: Mariana Echalar. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 30.

<sup>90</sup> CHOTHIA, Farouke. *Who are Nigeria's Boko Haram Islamists?* BBC African Service. Aviable in: <<http://www.bbc.com/news/world-africa-13809501>>; Acesso em: 18 de fevereiro de 2018.p. 3.

recrutamento dos *jihadistas* e de atuação do grupo, pois era a educação secular dos jovens a primeira que deveria ser atacada.

Segundo Kyari Mohammed:

A aversão à educação ocidental derivou, em parte, das condições locais no norte da Nigéria e, em outra parte, das opiniões de acadêmicos sauditas, incluindo a do Sheikh Bakr Ibn Abu Zaid. Questionado sobre quais eram seus pontos de vista sobre a educação ocidental no debate com o Sheikh Isa Pantami, Mohammed Yusuf respondeu assim: Há três perspectivas sobre o conhecimento no Islã. A primeira é a do conhecimento que está em linha com o que o Alcorão e o Hadith ensinavam. A segunda perspectiva é aquela em que tal conhecimento difere com o que o Alcorão e o Hadith contêm. A terceira é uma perspectiva neutra - que não contradiz e nem apoia o Alcorão e o Hadith, pois, como o Profeta disse em um Hadith relativo ao Povo do Livro - "Se eles trazem para você qualquer coisa agradável para o Alcorão, aceite-o; mas se eles trouxerem algo que contradiga o Islã, rejeite-o; e se eles trazem algo que não contradiz e nem apoia o Alcorão, é sua, a escolha de aceitá-lo ou rejeitá-lo". Bem, esta é a perspectiva que eu aceito. Se qualquer forma de conhecimento for buscada por sua causa, não seguindo a estrutura de qualquer forma de educação do governo, então eu tenho minhas próprias reservas.<sup>91</sup>

Em meados do ano de 2003:

(...) um grupo de 200 jovens, composto em grande parte pelos estudantes de Mohammed Yusuf, decide romper com o Estado laico e fundar uma comunidade religiosa na zona rural de Yobe, chamando-se Al Sunna Wal Jamma ("Seguidores do Ensino do Profeta"). Após conflitos com comunidades e autoridades locais, a congregação se muda para Kanama, perto da fronteira com o Níger.<sup>92</sup>

<sup>91</sup> *The aversion to Western education was derived in part from local conditions in northern Nigeria, and in part from the views of Saudi scholars, including Sheikh Bakr Ibn Abu Zaid. Asked what his views on Western education were in the debate with Sheikh Isa Pantami, Mohammed Yusuf responded thus: There are three perspectives on knowledge in Islam. The first is knowledge which is in line with what the Quran and the Hadith taught. The second perspective is where such knowledge differs with what the Quran and the Hadith contain. The third is a neutral perspective – which neither contradicts nor supports the Quran and Hadith; for as the Prophet said in a Hadith relating to People of the Book – “If they bring to you anything agreeable to the Quran, accept it; but if they bring anything that contradicts Islam, reject it; and if they bring anything that neither contradicts nor supports the Quran, it is your choice to accept or reject it.” Well, this is the perspective I accept. If any form of knowledge is to be pursued for its sake, not following the structure of any government form of education, then I have my own reservations. MOHAMMED, Kyari. *The message and methods of Boko Haram*. In: *Boko Haram: Islamism, politics, security and the state in Nigeria*. CHOUIN, Gérard (org.). French Institute for Research in Africa / Institut Français de Recherche en Afrique (IFRA-Nigeria) University of Ibadan, Zaria: Ahmadu Bello University, 2014.*

<sup>92</sup> (...) a group of 200 young men, composed of Mohammed Yusuf's students for the most part, decides to break away from the secular state and found a religious community in the Yobe countryside, calling themselves Al Sunna Wal Jamma ("Followers of the Prophet's Teaching"). Following conflicts with local communities and authorities, the congregation relocates to Kanama, near the border with Niger. REINERT, Manuel; GARÇON, Lou. *Boko Haram: A chronology*. In: MONTCLOS, Marc-Antoine Pérouse de. *Boko Haram and politics: From insurgency to terrorism* In: *Boko Haram: Islamism, politics, security and the state in Nigeria*, CHOUIN, Gérard (org.). French Institute for Research in Africa / Institut Français de Recherche en Afrique (IFRA-Nigeria) University of Ibadan, Zaria: Ahmadu Bello University, 2014. p. 238.

Nessa transição para a fase Kanama, o grupo se envolveu em seu primeiro conflito com a polícia. Isso se deu em razão de uma disputa comunitária sobre os direitos de pesca em um lago local no vilarejo de Kanama. Segundo Walker “Os membros do grupo dominaram um esquadrão de oficiais e levaram suas armas. Esse confronto levou o exército a realizar um cerco a mesquita do grupo, que durou o período todo do Ano Novo. O cerco terminou em um tiroteio em que a maioria dos setenta membros do grupo foram mortos, incluindo o seu primeiro líder, o Mohammed Ali.”<sup>93</sup>

O grupo que, de acordo com Kyari Mohammed<sup>94</sup>, se autodenominava como o Talibã nigeriano, após o ocorrido, conforme relata Walker <sup>95</sup>, retornou com os seus poucos sobreviventes para a cidade de Maiduguri, onde a formação atual do Boko Haram originalmente nasceu. Até então, o grupo não era denominado como Boko Haram, pois somente passou a ser denominado assim quando esses insurgentes sobreviventes se juntaram a outros integrantes de um grupo juvenil da mesquita *Ndimi* (que compartilhavam a mesma ideologia dos sobreviventes), que o grupo se reconstruiu, construindo uma nova mesquita denominada como *Ibn Taimiyyah Masjid* nas terras do sogro do novo líder do grupo, Mohammed Yusuf.

Ainda nessa segunda fase, iniciada entre o período do ano de 2003 e do ano de 2009, ocorre à supressão do Boko Haram, iniciando-se a fase denominada como *Dawah*. Nessa fase, o grupo que ainda não tinha o nome de Boko Haram, era apelidado, segundo Mohammed como *Dawah* que importa “(...) Uma característica importante do islamismo radical no mundo mulçumano.”<sup>96</sup>

Nesse período, foi criado, nas palavras de Walker<sup>97</sup>, um Estado novo dentro do Estado Nigeriano, pois havia surgido nessa fazenda do sogro de Yusuf, uma nova estrutura política, econômica e social que atraía diversas pessoas que haviam sido marginalizadas pelo Estado nigeriano, como por exemplo, refugiados de guerra e desempregados. Yusuf, líder desse Estado novo e que já havia sido exilado na

<sup>93</sup> *Group members overpowered a squad of officers and took their weapons. This confrontation led to a siege of its mosque by the army that lasted into the New Year. The siege ended in a shootout in which most of the group's seventy members were killed, including Mohammed Ali.* WALKER, Andrew. *What is Boko Haram?* Washington: United States Institute of Peace, 2012. p. 3.

<sup>94</sup> MOHAMMED, Kyari. *The message and methods of Boko Haram.* In: *Boko Haram: Islamism, politics, security and the state in Nigeria*, CHOUIN, Gérard (org.). French Institute for Research in Africa / Institut Français de Recherche en Afrique (IFRA-Nigeria) University of Ibadan, Zaria: Ahmadu Bello University, 2014.p. 12.

<sup>95</sup> WALKER, Andrew. *Op. cit.* p. 3

<sup>96</sup> (...) *a major feature of radical Islam in the Muslim world.* MOHAMMED, Kyari. *Op. cit.* p. 14.

<sup>97</sup> WALKER, Andrew. *Op. cit.* p. 3.

Arábia Saudita em razão do ideal religioso *jihadista*, agora estava sendo financiado por sauditas e empresários nigerianos ricos para combater o modelo político da Nigéria na época.

Segundo Walker:

O grupo havia recebido atenção da imprensa na Nigéria e interesse da Embaixada dos EUA por causa do nome atraente que os moradores locais lhe deram: o Talibã nigeriano. Também chamou a atenção da mídia nigeriana porque muitos dos membros do grupo eram filhos de pessoas ricas e influentes nos Estados do norte da Nigéria.<sup>98</sup>

Uma das primeiras atuações do grupo como um grupo terrorista ocorreu no ano de 2007<sup>99</sup> com o assassinato do líder religioso *Sheikh Ja'afar Mahmoud Adam* nas vésperas das eleições presidenciais. Ele criticava o grupo em razão da ideologia extremista e acreditava que haveria um choque do grupo com o Estado nigeriano. Durante um período o Estado desconhecia o autor do assassinato do *Sheikh*, mas posteriormente reconheceram que fora realizado por Mohammed Yusuf e seus seguidores.

Walker<sup>100</sup> menciona que a morte do *Sheikh* é o ponto principal para o desenvolvimento do grupo Boko Haram e para o início de sua fase violenta, pois para ele, não havia mais como controlar Yusuf e seus seguidores e fazê-los se submeterem à ideologia dominante do Estado nigeriano.

A insubmissão do grupo ao governo nigeriano é verificada, ainda na fase *Dawah*, em julho de 2009. Nesse período o governo nigeriano havia aprovado uma lei segundo a qual o uso de capacetes para a condução de motocicletas se tornara obrigatório. Durante o funeral de um dos integrantes do grupo, aqueles que seguiam o cortejo com suas motocicletas, não utilizaram capacetes como forma de demonstrar a inaplicabilidade da lei nigeriana sobre eles. Os condutores foram abordados pela polícia, o que se transformou em um dos piores confrontos entre a polícia e o grupo.<sup>101</sup>

<sup>98</sup> The group had gained press attention in Nigeria, and interest from the U.S. Embassy, because of the catchy name locals had given it: the Nigerian Taliban. It also caught the attention of the Nigerian media because many of the group's members were the sons of wealthy and influential people in Nigeria's northern establishment. WALKER, Andrew. *What is Boko Haram?* Washington: United States Institute of Peace, 2012.p. 3

<sup>99</sup> WALKER, Andrew. *Op. cit.* p. 4.

<sup>100</sup> WALKER, Andrew. *Op. cit.* p. 4.

<sup>101</sup> FOREST, James J. F. *Confronting the Terrorism of Boko Haram in Nigeria.* Tampa: JSOU Report 12-5, 2012. p. 63.

Inicia-se então a fase violenta do Boko Haram. Segundo Walker, após esse confronto, o grupo realiza diversos ataques às estações de polícia da região e ameaçavam, através de mensagens do líder Mohammed Yusuf em redes sociais como o *Youtube*, o exército, a polícia e o Estado Nigeriano. O autor narra que “Em Maiduguri, a polícia cercou a mesquita do grupo conseguindo sair do local apenas alguns integrantes do Boko Haram que, durante três dias, fugiram da cidade. Eles percorriam a cidade agindo de forma independente, lutando contra a polícia quando se deparavam com eles e matando civis muçulmanos e cristãos.”<sup>102</sup>

Durante esse período, inúmeros foram os ataques às estações de polícia, a escolas, igrejas, às estradas, às comissões nacionais da população e de segurança. O exército, chamado para controlar a situação, após perseguições aos integrantes do grupo, prisões e diversas execuções sem julgamentos, controlou a cidade e prendeu o líder do grupo Mohammed Yusuf, que fora entregue à polícia local, sendo morto publicamente poucas horas depois<sup>103</sup>. A execução do líder do Boko Haram pela polícia nigeriana gera uma revolta e uma sede de vingança no grupo.

Inicia-se assim a terceira fase do grupo Boko Haram. Nessa fase, o grupo retorna a sua atuação com diversos ataques em busca de vingança pela execução de seu líder pelo Estado nigeriano. Essa fase, que data de 2010 a 2013,<sup>104</sup> é uma fase centrada no terrorismo, dirigida pelo líder espiritual e comandante operacional Abubakar Shekau, companheiro do Mohammed Yusuf e novo líder do Boko Haram. Abubakar Shekau é conhecido pelo governo nigeriano pela crueldade e pela impiedade.<sup>105</sup>

Nessa fase, logo após a morte de Mohammed Yusuf:

Após esses eventos, a polícia e o exército começaram a receber informações de governantes e imãs tradicionais em Maiduguri sobre pessoas suspeitas de serem membros ou simpatizantes do Boko Haram. Se essas pessoas tivessem fugido, sua propriedade era confiscada e distribuída aos líderes tradicionais para manter ou dar aos seus partidários. Um número desconhecido de pessoas foram denunciadas neste momento e depois desapareceram, supostamente executadas pela polícia. Um jornalista local

<sup>102</sup> In Maiduguri, the police surrounded the group's mosque, but members of the sect managed to break out and for three days they had the run of the town. They roamed the city acting independently, fighting police when they came across them and killing Muslim and Christian civilians indiscriminately. WALKER, Andrew. *What is Boko Haram?* Washington: United States Institute of Peace, 2012. p. 4.

<sup>103</sup> WALKER, Andrew. *Op. cit.* p. 4.

<sup>104</sup> THURSTON, Alexander. *Boko Haram – The History of an African Jihadist Movement*. Princeton: Princeton University Press, 2017. p. 2.

<sup>105</sup> FOREST, James J. F. *Confronting the Terrorism of Boko Haram in Nigeria*. Tampa: JSOU Report 12-5, 2012. p. 64.



em Maiduguri acredita que o número de pessoas que desapareceram dessa maneira poderia ser de mais que cem. A polícia nega tais acusações.<sup>106</sup>

A revolta do grupo com a morte do líder, e com o que estava sendo feito pelo governo nigeriano, atraiu a atenção do grupo para movimentos *jihadistas* globais e movimentos rebeldes. Os combatentes do Boko Haram foram a países como a Argélia e o Mali, segundo informações do Conselho de Segurança da ONU, para receberem treinamentos em campos de rebeldes.<sup>107</sup>

O retorno do grupo nessa terceira fase se dá através de bombardeios aos principais alvos do Estado nigeriano, como a capital do país Abuja, e através de assassinatos e ataques regulares no nordeste do país. Essa campanha de terrorismo tinha como alvo principal locais públicos como as igrejas e mercados públicos e locais de segurança nacional como os postos de controle da polícia, que eram atacados através de armas e bombas.

Outra atividade do grupo nessa fase, segundo Walker, era a de roubar bancos, comboios e negócios bem-sucedidos, sob o argumento de que tais assaltos eram permitidos pelo Alcorão por serem fruto dos “estragos da guerra”. Segundo o autor, “Uma fonte que seguiu os integrantes do grupo afirma que o grupo acredita ter feito aproximadamente 500 milhões de naira (cerca de US\$ 3 milhões de dólares americanos, ou £ 2 milhões de libras) desses assaltos, mas tais valores não são verificáveis.”<sup>108</sup>

Os ataques eram incessantes e crescia o domínio de territórios das regiões norte e nordeste pelo Boko Haram. Surge assim, o que Thurston<sup>109</sup> denominou como a quarta fase do grupo que data de 2013 a 2015 e é marcada pelo controle do território do nordeste nigeriano pelo grupo Boko Haram. De acordo com a narrativa do autor, “o grupo ofereceu aos civis uma ótima opção: abrace a marca do

---

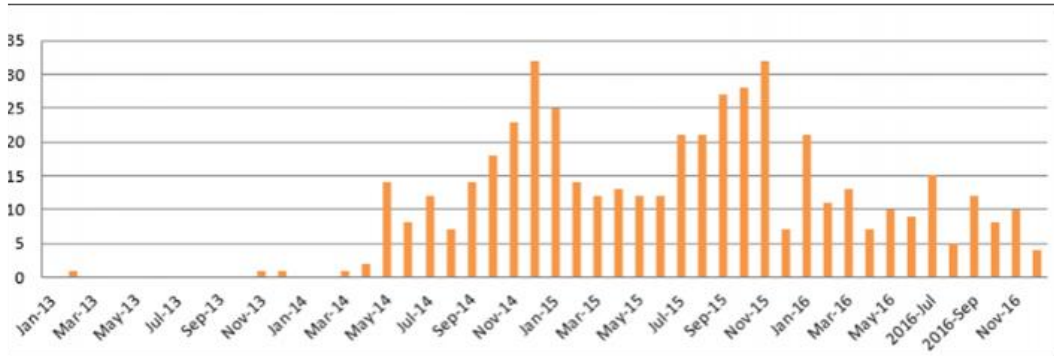
<sup>106</sup> After these events, the police and the army began to take information from traditional rulers and imams in Maiduguri about people suspected to be members or sympathizers of Boko Haram. If these people had fled, their property was confiscated and parceled out to the traditional leaders to keep or give to their supporters. An unknown number of people were denounced at this time and later disappeared, presumed executed by the police. A local journalist in Maiduguri believes the number of people who have disappeared in this way could be more than one hundred. The police deny such accusations. WALKER, Andrew. *What is Boko Haram?* Washington: United States Institute of Peace, 2012. p. 4.

<sup>107</sup> WALKER, Andrew. *Op. cit.* p. 4.

<sup>108</sup> A source who has followed the group closely states that the group is thought to have made approximately 500 million naira (about \$3 million, or £2 million) from such robberies, but such claims are unverifiable. WALKER, Andrew. *Op. cit.* p. 5.

<sup>109</sup> THURSTON, Alexander. *Boko Haram – The History of an African Jihadist Movement*. Princeton: Princeton University Press, 2017.p. 2.

Islamismo do Boko Haram, ou enfrente violência.”<sup>110</sup> Essa é uma das fases mais violentas do grupo, pois foi a partir dela que se intensificou o número de ataques do Boko Haram, conforme tabela abaixo:



**Tabela 1:** Intensificação do número de ataques a partir do ano de 2014.

Fonte: Heungroup, 2017.

Nessa fase de territorialização, a violência era direcionada a pessoas que representassem o governo nigeriano ou a civis que não vivessem em conformidade com os preceitos do Alcorão. Dentre os ataques, ocorreram assassinatos e sequestros de milhares de pessoas, especialmente de mulheres e meninas que se tornaram os principais alvos do grupo após o sequestro pelo governo nigeriano das esposas e familiares dos líderes do grupo em meados de 2014. Um dos casos famosos nesse período foi o sequestro de 276 meninas de uma escola na cidade de Chibok em abril de 2013<sup>111</sup>

Em razão da facilidade em raptar as 276 meninas de Chibok, o Boko Haram sentiu-se encorajado para realizar cada vez mais sequestros. Os raptos para conversões forçadas ao islamismo e os ensinamentos diários do Alcorão demonstravam que o intuito do grupo era, sim, a instituição de um califado, embora esse período tenha sido marcado pelo excesso de violência e pela redução da pregação ideológica.

Matfess menciona que:

De fato, esse período foi o mais letal na história da insurgência; acadêmicos locais notaram que as células que se desenvolveram e se juntaram ao grupo

<sup>110</sup> *the group offered civilians a stark choice: embrace Boko Haram's brand of Islam, or face violence.* THURSTON, Alexander. *Boko Haram – The History of an African Jihadist Movement.* Princeton: Princeton University Press, 2017. p. 2.

<sup>111</sup> THURSTON, Alexander. *Op. cit.* p. 2-3.

neste período de tempo foram menos orientadas ideologicamente do que suas predecessoras e mostraram maior interesse em criminalidade e ganho material.<sup>112</sup>

Nessa fase, o Boko Haram, em “(...) agosto de 2014, (...) tinha invadido um território de aproximadamente o tamanho da Bélgica e declarado um califado.”<sup>113</sup> Mas o exército nigeriano, atuando em conjunto com os exércitos dos países da bacia do Chade, conseguiu desalojar os insurgentes do território que eles haviam proclamado como califado.

Inicia-se assim, por fim, a quinta e última fase do grupo, assim denominada por Thurston, que data de 2015 até o presente momento. Nessa fase, segundo o autor, houve a queda do califado do Boko Haram em uma derrota para os militares nigerianos e dos países vizinhos, fazendo com que o grupo retomasse a sua existência de maneira clandestina em acampamentos estabelecidos na floresta de Sambisa e nas montanhas de Mandara.

Nesse período, há uma intensificação pelo grupo de suas atividades de cunho terrorista, filiando-se, inclusive, ao grupo terrorista Estado Islâmico (EI) em março de 2015. Diariamente são realizados pelo Boko Haram ataques terroristas em cidades ou vilarejos que são atacados em, conforme descrito na revista Exame, “(...) locais considerados pontos fracos, como os lugares de oração, escolas e campos de deslocados.”<sup>114</sup>

A evolução histórica do grupo terrorista islâmico é marcada pela sua transformação de grupo com objetivos políticos para um grupo terrorista com anseios pelo fundamentalismo islâmico. Também, segundo Matfess:

Como concluiu o Projeto de Violência Social da Nigéria: “uma análise detalhada dos dados de eventos destaca como uma série deliberada de escolhas feitas por atores estatais e insurgentes moldou a insurgência, em vez de fatores estruturais fixos, como pobreza ou ideologia.”<sup>115</sup>

<sup>112</sup> *Indeed, this period was the most lethal in the insurgency's history; local academics have noted that the cells that developed and joined the group in this time period were less ideologically oriented than their predecessors and showed greater interest in criminality and material gain.* MATFESS, Hilary. *Boko Haram: History and Context*. Subject: Political History, Religious HistoryWest Africa Online Publication Date: Oct 2017 DOI: 10.1093/acrefore/9780190277734.013.11. p. 15.

<sup>113</sup> (...) *August 2014, the insurgency had overrun territory roughly the size of Belgium and had declared a Caliphate.* MATFESS, Hilary. *Op. cit.* p. 15.

<sup>114</sup> REVISTA EXAME. *Duplo ataque suicida do Boko Haram na Nigéria deixa 18 mortos*. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/duplo-ataque-suicida-do-boko-haram-na-nigeria-deixa-pelo-menos-18-mortos/>; Acesso em: 19 de fevereiro de 2018.

<sup>115</sup> *As the Nigeria Social Violence Project concluded: “a close analysis of events data highlights how a deliberate series of choices made by state and insurgent actors has shaped the insurgency, rather than fixed, structural factors such as poverty or ideology.* MATFESS, Hilary. *Op. cit.* p. 15.

Desta forma, ao analisarmos desde a fase pré-histórica do grupo e a de sua formação, até o momento atual, verificamos que, embora o grupo tenha uma ideologia universal, para Forest “É importante notar que o Boko Haram não é uma entidade unificada e monolítica. Existem facções separadas dentro do movimento que discordam sobre táticas e direção estratégica; em alguns casos, eles competem uns contra os outros por atenção e seguidores.”<sup>116</sup>

Assim, ainda que a ideologia universal do grupo terrorista seja a implementação da *Sharia* (lei islâmica) e a instituição de um estado islâmico, essa competição existente dentro do próprio grupo, assim como o apoio da *Al – Qaeda* e do Estado Islâmico aceleraram a insurgência e o tornaram um dos grupos terroristas mais mortais que já existiram.

### 1.3 Os principais fatos que influenciaram na transformação dos objetivos do grupo ao longo desses anos.

Ao analisarmos a evolução histórica do grupo terrorista Boko Haram desde o ano de 2002, data de sua criação, até os dias atuais, verificamos que diversos são os objetivos do grupo, que se alternam entre políticos e religiosos. Esses objetivos foram sendo modificados ao longo dos anos em razão de acontecimentos marcantes entre o Boko Haram e o governo nigeriano.

Para compreendermos essas alterações, primeiramente, necessário se faz estabelecermos os objetivos que eram os pilares para o grupo no momento de sua criação até à sua primeira supressão pelo governo nigeriano no ano de 2009.

O Boko Haram, no momento de sua criação, era uma seita islâmica formada por jovens que tinham objetivos separatistas, que visavam à formação de um Estado Islâmico em que a lei fundamental seria a *Sharia* (lei islâmica), que eram contrários à educação ocidental secular, à ocidentalização da Nigéria, à democracia no país, e aos políticos que governavam o norte e o nordeste da Nigéria, por acreditarem que

---

<sup>116</sup> *It is important to note that Boko Haram is not a unified, monolithic entity. There are separate factions within the movement who disagree about tactics and strategic direction; in some cases they compete against each other for attention and followers.* FOREST, James J. F. *Confronting the Terrorism of Boko Haram in Nigeria*. Tampa: JSOU Report 12-5, 2012. p. 20.

esses fatores levavam os muçulmanos à incredulidade e também porque se tratavam de políticos corruptos que iam contra o islamismo.

Em razão disso, segundo Walker, o grupo “queria travar uma guerra contra eles, e a República Federal da Nigéria em geral, para criar um estado islâmico “puro” governado pela lei da *Sharia*.”<sup>117</sup> Portanto, conforme afirma o líder do grupo nessa segunda fase, Mohammed Yusuf, para alcançar a formação desse Estado islâmico puro regulado pela *Sharia*: “A rejeição à educação ocidental e à ocidentalização são os dois pilares que definiram o movimento.”<sup>118</sup>

Os integrantes do Boko Haram, nesse momento, de acordo com Mohammed Yusuf:

Nós não acreditamos, lidamos ou usamos a democracia porque é a doutrina dos incrédulos e segui-la ou lidar com ela ou usar o seu sistema é *kufr*, (incredulidade). O muçulmano não pode concorrer a um cargo ou eleger outra pessoa, sob o respaldo desse sistema democrático... a democracia diz que a “regra é pelo povo”, portanto, não há objeções contra ser governado por um incrédulo (*kafir*) ou por um hipócrita (*munafiq*), ou por uma pessoa imoral sob o respaldo do sistema democrático, e isso acarreta em um grande perigo e em um imenso mal para tudo aquilo que o inclui. Portanto, afirmamos e reafirmamos que a democracia é uma *taghut* (idolatria) que não deve ser acreditada e que deve ser recusada, não devendo ser reconhecida, porque a fé de um adorador não se torna verdadeira ao menos que eles desacreditem na *taghut* (idolatria) primeiro, para ai então acreditar em *Allah* (Deus).<sup>119</sup>

Portanto, para Montclos, desde o primeiro ato de violência ocasionado pelo “Talibã nigeriano” após a sua criação, o objetivo do grupo era político, isto é, era

<sup>117</sup> *It wants to wage a war against them, and the Federal Republic of Nigeria generally, to create a “pure” Islamic state ruled by sharia law.* WALKER, Andrew. What is Boko Haram? Washington: United States Institute of Peace, 2012.p. 2.

<sup>118</sup> *The rejection of Western education and Westernisation were the twin pillars which defined the movement.* MOHAMMED, Kyari. *The message and methods of Boko Haram.* In: Boko Haram: Islamism, politics, security and the state in Nigeria. CHOUIN, Gérard (org.). French Institute for Research in Africa / Institut Français de Recherche en Afrique (IFRA-Nigeria) University of Ibadan, Zaria: Ahmadu Bello University, 2014.

<sup>119</sup> *We do not believe in, deal with or use democracy because it is the doctrine of the unbelievers and following it or dealing with it or using its system is kufr, or unbelief. The Muslim cannot run for office, or elect someone else, under the umbrella of this democratic system . . . democracy says that the “rule is by the people”, hence there are no objections against being ruled by an unbeliever (kafir) or a hypocrite (munafiq) or an immoral person under the umbrella of the democratic system, and this entails great danger and immense evil for all it includes. Therefore we hereby affirm and assert that democracy is a taghut [idolatry] that should not be believed in and should be refused, and it should not be acknowledged, because a worshipper’s faith does not become true unless they disbelieved in the taghut first, and then believed in Allah.* HIGAZI. *Mobilisation into and against Boko Haram in North-East Nigeria.* In: MATFESS, Hilary. Boko Haram: History and Context. Subject: Political History, Religious HistoryWest Africa Online Publication Date: Oct 2017 DOI: 10.1093/acrefore/9780190277734.013.11. p. 15.

contrário àquele modelo de estado adotado pela Nigéria com a Constituição de 1999. E isso se confirma ao analisarmos os alvos dos ataques do Boko Haram.

Os alvos eram representações do Estado nigeriano, como as estações da polícia, as prisões – esses ataques se davam inclusive para libertar integrantes do grupo -, as escolas - por representarem a educação ocidental -, as mesquitas, os muçulmanos que eram contra a atuação do grupo, considerado por eles como “desviante” e os políticos muçulmanos considerados pelo grupo como corruptos, acusados de não cumprir com a *Sharia* (lei islâmica).<sup>120</sup>

Porém, a partir de meados de julho de 2009, com a supressão sofrida pelo grupo por parte do governo nigeriano, ocasionada por um forte embate entre o grupo e a polícia da cidade de Madiguri e o exército nigeriano, que provocou a morte do líder Mohammed Yusuf, os objetivos do Boko Haram foram alterados para além daqueles objetivos preliminares de um Estado Islâmico “puro” regulado pela lei *Sharia*, e foram desenhados pelo desejo de vingança contra os políticos, a polícia e as autoridades islâmicas.<sup>121</sup>

Nesse embate:

(...) em julho de 2009, agentes de trânsito pararam alguns membros da seita que estava a caminho de um funeral, devido ao fato de estarem violando a legislação sobre a utilização de capacetes. As regulamentações sobre a utilização de capacete haviam sido anteriormente um ponto de discórdia entre o governo e os seguidores de Yusuf, que afirmavam que os capacetes interferiam na utilização adequada dos ornamentos religiosos. A *blitz* rotineira terminou em violência, com troca de tiros entre os membros do Boko Haram e os policiais. Em resposta a este incidente, membros do Boko Haram desencadearam ataques a delegacias de polícia nos estados de Bauchi e Yobe. O próprio Yusuf alimentou a tensão, registrando e distribuindo “vários sermões em vídeo, nos quais ele ameaçava explicitamente o estado e a polícia com violência”. Nesses sermões, Yusuf expandiu o escopo de suas queixas, argumentando que os regulamentos do capacete eram apenas uma das muitas maneiras pelas quais os governos estaduais estavam impedindo a prática “pura” do Islã, tornando o estado ilegítimo.<sup>122</sup>

<sup>120</sup> MONTCLOS, Marc-Antoine Pérouse de. *Boko Haram and politics: From insurgency to terrorism* In: Boko Haram: Islamism, politics, security and the state in Nigeria, CHOUIN, Gérard (org.). French Institute for Research in Africa / Institut Français de Recherche en Afrique (IFRA-Nigeria) University of Ibadan, Zaria: Ahmadu Bello University, 2014.p. 137.

<sup>121</sup> WALKER, Andrew. *What is Boko Haram?* Washington: United States Institute of Peace, 2012.p. 2.

<sup>122</sup> (...) in July 2009, traffic officers stopped a handful of members of the sect who were en route to a funeral over a motorcycle helmet violation. The state's helmet regulations had previously been a point of contention between the government and Yusuf's followers, who asserted that the helmets interfered with the proper religious headdresses. The routine traffic stop ended in violence, with fire exchanged between the Boko Haram members and police officers. In response to this incident, members of Boko Haram unleashed attacks on police stations in Bauchi and Yobe states. Yusuf himself stoked the tension, recording and distributing “several video sermons in which he explicitly threatened the state and the police with violence.” In these sermons, Yusuf expanded the scope of his grievances, arguing that the helmet regulations were just one of the many ways in which state governments were

Portanto, o acontecimento de julho de 2009 foi um grande divisor de águas na Nigéria. Além da sede de vingança do Boko Haram pela morte de seu líder Mohammed Yusuf, agora, o objetivo do grupo era o de deslegitimar o estado nigeriano. E para isso, o grupo, agora liderado por Abubakar Shekau, passou a utilizar técnicas terroristas e de extrema violência na tentativa de intimidar o povo e o governo.

Matfess menciona que o Boko Haram sob a nova liderança, sofreu uma mudança drástica:

Embora o próprio Shekau seja uma figura misteriosa, as mudanças nas características operacionais do Boko Haram sob sua liderança, são prontamente aparentes. Sob a liderança de Shekau, as queixas, as táticas e as capacidades de ataque do grupo mudaram drasticamente. As reclamações primárias do grupo não eram mais levadas em consideração pela inadequação e corrupção de políticos locais e grupos religiosos; em vez disso, o principal alvo do grupo tornou-se o governo nigeriano e aqueles dentro da população que não obedeciam a interpretação específica do Alcorão.<sup>123</sup>

Ou seja, ao atuar na repressão do grupo Boko Haram, o governo nigeriano acabou por intensificar ainda mais a atuação do grupo que agora, além dos objetivos preliminares, visava o ataque indiscriminado a toda e qualquer pessoa, o que acabou por intensificar ainda mais a divisão existente entre as regiões norte/nordeste e a região sul do país. Isso porque, o volume de ataques a delegacias de polícia, setores do governo, igrejas, comércios, escolas e centros comerciais nas regiões norte e nordeste aumentaram de maneira significativa, ocasionando a estagnação da região em razão do medo.

Foi um período de violência indiscriminada e de territorialização. Segundo Matfess:

O aumento da sofisticação tática do grupo foi acompanhado por uma ênfase na propaganda sobre o seu papel como uma vanguarda da comunidade muçulmana perseguida da Nigéria. Em 2011, Shekau divulgou uma declaração enfatizando a percepção de que o governo estava atacando os

---

*preventing the “pure” practice of Islam, making the state illegitimate.* MATFESS, Hilary. *Boko Haram: History and Context. Subject: Political History, Religious History West Africa* Online Publication Date: Oct 2017 DOI: 10.1093/acrefore/9780190277734.013.11. p. 15.

<sup>123</sup> *Although Shekau himself is a mysterious figure, the changes in Boko Haram’s operational characteristics under his leadership are readily apparent. Under Shekau, the group’s grievances, tactics, and capabilities changed drastically. No longer were the group’s primary complaints levied at the inadequacy and corruption of local politicians and religious groups; instead, the group’s primary target became the Nigerian government and those within the population who did not abide by their specific Quranic interpretation.* MATFESS, Hilary. *Op. cit.* p. 10.

muçulmanos: ninguém está nos perseguindo como este governo ... ninguém está perseguindo nossa religião e nosso Profeta como eles. Eles usam seus soldados, sua polícia, seu sistema de incredulidade e seus colaboradores ... E vocês devem saber que não matamos aqueles que bebem álcool. É mera propaganda que utilizamos para atacarmos uma cervejaria. Ouvimos dizer que eram puramente soldados que se reuniam ali para beber, e nós confirmamos. Foi por isso que fomos lá e os matamos... Estamos sendo perseguidos... em uma aldeia no Estado de Kaduna, os muçulmanos foram empurrados para dentro de um buraco cavado e gasolina foi derramada sobre eles antes de serem incendiados. O que seu governo fez sobre isso? ... Estamos cientes de como eles estão perseguindo as pessoas comuns na cidade.<sup>124</sup>

Portanto, além da intensificação dos ataques, o grupo passou a divulgar vídeos com mensagens a população de que, na verdade, eles, os muçulmanos “puros”, estavam sendo atacados pelo governo nigeriano e por essa ocidentalização, de modo que a atuação do Boko Haram é uma resposta a tudo isso. Com os ataques, territórios nas regiões norte e nordeste foram sendo conquistados e a população foi sendo controlada pelo medo. Chegou-se a ser instituído um Califado.

Após alguns anos, em 2015, o governo nigeriano conseguiu expulsar o grupo Boko Haram da cidade de Maidiguri, que passou a exilar-se na floresta de Sambisa e nas montanhas de Mandara. Segundo Montclos, acredita-se que durante o exílio do Boko Haram há “uma enorme probabilidade de estarem diretamente em contato com movimentos transnacionais *jihadistas* que estavam claramente envolvidos contra os judeus e os "cruzados".”<sup>125</sup>

Nesse momento, o ataque a cristãos também se transforma em um dos seus objetivos. Isso porque, na Nigéria, os cristãos estão localizados, em sua maioria, na região sul do país, região esta responsável como indutora da ocidentalização do

<sup>124</sup> *The group's increased tactical sophistication was accompanied by an emphasis on propaganda about its role as a vanguard of Nigeria's persecuted Muslim community. In 2011, Shekau released a statement emphasizing the perception that the government was targeting Muslims: Nobody is persecuting us like this government... nobody is persecuting our religion and our Prophet like it. They use their soldiers, their police, their system of unbelief and their collaborators... And you people should know that we do not kill those who drink alcohol. It is mere propaganda that we attacked a beer parlor. We had heard that it was purely soldiers who gathered there to drink, and we confirmed it. That was why we went there and killed them... We are being persecuted... in a village in Kaduna State Muslims were pushed into a dug out hole and petrol was poured on them before they were set ablaze. What did your government do about this?.... We are aware of how they are persecuting the ordinary people in the city.* MATFESS, Hilary. *Boko Haram: History and Context. Subject: Political History, Religious History West Africa Online Publication Date: Oct 2017 DOI: 10.1093/acrefore/9780190277734.013.11.* p. 11.

<sup>125</sup> *A higher probability of getting directly in touch with transnational jihadist movements that were clearly engaged against the Jews and the “Crusaders.”* MONTCLOS, Marc-Antoine Pérouse de. *Boko Haram and politics: From insurgency to terrorism* In: *Boko Haram: Islamism, politics, security and the state in Nigeria*, CHOUIN, Gérard (org.). French Institute for Research in Africa / Institut Français de Recherche en Afrique (IFRA-Nigeria) University of Ibadan, Zaria: Ahmadu Bello University, 2014.p. 138.



estado nigeriano, em razão da necessidade de adequação do país aos preceitos ocidentais para a comercialização de petróleo com os Estados Unidos.

Segundo Hussein e Walker, a nova metodologia do Boko Haram segue o caminho do radicalismo islâmico sunita do Afeganistão, do Iraque, do Paquistão e da Somália, forçando o terror contra tudo o que se opõe ao islamismo e a instituição de um Estado Islâmico regulado pela *Sharia*.<sup>126</sup>

Para Montclos: “Enquanto isso, a extensão dos alvos de Boko Haram às comunidades cristãs atestou a radicalização e profissionalização da seita. De fato, essa mudança faz mais sentido para um grupo terrorista que busca um público internacional.”<sup>127</sup> O autor acredita que a estratégia utilizada pelo Boko Haram de ataques suicidas e as técnicas terroristas contra os cristãos da Nigéria, especialmente contra as mulheres e crianças, se dão devido ao fato de que o objetivo do grupo é criar pânico na população, demonstrando a fraqueza desse modelo de Estado nigeriano ocidental, secular que prega a liberdade de religião.

A estratégia do grupo é jogar com o medo do inimigo invisível, imprevisível, aquele que não se sabe ao certo onde e quando irá atacar, obrigando-os a escolher a duas opções: a conversão forçada aos ideais do grupo ou a morte. Assim, nas palavras do Montclos, “Nesse contexto, o Boko Haram se encaixa muito bem no modelo terrorista dos insurgentes que visam criar pânico para desestabilizar o estado.”<sup>128</sup>

Além dos objetivos preliminares que são: (i) o combate à educação ocidental e secular; (ii) o combate à corrupção dos políticos e dos líderes mulçumanos; (iii) a implementação de um Estado Islâmico e a utilização da *Sharia* como a lei do Estado; e dos objetivos secundários que são (i) a deslegitimação do estado nigeriano; e (ii) a adesão forçada da população aos preceitos do grupo; verificou-se que, a partir do ano de 2013, os ataques do Boko Haram foram voltados especialmente ao gênero

<sup>126</sup> HUSSEIN, B.; WALKER, L. *Nigeria and the Sunni Islamic insurgency of Boko Haram: over 170 killed in Kano*. Modern Tokyo Times, 2012. Disponível em: <http://global-security-news.com/2012/01/23/nigeria-and-the-sunni-islamic-insurgency-of-boko-haram-over-170-killed-in-kano/>; Acesso em: 19 de fevereiro de 2018.

<sup>127</sup> *Meanwhile, the extension of the targets of Boko Haram to Christian communities has testified to the radicalization and professionalization of the sect. Indeed, this shift makes more sense for a terrorist group which seeks an international audience*. MONTCLOS, Marc-Antoine Pérouse de. *Boko Haram and politics: From insurgency to terrorism* In: *Boko Haram: Islamism, politics, security and the state in Nigeria*, CHOUIN, Gérard (org.). French Institute for Research in Africa / Institut Français de Recherche en Afrique (IFRA-Nigeria) University of Ibadan, Zaria: Ahmadu Bello University, 2014.p. 137.

<sup>128</sup> *In this context, Boko Haram fits quite well the terrorist model of insurgents who aim to create panic in order to destabilize the state*. MONTCLOS, Marc-Antoine Pérouse de. *Op. cit.* p. 143.

feminino. Isso porque, após as esposas e filhas dos líderes do grupo serem sequestradas e mantidas presas neste ano pelo governo nigeriano como forma de coação, essa espécie de ataque passou a ser mais um de seus objetivos e, para alcançá-lo, a sua tática sofreu uma evolução.

De acordo com Zenn e Pearson<sup>129</sup> o Boko Haram passou a utilizar dessa tática como forma de responder às táticas correspondentes do governo nigeriano, realizando inúmeros sequestros de mulheres, com o intuito de utilizá-las de maneira instrumental, isto é, como escravas e/ou como combatentes. Esse foi o marco inicial da violência do Boko Haram contra o gênero feminino. Dentre os atos de violência, se destacam os sequestros, a violência sexual, a conversão forçada ao islamismo, os casamentos forçados, a proibição à educação, os assassinatos e a transformação forçada delas em combatentes suicidas.

Desse modo, embora o grupo terrorista fundamentalista islâmico tenha como objetivos preliminares a constituição de um Estado islâmico regulado pela *Sharia*, bem como o combate à educação ocidental e à ocidentalização da Nigéria, fragilizar o Estado nigeriano através do medo e da exposição de suas mazelas, é o principal objetivo político do grupo terrorista hoje, pois, conquistando esse objetivo, o grupo poderá com mais facilidade implementar o seu objetivo preliminar religioso, com a transformação do Estado nigeriano de República Constitucional em Estado Islâmico.

#### 1.4 O caos social nigeriano: As principais implicações sociais ocasionadas pelo grupo terrorista Boko Haram.

São 16 anos de atuação incessante do grupo terrorista fundamentalista islâmico Boko Haram nas regiões norte/nordeste da Nigéria. Inúmeros foram os ataques e os sequestros realizados pelo grupo ao longo desses anos. Segundo o enviado especial das Nações Unidas para a região, Mohammed Ibn Chambas, o número de ataques tem crescido consideravelmente nos últimos anos, o que tem resultado em

---

<sup>129</sup> ZENN, Jacob; PEARSON, Elizabeth. *Women, Gender and the evolving tactics of Boko Haram*. Journal of terrorism research. Disponível em: <https://jtr.st-andrews.ac.uk/article/10.15664/jtr.828/>; Acesso em: 19 de fevereiro de 2018.

milhares de mortes de civis e no deslocamento de aproximadamente 2 milhões de pessoas.<sup>130</sup>

Os impactos ocasionados pela atuação do grupo nas regiões norte/nordeste da Nigéria são enormes e agravam o abismo social entre as regiões norte e sul. Segundo estimativas da ONU, além da perda de inúmeras vidas humanas, os impactos são também na perda de gado, em danos à produção alimentar e na estagnação da economia da região norte/nordeste. Acredita-se que os prejuízos para a economia da região chegam a US\$ 9 bilhões de dólares.<sup>131</sup>

Ademais, a partir do ano de 2012, o grupo direcionou os seus ataques a escolas e universidades por acreditar que estas, além de utilizarem os métodos ocidentais, participavam de um complô contra o Islã. Não se sabe ao certo o número de jovens e professores mortos nos ataques realizados pelo grupo durante esse período, mas, em razão do medo, houve um crescente aumento na taxa de analfabetismo nas regiões norte/nordeste da Nigéria, especialmente o feminino, devido à atuação e perseguição do grupo a esse gênero.

Em vista disso, o caos social trazido pelo Boko Haram nas regiões norte/nordeste, em especial nesta última, e na Nigéria de um modo em geral, tem influenciado diretamente no aumento das diferenças sociais já existentes entre as regiões e para o desequilíbrio educacional e cultural, fazendo com que a população das regiões afetadas viva de maneira precária e sem acesso aos escassos recursos fornecidos pelo governo.

Ainda que a Nigéria hoje seja considerado um país de economia emergente, sendo, desde 2014, a maior da África, ainda que se tenha constituído um Estado democrático de direito secular com a Quarta República através da promulgação da Constituição nigeriana em 1999, ainda que o país tenha apresentado um crescimento econômico considerável, como se verifica, por exemplo em seu Produto Interno Bruto (PIB) que cresceu de \$110,5 bilhões de dólares no ano de 1999 para \$1,12 trilhões de dólares no ano de 2017,<sup>132</sup> problemas socioeconômicos vem sendo enfrentados na Nigéria.

---

<sup>130</sup> ONUBR. *Ataques do Boko Haram são crescente ameaça na África Ocidental e no Sahel, diz ONU*. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/ataques-do-boko-haram-sao-crescente-ameaca-na-africa-ocidental-e-no-sahel-diz-onu/>>; Acesso em: 01 de junho de 2018.

<sup>131</sup> ONUNews. *Nigéria: danos da crise do Boko Haram superam US\$ 9 mil milhões no nordeste*. Disponível em: < <https://news.un.org/pt/story/2017/01/1574111-nigeria-danos-da-crise-do-boko-haram-superam-us-9-mil-milhoes-no-nordeste>>; Acesso em: 01 de junho de 2018.

<sup>132</sup> INDEXMUNDI. *Produto Interno Bruto (PIB) (bilhões \$) Nigéria*. Disponível em:

Isso porque o país tem uma receita proveniente basicamente de recursos naturais, sendo que 80% dela advêm do petróleo extraído da região sul e 20% da agricultura produzida na região norte, o que demonstra a disparidade da economia das regiões. O país ocupa o 13º lugar no ranking da produção do petróleo, sendo hoje, o 6º país que mais exporta o petróleo no mundo<sup>133</sup>, com um percentual de crescimento anual em torno de 0,8%. Em razão disso, a Nigéria hoje faz parte dos *Mint* (México, Indonésia, Nigéria e Turquia) que são as próximas economias emergentes do mundo.<sup>134</sup>

Porém, embora seja um país que cresce consideravelmente e ocupa um papel de liderança em termos de mercado no continente africano, é também um país em que 70% da população se encontra abaixo da linha da pobreza, segundo os dados colhidos no ano de 2017,<sup>135</sup> uma vez que a taxa de desemprego é de aproximadamente 13,4%.<sup>136</sup> A disparidade aumenta quando se divide o país em dois hemisférios latitudinais, onde a pobreza no sul assola 27% da população, ao passo que no norte o número sobe para 75%.<sup>137</sup>

Isso ocorre não só apenas em virtude da disparidade econômica entre as regiões, mas também, em virtude do abismo social provocado pela atuação do grupo terrorista fundamentalista islâmico Boko Haram. Acuado com a intensificação do número de ataques nos últimos anos, a população do norte/nordeste tem estado estagnada, o que tem influenciado no declínio dos indicadores sócio econômicos do país.

Para entendermos o caos social que a Nigéria vive hoje, primeiramente precisamos dicotomizar o país em duas regiões, a norte/nordeste e a sul, para analisarmos separadamente as principais características delas que influenciam diretamente na dissonância social entre elas. As regiões norte/nordeste do país são

<<https://www.indexmundi.com/g/g.aspx?v=65&c=ni&l=pt>>; acesso em: 01 de junho de 2018.

<sup>133</sup> INDEXMUNDI. *Petróleo - produção Nigéria*. Disponível em:

<<https://www.indexmundi.com/g/r.aspx?t=0&v=88&l=pt>>; acesso em: 01 de junho de 2018.

<sup>134</sup> CARNEIRO, Lucianne. *Nigéria é a maior economia da África, mas vive caos social*. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/nigeria-a-maior-economia-da-afrika-mas-vive-caos-social-12521128#ixzz5HDZss8l8>>; Acesso em 01 de junho de 2018.

<sup>135</sup> INDEXMUNDI. *População na abaixo da linha da pobreza - Nigéria*. Disponível em: <<https://www.indexmundi.com/g/g.aspx?v=69&c=ni&l=pt>>; acesso em: 01 de junho de 2018.

<sup>136</sup> INDEXMUNDI. *Taxa de desemprego- Nigéria*. Disponível em: <<https://www.indexmundi.com/g/g.aspx?v=74&c=ni&l=pt>>; acesso em: 01 de junho de 2018.

<sup>137</sup> COMOLLI, Virginia. *Boko Haram: Nigeria's Islamist Insurgency*. London: Oxford University, 2015. In: XAVIER, Rafael Corrêa; FILIPPI, Eduardo Ernesto. *Nigéria contemporânea: raízes da insurgência doméstica e implicações regionais*. Rev. Conj. Aust. | Porto Alegre | v.8, n.42 | p.78-95 | jun./jul. 2017 | ISSN: 2178-8839.p.82.

regiões menos populosas que a região sul. A religião predominante nas regiões norte/nordeste é a mulçumana enquanto que a religião predominante na região sul é o cristianismo.<sup>138</sup>

Em termos econômicos, com uma economia eminentemente agrícola que corresponde a 20% da receita do país<sup>139</sup>, as regiões norte/nordeste são as que detêm a maior concentração de pobreza do país, dependendo do repasse de recursos do governo federal que são provenientes da receita da região sul, cuja economia é eminentemente petrolífera e detêm a maior concentração de riqueza.<sup>140</sup>

Portanto, o país é dividido economicamente entre duas regiões: a região norte/nordeste que possui a maior concentração de pobreza e a região sul que possui a maior concentração de riqueza. Para compreendermos os impactos dessa divisão econômica e da atuação do grupo terrorista fundamentalista islâmico Boko Haram, devemos, primeiramente, analisar a estrutura administrativa da Nigéria.

Composta por 36 estados e um território federal, a Constituição nigeriana de 1999 instituiu as responsabilidades de cada ente federado que são: (i) o governo federal é responsável pela defesa, relações exteriores, manutenção da lei e ordem pública, rodovias federais, correio e comunicação, controle aéreo e marítimo; (ii) os estados são responsáveis pela educação, saúde, trabalhos públicos e por assegurar a promoção do crescimento econômico e social; enquanto que (iii) os governos locais tem os seus papéis institucionais de acordo com a cidade, variando de uma para a outra, mas no geral, atuam basicamente como agentes do governo estadual e se responsabilizam pela provisão de infraestrutura urbana e dos serviços correlatos, como abastecimento de água, saneamento básico e coleta de lixo, possuindo uma participação limitada na provisão da saúde e da educação.<sup>141</sup>

---

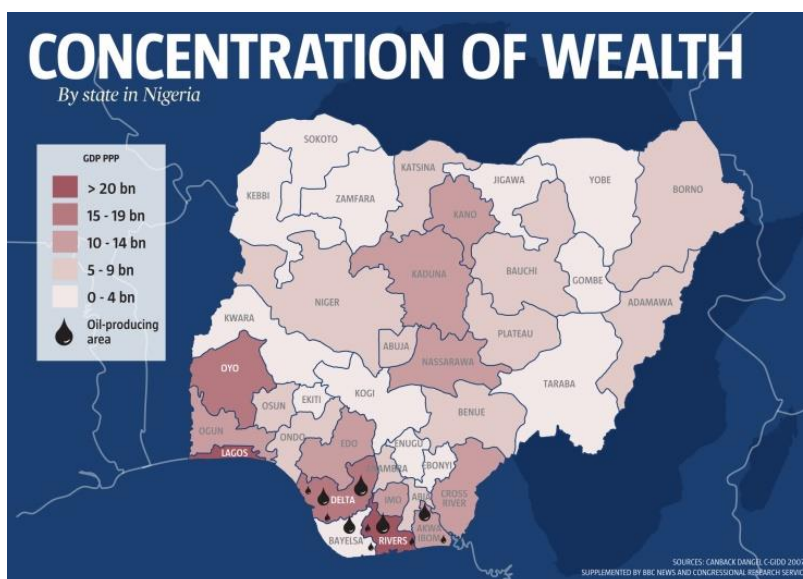
<sup>138</sup> CIERCO, Teresa; BELO, António. *Será a Nigéria um Estado falhado? O grupo Boko Haram*. Revista Brasileira de Ciência Política, no 21. Brasília, setembro - dezembro de 2016, pp 121-146. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220162104>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n21/2178-4884-rbcpol-21-00121.pdf>> ; Acesso em: 02 de junho de 2018. p.127.

<sup>139</sup> COMOLLI, Virginia. *Boko Haram: Nigeria's Islamist Insurgency*. London: Oxford University, 2015. In: XAVIER, Rafael Corrêa; FILIPPI, Eduardo Ernesto. Nigéria contemporânea: raízes da insurgência doméstica e implicações regionais. Rev. Conj. Aust. | Porto Alegre | v.8, n.42 | p.78-95 | jun./jul. 2017 | ISSN: 2178-8839.p.82.

<sup>140</sup> VOX. Gráfico 2: *Boko Haram's bases tend to be in poorer states. The crisis in Nigeria, in 11 maps and charts*. Disponível em: <<https://www.vox.com/2014/5/13/5710484/boko-haram-maps-charts-nigeria>>; Acesso em: 13 de fevereiro de 2018.

<sup>141</sup> AHMAN, Ehtisham; SINGH, Raju. *Political Economy of Oil-Revenue Sharing in a Developing Country: Illustrations from Nigeria*. In: IMF Working Paper WP/03/16, 2003. Aviable in:< <http://www.imf.org/en/Publications/WP/Issues/2016/12/30/Political-Economy-of-Oil-Revenue-Sharing-in-a-Developing-Country-Illustrations-from-Nigeria-15955>>; Cited: 02 de junho de 2018.

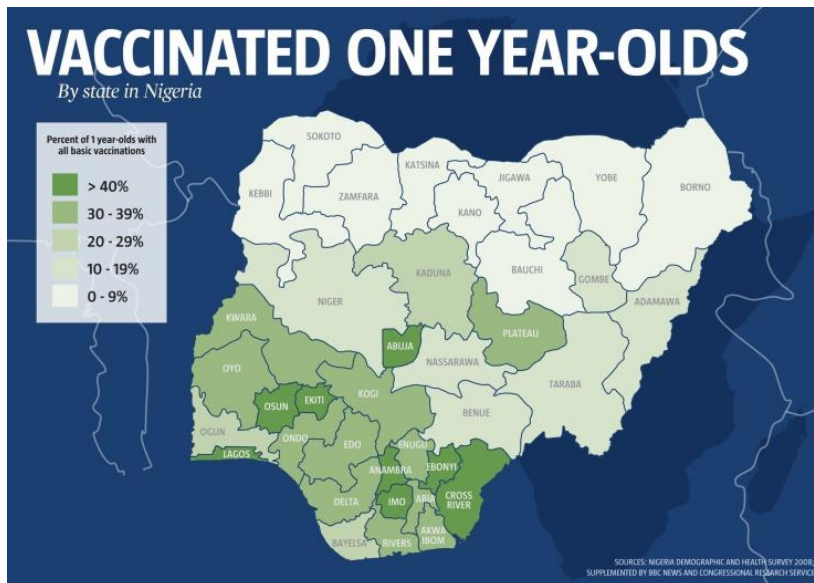
Pois bem, ao verificarmos as responsabilidades estabelecidas pela Constituição nigeriana a cada ente federado percebemos que essas diferenças socioeconômicas entre as regiões norte/nordeste e sul se dão em razão de dois motivos: O primeiro deles é devido ao fato de que a responsabilidade pela saúde, pela educação e pela promoção do crescimento econômico e social pertence aos Estados. Se a região sul é petrolífera e possui a maior concentração de riqueza do país, portanto, os estados dessa região possuem recursos financeiros para investir e fornecer os serviços que são de sua responsabilidade, fazendo com que os índices de capacitação humana na região, como os de acesso à vacinação, por exemplo, sejam infinitamente mais elevados do que os das regiões norte/nordeste que são regiões agrícolas, que possuem a maior concentração de pobreza do país e que dependem do repasse de recursos financeiros do governo federal, conforme verificamos nos mapas abaixo<sup>142</sup>:



**Mapa 1:** Concentração de riqueza

Fonte: Canback Dangel c-gido 2007; suplemented by BBC News and congressional research service.

<sup>142</sup> VOX. Gráfico 2: Boko Haram's bases tend to be in poorer states. Gráfico 3: Governance is poor in northern Nigeria. The crisis in Nigeria, in 11 maps and charts. Disponível em: <<https://www.vox.com/2014/5/13/5710484/boko-haram-maps-charts-nigeria>>; Acesso em: 13 de fevereiro de 2018.



**Mapa 2:** Vacinação de crianças até 1 ano de idade.

Fonte: Nigeria demographic and health survey 2008; supplemented by BBC News and congressional research service.

O segundo motivo que impacta na diferença socioeconômica entre as regiões norte/nordeste e sul e que torna as regiões norte/nordeste extremamente vulneráveis com relação ao restante do país, é a atuação do grupo terrorista fundamentalista islâmico Boko Haram. A atuação do grupo, segundo Campbell, "(...) é um resultado direto da má governança crônica dos governos federais e estaduais, a marginalização política do nordeste nigeriano e a pobreza acelerada."<sup>143</sup>

O epicentro da crise ocasionada pelo Boko Haram é o estado de Borno.<sup>144</sup> A falta de segurança nessas regiões, especialmente neste estado, tem ocasionando no aprisionamento da população em suas casas, que optam por deixar de frequentar a escola, de trabalhar e de frequentar grandes centros em virtude do medo de um possível ataque do grupo. Estima-se que o prejuízo econômico ocasionado nas regiões norte/nordeste da Nigéria desde o surgimento do grupo no país é de aproximadamente \$9 milhões de dólares.<sup>145</sup> Fruto disso, o governo nigeriano

<sup>143</sup> CAMPBELL, John. *U.S. Policy to Counter Nigeria's Boko Haram*. Council on Foreign Relations, 70 (2014): 1-29. In: XAVIER, Rafael Corrêa; FILIPPI, Eduardo Ernesto. *Nigéria contemporânea: raízes da insurgência doméstica e implicações regionais*. Rev. Conj. Aust. | Porto Alegre | v.8, n.42 | p.78-95 | jun./jul. 2017 | ISSN: 2178-8839. p. 84.

<sup>144</sup> CARRETERO, Nacho. *Dentro do inferno do Boko Haram*. El País. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/23/internacional/1487852862\\_930917.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/23/internacional/1487852862_930917.html)>; Acesso em 02 de junho de 2018.

<sup>145</sup> ONUNews. *Nigéria: danos da crise do Boko Haram superam US\$ 9 mil milhões no nordeste*. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2017/01/1574111-nigeria-danos-da-crise-do-boko-haram-superam-us-9-mil-milhoes-no-nordeste>>; Acesso em: 01 de junho de 2018.

estimou que, apenas no ano de 2017, aproximadamente 10,7 milhões de pessoas iriam depender de auxílio do governo para sobreviver.<sup>146</sup>

Segundo Xavier e Filippi:

A pesquisa de Virginia Comolli nos mostra que a economia local foi severamente afetada, uma vez que o aumento da violência exerce nos comerciantes uma ameaça ao abrir seus estabelecimentos e barreiras temporárias em nome da segurança impedem o fluxo de mercadorias e pessoas para os Estados vizinhos nigerianos. Ainda, investimentos estrangeiros em infraestrutura têm sido mais enxutos, pois se conhece o potencial do Boko Haram em confiscar e controlar territórios.<sup>147</sup>

Outro fator que a atuação do Boko Haram na região tem ocasionado é que, segundo a ONU, estima-se que cerca de 2,7 milhões de pessoas foram deslocadas das regiões em razão do conflito, sendo que 1,5 milhão são crianças.<sup>148</sup> O deslocamento da população faz com que a força laboral da região sofra um impacto negativo em razão da diminuição do número de trabalhadores e, conseqüentemente, de contribuintes para os estados do norte e do nordeste. Sem contar que a falta de mão de obra influencia negativamente no comércio que passa a ter um volume menor de produtos e de consumidores.

Acredita-se que 70% das pessoas que se descolam em razão da atuação do grupo são mulheres e crianças.<sup>149</sup> Aqueles que conseguem se deslocar, se aglomeram em outras cidades nigerianas ou em países vizinhos. Porém, o alto fluxo de deslocamento da população e a conseqüente aglomeração têm afetado esses lugares com a falta de comida e de água em razão do aumento inesperado no consumo.

Logo, a crise do Boko Haram não só tem assolado as regiões norte e nordeste, como também toda a Nigéria e os países vizinhos. O medo e a insegurança tem feito com que pessoas se desloquem forçadamente, com que trabalhadores e suas famílias se mantenham presas em suas casas, com que os comerciantes da região

<sup>146</sup> ONUNews. *Nigéria: danos da crise do Boko Haram superam US\$ 9 mil milhões no nordeste*. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2017/01/1574111-nigeria-danos-da-crise-do-boko-haram-superam-us-9-mil-milhoes-no-nordeste>>; Acesso em: 01 de junho de 2018.

<sup>147</sup> XAVIER, Rafael Corrêa; FILIPPI, Eduardo Ernesto. *Nigéria contemporânea: raízes da insurgência doméstica e implicações regionais*. Rev. Conj. Aust. | Porto Alegre | v.8, n.42 | p.78-95 | jun./jul. 2017 | ISSN: 2178-8839. p. 87.

<sup>148</sup> ONUNews. *Nigéria: danos da crise do Boko Haram superam US\$ 9 mil milhões no nordeste*. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2017/01/1574111-nigeria-danos-da-crise-do-boko-haram-superam-us-9-mil-milhoes-no-nordeste>>; Acesso em: 01 de junho de 2018.

<sup>149</sup> XAVIER, Rafael Corrêa; FILIPPI, Eduardo Ernesto. *Nigéria contemporânea: raízes da insurgência doméstica e implicações regionais*. Rev. Conj. Aust. | Porto Alegre | v.8, n.42 | p.78-95 | jun./jul. 2017 | ISSN: 2178-8839. p. 88-89.



fechem os seus negócios e que não haja circulação de bens e serviços, mantendo inerte o crescimento das regiões. Portanto, se o Boko Haram continuar atuando nessas regiões, o abismo socioeconômico entre o norte e o sul se tornará cada vez maior.

Segundo o Ministro da informação nigeriano Labara Maku: “A região precisa de paz e estabilidade mais do que qualquer região do país, especialmente porque a região está claramente atrasada em termos de infraestrutura, educação e outros índices de desenvolvimento.”<sup>150</sup> Além de todo o atraso econômico, o prejuízo social para essa população aprisionada pelo medo e pela insegurança é imensurável, pois toda uma estrutura social tem sido destruída pelo Boko Haram.

Segundo Carretero, as fronteiras: “(...) Hoje estão militarizadas. E as estradas e caminhos, inutilizados. As rotas ficaram suspensas. Os comerciantes foram arruinados. Os camponeses não podem plantar para subsistir. A vida ficou interrompida na bacia do lago Chade.”<sup>151</sup>

O trauma e os prejuízos socioeconômicos para aqueles que se viram diante de um dos maiores grupos terroristas do mundo atual são incalculáveis. Os impactos ocasionados pelo Boko Haram nas regiões norte e nordeste transformam o mundialmente conhecido como gigante africano, em termos econômicos, no miserável africano, em termos sociais, em razão da maior economia da África ser hoje, um dos países com o menor índice de desenvolvimento humano da África.

Ademais, a crise nigeriana ocasionada pela atuação do grupo terrorista fundamentalista islâmico Boko Haram também tem influenciado diretamente na educação da população das regiões norte/nordeste. Hoje, fala-se em uma geração perdida em termos de retrocesso social quanto à alfabetização, bem como em uma crescente desproporção educacional entre as regiões norte e sul do país.

O grupo Boko Haram tem dado especial atenção às escolas nigerianas em seus ataques. Isso ocorre porque, para o Boko Haram: “(...) essa crença significava que “rejeitar o secularismo e a educação no estilo ocidental não era apenas uma escolha

<sup>150</sup> *The region needs peace and stability more than any region in the country, particularly because the region clearly lagging behind in term of infrastructure, education and other development indices.* OGOCHUKWU, E. O. *Socio-Economic Implications of the Boko Haram Insurgence in Nigeria: 2009-2013*. Thesis. Department of Political Science Caritas University, Amorji-Nike, Enugu, 2013 *In: AWOJOB, Oladayo Nathaniel. The Socio-Economic Implications of Boko Haram Insurgency in the North-East of Nigeria. International Journal of Innovation and Scientific Research ISSN 2351-8014 Vol. 11 No. 1 Oct. 2014, pp. 144-150.*

<sup>151</sup> CARRETERO, Nacho. *Dentro do inferno do Boko Haram*. El País. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/23/internacional/1487852862\\_930917.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/23/internacional/1487852862_930917.html)>; Acesso em 02 de junho de 2018.

política ou uma decisão religiosa tomada caso a caso; essa rejeição era parte de uma concepção maior do que significava ser muçulmano.”<sup>152</sup>

Isso ocorre devido ao fato de que o grupo possui dois pilares definidores: A rejeição à educação ocidental e a ocidentalização. Inclusive, esse objetivo está presente no significado de seu nome, em que Boko, na língua hausa, significa “a educação ocidental” e Haram, também na língua hausa, significa “é proibida pelo islã”. Para os combatentes do grupo, esse modelo educacional secular e ocidentalizado introduzido pela Constituição nigeriana e pela Quarta República no ano de 1999, vai de encontro com os princípios islâmicos de um estado puro e com os ensinamentos do Alcorão.

Isso porque, a educação ocidental para um dos líderes do Boko Haram, Mohammed Yusuf, era proibida aos muçulmanos, pois ela era repugnante e poderia levar à incredulidade.<sup>153</sup> Nem todos os tipos de conhecimento foram decretados como haram (proibidos) por Mohammed Yusuf. Segundo Kyari Mohammed: “Entre os tipos de conhecimento que ele decretou como haram estão às ciências físicas e aplicadas, que lidam com assuntos como o darwinismo, à evolução e a chuva.”<sup>154</sup>

Em razão disso, as escolas e as universidades passaram a serem alvos do grupo, e ataques incessantes foram direcionados a estas instituições ao longo dos últimos anos. Segundo um comunicado da UNICEF: “Pelo menos 2.295 professores foram mortos e mais de 1,4 mil escolas foram danificadas desde início do conflito no nordeste da Nigéria (...).”<sup>155</sup> Para a UNICEF, mais de 2 mil escolas da Nigéria, do Níger e de Camarões, países diretamente afetados com o conflito, estão fechadas, impossibilitando que aproximadamente mais de 1 milhão de crianças estudem.<sup>156</sup>

---

<sup>152</sup> (...) *this belief meant that rejecting secularism and Western-style education was not just a political choice or a religious decision made on a case-by-case basis; this rejection was part of a larger conception of what it meant to be Muslim.* MATFESS, Hilary. *Boko Haram: History and Context*. Subject: Political History, Religious History West Africa Online Publication Date: Oct 2017 DOI: 10.1093/acrefore/9780190277734.013.11. p. 07.

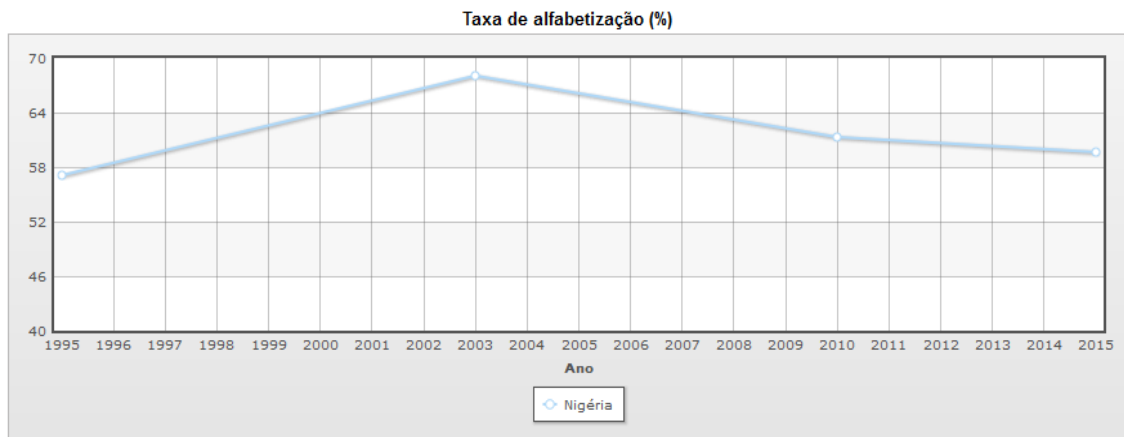
<sup>153</sup> MOHAMMED, Kyari. *The message and methods of Boko Haram*. In: *Boko Haram: Islamism, politics, security and the state in Nigeria*. CHOUIN, Gérard (org.). French Institute for Research in Africa / Institut Français de Recherche en Afrique (IFRA-Nigeria) University of Ibadan, Zaria: Ahmadu Bello University, 2014.p. 17.

<sup>154</sup> *Among types of knowledge which he decreed as haram are the physical and applied sciences, which deal with subjects such as Darwinism, evolution, and rainfall.* MOHAMMED, Kyari. *Op. cit.* p. 17.

<sup>155</sup> ONUNews. *Desde 2013, Boko Haram já sequestrou mais de mil crianças na Nigéria*. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2018/04/1618411>>; Acesso em: 02 de junho de 2018.

<sup>156</sup> ONUBR. *Cerca de 600 professores foram mortos desde o surgimento do Boko Haram na Nigéria, alerta UNICEF*. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/cerca-de-600-professores-foram-mortos-desde-o-surgimento-do-boko-haram-na-nigeria-alerta-unicef/>>; Acesso em: 02 de junho de 2018.

Isso afeta diretamente a taxa de analfabetismo do país. Com uma população de aproximadamente 190 milhões de nigerianos<sup>157</sup>, hoje apenas 59,6% da população é alfabetizada. O país ocupa o 144º lugar no *ranking* mundial do percentual de alfabetização.<sup>158</sup> Isso tudo porque, desde o ano de 2003, um ano após a criação do Boko Haram, a taxa de alfabetização da Nigéria tem caído consideravelmente em razão da atuação do grupo, conforme se verifica no gráfico abaixo<sup>159</sup>:



**Tabela 2:** Taxa de alfabetização da Nigéria.

Fonte: CIA World Factbook

Ademais ao combate à educação ocidental, outro fator de extrema relevância é o papel da mulher muçumana dentro da sociedade. Para os preceitos religiosos do Boko Haram, as mulheres devem ser criadas em conformidade com os ensinamentos do Alcorão para que elas possam exercer a sua função de esposa.

Portanto, ainda que os ataques às escolas sejam para atingir a população jovem de um modo geral, percebe-se que a atuação do grupo é mais voltada para o gênero feminino, pois a educação ocidental, voltada para os ensinamentos direitos humanos e para a igualdade de gênero, viola, para o Boko Haram, os ensinamentos do Alcorão quanto ao papel da mulher muçumana e deve ser combatida por aqueles muçumanos considerados “puros”.

Isso se dá como forma de combate à ocidentalização e, conseqüentemente, como forma de combate ao governo. Uma população alienada e com medo é mais fácil de ser persuadida pelos preceitos fundamentais do Boko Haram e de ser

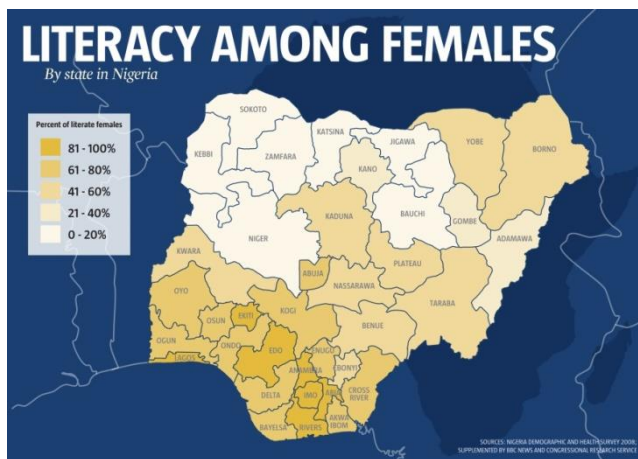
<sup>157</sup>INDEXMUNDI. *População*. Disponível em: <<https://www.indexmundi.com/g/g.aspx?v=21&c=ni&l=en>>; acesso em: 01 de junho de 2018.

<sup>158</sup> INDEXMUNDI. *Literacy*. Disponível em: <<https://www.indexmundi.com/g/r.aspx?t=0&v=39&l=en>>; acesso em: 01 de junho de 2018.

<sup>159</sup>INDEXMUNDI. *Taxa de alfabetização*. Disponível em: <<https://www.indexmundi.com/g/g.aspx?c=ni&v=39&l=pt>>; acesso em: 01 de junho de 2018.

convencida a se voltar contra o Estado nigeriano. E, mulheres sem acesso à educação e com medo, se tornam mais facilmente submissas e ocupam, sem objeção, uma posição de inferioridade dentro desse modelo de Estado idealizado pelo grupo.

Desta forma, tendo em vista os ataques às escolas e, especialmente ao gênero feminino, se analisarmos especificamente a taxa de alfabetização entre as mulheres por regiões da Nigéria, verificamos que se mostra claro, se compararmos as regiões norte/nordeste com a região sul da Nigéria, que a atuação do Boko Haram nessas regiões tem criado um abismo educacional no país, conforme mapa abaixo:



**Mapa 3:** Percentual de alfabetização entre mulheres

Fonte: Nigeria demographic and health survey 2008; supplemented by BBC News and congressional research service.

Enquanto que na região sul a taxa de alfabetização das mulheres gira em torno de 61% a 100%, nas regiões norte e nordeste, afetadas pela atuação do grupo, elas giram em torno de 0% a 60%. A violência dos ataques do Boko Haram às escolas, em especial ao gênero feminino, nos últimos 4 anos tem acarretado na alienação de grande parte da população nigeriana e no seu conseqüente empobrecimento.

As conseqüências do estrangulamento educacional para as regiões norte e nordeste, assim como para a Nigéria, nos próximos anos serão tremendas. Com a maioria da população analfabeta, a estagnação social e econômica do país tem um futuro certo. Se o gigante africano não combater o grupo terrorista islâmico Boko Haram, o seu futuro como país emergente, ainda que com reservas de petróleo, e o de sua população, será fadado a pobreza, a fome e a falta de condições básicas de vida.

## 2. O BOKO HARAM COMO UMA FALHA COMUNICATIVA DO MODELO DEMOCRÁTICO

### 2.1 Os atentados de 11 de setembro de 2001: uma mudança de paradigma.

O terrorismo não é um fenômeno novo na história da humanidade, mas foi com os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos que, pela primeira vez, o terrorismo passou a ocupar o epicentro da agenda internacional. Isso porque, até então, ao longo dos séculos, o terrorismo tinha sofrido inúmeras transformações metodológicas que alteraram significativamente a sua causa, o seu modo de atuação e os seus efeitos, mas não uma mudança de paradigma.

Essas inúmeras transformações metodológicas se deram em razão dos povos de diversas nações que, com o intuito alcançar os objetivos estratégicos e aterrorizar a população atacada, utilizaram-se de novas táticas de guerra que contrariavam o modelo tradicional. Segundo Laqueur: “Isso não acontece apenas em virtude dos métodos, mas também em razão dos objetivos da luta e dos personagens que foram e estão envolvidos nisso.”<sup>160</sup> Para ele:

Nenhuma definição de terrorismo possivelmente cobrirá todas as variedades de terrorismos que apareceram ao longo da história: guerra de camponeses, disputas de trabalhadores e brigandagem tem sido acompanhadas por uma sistemática do terror, e ao mesmo tempo, diz respeito em relação às guerras gerais, guerras civis, guerras revolucionárias, guerras de libertação nacional e movimentos de resistência contra ocupação estrangeira. Na maior parte dos casos, no entanto, o terrorismo não era mais do que uma estratégia severa e utilizada para subordinar um povo. <sup>161</sup>

O terrorismo em sua origem surgiu de diferentes maneiras e em virtude de inúmeras motivações, tendo como algumas delas, as religiosas, as revoltas políticas

---

<sup>160</sup> (...) *not only for its methods but also for the aims of the struggle and the character of the people that were and are involved in it.* LAQUEUR, Walter. *A History of Terrorism*. New York: Little, Brown, 2002. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/183562131/Walter-Laqueur-A-History-of-Terrorism-2001-pdf>>; Acesso em: 09 de fevereiro de 2018. p. 13.

<sup>161</sup> *No definition of terrorism can possibly cover all the varieties of terrorismo that have appeared throughout history: peasant wars and labor disputes and brigandage have been accompanied by systematic terror, and the same is true with regard to general wars, civil wars, revolutionary wars, wars of national liberation and resistance movements against' foreign occupiers. In most of these cases, however, terrorism was no more than one of several strategies, and usually a subordinate one.* LAQUEUR, Walter. *Op. cit.* p. 16.

e as revoltas sociais. Aguilar menciona que, “inicialmente, o terrorismo apareceu no contexto de conflitos regionais, quando o desequilíbrio de forças desfavorecia determinado grupo que passava a utilizar de ações dirigidas a personalidades, a forças militares e a populações do próprio grupo ou de grupos rivais, na tentativa de reverter à situação em seu favor.”<sup>162</sup>

O primeiro relato sobre o terrorismo, enquanto fenômeno político se deu no primeiro século depois de Cristo, com o povo *zealot- sicarii*. Um dos primeiros grupos terroristas e um dos mais antigos da história que se tem conhecimento (séculos 63 e 73 D.C), os *zealot-sicarii*, era um grupo terrorista palestino que pertencia a seita religiosa chamada de *Sicarii*, que consistia em homens que lutavam na região das Zelotes.<sup>163</sup> Estes, segundo a Bíblia, eram guerreiros da era de Jesus que acreditavam na luta armada contra os romanos e esperavam um Messias guerreiro.

Segundo Laqueur:

Eles também são mencionados em Tácito e nas autoridades rabínicas como tendo queimado celeiros e sabotado o suprimento de água de Jerusalém. Eles eram o partido extremista, nacionalista e anti-romano e suas vítimas tanto na Palestina quanto na diáspora egípcia eram os moderados, o partido da paz judaica.<sup>164</sup>

Um outro grupo que também praticou atos terroristas nessa fase inicial, mas dez séculos depois, mais precisamente no século XI,<sup>165</sup> foi a seita denominada como “Assassinos”. Situados na região da Pérsia, os “Assassinos” possuíam algumas características que se assemelham a dos movimentos terroristas contemporâneos porque, segundo Laqueur:

Seu primeiro líder, Hassan Sibai, parece ter percebido desde cedo que seu grupo era pequeno demais para confrontar o inimigo em batalha aberta, mas que uma campanha de terror planejada, sistemática e de longo prazo realizada por uma força pequena e disciplinada poderia ser arma política mais

<sup>162</sup> AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz. *O terrorismo e as relações internacionais*. In: *Relações internacionais: polaridades e novos/velhos temas emergentes*. Organizadores: José Blanes Sala e Ana Lúcia Gasparoto. Marília: Unesp – Oficina Universitária, 2010. p. 93.

<sup>163</sup> LAQUEUR, Walter. *A History of Terrorism*. New York: Little, Brown, 2002. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/183562131/Walter-Laqueur-A-History-of-Terrorism-2001-pdf>; Acesso em: 09 de fevereiro de 2018. p. 16.

<sup>164</sup> *They are also mentioned in Tacitus and in the rabbinical authorities as having burned granaries and sabotaged Jerusalem's water supplies. They were the extremist, nationalist, anti-Roman party and their victims both in Palestine and the Egyptian diaspora were the moderates, the Jewish peace party.* LAQUEUR, Walter. *Op. cit.* p. 08.

<sup>165</sup> LAQUEUR, Walter. *Op. cit.* p. 08.

eficaz. como pequena demais para confrontar o inimigo em uma batalha aberta, mas que uma campanha de terror planejada, sistemática e de longo prazo realizada por uma força pequena e disciplinada poderia ser uma arma política mais eficaz.<sup>166</sup>

Nessa fase inicial do terrorismo, que ainda não era assim denominado, inúmeros são os relatos de grupos e/ou seitas que se utilizaram de práticas inovadoras de guerra, semelhantes às práticas terroristas, como uma forma de inovação na estratégia. Porém, foi com a Revolução Francesa no ano de 1789 que pela primeira vez a expressão terrorismo foi popularizada<sup>167</sup> e passou a ser utilizada para definir o “Regime de Terror” daquele movimento.

Muito embora o termo tenha sido utilizado para denominar o “Regime de Terror” que o governo Robespierre utilizou em nome da revolução e da queda da monarquia francesa, diferentemente do que ocorre nos dias atuais, o termo “terrorismo” tinha uma conotação positiva, haja vista que “O sistema ou regime de *la terreur* de 1793/1794 - do qual veio a palavra inglesa - foi adotado como um meio de estabelecer a ordem durante o transitório período anárquico de turbulência e convulsões que se seguiu às revoltas de 1789, como ocorrera em muitas outras revoluções.”<sup>168</sup>

Assim, o terrorismo do século XVIII de Robespierre ficou conhecido como a política do terror praticada pelo próprio Estado, em que “O regime do terror era um instrumento de governança exercido pelo recém-estabelecido Estado revolucionário. Foi projetado para consolidar o poder do novo governo, intimidando contrarrevolucionários, subversivos e todos os outros dissidentes que o novo regime considerava como “inimigos do povo”.”<sup>169</sup>

<sup>166</sup> *Their first leader, Hassan Sibai, seems to have realized early on that his group was too small to confront the enemy in open battle but that a planned, systematic, long-term campaign of terror carried out by a small, disciplined force could be a most effective political weapon. as too small to confront the enemy in open battle but that a planned, systematic, long-term campaign of terror carried out by a small, disciplined force could be a most effective political weapon.* LAQUEUR, Walter. *A History of Terrorism*. New York: Little, Brown, 2002. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/183562131/Walter-Laqueur-A-History-of-Terrorism-2001-pdf>; Acesso em: 09 de fevereiro de 2018. p. 08.

<sup>167</sup> HOFFMAN, Bruce. *Inside Terrorism*. New York: Columbia University Press, 2004.p. 15.

<sup>168</sup> *The system or regime de la terreur of 1793-4-from which the English word came -was adopted as a means to establish order during the transient anarchical period of turmoil and upheaval that followed the uprisings of 1789, as it has followed in the wake of many other revolutions.* HOFFMAN, Bruce. *Op. cit.* p. 15.

<sup>169</sup> *The regime de la terreur was an instrument of governance wielded by the recently established revolutionary state. It was designed to consolidate the new government's power by intimidating counter-revolutionaries, subversives and all other dissidents whom the new regime regarded as 'enemies of the people'.* HOFFMAN, Bruce. *Op. cit.* p. 15

Mas em virtude de ter sido utilizado pelo governo de Robespierre e pelos jacobinos como uma forma de intimidação através de atos de violência e a eliminação sumária de eventuais contrarrevolucionários com o propósito educativo e defensivo em relação à temida reação absolutista e o conseqüente fim dos ideais, esse “Regime do terror” foi o período mais sangrento da Revolução Francesa, fazendo com que as expressões terror e terrorismo deixassem de ter uma conotação positiva e passassem a ter uma denotação negativa, pois remetia aos abusos com implicações criminais cometidos por eles.

A Revolução Francesa modificou a estrutura estatal, política, econômica e social da França na época, o que influenciou segundo Hoffman destaca, no “(...) advento do nacionalismo, suas noções de estrutura de estado e cidadania baseada em uma identidade comum de povo”<sup>170</sup>, isto é, influenciou na criação dos novos modelos de Estados-nação. Até então, o povo ainda não havia sido despertado para esse sentimento nacionalista de que tudo pertence à nação e que a nação pertence ao povo, pois estava acostumado a existência de um soberano, a existência de uma hierarquia. Hoffman menciona que:

Uma das repercussões mais duradouras da Revolução Francesa foi o ímpeto que deu ao sentimento anti-monárquico em outros lugares da Europa. A subserviência popular aos governantes que derivavam sua autoridade de Deus através do “direito divino de governo”, não de seus súditos, era cada vez mais questionada por um continente politicamente desperto. O advento do nacionalismo, e com ele as noções de estado e cidadania baseadas na identidade comum de um povo e não na linhagem de uma família real, resultaram na unificação e criação de novos estados-nações como a Alemanha e a Itália.<sup>171</sup>

Desta forma, o século XIX foi marcado por inúmeras transformações estruturais em seus modelos de Estado, de economia e de relações sociais e isso se deu também, em virtude da Revolução Industrial ocorrida durante esse período. Hoffman descreve que essas enormes mudanças socioeconômicas criaram novas ideologias universalistas em razão das condições de alienação e exploração do capitalismo da Revolução Industrial.

<sup>170</sup> HOFFMAN, Bruce. *Inside Terrorism*. New York: Columbia University Press, 2004. p. 05.

<sup>171</sup> *One of the French Revolution's more enduring repercussions was the impetus it gave to anti-monarchical sentiment elsewhere in Europe. Popular subservience to rulers who derived their authority from God through 'divine right of rule', not from their subjects, was increasingly questioned by a politically awakened continent. The advent of nationalism, and with it notions of statehood and citizenship based on the common identity of a people rather than the lineage of a royal family, were resulting in the unification and creation of new nation-states such as Germany and Italy.* HOFFMAN, Bruce. *Op. cit.* p. 17.



Segundo ele:

Deste meio surgiu uma nova era de terrorismo, na qual o conceito ganhou muitas das conhecidas conotações revolucionárias e antiestatais de hoje. Seu principal progenitor era sem dúvida o extremista reposticano italiano Carlo Pisacane, que havia abandonado seu direito de primogenitura como duque de San Giovanni apenas para perecer em 1857, durante uma revolta malograda contra o governo Bourbon. Apaixonado defensor do federalismo e do mutualismo, Pisacane é lembrado menos por essa razão do que pela teoria da "propaganda por ação", à qual ele atribui a definição de uma ideia que exerceu um influência convincente sobre rebeldes e terroristas desde então. "A propaganda da ideia é uma quimera", escreveu Pisacane.<sup>172</sup>

Hoffman descreve que Pisacane, ao pensar na utilização de práticas de violência e de terrorismo, visava chamar a atenção da população como uma forma de dar publicidade para a causa, como uma forma de educar e, também, como uma forma de mobilizar as massas para a revolução. Segundo o autor: "O objetivo didático da violência, argumentava Pisacane, nunca poderia ser efetivamente substituído por panfletos, cartazes de parede ou assembleias."<sup>173</sup>

Mas ainda assim, mesmo diante de todas essas transformações e revoluções, no início do século XIX existiam Estados que mantinham a monarquia como modelo de Estado. A Rússia era um desses Estados que adentrou nesse novo século governada pela monarquia. Em razão disso, esse novo modelo de terrorismo pensado primeiramente por Pisacane, foi utilizado pela primeira vez, segundo Laqueur, com os revolucionários russos nacionalistas do partido Bolchevique que iniciaram um movimento nacionalista, cujo intuito era o de derrubar a monarquia no fim do século XIX.<sup>174</sup>

Nasce assim, de acordo com a classificação pensada por David Rapoport, o terrorismo moderno. Para o autor: "O terror moderno começou na Rússia em 1880 e em uma década na Europa Ocidental, nos Bálcãs e na Ásia."<sup>175</sup> Rapoport menciona

---

<sup>172</sup> *From this milieu a new era of terrorism emerged, in which the concept had gained many of the familiar revolutionary, anti-state connotations of today. Its chief progenitor was arguably the Italian republican extremist, Carlo Pisacane, who had forsaken his birthright as duke of San Giovanni only to perish in 1857 during an ill-fated revolt against Bourbon rule. A passionate advocate of federalism and mutualism, Pisacane is remembered less on this account than for the theory of 'propaganda by deed', which he is credited with defining -an idea that has exerted a compelling influence on rebels and terrorists alike ever since. 'The propaganda of the idea is a chimera, Pisacane wrote. HOFFMAN, Bruce. Inside Terrorism. New York: Columbia University Press, 2004.p. 17.*

<sup>173</sup> the didactic purpose of violence, Pisacane argued, could never be effectively replaced by pamphlets, wall posters or assemblies. HOFFMAN, Bruce. *Op. cit.* p. 17.

<sup>174</sup> LAQUEUR, Walter. *A History of Terrorism*. New York: Little, Brown, 2002. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/183562131/Walter-Laqueur-A-History-of-Terrorism-2001-pdf>>; Acesso em: 09 de fevereiro de 2018, p. 20.

<sup>175</sup> *The modern terror began in Russia in the 1880 and within a decade appeared in Western Europe,*

que o terrorismo moderno apresenta quatro momentos distintos que, segundo a classificação dada por ele, serão denominados como quatro ondas do terrorismo moderno. Essas ondas são: “(...) um ciclo de atividade em um determinado período de tempo - ciclo caracterizado pelas fases de expansão e contração.”<sup>176</sup>

A primeira onda do terrorismo moderno se deu, assim como que com os russos, com os nacionalistas irlandeses, macedônios, sérvios e armênios que também utilizaram de métodos terroristas para lutarem pela sua autonomia ou pela independência nacional. Essa onda é relacionada a uma situação política interna do Estado, isto é, a uma situação política doméstica de um determinado Estado.

Segundo Rapoport: “O ponto alto da primeira onda de atividades terroristas internacionais ocorreu na década de 1890, às vezes chamada de “Idade de Ouro do Assassinato”, quando monarcas, primeiros-ministros e presidentes eram derrubados, um após o outro, geralmente por assassinos que se moviam facilmente através de organizações internacionais e fronteiras.”<sup>177</sup>

Hoffman descreve que os nacionalistas da Bósnia se opuseram a suserania dos Habsburgo e iniciaram em 28 de junho de 1914 a prática de inúmeros atentados terroristas, inclusive o que culminou no início da Primeira Guerra Mundial que foi o assassinato do Arquiduque Franz Ferdinand dos Habsburgo em Sarajevo. Para o autor, essa significação de terrorismo revolucionário se manteve até o advento da Primeira Guerra Mundial.<sup>178</sup>

Nesse momento da história, após a Primeira Guerra Mundial, inicia-se a segunda onda do terrorismo moderno, designada por Rapoport como uma onda “anticolonialista”, que se desenvolveu em virtude das condições estabelecidas pelo Tratado de Versalhes após o término da Primeira Guerra Mundial. Para o autor: “As campanhas de terror da segunda onda foram travadas em territórios onde conflitos políticos especiais tornaram a saída uma opção menos atraente. Judeus e árabes na

---

*the Balkans and Asia.* RAPOPORTY, David C. *The four waves of modern terrorism.* In: *Attacking Terrorism: Elements of a Grand Strategy*, por A. K. Croni and J. M. Ludes, 46-73. Washington, DC: Georgetown University Press, 2004. p. 47.

<sup>176</sup> *It is a cycle of activity in a given time period – cycle characterized by expansion and contraction phases.* RAPOPORTY, David C. *The four waves of modern terrorism.* In: *Attacking Terrorism: Elements of a Grand Strategy*, por A. K. Croni and J. M. Ludes, 46-73. Washington, DC: Georgetown University Press, 2004. p. 47.

<sup>177</sup> *The high point of the first wave of international terrorist activity occurred in the 1890s, sometimes called the “Golden Age of Assassination” – when monarchs, prime ministers, and presidents were struck down, one after another, usually by assassins who moved easily across international borders.* RAPOPORTY, David C. *Op. cit.* p. 52.

<sup>178</sup> HOFFMAN, Bruce. *Inside Terrorism.* New York: Columbia University Press, 2004.p. 21.

Palestina, por exemplo, tinham versões dramaticamente conflitantes do que o término do domínio britânico deveria significar.”<sup>179</sup> Eram conflitos relacionados a retirada dos colonizadores de suas colônias e as táticas mudaram nesse momento. Agora, ao invés de ataques a políticos, a segunda onda utilizava-se de ataques à polícia, através da estratégia de eliminar os oficiais e/ou os seus familiares, em razão de serem, nas palavras de Rapoporty, os olhos e os ouvidos dos governos.

Já na década de 1930, Hoffman demonstra que novamente o significado do terrorismo é alterado, passando a ser considerado como algumas “práticas de repressão em massa empregadas por estados totalitários e seus líderes ditatoriais, contra seus próprios cidadãos.”<sup>180</sup> O autor menciona que o termo novamente muda de conotação, e retorna a sua significação anterior: “Assim, o termo recuperou suas conotações antigas de abuso de poder pelos governos, e foi aplicado especificamente aos regimes autoritários que haviam chegado ao poder na Itália fascista, na Alemanha nazista e na Rússia stalinista.”<sup>181</sup>

Contudo, com o advento da Segunda Guerra Mundial em 1939, novamente o significado de terrorismo retorna a conotação anterior, de movimento revolucionário, assemelhando-se a significação atual. Hoffman descreve que: “Naquela época, o termo era usado principalmente em referência às violentas revoltas então processadas pelos vários grupos nacionalistas/anticolonialistas indígenas que surgiram na Ásia, África e Oriente Médio durante o final da guerra.”<sup>182</sup>

Nesse ponto, um fator crucial desencadeia o desenvolvimento da terceira onda do terrorismo moderno, segundo Rapoporty: “a guerra do Vietnã.”<sup>183</sup> Isso se deu em razão da atuação dos vietnamitas contra os Estados Unidos, derrotando-o,

---

<sup>179</sup> *The terror campaigns of the second wave were fought in territories where special political problems made withdrawal a less attractive option. Jews and arabs in Palestin, for exemple, had dramatically conflicting versions of what the termination of British rule was supposed to mean.* RAPOPORTY, David C. *The four waves of modern terrorism.* In: *Attacking Terrorism: Elements of a Grand Strategy*, por A. K. Croni and J. M. Ludes, 46-73. Washington, DC: Georgetown University Press, 2004. p. 54.

<sup>180</sup> HOFFMAN, Bruce. *Inside Terrorism.* New York: Columbia University Press, 2004. p. 23.

<sup>181</sup> *Thus the term regained its former connotations of abuse of power by governments, and was applied specifically to the authoritarian regimes that had come to power in Fascist Italy, Nazi Germany and Stalinist Russia.* HOFFMAN, Bruce. *Op. cit.* p. 17.

<sup>182</sup> *At that time, the term was used primarily in reference to the violent revolts then being prosecuted by the various indigenous nationalist/anti-colonialist groups that emerged in Asia, Africa and the Middle East during the late 1940s and 1950s to oppose continued European rule.* HOFFMAN, Bruce. *Op. cit.* p. 25.

<sup>183</sup> RAPOPORTY, David C. *Op. cit.* p. 56.

mesmo belicamente inferior, motivando jovens ocidentais a lutarem contra o sistema vigente.

O terrorismo moderno da terceira onda manteve a sua conotação revolucionária nas décadas de 1960 e 1970. Porém agora, ele passou a abranger não somente os movimentos nacionalistas, mas também os movimentos separatistas nacionalistas, os movimentos étnicos fora da estrutura colonial ou neocolonial e os grupos e/ou organizações radicais ideologicamente motivadas.<sup>184</sup> Isso porque, de acordo com Hoffman:

Minorias nacionalistas destituídas ou exiladas - como a OLP, o grupo separatista do Quebec, (FLQC Front de Liberation du Quebec), o ETA basco (Euskadi ta Askatasuna, ou Liberdade para a Pátria Basca) e até mesmo um desconhecido grupo irredentista Molucano do Sul buscando independência da Indonésia. adotaram o terrorismo como um meio de chamar a atenção para si mesmos e suas respectivas causas, em muitos casos com o objetivo específico, como seus predecessores anticoloniais, de atrair simpatia e apoio internacional.<sup>185</sup>

Nesse momento também, em virtude da polarização da Guerra Fria, surge, o que Rapoporty chamou de “*New Left*”<sup>186</sup>, movimentos que pretendiam estabelecer o regime socialista. Nessa terceira onda, ações teatrais e sequestros para estabelecer negociações eram as estratégias utilizadas pelos terroristas.

Mas foi na década de 1980 que o terrorismo passou a ser considerado como uma forma de desestabilizar o Ocidente, como parte de uma vasta conspiração global, segundo Hoffman.<sup>187</sup> Neste momento, o terrorismo passa a se assemelhar ao terrorismo que presenciamos nos dias atuais. Segundo o autor:

Consequentemente, esse fenômeno - por meio do qual vários governos estrangeiros renegados, como os regimes do Irã, Iraque, Líbia e Síria - envolveram-se ativamente no patrocínio ou comissionamento de atos terroristas - substituíram as teorias da conspiração comunista como o principal contexto em que o terrorismo era visto. O terrorismo tornou-se assim associado a um tipo de guerra secreta ou substituta, em que estados mais

<sup>184</sup> HOFFMAN, Bruce. . *Inside Terrorism*. New York: Columbia University Press, 2004. p. 26.

<sup>185</sup> *Disenfranchised or exiled nationalist minorities -such as the PLO, the Quebecois separatist group FLQC Front de Liberation du Quebec), the Basque ETA (Euskadi ta Askatasuna, or Freedom for the Basque Homeland) and even a hitherto unknown South Moluccan irredentist group seeking independence from Indonesia adopted terrorism as a means to draw attention to themselves and their respective causes, in many instances with the specific aim, like their anti-colonial predecessors, of attracting international sympathy and support.* HOFFMAN, Bruce. *Op. cit.* p. 26.

<sup>186</sup> Nova esquerda. RAPOPORTY, David C. *The four waves of modern terrorism*. In: *Attacking Terrorism: Elements of a Grand Strategy*, por A. K. Croni and J. M. Ludes, 46-73. Washington, DC: Georgetown University Press, 2004.p. 56.

<sup>187</sup> HOFFMAN, Bruce. *Op. cit.* p. 27.

fracos poderiam confrontar rivais maiores e mais poderosos sem o risco de retribuição.<sup>188</sup>

Essa fase do terrorismo, segundo a classificação de Rapoport, gerou a quarta onda do terrorismo moderno, a onda que tem motivação religiosa e teve início com a Revolução Islâmica no Irã, em 1979. Para o autor: “Os elementos religiosos sempre foram importantes no terrorismo moderno porque as identidades religiosas e étnicas freqüentemente se sobrepõem.”<sup>189</sup>

Ainda que se tenha conhecimento de que o terrorismo era um método amplamente utilizado desde os primórdios das civilizações e que a sua evolução o transformou nesse período em estratégia militar estatal e em estratégia revolucionária, durante as décadas de 1930 a 1990, o terrorismo era um assunto pouco abordado pelos governos em termos de relações internacionais e, quando o era, era analisado como se a sua única ameaça residisse no perigo de que algum estado comercializasse armas e armas nucleares a indivíduos e/ou a organizações terroristas<sup>190</sup> em razão do que ocorrera na Segunda Guerra Mundial e das “(...) revoltas violentas levadas adiante na época por grupos nacionalistas e anticolonialistas que surgiram na Ásia, África e Oriente Médio.”<sup>191</sup>

Até esse momento, segundo Schelling<sup>192</sup> o terrorismo era enquadrado no mesmo patamar que outras ameaças internacionais se encontravam, qual seja, no patamar das relações estatais e do massacre civilizacional. Era o então conhecido terrorismo de Estado, que, segundo Laqueuer, em uma perspectiva histórica, nada

---

<sup>188</sup> *Consequently, this phenomenon -whereby various renegade foreign governments such as the regimes in Iran, Iraq, Libya and Syria became actively involved in sponsoring or commissioning terrorist acts -replaced communist conspiracy theories as the main context within which terrorism was viewed. Terrorism thus became associated with a type of covert or surrogate warfare whereby weaker states could confront larger, more powerful rivals without the risk of retribution.* HOFFMAN, Bruce. *Inside Terrorism*. New York: Columbia University Press, 2004.. p. 27.

<sup>189</sup> *Religious elements have always been important in modern terrorism because religious and ethnic identities often overlap.* RAPOPORTY, David C. *The four waves of modern terrorism*. In: *Attacking Terrorism: Elements of a Grand Strategy*, por A. K. Croni and J. M. Ludes, 46-73. Washington, DC: Georgetown University Press, 2004.p. 61.

<sup>190</sup> AREND, Hugo. *O 11/9 e seus significados teóricos e políticos para a segurança internacional*. In: *Direitos Humanos e terrorismo/org*. Rosa Maria Zaia Borges, Augusto Jobim do Amaral, Gustavo Oliveira de Lima Pereira. Porto Alegre: EDIPUCS, 2014. p. 84/85.

<sup>191</sup> HOFFMAN, Bruce. *Op. cit.* p. 16.

<sup>192</sup> SCHELLING, Thomas. *Who will have the bomb?* In: AREND, Hugo. *O 11/9 e seus significados teóricos e políticos para a segurança internacional*. In: *Direitos Humanos e terrorismo/org*. Rosa Maria Zaia Borges, Augusto Jobim do Amaral, Gustavo Oliveira de Lima Pereira. Porto Alegre: EDIPUCS, 2014. p. 85.

mais era do que o renascimento de certas formas de violência política cujo alvo era as relações políticas, econômicas e sociais estatais.<sup>193</sup>

Ainda que as massas, isto é, a população civil dos Estados em guerra, é que eram atingidas por esse terrorismo de Estado, tais ações eram tidas como estratégias bélicas em que, nas palavras de Domenico Losurdo: “são massacradas dezenas e dezenas de milhares de civis desarmados do velho inimigo (antes do ex - inimigo que se prepara para transforma-se em aliado) a fim de aterrorizar o aliado, já considerado como novo inimigo.”<sup>194</sup>

Portanto, até esse momento, o terrorismo era utilizado como uma arma de guerra por um Estado e/ou grupos e organizações contra outro Estado em razão da sua inferioridade bélica diante do Estado inimigo. Mas com o fim da guerra fria em 1989, com o advento da globalização, com o surgimento de um mundo multipolar e da consequente rede de comunicação global, os terroristas enxergaram uma nova forma de atuação cujo impacto, ainda que pequeno, seria difundido em larga escala fazendo com que os objetivos fossem alcançados mais facilmente.

Ocorre assim a mudança de paradigma do terrorismo que foi concretizada com os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001. O terrorismo passou a ser utilizado por grupos e/ou organizações menores, ou até mesmo por um único indivíduo, contra um alvo específico: a população civil de um determinado Estado, nascendo assim uma nova fase: a do terrorismo de massa. Isso porque, segundo Hobsbawn:

“(...) o alcance universal da televisão desde então fez com que as ações politicamente mais efetivas não mais fossem as que visavam diretamente os dirigentes políticos, e sim as que buscavam o máximo impacto na divulgação. (...) Um dos sinais infelizes de barbarização está na descoberta, pelos terroristas, de que, sempre que tenha vulto suficiente para aparecer nas telas do mundo, o assassinato em massa de homens e mulheres em lugares públicos tem mais valor como provocador de manchetes do que todos os outros alvos das bombas, com exceção dos mais célebres e simbólicos.”<sup>195</sup>

E essa foi à novidade trazida pela organização fundamentalista *Al - Qaeda* de Osama Bin Laden para os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, que de

<sup>193</sup> LAQUEUR, Walter. *A History of Terrorism*. New York: Little, Brown, 2002. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/183562131/Walter-Laqueur-A-History-of-Terrorism-2001-pdf>; Acesso em: 09 de fevereiro de 2018, p. 29.

<sup>194</sup> LOSURDO, Domenico. *A linguagem do império: léxico da ideologia estadunidense*. Tradução: Jaime A. Clasen. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 21.

<sup>195</sup> HOBBSAWM, Eric. *Democracia, Globalização e Terrorismo*; tradução José Viegas. São Paulo: Companhia das letras, 2007. p. 131.

modo abalou para sempre a estrutura mundial: Quatro ataques simultâneos em lugares públicos simbólicos executados por apenas dezenove terroristas que sequestraram e derrubaram quatro aviões comerciais com passageiros, atacando e matando nesses lugares um número elevado da população civil norte americana, com divulgação instantânea pelas redes de comunicação em escala global.

Todos assistiam cheios de incertezas ao que estava acontecendo. Lembrome exatamente o que fazia no dia dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001: Estava em sala de aula, na 6ª série do ensino fundamental II, e a aula foi interrompida pela diretora da escola que informou, através do rádio da escola, que algo estava acontecendo em Nova York e que não se sabia ao certo ainda o que era, mas que em virtude da gravidade, as aulas estavam sendo dispensadas, sendo todos os alunos liberados para retornarem as suas casas. Chegando em casa, eu e minha mãe ficamos assistindo ao acontecimento ao vivo sem entender o que estava acontecendo e com muito medo.

Mas foi quando a segunda torre do *World Trade Center* foi atingida que os Estados Unidos da América e o mundo passaram a ser tomados pelo terror. Foi nesse instante que se percebeu que não havia acontecido um dos piores acidentes aéreos da história, mas sim, que estava acontecendo um dos piores atentados terroristas da história mundial. Jean Baudrillard menciona que a destruição das torres através do duplo impacto com alguns minutos de intervalo, fez com o suspense levasse o mundo a crer que poderia tratar-se de um acidente aéreo, mas o segundo impacto assinou o ato terrorista.<sup>196</sup>

Pronto! Chegamos ao ponto alto dessa nova modalidade de terrorismo: o Medo. Os terroristas dessa nova modalidade são indivíduos, grupos e/ou organizações que ainda não possuem um poderio bélico para confrontar um Estado, como por exemplo, os Estados Unidos. Porém, agora eles possuem uma arma que amplia os impactos de um atentado: o medo e as redes de comunicação global que o propagam de forma indiscriminada e incerteza.

Foi com esse atentado, amplamente divulgado em rede mundial, que o terrorismo passou a ser conhecido e temido por todo o mundo como uma espécie de terror político e/ou econômico praticado por um inimigo invisível que o Estado atacado não consegue combater, em virtude dessa invisibilidade pois, até que a AI –

---

<sup>196</sup> BAUDRILLARD, Jean. *Power inferno*. Traduzido por Juremir Machado da Silva, 2ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2007.p. 15/16.

*Qaeda* emitisse o seu pronunciamento reivindicando os atentados terroristas, todos acreditavam que eram atentados, porém, ninguém sabia informar ao certo o que estava acontecendo, se iriam ocorrer mais atentados, se seria apenas nos Estados Unidos ou se ocorreriam em outros países do mundo e quem eram os terroristas.

O mundo se viu assolado pelo sentimento de pânico e de medo, e de mãos atadas por não conseguir identificar quem eram as pessoas que estavam cometendo aqueles atos. Portanto, nessa nova modalidade, o medo, segundo Barber, “(...) é a arma e o catalisador do terrorismo, o multiplicador e amplificador de incidentes terroristas reais que, afinal, vistos em escala mundial, são pouco frequentes.”<sup>197</sup> O terrorismo agora é tido como um instrumento, um meio de “(...) criar pânico, espalhar o medo, generalizar o sentimento de incapacidade nas massas, para que um pequeno grupo que nunca atingiria o poder por vias democráticas, consiga dialogar com o Estado e impor-lhe as suas condições, quando não mesmo substituir o dito Estado na sua sede de poder político.”<sup>198</sup>

Outra novidade dessa nova modalidade de terrorismo, de acordo com Habermas, foi à força simbólica dos objetivos atingidos. Os atentados às torres gêmeas “(...) não só desfizeram as mais altas torres de Manhattan em ruínas fisicamente, mas destruíram um ícone do repertório de imagens da nação americana.”<sup>199</sup> Jean Baudrillard, assim como Habermas, entende que:

O desabamento das torres é o acontecimento simbólico maior. Imaginem se elas não tivessem desabado, ou que apenas uma delas desabasse, o efeito não seria de modo algum o mesmo. A prova gritante da fragilidade da potência mundial não teria sido a mesma. As torres, que eram o emblema dessa potência, ainda a encarnam nesse fim dramático, que lembra um suicídio. Vendo-as desabar sozinhas, como numa implosão, tinha-se a impressão de que estavam suicidando-se em resposta ao suicídio dos aviões suicidas.<sup>200</sup>

E a escolha das Torres Gêmeas como alvo do ataque pelos terroristas não foi aleatória, segundo Han<sup>201</sup>. Além do ataque ser à maior potência econômica do

<sup>197</sup> BARBER, Benjamin. R. *O Império do medo – Guerra, terrorismo e democracia*. Tradução de Renato Bittencourt. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 47.

<sup>198</sup> LARA, António de Sousa. *O terrorismo e a ideologia do ocidente*. Coimbra: Edições Almedina, AS. p. 43.

<sup>199</sup> HABERMAS, Jürgen. *O ocidente dividido: pequenos escritos políticos X*. Tradução Bianca Tavorari, 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2016. p. 29.

<sup>200</sup> BAUDRILLARD, Jean. *Power inferno*. Traduzido por Juremir Machado da Silva, 2ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2007.p. 16.

<sup>201</sup> GELI, Carles. *Byung-Chul Han: “Hoje o indivíduo se explora e acredita que isso é realização”* Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/07/cultura/1517989873\\_086219.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/07/cultura/1517989873_086219.html)>;



mundo que interfere diretamente na sociedade dos outros países, para ele, as Torres Gêmeas, edifícios idênticos que se refletiam mutuamente, simbolizavam a imposição do igual, do idêntico, excluindo o diferente.

O mundo, no momento dos atentados e do desabamento das torres, estava assistindo antagônico e assustado, nas palavras de Octavio Ianni, “(...) o desabar de dois pilares do neoliberalismo e do ocidentalismo, isto é, do capitalismo.”<sup>202</sup> O autor ainda descreve que:

Em um instante, no centro da maior potência mundial, dois de seus mais notáveis símbolos são agredidos e desmoronam, arruinados. Em um instante, o poder econômico e o poder militar, compreendendo o monopólio da exploração e o monopólio da violência, são postos em causa, deixando de ser intocáveis. São as duas principais alavancas da supremacia das elites governantes e classes dominantes norte-americanas do mundo. Simbolizam as teias, redes ou sistemas com os quais essas elites e classes se associam com elites governantes e classes dominantes da maioria das nações do mundo.<sup>203</sup>

Em poucas horas os símbolos que representavam a hegemonia norte – americana haviam sido destruídos. Ianni menciona que: “(...) o que parecia estabelecido, quieto em sua calma, revela-se desconhecido. De repente instala-se a descontinuidade, instabilidade, aflição, medo, terror.”<sup>204</sup>

O outro fator chave trazido como novidade pelos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 que fez do medo sua principal arma, é que, nas palavras de Habermas, “(...) não se sabe em verdade quem é o inimigo.”<sup>205</sup> O inimigo, até que ele próprio, por sua escolha se identifique e reivindique o atentado, é um inimigo invisível que fragiliza e contesta as soberanias estatais e o poderio militar dos Estados.

Isso porque, quando não se sabe ao certo quem é o seu inimigo, não sabe na verdade, a quem, onde e quando combater. Ou seja, o pânico e a paranoia criada por essa nova fase do terrorismo é enorme, pois, ao mesmo tempo em que não se sabe quem é o inimigo, alguém, em qualquer lugar do Estado e ou do mundo, pode ser o seu inimigo invisível.

---

Acesso em: 15 de dezembro de 2018.

<sup>202</sup> IANNI, Octavio. *Sociologia do terrorismo*. In: Estados Unidos: a supremacia contestada. Ladislau Dowbor; Octavio Ianni; Ricardo Mendes Antas Jr (org). São Paulo: Cortez, 2003. p. 19.

<sup>203</sup> IANNI, Octavio. *Op. cit.* p. 18-19.

<sup>204</sup> IANNI, Octavio. *Op. cit.* p. 19.

<sup>205</sup> HABERMAS, Jürgen. *O ocidente dividido: pequenos escritos políticos X*. Tradução Bianca Tavolari, 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2016. p. 30.

No entanto, nessa nova modalidade de terrorismo, o verdadeiro inimigo dos Estados não são os terroristas propriamente ditos, mas sim, o medo e a instabilidade ocasionada por eles, pois, belicamente, os terroristas são incapazes de derrotar os exércitos dos Estados, isto é, belicamente eles não são inimigos, mas sim, o impacto e o medo ocasionados pelos ataques é que são os verdadeiros inimigos dos Estados, pois somente o medo tem o poder de desestruturar até a mais poderosa nação bélica do mundo.

Barber menciona que: “O terrorismo pode levar um país a ficar paralisado de medo. Ele debilita os poderosos ao provocar neles uma ansiedade incapacitante. Transforma cidadãos ativos em espectadores inquietos.”<sup>206</sup> Tanto assim o é que, no dia seguinte aos ataques de 11 de setembro de 2001, o medo assolava os Estados Unidos e a invisibilidade do inimigo tornou o então presidente George W. Bush em um governante amedrontado e inquieto, ao ponto de declarar guerra aos “(...) substitutos inapropriados, mas visíveis (os “Estados párias” e os regimes maus, por exemplo) de inimigos terroristas invisíveis, que seriam na verdade, os alvos apropriados.”<sup>207</sup>

Os atentados terroristas às torres gêmeas transformaram de uma vez por todas a ordem global por ter rompido com todo e qualquer tipo de lógica até então apresentada. Houve uma quebra de paradigma quanto a separação entre o civil e o militar porque este atentado foi destinado a civis, em locais públicos frequentados por civis e sem armamento militar. Arendt em seu artigo *O 11/9 e seus significados teóricos e políticos* menciona que houve um “(...) rombo entre as fronteiras entre o civil e o militar, entre a vida nas cidades e a vida nas zonas de guerra. No 11/9, nenhum armamento militar foi empregado para causar destruição.”<sup>208</sup>

Diante dessa inovação apresentada, em que o inimigo era invisível, identificável apenas por sua livre escolha através da reivindicação do ato, no qual não foi utilizado armamento militar para o ataque e em que o ataque, embora local, na verdade, foi um ataque global em razão dos meios de comunicação o terem televisionado, cujo medo espalhou-se por todo o mundo de modo a alterar a agenda

<sup>206</sup> BARBER, Benjamin. R. *O Império do medo – Guerra, terrorismo e democracia*. Tradução de Renato Bittencourt. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 41.

<sup>207</sup> BARBER, Benjamin. *Op. cit.* p. 55.

<sup>208</sup> AREND, Hugo. *O 11/9 e seus significados teóricos e políticos para a segurança internacional*. In: *Direitos Humanos e terrorismo/org*. Rosa Maria Zaia Borges, Augusto Jobim do Amaral, Gustavo Oliveira de Lima Pereira. Porto Alegre: EDIPUCS, 2014. p. 87.

global e a fazer com que os países ocidentais alterassem de vez seus métodos de combate ao terrorismo.

Hobsbawn menciona que:

Na prática, o perigo real do terrorismo não está no risco causado por alguns punhados de fanáticos anônimos, e sim no medo irracional que suas atividades provocam e que hoje é encorajado tanto pela imprensa quanto por governos insensatos. Esse é um dos maiores perigos do nosso tempo, certamente maior do que o de pequenos grupos terroristas. (HOBSBAWN, 2007, p. 151).

O discurso do ex-presidente George W. Bush sobre os atentados demonstra nitidamente esse medo irracional e essa mudança ao mencionar que: “(...) Hoje somos um país que despertou para o perigo e que foi conclamado a defender a liberdade. Nosso pesar se tornou ira, e nossa ira se tornou determinação. Quer tragamos nossos inimigos à Justiça ou quer levemos justiça aos nossos inimigos, saibam que a justiça será feita.(...).”<sup>209</sup>

Ademais, há também uma outra quebra de paradigma. Até então, o terrorismo era originalmente utilizado por grupos e/ou organizações de um Estado que visavam garantir a instituição democrática, isto é, que visavam garantir a democracia em face de atuações totalitárias e imperialistas dos Estados, ou que visavam instituir um novo modelo de Estado ou que objetivavam a separação de um território.

Já os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, a *Al – Qaeda*, grupo fundamentalista islâmico, pratica o atentado contra os Estados Unidos devido à imposição ideológica ocidental que esse Estado exerce sobre o resto do mundo e as suas constantes interferências na política e na segurança dos Estados. Em um discurso para a TV *Al Jazeera*, Bin Laden menciona:

“Povo americano, esta mensagem é dirigida a vocês para evitar novas catástrofes, explicar a guerra, seus motivos e resultados. Eu digo a vocês, a segurança é a coisa mais importante para os seres humanos e os homens livres não arriscam a própria segurança, ao contrário da declaração de Bush de que nós odiamos a liberdade. Vamos perguntar para ele: Porque não atacamos a Suécia? Quem não gosta de liberdade, não tem a alma tão pura quanto a das 19 pessoas que Deus colocou em bom lugar. Lutamos contra vocês porque nós queremos a nossa liberdade de volta, porque nós não vamos dormir sem liberdade para o nosso povo. Como vocês ameaçaram a nossa segurança, nós vamos ameaçar a segurança de vocês. Estou

<sup>209</sup> BUSH, George W. *Confirma na íntegra o discurso de Bush após os ataques de 11/9*. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/mundo/estados-unidos/confirma-na-integra-o-discurso-de-bush-apos-os-ataques-de-119,50fb27721cfea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>; acesso em: 30 de novembro de 2017.

estranhando vocês, no quarto ano depois dos acontecimentos de 11 de setembro, Bush continua enganando vocês, escondendo a verdade e passando notícias distorcidas, os motivos verdadeiros ele não diz e o que está acontecendo agora, pode fazer com que a história se repita. Vou dizer a vocês os motivos que nos obrigaram a fazer aquilo, o instante em que tomamos a decisão, digo a vocês: - Nunca pensamos em matar gente inocente e Deus é testemunha disso. Mas depois que se esgotou a nossa paciência, e testemunhamos a barbárie da aliança entre os Estados Unidos e Israel, contra os povos da Palestina e do Líbano, passou por nossas cabeças fazer um ataque como aquele. Os motivos que me influenciaram, pessoalmente, foi o ataque ao Líbano em 1982 e a carta branca que os Estados Unidos deram a Israel para que invadissem o Líbano com a ajuda da sexta frota americana. (...)"<sup>210</sup>

Hoffman menciona que, ainda que o terrorismo lute contra a imposição ideológica ocidental do universalismo e da democracia, ele está intimamente ligado a essas ideias porque, para os terroristas, todos os indivíduos são iguais e têm o direito a ter um Estado que tenha um sistema de governo diferente dos demais Estados, mas que representa os indivíduos daquele Estado:

Ironicamente, talvez, o terrorismo em seu contexto original também estivesse intimamente associado aos ideais de virtude e democracia. O líder revolucionário Maximilien Robespierre acreditava firmemente que a virtude era a força motriz de um governo popular em paz, mas que durante o tempo da revolução deve ser aliada ao terror para que a democracia triunfasse.<sup>211</sup>

Portanto, o que a princípio motivava os terroristas a atuarem, que era a manutenção da democracia e de suas instituições, hoje, é a sua imposição forçada pelos países ocidentais que adotaram esse modelo de Estado Democrático de Direito, especialmente pelos Estados Unidos, aos demais Estados que possuem um modelo diferente, que motiva a prática de atentados, sendo, portanto, um dos pilares para o surgimento de grupos terroristas ao redor do mundo.

Logo, verificamos que o terrorismo não é um tema novo no cenário mundial, conforme muitos acreditam que ele o seja, mas sim, um método de guerra que vem sendo utilizado desde os primórdios da civilização humana e que sofrera algumas transformações metodológicas e práticas ao longo dos séculos, permanecendo até os dias atuais como um método de violência política, econômica, social e, em alguns casos, religiosa.

<sup>210</sup> FANTÁSTICO. *Bin Laden explica os motivos*. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=WB\\_KN-hf5co](https://www.youtube.com/watch?v=WB_KN-hf5co)>; Acesso em 03 de dezembro de 2018.

<sup>211</sup> *Ironically, perhaps, terrorism in its original context was also closely associated with the ideals of virtue and democracy. The revolutionary leader Maximilien Robespierre firmly believed that virtue was the mainspring of a popular government at peace, but that during the time of revolution must be allied with terror in order for democracy to triumph.* HOFFMAN, Bruce. *Inside Terrorism*. New York: Columbia University Press, 2004.p. 15.

## 2.2 A concepção ocidental dominante sobre o conceito de terrorismo após a mudança de paradigma.

Essas quebras de paradigmas do terrorismo e transformações metodológicas sofridas ao longo dos anos dificultam uma conceituação global única do instituto. A primeira tentativa de definição uniforme para o terrorismo ocorreu em 1937 segundo Breedon:

(...) através da adoção de uma convenção pela Liga das Nações. Desde 1963, a comunidade internacional elaborou catorze instrumentos jurídicos universais que tentam prevenir atos terroristas. Em 1972, o Sexto Comitê Jurídico da Assembléia Geral das Nações Unidas (ONU) tentou uma definição universal de terrorismo, mas, mais uma vez, não conseguiu chegar a um consenso. Finalmente, ao invés de uma definição universal e abrangente de terrorismo, a ONU aprovou numerosas convenções para abordar os tipos de atos violentos de terror que envolvem a aviação civil. Tomada de reféns, certos tipos de bombardeamento, e o financiamento organizado transnacional de ações terroristas.<sup>212</sup>

Para Breendon: “As definições conflitantes de terrorismo “entre os atores regionais” mostram as lacunas de opinião sobre o terrorismo, e também mostra como a indefinição universal, a princípio, é usada como retórica política para rebaixar qualquer violência com a qual o governo não pode processar ou evitar.”<sup>213</sup>

Aqueles que dedicam seus estudos ao terrorismo, ao longo deles, nas palavras de Stern<sup>214</sup>, confrontam-se com diversas definições para o instituto, pois elas se diferenciam quanto ao que pratica, quanto ao propósito e quanto às técnicas. Dentro dessas três vertentes, centenas são as definições encontradas para o terrorismo. Porém, para a autora, apenas duas delas são cruciais para a sua definição.

<sup>212</sup> (...) through the adoption of a convention at the League of Nations. Since 1963, the international community has elaborated fourteen universal legal instruments attempting to prevent terrorist acts. In 1972, the Sixth Legal Committee of the United Nations (UN) General Assembly attempted a universal definition of terrorism but, once again, failed to reach a consensus. Finally, in lieu of a universal, overarching definition of terrorism, the UN passed numerous conventions to address types of violent acts of terror involving civil aviation, the taking of hostages, certain types of bombing, and the transnational organized financing of terror acts. BREEDON, Jennifer. *Redefining terrorism: the danger of misunderstanding the modern world's gravest threat*. Revista de Direito Internacional. Brazilian Journal of International Law. Volume 12, N.2. Teoria do Direito Internacional. ISSN 2237-1036. Brasília: Uniceube, 2015. p. 466.

<sup>213</sup> The conflicting definitions of terrorism” amongst regional actors displays the gaps in opinion of terrorism, but also shows how the universally undefined principle is used as political rhetoric to downgrade any violence with which the government cannot prosecute or prevent. BREEDON, Jennifer. *Op. cit.* p. 467.

<sup>214</sup> STERN, Jessica. *Terror em nome de Deus*. São Paulo: Ed. Barcarolla, 2004. p. XIX.

A primeira delas é a de que o terrorismo não é uma estratégia de guerra, em razão do fato de que ele ocorre longe dos campos de batalha, sendo, portanto, um ato de violência praticado por inimigos invisíveis contra civis de determinados Estados. Já a segunda delas é a de que o intuito, ou seja, o objetivo do instituto é de ocasionar medo e demonstrar a fragilidade do Estado nesse setor. De acordo com autora “Essa fabricação deliberada de terror é que distingue os atos de terrorismo dos assassinatos ou assaltos comuns.”.<sup>215</sup>

A partir dessas duas vertentes cruciais, para o autor Souza Júnior, necessário se faz, primeiramente, a resolução de alguns dilemas para se chegar a uma única definição do terrorismo, sendo eles:

- a) O propósito terrorista. O terrorismo é restrito à busca de certos objetivos, por exemplo, objetivos políticos? Se sim, qualquer objetivo político é suficiente para chegar a um objetivo terrorista? Existem objetivos não-políticos suficientes para um propósito terrorista? Poderia haver atos terroristas que não têm qualquer objetivo em particular?
- b) A ação terrorista. Que tipo de ato conta como atos de terrorismo? Devem ser incluídos apenas atos que causem mortes ou sérios danos físicos, ou deve-se incluir danos à propriedade ou as ameaças de fazer qualquer um desses atos?
- c) O alvo terrorista. Qualquer um pode ser alvo da ação de terrorismo? Os atos terroristas são restritos aos ataques a não combatentes? Se sim, o que pode ser definido como “combatentes”? Ou os combatentes podem ser alvos de terrorismo em conflitos armados?
- d) O método terrorista. Os atos terroristas precisam se relacionar com a busca da finalidade terrorista de forma particular? O terror é central para o terrorismo, ou pode ocorrer um ato que nem aterrorize, nem intimide as pessoas, ser um ato de terrorismo?
- e) O terrorista. Qualquer um pode cometer um ato de terrorismo? Os terroristas sempre agem em grupos ou atos individuais podem ser considerados também? Pode um Estado ou seus representantes cometerem atos de terrorismo?<sup>216</sup>

Ocorre que, mesmo após a resolução desses dilemas propostos por Souza Junior, ainda não se obtêm uma definição única para o instituto, pois a grande questão da diversidade conceitual do “terrorismo” está no fato dessas diversas variantes influenciarem diretamente nessas duas vertentes cruciais. Portanto, variantes como questões políticas, econômicas, culturais, religiosas e históricas influenciam diretamente nessa conceituação do instituto, uma vez que a

<sup>215</sup> STERN, Jessica. *Terror em nome de Deus*. São Paulo: Ed. Barcarolla, 2004. p. XIX.

<sup>216</sup> FRIZZERA, Guilherme; SOUZA JÚNIOR, José Maria de. *Tipificando o Terrorismo no Congresso Brasileiro: os projetos de lei e literatura acadêmica*. BJIR, Marília, v. 4, n. 1, p. 111-134, jan./abr. 2015. p. 116.

conceituação do terrorismo está diretamente ligada às diversas variantes daquele que o define.

De acordo com Alcântara, diversas são as interpretações para o terrorismo:

A interpretação pode se dar de maneiras diversas: o terrorismo pode ser interpretado como um crime, como um ato de guerra, como um ato religioso ou como um ato político. Cabe ressaltar que não existe uma abordagem certa ou errada, e elas não são excludentes entre si. Um ato terrorista pode ser considerado criminoso e com consequências políticas, ou pode ser visto, dependendo do contexto, como um sacrifício religioso; ou ainda o atentado em si pode ser considerado um meio de comunicação, a fim de passar uma mensagem de terror para as pessoas, o que Alex Schmid<sup>217</sup> considera como “a linguagem de sangue”<sup>218</sup>

Portanto, na impossibilidade de se definir o terrorismo com apenas um conceito único e global, a concepção dominante sobre o instituto é a de que o terrorismo é uma violência premeditada por um inimigo invisível (um indivíduo e/ou um grupo) contra a população civil de um determinado Estado, com o intuito de propagar o medo, sua principal arma, tendo em vista a inferioridade bélica desse inimigo com relação ao Estado.

Essa concepção dominante está presente, ainda que de forma não clara, nos conceitos de terrorismo dados pelos principais estudiosos do tema. Para Jessica Stern, o terrorismo é um ato de violência contra não combatentes, com o objetivo de produzir vingança, intimidação ou qualquer outra forma de se influenciar um grupo.<sup>219</sup>

Já para Benjamin Barber, outro autor de grande importância sobre o tema, o terrorismo é o:

(...) produto de ideologias intoxicantes e fanatismo religioso, bem como de circunstâncias históricas, para as quais os Estados Unidos, com seu extraordinário poderio militar, econômico e cultural, contribuíram de alguma forma – seja inadvertidamente, seja por meio de ambições imperialistas, ou talvez, com maior probabilidade, pela conjunção confusa dos dois fatores.<sup>220</sup>

<sup>217</sup> SCHMID, Alex P. *The Routledge Handbook Of Terrorism Research*. 1. ed. Estados Unidos: Routledge Taylor & Francis Group, 2011.p. 2.

<sup>218</sup> ALCÂNTARA, Priscila Drozdek de. *Terrorismo: Uma abordagem conceitual*. Disponível em: <[http://www.humanas.ufpr.br/portal/nepri/files/2012/04/Terrorismo\\_Uma-abordagem-conceitual.pdf](http://www.humanas.ufpr.br/portal/nepri/files/2012/04/Terrorismo_Uma-abordagem-conceitual.pdf)>; Acesso em: 20 de outubro de 2018.

<sup>219</sup> STERN, Jessica. *Terror em nome de Deus*. São Paulo: Ed. Barcarolla, 2004. p. XIX.

<sup>220</sup> BARBER, Benjamin. R. *O Império do medo – Guerra, terrorismo e democracia*. Tradução de Renato Bittencourt. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 81

Outra conceituação dada de grande importância, embora curta e simples, é a de que “terrorismo é o uso ilegítimo da força para alcançar um objetivo político alvejando pessoas inocentes.”<sup>221</sup> Porém, por ser muito ampla, acaba por gerar dúvidas quanto ao que seria o uso ilegítimo da força.

A definição do departamento de Estado Americano conceitua o terrorismo como “violência premeditada e politicamente motivada perpetrada contra alvos não combatentes por grupos subnacionais ou agentes clandestinos, normalmente com a intenção de influenciar uma audiência.”<sup>222</sup> Enquanto que Schmid, responsável do Departamento de Prevenção do Terrorismo das Nações Unidas, também define o terrorismo como “É um método de delinquência na qual as vítimas, sejam elas simbólicas ou aleatórias, são convertidas em objetivo da conduta violenta.”<sup>223</sup>

Para Robert Pape: “O terrorismo envolve o uso de violência por uma organização que não seja um governo nacional para intimidar ou amedrontar um público-alvo. Em geral, o terrorismo tem dois propósitos: conquistar partidários e coagir os opositores.”<sup>224</sup>

Cícero Krupp da Luz conceitua o terrorismo como:

(...) uma mudança de ordem. (...) O terrorismo é tanto um artefato militar quanto psicológico. Integra também o sentido moral-simbólico, além do tradicional poder militar da balança do poder. O sentido moral-simbólico está associado ao descontentamento. Quando se está satisfeito com o *status quo*, não há guerrilha, insurgência ou terrorismo. Assim o terrorismo é simbólico na medida em que é um meio de expressar o seu descontentamento com a realidade posta, com a realidade imposta.<sup>225</sup>

Já Jürgen Habermas conceitua o terrorismo como:

<sup>221</sup> LAQUEUR, Walter. *Apud* BRUCE, Gregor. Definition of Terrorism Social and Political Effects. *Journal of Military and Veterans' Health*, v. 21, n. 2, p. 26 -30, mai. 2013. p. 27.

<sup>222</sup> UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE. *Patents of global terrorism*. Disponível em: <https://www.state.gov/documents/organization/10286.pdf>; Acesso em 30 de novembro de 2017. p. XVI.

<sup>223</sup> (...) *un método de delincuencia en el cual víctimas, ya sean simbólicas o aleatorias, son convertidas en objetivo de la conducta violenta*. SCHMID, Alex. *Political Terrorism: A Research Guide to Concepts, Theories, Data Bases and Literature*. New Brunswick: Transaction, 1983.

<sup>224</sup> *Terrorism involves the use of violence by an organization other than a national government to intimidate or frighten a target audience. In general, terrorism has two broad purposes: to gain supporters and to coerce opponents*. PAPE, Robert A. *Dying to Win: The Strategic Logic of Suicide Terrorism*. New York: Random House, 2006. 353 p.09.

<sup>225</sup> LUZ, Cícero Krupp da. *O paradoxo da manutenção do status quo da política internacional: as quatro falácias do código binário terrorismo/direitos humanos*. In: *Direitos Humanos e terrorismo/org*. Rosa Maria Zaia Borges, Augusto Jobim do Amaral, Gustavo Oliveira de Lima Pereira. Porto Alegre: EDIPUCS, 2014. p. 48/49.



Aqui se trata de sangue e morte, do aniquilamento indiscriminado de inimigos, mulheres e crianças. Vida contra vida. O terrorismo que aparece sob a figura paramilitar de guerrilhas se diferencia disso. Ele determinou a cara de muitos movimentos nacionais de libertação na segunda metade do século XX – e molda hoje a luta de independência da Chechênia, por exemplo. Em oposição a isto, o terrorismo global que culminou no atentado de Onze de Setembro carrega nesse ponto os traços anarquistas de uma revolta impotente na medida em que se volta contra um inimigo que não consegue ser derrotado nos conceitos pragmáticos da ação orientada a fins. O único efeito possível é o espanto e a inquietação do governo e da população. Do ponto de vista técnico, a alta suscetibilidade a interferências das nossas sociedades complexas de fato oferece oportunidades ideais para uma interrupção pontual do curso normal das coisas, que pode ter consequências destrutivas consideráveis com pouco esforço. O terrorismo global leva ambos ao extremo – a falta de objetivos realistas e a exploração cínica da vulnerabilidade de sistemas complexos.<sup>226</sup>

A organização da cooperação islâmica define o terrorismo como:

Qualquer ato de violência ou ameaça, não obstante os motivos ou intenções perpetradas para executar um plano criminal individual ou coletivo com o objetivo de aterrorizar as pessoas ou ameaçar, prejudicá-las ou pôr em perigo suas vidas, honra, liberdades, segurança ou direito, ou expor o ambiente ou qualquer instalação ou propriedade pública ou privada a perigos, ocupando ou apreendendo-os, ou colocando em risco um recurso nacional, ou instalações internacionais, ou ameaçando a estabilidade, integridade territorial, unidade política ou soberania de Estados independentes.<sup>227</sup>

Já Noam Chomsky vai além ao definir o terrorismo por não analisar o instituto em si e a suas práticas para caracteriza-lo e dar uma definição, mas por analisa-lo e conceitua-lo como um tipo de instrumento utilizado, como uma arma. O autor menciona que:

Esta é a cultura que vivemos e ela nos revela muitas coisas. A primeira é que o terrorismo funciona. O terrorismo não é malsucedido. Ele dá certo. A violência geralmente funciona. Essa é a história do mundo. A segunda é que é um gravíssimo erro analítico dizer, como se costuma fazer, que o terrorismo é a arma dos fracos. Como qualquer outro meio de violência, o terrorismo é,

<sup>226</sup> HABERMAS, Jürgen. *O ocidente dividido: pequenos escritos políticos X*. Tradução Bianca Tavorali, 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2016. p.37/38.

<sup>227</sup> *Any act of violence or threat there of notwithstanding its motives or intentions perpetrated to carry out an individual or collective criminal plan with the aim of terrorizing people or threatening to harm them or imperiling their lives, honor, freedoms, security or rights or exposing the environment or any facility or public or private property to hazards or occupying or seizing them, or endangering a national resource, or international facilities, or threatening the stability, territorial integrity, political unity or sovereignty of independent States.* ORGANIZATION OF THE ISLAMIC CONFERENCE (OIC), Convention of the Organisation of the Islamic Conference on Combating International Terrorism, art. 1 (2), July 1, 1999, Annex to Resolution No: 59/26-P. In: BREEDON, Jennifer. Redefining terrorism: the danger of misunderstanding the modern world's gravest threat. *Revista de Direito Internacional. Brazilian Journal of International Law*. Volume 12, N.2. Teoria do Direito Internacional. ISSN 2237-1036. Brasília: Uniceube, 2015. p. 467.

primordialmente, esmagadoramente, uma arma dos fortes. É considerado a arma dos fracos porque os fortes também controlam os sistemas doutrinários, nos quais o *seu* terror não conta como terror.<sup>228</sup>

Para conceituar o terrorismo, Slavoj Žižek explica a mudança trazida pela nova ordem global introduzida no mundo no século XXI com a mudança de paradigma ocorrida com os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001. Para ele:

(...) está surgindo como o terrorista contra quem se declara guerra é exatamente a figura do Inimigo político, excluído do espaço político propriamente dito. Essa é outra faceta da nova ordem global: já não temos guerras no sentido antigo de um conflito regulado entre Estados soberanos em que se aplicam certas regras (tratamento dos prisioneiros, proibição de certas armas, etc.). O que sobra são dois tipos de conflito: ou as lutas entre grupos de Homo sacer – “conflitos étnico-religiosos” que violam as regras dos direitos humanos universais não são considerados guerras propriamente ditas e exigem a presença da intervenção “pacifista humanitária” das potências ocidentais – ou ataques diretos contra os EUA ou outro representante da nova ordem global, e nesse caso, mais uma vez, não existe uma guerra propriamente dita, apenas “combatentes ilegais” que criminosamente resistem às forças da ordem universal.<sup>229</sup>

Porém, diante dessa ampla diversidade terminológica do instituto, embora se tenha uma concepção dominante sobre o que é o terrorismo, nos resta claro que o mundo não compreende ao certo o que é o terrorismo e quais são os seus reais motivos e fundamentos, o que acaba por ocasionar em uma insegurança na ordem global e por transformar o terrorismo em algo incombatedor.

### 2.3 O Boko Haram e a falha comunicativa com o governo nigeriano: O terrorismo como forma de oposição a ocidentalização da Nigéria.

O advento do século XXI representou uma ruptura paradigmática na estrutura mundial. Segundo Habermas: nesse novo século “(...) desenha-se o panorama aterrador da ameaça mundial aos interesses da vida em geral.”<sup>230</sup> Isso porque, no final do século XX, as estruturas políticas, econômicas, sociais e culturais foram completamente alteradas com o surgimento da globalização e a relativização das

<sup>228</sup> CHOMSKY, Noam. *A nova guerra contra o terror*. Estudos avançados 161 (44), 2002. p. 13.

<sup>229</sup> ŽIŽEK, Slavoj. *Bem vindo ao deserto do real! Cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas*. Coleção Estado de Sítio. São Paulo: Boitempo editorial, 2003. p. 117.

<sup>230</sup> HABERMAS, Jürgen. *A nova intransparência: a crise do estado de bem-estar social e o esgotamento das energias utópicas*. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, n. 18, set. 1987. p. 104.

soberanias estatais, a livre circulação de bens, serviços, pessoas e a interconexão mundial através de uma rede de comunicação global instantânea.

Cícero Krupp da Luz menciona que:

A globalização é a mais forte modificação na estrutura global da sociedade no final do século XX, uma desconstrução, conforme afirmaria Gunther Teubner (1999). A revolução tecnológica da informação (BECK, 2004. P57), o fim da guerra fria (GIDDENS, 2001), e a liberalização dos mercados nacionais (OIT, 2002) são apontados como os principais motivos para o desencadeamento do processo vertiginoso de globalização que não apenas reordenou a economia mundial, mas estabeleceu novos paradigmas para todos os sistemas da sociedade, no direito, na religião, nas artes, na política e na ciência.<sup>231</sup>

E essa ruptura paradigmática também se deu na estrutura do terrorismo moderno, de acordo com o que fora abordado nos itens anteriores. Para Habermas, com o advento da globalização e o surgimento do século XXI, o terrorismo moderno “(...) é o efeito do trauma da modernização que se espalhou pelo mundo em uma velocidade patológica (...).”<sup>232</sup> e mostrou uma nova faceta para mundo com os atentados terrorista de 11 de setembro de 2001.

Os atentados foram um divisor de águas na sociedade moderna, pois, “a ideologia explícita dos terroristas que atacaram as Torres Gêmeas e o Pentágono em 11 de setembro é uma rejeição do tipo de modernidade e secularização (...)”,<sup>233</sup> e até aquele momento, nenhum ataque terrorista tinha tido a proporção que ele teve, com mais de duas mil vítimas e porque a partir deles, diversos outros grupos terroristas passaram a utilizar o *modus operandi* daqueles terroristas.

A globalização, para Habermas, desempenhou um papel importante face ao terrorismo, uma vez que ela intensificou o aumento da desigualdade social produzida pela modernização acelerada<sup>234</sup> que tornou cada vez mais desenvolvidos os países ocidentais detentores da hegemonia econômica e tornou cada vez mais subdesenvolvidos os países orientais pobres, pois “(...) a globalização dividiu a sociedade mundial em vencedores, beneficiários e perdedores. (...) o Ocidente como um todo serve de bode expiatório para as experiências muito efetivas de perda

<sup>231</sup> LUZ, Cícero Krupp da. *O Direito Internacional como legitimação da exclusão: notas de uma historiografia crítica para a América Latina*. In: SIMIONI, Rafael Lazzarotto. *Constitucionalismo e democracia 2018: reflexões do programa de pós-graduação em direito da FDSM*. São Paulo: Editora Max Limonad, 2018. p. 52.

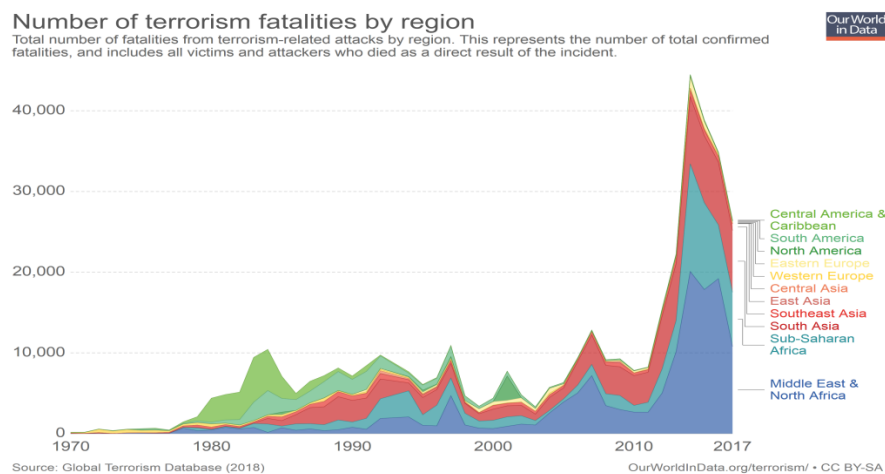
<sup>232</sup> BORRADORI, Giovanna. *A filosofia em tempo de terror: Diálogos com Habermas e Derrida*. Tradução: Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2004.p. 34.

<sup>233</sup> BORRADORI, Giovanna. *Op. cit.* p. 25.

<sup>234</sup> BORRADORI, Giovanna. *Op. cit.* p. 32.

vivenciadas pelo mundo árabe.”<sup>235</sup> Isso porque para Habermas: “(...) o padrão capitalista da modernização deforma estruturas simbólicas do mundo da vida, submetendo-as aos imperativos de subsistemas que se diferenciam e se autonomizam por meio do dinheiro e do poder (...)”<sup>236</sup>

Desde então, o mundo tem presenciado uma onda de ataques terroristas realizados por inimigos invisíveis contra a população civil dos Estados, considerados por eles como inimigo, alastrando o medo. Ao analisarmos o gráfico abaixo, verificamos que o número de mortes por causa do terrorismo quadruplicou nas primeiras décadas do século XXI, tendo um aumento significativo de quase zero fatalidade para mais de trinta mil fatalidades na região da África subsaariana, região de atuação do grupo terrorista islâmico Boko Haram<sup>237</sup>:



**Gráfico 3:** Número de fatalidades pelo terrorismo por região.  
Fonte: Global Terrorism Database (2018).

Essa crescente no número de ataques pelo mundo, em especial na região da África subsaariana, se dá em razão da falta de compreensão dos Estados sobre os motivos que desencadeiam o planejamento de um ataque terrorista. Isso faz com que as formas encontradas por esses Estados para combater o terrorismo, como por exemplo, as intervenções, na verdade, promovam e fortaleçam ainda mais os reais motivos desses indivíduos e/ou grupos terroristas.

<sup>235</sup> BORRADORI, Giovanna. *A filosofia em tempo de terror: Diálogos com Habermas e Derrida*. Tradução: Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2004.p. 30/31.

<sup>236</sup> HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo 2: sobre a crítica da razão funcionalista*. Tradução: Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. p. 513.

<sup>237</sup> ROSER, Max; NAGDY, Mohamed; e RITCHIE, Hannah. *Terrorism. Graphic 7: Number of terrorism fatalities by region*. Available in: <<https://ourworldindata.org/terrorism>>; Cited: 07 de janeiro de 2018.

O mundo é incapaz de captar a essência do terrorismo e os motivos que levam aqueles que praticam atos terroristas a optarem, inclusive, por tirar as suas próprias vidas. No caso específico da Nigéria, o governo nigeriano é incapaz de compreender o que desencadeou o surgimento do grupo terrorista islâmico Boko Haram no ano de 2002 e o porquê da sua atuação até os dias atuais.

Essa incompreensão ocorre porque, segundo Habermas, há uma falha comunicativa entre o grupo terrorista Boko Haram e o governo Nigeriano, pois o terrorismo e a violência são defeitos da comunicação.<sup>238</sup> Uma falha comunicativa, isto é, um defeito de comunicação para Habermas, seria “(...) uma espiral de comunicação distorcida que leva, por meio da incontrolável espiral de desconfiança recíproca, à ruptura da comunicação”<sup>239</sup>, alimentada pela globalização por motivos econômicos.

Mas para compreendermos essa definição de Habermas para o terrorismo, como uma patologia comunicativa, ou seja, como uma falha comunicativa, um defeito de comunicação e uma violência comunicativa entre os indivíduos de uma sociedade, primeiramente, necessário se faz compreendermos que a sociedade moderna para Habermas, dentro da teoria da ação comunicativa, é dividida em dois níveis: “*Sistema* (que seria a esfera regulada por mecanismos diretores autorregulados como o mercado e o poder administrativo) e *Mundo da Vida* (que seria a esfera regulada pela busca do entendimento através de procedimentos mediados linguisticamente).”<sup>240</sup>

A sociedade no nível do mundo da vida, seria para Habermas a comunicação como “um plano em que as opiniões e decisões morais são amoldadas por meio do diálogo intersubjetivo (...) a comunicação intersubjetiva é a condição de possibilidade para o interlocutor individual. Dessa perspectiva, o interlocutor não é um agente livre, mas uma unidade funcional de uma comunidade de interlocutores.”<sup>241</sup>

<sup>238</sup> BORRADORI, Giovanna. *A filosofia em tempo de terror: Diálogos com Habermas e Derrida*. Tradução: Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2004. p. 71.

<sup>239</sup> BORRADORI, Giovanna. *Op. cit.* p. 76.

<sup>240</sup> PINTO, José Marcelino de Rezende. *A teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas: conceitos básicos e possibilidades de aplicação à administração escolar*. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X1995000100007>. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X1995000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1995000100007)>; Acesso em: 07 de janeiro de 2019.

<sup>241</sup> BORRADORI, Giovanna. *Op. cit.* p. 71-72.

O agir comunicativo de uma comunidade de interlocutores depende de um processo de interpretação cooperativa em que, segundo Habermas, o mundo da vida se relaciona com três mundos em que:

(...) os participantes se referem simultaneamente a algo no mundo subjetivo (enquanto totalidade de vivências às quais o falante tem acesso privilegiado e que ele pode manifestar de modo veraz diante de um público), no mundo social (enquanto totalidade das relações interpessoais reguladas legitimamente) e no mundo objetivo (enquanto totalidade das entidades sobre as quais são possíveis enunciados verdadeiros), mesmo que no ato de sua manifestação ele consiga enfatizar respectivamente apenas um dos três componentes. Os falantes e ouvintes utilizam o sistema de referências dos três mundos como uma moldura no interior da qual tecem e interpretam definições comuns relativas à situação de sua ação. Nesse sistema de referência, eles não se referem diretamente a algo no mundo, mas relativizam suas próprias exteriorizações tendo em vista a possibilidade de que outro ator venha contestar a validade delas. “Entendimento” (*Verständigung*) significa união dos participantes da comunicação sobre a validade de uma exteriorização; ao passo que “acordo” ou “consenso” (*Einverständnis*) tem a ver com o reconhecimento intersubjetivo da pretensão de validade que o falante une a uma exteriorização.”<sup>242</sup>

Rafael Simioni explica que:

“Na teoria da ação comunicativa, Habermas desenvolve um conceito de razão comunicativa cuja característica padrão de comportamento intersubjetivo orientado para o entendimento linguístico, a respeito de pretensões de validade suscetíveis de crítica. O consenso intersubjetivo, conquistado livremente pela força do melhor argumento, é a medida de racionalidade comunicativa. Em outras palavras, o êxito de uma ação comunicativa é a prova da existência de uma racionalidade comunicativa ao lado das racionalidades instrumentais, normativas e expressivas. E o que garante a identidade de uma racionalidade comunicativa é a sua referência, simultânea, a três pretensões de validade: verdade (referida ao mundo objetivo), correção normativa (referida ao mundo social) e sinceridade (referida ao mundo subjetivo).”<sup>243</sup>

Portanto, segundo Borradori, para Habermas “na ação comunicativa, os indivíduos chegam aos juízos conversando com os outros participantes, que, por sua vez, serão afetados por aqueles juízos”<sup>244</sup> pois essa racionalidade não é uma questão de preferência pessoal haja vista que “sustentar uma posição, para ele,

<sup>242</sup> HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo 2: sobre a crítica da razão funcionalista*. Tradução: Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. p. 221.

<sup>243</sup> SIMIONI, Rafael Lazzarotto. *Curso de hermenêutica jurídica contemporânea: do positivismo clássico ao pós-positivismo jurídico*. Curitiba: Juruá, 2014. p.480.

<sup>244</sup> BORRADORI, Giovanna. *A filosofia em tempo de terror: Diálogos com Habermas e Derrida*. Tradução: Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2004. p. 72.

significa que esta é uma posição válida à luz dos argumentos racionais que fazem parecer a melhor disponível, até que outra melhor me seja oferecida.”<sup>245</sup>

Deste modo, sustentar uma posição com os outros participantes da sociedade no nível do mundo da vida, através de argumentos racionais, cria um consenso racionalmente justificado, que é fundamental para a política de um Estado. Esse consenso racionalmente justificado foi fortemente abalado quando a sociedade nigeriana no nível *Sistema* (mercado) sofreu uma interferência norte-americana que impôs, para que houvesse a comercialização de petróleo, que a Nigéria tivesse um modelo de Estado democrático de Direito.

A Nigéria é um país que possui mais de 190 milhões de habitantes que pertencem a mais de 300 etnias diferentes, cuja religião predominante é o islamismo, que se tornou um Estado Democrático de Direito com a instituição da Quarta República em 1999, por uma imposição comercial dos Estados ocidentais parceiros econômicos.

A democratização da Nigéria e o modelo de Estado secular adotado não se deu forma espontânea e em virtude do anseio popular. Ela não respeitou a cultura, a religião e as pretensões da maioria dos nigerianos. Na verdade, a República Federal da Nigéria é uma tentativa neste momento, norte americana, de criar um Estado democrático, ocidentalizado e secular, em razão de um único interesse econômico: o mercado do petróleo. Ela é fruto da globalização.

Portanto, uma parcela da população nigeriana passou a não se ver representada por aquele Estado e um grupo de jovens da região norte do país, que posteriormente foram denominados como grupo terrorista fundamentalista islâmico Boko Haram, se revoltaram contra esse governo através da prática de atos terroristas contra a população do Norte.

Isso ocorreu porque, embora a Nigéria seja uma sociedade democrática, a práxis da vida cotidiana conjunta dos nigerianos não repousa sobre uma base sólida de convicções fundamentais comuns, verdades culturais auto evidentes e expectativas recíprocas, na verdade, há uma distorção das convicções fundamentais em que uma parcela da população não quer um modelo de Estado importado dos Estados imperialistas ocidentais, não quer um Estado secular em que a educação ocidental é preconizada.

---

<sup>245</sup> BORRADORI, Giovanna. *A filosofia em tempo de terror: Diálogos com Habermas e Derrida*. Tradução: Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2004. p.73

Nesse momento, há uma distorção na comunicação entre o governo nigeriano e uma parcela da população, pois, pela ocidentalização da Nigéria com a adoção desse modelo de Estado democrático de direito, não se consegue mais ter uma perspectiva mútua entre eles, “o interlocutor e o ouvinte tornam-se alienados um do outro, ou indiferentes ao resgate de suas reivindicações.”<sup>246</sup>

Essa falha comunicativa ocorreu na sociedade nigeriana, na verdade, porque houve uma colonização do nível mundo da vida pelos imperativos sistêmicos do nível do sistema<sup>247</sup>, isto é, por uma questão de mercado econômico (comercialização do petróleo do Delta do Níger) um modelo de Estado foi adotado por uma imposição do maior comprador de petróleo da Nigéria, os Estados Unidos, o que ocasionou essa patologia comunicativa dentro da sociedade capitalista contemporânea nigeriana.

Para Habermas, “o capitalismo sem limites e a rígida estratificação da sociedade mundial estão na raiz do colapso do diálogo.”<sup>248</sup> E o colapso do diálogo é a falha comunicativa entre o governo nigeriano e uma parcela da sua população. Nasce assim, o grupo terrorista Boko Haram que vê no terrorismo uma forma de atacar esse modelo de Estado e de tentar alcançar os seus objetivos que, na verdade, são as suas convicções fundamentais e expectativas.

Portanto, o terrorismo do Boko Haram, assim como o terrorismo como um todo, para Habermas, “é uma patologia comunicativa que se nutre de sua própria energia destruidora.” O intuito do terrorismo atual é a deslegitimação dos governos democráticos,<sup>249</sup> através do ataque a uma parte da sociedade para atingir a soberania do todo. Ou seja, é o ataque a uma parcela da população civil nigeriana como uma forma de atingir esse modelo de sociedade utilizado na formação das decisões políticas por esse Estado Democrático de Direito Nigeriano que não foi democraticamente legitimado e não representa esses indivíduos terroristas.

Isso ocorre porque, a imposição do consenso do sistema da ciência, da cultura, da religião e de Estado das potências ocidentais globalizadas e

<sup>246</sup> BORRADORI, Giovanna. *A filosofia em tempo de terror: Diálogos com Habermas e Derrida*. Tradução: Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2004. p. 76.

<sup>247</sup> PINTO, José Marcelino de Rezende. *A teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas: conceitos básicos e possibilidades de aplicação à administração escolar*. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X1995000100007>. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X1995000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1995000100007)>; Acesso em: 07 de janeiro de 2019.

<sup>248</sup> BORRADORI, Giovanna. *Op. cit.* p. 76.

<sup>249</sup> BORRADORI, Giovanna. *Op. cit.* p. 68.



mercantilizadas sobre os países orientais vulneráveis, como é o caso da Nigéria, ocasiona em tensões entre os sistemas de ambos, ocasionando na invasão do sistema dos países orientais pelas condições sistêmicas das potências ocidentais, acarretando na supressão dos sistemas dos países vulneráveis.

Em razão disso, o desapontamento e a distorção comunicativa dos cidadãos nigerianos fizeram com que os indivíduos se organizassem em um grupo não governamental, apegado à religião por esta ser “mais convincente subjetivamente”<sup>250</sup> do que qualquer motivação política secular, e pratique atos de violência contra o governo que ocasionou a distorção e a supressão da tradição de seu país.

A raiz desse colapso comunicativo está no fato de que a globalização impõe ao restante do mundo o modelo econômico, de Estado e de vida das potências ocidentais, expondo ao restante do planeta um capitalismo sem limites no qual se tornou o principal responsável pela estratificação social e, conseqüentemente, pelo terrorismo. De acordo com Cícero Krupp da Luz: “Dentro desse contexto, a ocidentalização se apropriou dessa tecnologia associada a crescente liberalização dos mercados mundiais – e na maioria das vezes mais fracos – fazendo-se valer de sua força para exportar produtos e um modo de pensar.”<sup>251</sup>

Desta forma: as tensões culturais entre Ocidente e Oriente são as principais motivações para os atos de terrorismo praticados nos dias atuais. Segundo Martini, para Habermas: “(...) o Oriente justifica o terror pela questão religiosa, não compreendida pelo Ocidente, mas cujas crenças conduzem ao totalitarismo. O Ocidente fica preso em seu etnocentrismos de cultura laica e julgada superior.”<sup>252</sup> Assim, nítida está a falha comunicativa entre o Ocidente e o Oriente e a estratificação social ocasionada pela imposição do modelo de sociedade de nível de sistema do Ocidente.

No caso específico do Boko Haram e da Nigéria, essa falha comunicativa entre Oriente e Ocidente acontece dentro do próprio Estado em virtude da ocidentalização sofrida por ele que ocasionou no desenraizamento violento das

<sup>250</sup> BORRADORI, Giovanna. *A filosofia em tempo de terror: Diálogos com Habermas e Derrida*. Tradução: Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2004. p. 68.

<sup>251</sup> LUZ, Cícero Krupp da. *O Direito Internacional como legitimação da exclusão: notas de uma historiografia crítica para a América Latina*. In: SIMIONI, Rafael Lazzarotto. *Constitucionalismo e democracia 2018: reflexões do programa de pós-graduação em direito da FDSM*. São Paulo: Editora Max Limonad, 2018. p. 53.

<sup>252</sup> MARTINI, Rosa Maria F. *Habermas: 80 anos de percurso filosófico, novos rumos para a teoria crítica e reflexos na educação*. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul/RS, v.19, n1, p. 187-208, jan/jun. 2011. p. 198.

tradições locais. Segundo Habermas: Em um nível psicológico, tal experiência cria uma situação favorável a uma visão de mundo altamente polarizada, em que várias fontes espirituais buscam resistir à força secularizadora da influência ocidental.<sup>253</sup>

O filósofo, portanto, analisa o terrorismo como um “(...) rejeição do tipo de modernidade e secularização que, na tradição filosófica, está associada ao conceito de iluminismo (...)” que representa “(...) também a afirmação da democracia e a separação entre poder político e crença religiosa, valores que constituíram o centro da Revolução Francesa e da Guerra de Independência norte-americana.”<sup>254</sup>

De fato, como os terroristas do Boko Haram rejeitam esse tipo de modernidade e esse tipo de secularização laica do Estado democrático de direito, para atacar esse sistema, que para eles é amoral, eles se pautam na intolerância religiosa que, para Habermas, é a encarnação do fundamentalismo religioso<sup>255</sup> como uma suposta espiritualidade, mas que na verdade, não “(...) vai além da destruição e da insegurança.”<sup>256</sup>

A solução para o terrorismo moderno do grupo Boko Haram, segundo Habermas, seria “a possibilidade de uma comunicação transparente e não manipuladora”<sup>257</sup>, que se daria através da reconstrução do elo comunicativo entre os indivíduos e o Estado nigeriano, cuja interação comunicativa geraria novamente um consenso racionalizado, acabando de uma vez por todas com a violência comunicativa e com a incompreensibilidade do outro, pondo um fim à opressão, a violência, ao medo, as mortes e ao deslocamento de nigerianos amedrontados.

#### 2.4 O medo como a principal arma do grupo terrorista Boko Haram.

O terrorismo moderno pós 11 de setembro de 2001 tem uma característica marcante: o medo como a sua principal arma. Essa mudança de paradigma trazida pelos atentados terroristas às Torres Gêmeas, ao Pentágono e que derrubaram um avião na Pensilvânia se deu pelo fato de que os terroristas do século XXI

<sup>253</sup> BORRADORI, Giovanna. *A filosofia em tempo de terror: Diálogos com Habermas e Derrida*. Tradução: Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2004. p. 31.

<sup>254</sup> BORRADORI, Giovanna. *Op. cit.* p. 25.

<sup>255</sup> BORRADORI, Giovanna. *Op. cit.* p. 30.

<sup>256</sup> BORRADORI, Giovanna. *Op. cit.* p. 30.

<sup>257</sup> BORRADORI, Giovanna. *Op. cit.* p. 31.

perceberam que a única forma de abalar as estruturas da maior potência econômica e bélica do mundo seria a utilização da população civil, dos meios de comunicação e da psique, através do medo do invisível, do imprevisível e do inesperado.

No momento dos ataques, a grande potência se viu paralisada, sem saber o que estava acontecendo, sem saber o que iria acontecer e sem conseguir atuar para impedir que novos ataques acontecessem. O medo, o pânico e o terror assolaram o império norte americano em apenas alguns minutos, pois, com a outra grande sacada dos terroristas destes atentados, os meios de comunicação de massa interligados por uma rede global, propagaram o medo não só por todo o país, mas também por todo o mundo.

A estratégia utilizada por eles foi muito bem sucedida, visto que os Estados Unidos da América não só não souberam como impedir e reagir aos ataques que estavam acontecendo, como também, na tentativa de se proteger de novos ataques e de se vingar dos terroristas, utilizaram “(...) estratégias militares obsoletas, associadas a um conceito de soberania nacional tradicional que hoje não existe mais, pelo menos de modo integral”<sup>258</sup> atacando um Estado, o Iraque, que não estava associado aos eventos.

Portanto, os terroristas dos atentados de 11 de setembro de 2001 foram bem sucedidos ao se utilizarem do medo e dos meios de comunicação como forma de propaganda para difundir o medo, haja vista que o terrorismo do século XXI precisava se adaptar a essa nova composição da sociedade moderna.

Nesse século, utilizar-se de um combate bélico não seria a melhor forma para se alcançar os objetivos almejados, pois, como se tratam de indivíduos e/ou organizações belicamente inferiores aos Estados, os grupos terroristas não conseguiriam vencer esses Estados em um embate, seriam derrotados e disseminados com certa facilidade.

Ademais, conforme enuncia Byung-Chul Han, essa sociedade que vem se construindo desde o início do século XXI é bem distinta daquelas que lhe são precedentes, pois até então, o século passado vivia o paradigma imunológico que era: “(...) integralmente dominado pelo vocabulário dessa guerra, por um dispositivo francamente militar. A ação imunológica é definida como ataque e defesa.”<sup>259</sup> Isto é,

---

<sup>258</sup> BARBER, Benjamin. R. *O Império do medo – Guerra, terrorismo e democracia*. Tradução de Renato Bittencourt. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 31.

<sup>259</sup> HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini, Petrópolis: Vozes, 2015. p. 08.

essa nova sociedade do século XXI, segundo o autor<sup>260</sup>, não teme mais esse paradigma imunológico porque antídotos foram criados para ele.

Desse modo, do ponto de vista patológico, de acordo com Han “(...) o começo do século XXI não é definido como bacteriológico nem viral, mas neuronal.”<sup>261</sup> Isso porque, o autor define que:

Hoje a sociedade está entrando cada vez mais numa constelação que se afasta totalmente do esquema de organização e de defesa imunológicas. Caracteriza-se pelo desaparecimento da alteridade e da estranheza. (...) Hoje em dia, em lugar da alteridade, entra em cena a diferença, que não provoca nenhuma reação imunológica. (...) O paradigma imunológico não se coaduna com o processo de globalização. A alteridade, que provocaria uma imunorreação atuaria contrapondo-se ao processo de suspensão de barreiras. O mundo organizado imunologicamente possui uma topologia específica. É marcado por barreiras, passagens e soleiras, por cercas, trincheiras e muros. Essas impedem o processo de troca e intercâmbio<sup>262</sup>

Essa nova sociedade globalizada e neuronal é uma sociedade em que as barreiras e fronteiras foram derrubadas, onde o intercâmbio de informações, bens e serviços transformam e uniformizam os Estados e seus indivíduos, fazendo com que o mundo se tornasse eminentemente o “mundo dos iguais”. Han menciona que, em virtude disso, essa sociedade desenvolveu uma nova patologia:

(...) É bem verdade que os adoecimentos neuronais do século XXI seguem, por seu turno, sua dialética, não a dialética da negatividade, mas a da positividade. São estados patológicos devidos a um exagero de positividade. A violência não provem apenas da negatividade, mas também da positividade, não apenas do outro ou do estranho, mas também do igual.<sup>263</sup>

Essa patologia, devido ao exagero da positividade ocorrida nesse século, adocece as sociedades mundiais em razão de se verem expostas a um sentimento de igualdade imposto pela globalização exacerbada, que estabelece que todos devem seguir aquele modelo supostamente “bem sucedido” das potências econômicas.

Deste modo, nesse novo século que é marcado pelas sociedades neuronais, essa patologia da igualdade afeta a psique dos desiguais, daqueles que não se enquadram nesse padrão ideológico imposto, que acabam por se ver tão diferentes

<sup>260</sup> HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini, Petrópolis: Vozes, 2015. p. 07.

<sup>261</sup> HAN, Byung-Chul. *Op. cit.* p. 07.

<sup>262</sup> HAN, Byung-Chul. *Op. cit.* p. 09-10; 13.

<sup>263</sup> HAN, Byung-Chul. *Op. cit.* p. 14.

do sistema que sentem necessidade de atacá-lo. Surge assim, a maioria dos indivíduos e/ou organizações terroristas da sociedade neuronal.

Nesse tipo de sociedade, para que esses terroristas alcançassem os objetivos almeçados, eles necessitavam também de um ataque que tivesse alcance neuronal. Assim, eles perceberam que a estratégia de realizar pequenos ataques à população civil em lugares públicos com elementos simbólicos, impactaria e propagaria o medo, aterrorizando não só a população local, mas o Estado como um todo. Essa era a forma mais eficaz de se alcançar esses objetivos, pois o ataque psíquico paralisa a população e o Estado.

Esse tipo de ataque é o que Han chama de violência neuronal: “Aquele violência neuronal que leva ao infarto psíquico e um terror da imanência.”<sup>264</sup> Ou seja, é aquela violência que destrói o psicológico e que abala as estruturas emocionais da população e dos governantes do Estado pois ela gera uma espécie de terror e pânico interno em cada um dos indivíduos.

Embora alguns autores como Braudillard entendam o terrorismo como um fenômeno viral pertencente ainda a ideia de sociedade imunológica, que entende a violência ainda no esquema imunológico do interior para o exterior, “(...) em consequência de uma revolta do singular frente ao global”<sup>265</sup> na verdade, eles deixam de perceber que apenas a estrutura do ataque segue essa lógica do fenômeno viral, mas que a essência do terrorismo é neuronal, haja vista que a imposição ideológica da globalização afeta a psique dos terroristas que, em contrapartida, atacam a psique da população mundial.

De acordo com o entendimento de Fernando Reinares:

A intenção do terrorismo é provocar reações emocionais como ansiedade, incerteza ou medo entre aqueles que fazem parte de um determinado agregado da população, para que seja factível condicionar suas atitudes e direcionar seu comportamento em uma determinada direção. É isso que prevalece nos atos terroristas sobre o desejo de causar danos tangíveis a pessoas ou coisas.<sup>266</sup>

<sup>264</sup> HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini, Petrópolis: Vozes, 2015. p. 20.

<sup>265</sup> HAN, Byung-Chul. *Op. cit.* p. 19.

<sup>266</sup> *La intención del terrorismo es suscitar reacciones emocionales tales como ansiedad, incertidumbre o amedrentamiento entre quienes forman parte de un determinado agregado de la población, de manera que resulte factible condicionar sus actitudes y dirigir sus comportamientos en una dirección determinada. Esto es lo que prima en los actos terroristas sobre el deseo de causar daños tangibles a personas o cosas.* REINARES, Fernando. *Características y formas de terrorismo político en sociedades industriales avanzadas*. In: ARISTIZÁBAL, Luis Guillermo Patiño. RAMIREZ, Juan David García. Occidente frente al terrorismo internacional. *analecta polit.* | Vol. 1 | No. 2 | PP. 257-272. Enero-

Portanto, a intenção do terrorismo nesse século XXI neuronal é abalar o psicológico gerando a paranoia. Slavoj Zizek afirma que:

Estamos entrando numa nova era de guerra paranoica em que a principal tarefa será identificar o inimigo e suas armas. Nessa nova guerra, os agentes vão cada vez menos assumir publicamente os seus atos: não somente os próprios “terroristas” terão menos interesse em assumir a responsabilidade por seus atos (nem mesmo a notória Al-Qaeda assumiu explicitamente os ataques de 11 de setembro, para não mencionar o mistério com relação às cartas com antraz); as medidas “antiterroristas” do Estado também são ocultas por um manto de segredo – e tudo isso forma o caldo de cultura ideal para teorias conspiratórias e paranoia social generalizada.

E não é a obversão dessa onipresença paranoica da guerra invisível exatamente a sua dessubstancialização? Assim como bebemos cerveja sem álcool ou café sem cafeína, temos agora a guerra esvaziada de sua substância – uma guerra virtual lutada diante de telas de computadores, uma guerra que para seus participantes não passa de um videogame, uma guerra sem baixas (pelo menos no nosso lado). Com o pânico gerado pelo antraz em outubro de 2001, o Ocidente teve o primeiro gosto dessa nova guerra “invisível” em que – um aspecto que se deve ter sempre em mente – nós, cidadãos comuns, ficamos totalmente dependentes das autoridades para saber o que está ocorrendo: nada vemos nem ouvimos; tudo o que sabemos nos chega da mídia oficial. Uma superpotência bombardeia um deserto desolado e, ao mesmo tempo, é refém de uma bactéria invisível – é essa, não a explosão do WTC, a primeira imagem da guerra do século XXI. Em vez de um rápido acting out, deveremos enfrentar algumas perguntas difíceis: qual será o significado de “guerra” no século XXI? Quem serão “eles”, se eles não são claramente nem Estados nem gangues criminosas?<sup>267</sup>

Essa é a estratégia utilizada pelo grupo terrorista fundamentalista islâmico Boko Haram, grupo criado dentro desse século das sociedades neuronais. Embora não se saiba ao certo o número efetivo de membros hoje filiados ao grupo Boko Haram, sabe-se que, até mesmo por viverem escondidos nas florestas de Sambisa e nas montanhas de Mandara, o grupo terrorista é belicamente inferior ao Estado nigeriano.

Isso faz com que o grupo não consiga enfrentar belicamente em igualdade o Estado nigeriano, necessitando de estratégias terroristas para se tornar eficaz no ataque ao governo. Diante disso, o grupo se utiliza da violência neuronal com o terror da imanência, isto é, com o terror interno, inerente dos atos terroristas bárbaros.

Com quase uma década de atuação na Nigéria (Apesar do grupo ter sido criado em 2002, foi no ano de 2009 o início da fase violenta do Boko Haram e dos ataques terroristas), o Boko Haram é um grupo fundamentalista islâmico que tem como sua

---

junio/2012/ISSN: 2027-7458/Medellin- Colombia. p. 260.

<sup>267</sup> ZIZEK, Slavoj. *Bem vindo ao deserto do real! Cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas*. Coleção Estado de Sítio. São Paulo: Boitempo editorial, 2003. p. 55-56.

principal arma, o medo. A estratégia utilizada pelo grupo é a de aterrorizar a população nigeriana do norte para atingir o Estado nigeriano como um todo. E eles são eficazes.

Considerados pelo Índice Global de terrorismo do ano de 2018<sup>268</sup> como o quarto grupo terrorista mais perigoso do mundo, sendo o quarto grupo que mais matou no ano de 2017, aproximadamente 1.254 mortes, o Boko Haram, que já foi considerado o grupo terrorista mais mortífero do mundo no ano de 2014, utiliza-se da violência indiscriminada contra a população civil nigeriana do norte do país para espalhar o medo, que tem tomado conta do território nigeriano, com os objetivos de (i) alcançar apoio popular para os objetivos do grupo, uma vez que essa população não mais se sentira protegida pelo Estado<sup>269</sup>; e (ii) deslegitimar a democracia nigeriana com a exposição de suas mazelas.

Portanto, o medo é a essência dos atos terroristas, porque “gera um sentimento coletivo e cotidiano de insegurança.”<sup>270</sup> Espalhar o medo por toda a Nigéria é a essência do grupo terrorista Boko Haram porque eles querem a população nigeriana e o governo aterrorizados, paralisados e sem uma estratégia rápida para combatê-los, fazendo com isso que aumente a probabilidade de que seus objetivos sejam talvez mais facilmente alcançados.<sup>271</sup>

Segundo Saly Wellausen: “A principal característica desse terrorismo é que ele ataca, sobretudo, os civis. Eles querem o maior número de mortos e a maior visibilidade possível. É muito difícil se proteger desse tipo de ataque”<sup>272</sup> A atuação do Boko Haram na Nigéria é um espetáculo teatral, pois, ao destruir pequenas aldeias no norte, sequestrando e matando nigerianos, os terroristas “montam uma cena aterrorizadora de violência que captura nossa imaginação e a voltam contra nós. Ao matar um punhado de pessoas, fazem com que milhões temam por suas vidas.”<sup>273</sup>

<sup>268</sup> DUDLEY, Domenic. *Forbes: Os grupos terroristas que mais matam no mundo atualmente*. Disponível em: <<https://forbes.uol.com.br/colunas/2018/12/os-grupos-terroristas-que-mais-matam-no-mundo-atualmente/>>; Acesso em 05 de janeiro de 2019.

<sup>269</sup> CARDOSO, Tatiana de Almeida Freitas R. *A mundialização do terrorismo: A (re)definição do fenômeno após o 11 de setembro*. In: Direitos Humanos e terrorismo/org. Rosa Maria Zaia Borges, Augusto Jobim do Amaral, Gustavo Oliveira de Lima Pereira. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 132.

<sup>270</sup> WERMUTH, Maiquel Angle D. *Medo e direito penal: reflexos da expansão punitiva na realidade brasileira*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2011. P. 92.

<sup>271</sup> BRIGADÃO, Clóvis. *O 11 de Setembro: novas ameaças à paz*. In: BRANT, Leonardo N. Caldeira. Terrorismo e direito. Rio de Janeiro: Forense, 2003. p. 348/349

<sup>272</sup> WELLAUSEN. Saly da Silva. *Terrorismo e os atentados de 11 de setembro*. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 14 (2): 83- 112, outubro de 2002. p. 89.

<sup>273</sup> HARARI, Yuval Noah. *21 lições para o século 21*. Tradução: Paulo Geiger. 1ª ed. São Paulo:

O *modus operandi* do Boko Haram na Nigéria se dá da seguinte maneira: Os integrantes do grupo terrorista vivem escondidos e isolados na floresta de Sambisa e nas montanhas de Mandara. Desta forma, a população da Nigéria não sabe ao certo quem é ou não, integrante do grupo, fazendo com eles sejam, portanto, inimigos invisíveis, pois qualquer um em qualquer lugar do país pode ser um integrante do grupo. Os ataques são realizados em pequenos vilarejos e em centros comerciais e são extremamente violentos.

Conseqüentemente então, a insegurança e o medo têm dominado a Nigéria nessa última década. Isso porque não se sabe quando, como e onde será o próximo ataque do Boko Haram e com isso, todos podem ser, a qualquer momento, vítimas de um ataque terrorista. O governo tem apresentado dificuldades em combatê-los exatamente pelo fato de não se saber precisamente quem são os integrantes do grupo, ou seja, exatamente pelo fato deles serem inimigos invisíveis.

A disseminação da ação terrorista do Boko Haram implanta terror no Estado nigeriano, "(...) pela estratégia do inesperado, que busca o alvo no lugar diferente daquele em que se encontra seu destinatário. A eficácia se impõe pela brutalidade da ação inesperada."<sup>274</sup> A maioria das ações inesperadas do grupo nos últimos anos se deram da seguinte forma: ataques armados e ataques com bombas (homens/mulheres-bombas)<sup>275</sup> que desde 2009 mataram mais de 27 mil civis.<sup>276</sup>

Embora o Boko Haram não tenha metas politicamente realistas, os seus ataques têm explorado a vulnerabilidade do sistema de governo democrático nigeriano<sup>277</sup>, em que o ataque neuronal com a penetração do medo no psíquico dos nigerianos, estagnou as regiões norte e nordeste da Nigéria e a miséria assolou a população dessas regiões, fazendo com que os ataques inesperados e os sequestros de pessoas deslocassem mais de 2 milhões de pessoas dessas regiões,<sup>278</sup> dando ainda mais espaço para a infiltração do grupo.

---

Companhia das letras. p. 205.

<sup>274</sup> WELLAUSEN, Saly da Silva. *Terrorismo e os atentados de 11 de setembro*. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 14 (2): 83- 112, outubro de 2002. p. 96.

<sup>275</sup> FOREST, James. *Confronting the terrorism of Boko Haram in Nigeria*. Tampa: JSOU Report 12-5, 2012. p. 53.

<sup>276</sup> HERNANDEZ, Vladimir; HEGARTY, Stephanie. *Aos 13 anos, fui produzida para ficar bonita e enviada para me explodir com um cinto-bomba*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-42983622>>; Acesso em: 05 de janeiro de 2019.

<sup>277</sup> BORRADORI, Giovanna. *A filosofia em tempo de terror: Diálogos com Habermas e Derrida*. Tradução: Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2004.p. 68.

<sup>278</sup> ONUBR. *Ataques do Boko Haram são crescente ameaça na África Ocidental e no Sahel, diz ONU*. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/ataques-do-boko-haram-sao-crescente-ameaca-na-africa-ocidental-e-no-sahel-diz-onu/>>; Acesso em: 06 de janeiro de 2019.



Marcos Magatti ao fazer o texto introdutório ao livro de Zygmunt Bauman, explica muito bem esse fenômeno que assolou a Nigéria com a atuação do Boko Haram. Segundo o autor, por diversas razões, são as cidades o epicentro das transformações trazidas por esse novo século porque é nas cidades que os fatos ocorrem. E essas transformações ocorrem em virtude de um duplo movimento:

(...) por um lado, é nas grandes áreas urbanas que se concentram as funções mais avançadas do capitalismo, que tem se reacomodado segundo uma lógica de rede, cujos núcleos estruturais são justamente os centros globais. Por outro, as cidades tornam-se objeto de novos e intensos fluxos de população e de uma profunda distribuição de renda: seja nos bairros nobres, com a formação de uma elite global móvel e altamente profissionalizada, seja nos bairros populares, com a ampliação dos cinturões periféricos, onde se junta uma enorme quantidade de populações deserdadas.<sup>279</sup>

O efeito desse duplo movimento ocasiona nas cidades uma discrepante desigualdade social onde os mais ricos se isolam nessas regiões mais nobres e vão para as regiões mais centrais e os mais pobres são forçados, em virtude da falta de poder aquisitivo, a viver nessas zonas periféricas e a suportar essas mudanças negativas. Para Magatti:

Dilacerada por essa tensão, a classe média corre o risco de acabar vítima de um processo que não controla e não conhece, e de perde o bem-estar conquistado no decorrer das últimas décadas. Se essa é a dinâmica estrutural a que estão sujeitas as cidades, não surpreende que alguns especulem com o medo, transformando-o na base de uma política de controle e repressão.<sup>280</sup>

Embora o autor esteja tratando a questão da utilização do medo pelos governos para controle dessa segregação entre os nobres e os pobres nas cidades, essa lógica da utilização do medo como forma de controle e repressão traduz muito bem o fenômeno que acontece com o terrorismo do Boko Haram na Nigéria. O Boko Haram surge exatamente nas regiões mais pobres do país, o norte e o nordeste, precisamente após a instituição do modelo de Estado Democrático de Direito na Nigéria, que se deu em virtude de uma exigência dos Estados Unidos, seu maior comprador de petróleo.

Esse novo modelo de Estado acentuou o abismo econômico e social existente entre as regiões norte e sul da Nigéria, pois o norte, eminentemente agrícola e

<sup>279</sup> MAGATTI, Marcos. *Bauman e o destino das cidades globais*. In: BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. p. 05.

<sup>280</sup> MAGATTI, Marcos. *Bauman e o destino das cidades*. In: BAUMAN, Zygmunt. *Op. cit.* p. 06.

mulçumano, e com o maior percentual da população do país, passou a depender de repasses do governo federal que tem como a sua maior fonte de renda e extração do petróleo do sul, região petrolífera, eminentemente cristã e com o menor percentual da população.

Portanto, essa desigualdade social acentuada por este modelo ocidentalizado do Estado nigeriano agravou a pobreza das regiões norte e nordeste, bem como a corrupção dos governos federal e estadual foram a faísca necessária para incendiar o grupo de jovens que criaram o Boko Haram que viram, no medo, uma maneira de controle e repressão da população dessas regiões, como forma de atacar e explorar a vulnerabilidade do governo.

Não é o Estado nigeriano que domina e controla a população dessas regiões, mas sim, o medo. O medo do inesperado, o medo do invisível, o medo do ataque, o medo da violência, o medo da morte, dentre outros, é que controla o agir desses indivíduos, que se tornam prisioneiros dos seus próprios sentimentos e vítimas da insegurança. Insegurança esta, gerada por essa própria sociedade que, segundo Bauman: "(...) é caracterizada pelo medo dos crimes e dos criminosos."<sup>281</sup>

Para Freud, segundo cita Bauman, os sofrimentos humanos, que incluem o medo, derivam "do poder superior da natureza, da fragilidade de nossos próprios corpos e da inadequação das normas que regem os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade."<sup>282</sup>

A charada foi desvendada. O ciclo vicioso do medo no terrorismo do Boko Haram deriva da inadequação das normas que regem os relacionamentos mútuos dos seres humanos no Estado nigeriano que implica em uma distorção que ocasiona a insurgência de um grupo que quer atacar-la e que utiliza-se indiretamente do medo, através da violência, para repreender e controlar uma parcela da população, para atacar e fragilizar o Estado. Sim, o medo é a principal arma do grupo terrorista fundamentalista islâmico Boko Haram.

---

<sup>281</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. p. 09.

<sup>282</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Op. cit.* p. 08.

### 3. A VOZ E O SILÊNCIO DAS VÍTIMAS DO BOKO HARAM.

#### 3.1 A narrativa dos refugiados nigerianos residentes no Brasil: A história oral como metodologia.

O terrorismo praticado pelo grupo terrorista fundamentalista islâmico Boko Haram tem afetado diretamente a vida dos nigerianos e dos africanos da região da África ocidental e do Sahel há mais de uma década. Sendo considerado hoje o quarto grupo terrorista mais perigoso do mundo,<sup>283</sup> o Boko Haram é responsável por um elevado número de mortes na Nigéria, matou mais de 17 mil pessoas segundo a ONU<sup>284</sup>, e por um dos maiores deslocamentos forçados de pessoas ocorridos no continente Africano, mais de 2 milhões de pessoas segundo a ONU<sup>285</sup>, devido à violência excessiva do grupo.

Diante disso, os objetivos dessa pesquisa eram compreender os motivos do conflito na Nigéria e o porquê da insurgência e do surgimento do Boko Haram. Embora haja relatórios da ONU (Organização das Nações Unidas) e de algumas ONGs (Organizações não governamentais) que divulgam as atrocidades cometidas pelo grupo na Nigéria, o Boko Haram ainda é uma incógnita: pouco se relata sobre os motivos da insurgência do grupo e sobre os impactos da sua atuação na Nigéria. Isso ocorre porque há poucos estudos relacionados com a existência e atuação do grupo e os que existem, estão sob a ótica de uma narrativa ocidental sobre problema.

Portanto, para compreender os objetivos estabelecidos por essa pesquisa, necessário se fez extravasar os limites da pesquisa bibliográfica, para compreender a ótica e dar voz a quem realmente vivenciou o conflito na Nigéria. Assim, o rumo foi alterado para a modalidade de pesquisa empírica qualitativa, para ser desenvolvida

---

<sup>283</sup> DUDLEY, Domenic. *Forbes: Os grupos terroristas que mais matam no mundo atualmente*. Disponível em: <<https://forbes.uol.com.br/colunas/2018/12/os-grupos-terroristas-que-mais-matam-no-mundo-atualmente>>; Acesso em 05 de janeiro de 2019.

<sup>284</sup> RUIC, Gabriela. *O que leva jovens africanos ao terrorismo? Não é (só) religião*. Revista Exame. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/mundo/o-que-leva-jovens-africanos-ao-terrorismo-nao-e-so-religiao/>>; Acesso em: 15 de janeiro de 2019.

<sup>285</sup> ONUBR. *Ataques do Boko Haram são crescente ameaça na África Ocidental e no Sahel, diz ONU*. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/ataques-do-boko-haram-sao-crescente-ameaca-na-africa-ocidental-e-no-sahel-diz-onu/>>; Acesso em: 06 de janeiro de 2019.

através de entrevistas com questões subjetivas aplicadas aos refugiados nigerianos residentes no Brasil na cidade de São Paulo/SP, que se propuseram a participar.

Como metodologia do trabalho para a análise dessas entrevistas, primeiramente, pensou-se na análise por meio do método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) desenvolvido pelos pesquisadores Fernando Lefebvre e Ana Maria Cavalcanti Lefebvre. Esse método visa alcançar o resgate da Representação Social (RS), através da construção de um discurso síntese, buscando reconstituir as representações através do resgate ao pensamento coletivo, preservando-se sua dimensão individual articulada.

Segundo os pesquisadores que desenvolveram o método: “as representações sociais são esquemas sociocognitivos que as pessoas utilizam para emitirem, no seu cotidiano, juízos ou opiniões; são uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e partilhado, de uma realidade comum a um conjunto social.”<sup>286</sup>

Desta forma, a representação social é encontrada pelo pesquisador nas opiniões, posicionamentos, manifestações e posturas emanadas pelo indivíduo ao longo da resposta ao questionário, tido como uma manifestação individual sobre um determinado tema que, na verdade, sintetiza um consenso coletivo. Na análise do discurso do sujeito coletivo (DSC), as opiniões ou expressões individuais são analisados em três níveis:

No primeiro nível, se realiza a articulação entre o virtual (discurso/depoimento individual) e o coletivo. No segundo nível, mais complexo, há a transformação dos depoimentos brutos em depoimentos trabalhados, a identificação dos sentidos de cada um dos depoimentos, isto é, há o agrupamento “(...) de depoimentos semelhantes em conjuntos, denominação destes conjuntos, reunião de conteúdos de depoimentos semelhantes num depoimento único (...).”<sup>287</sup> Por fim, no terceiro nível, analisa-se esse conjunto de depoimentos semelhantes com as representações

<sup>286</sup> FIGUEIREDO, Marília Z. A.; CHIARI, Brasília. M.; e DE GOULART, Bárbara. N. G. *Discurso do Sujeito Coletivo: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa quali-quantitativa*. *Distúrb Comun*, São Paulo, 25(1): 129-136, abril, 2013; Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/download/14931/11139>; Acesso em: 13 de março de 2018. p. 131.

<sup>287</sup> LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti e MARQUES, Maria Cristina da Costa. *Discurso do Sujeito Coletivo, complexidade e auto-organização*. *Ciências e Saúde Coletiva*. 2009; 14 (4):1193-1204. Disponível em: [http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/12904/art\\_LEFEVRE\\_Discurso\\_do\\_sujeito\\_coletivo\\_complexidade\\_e\\_auto-organizacao\\_2009.pdf?sequence=1](http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/12904/art_LEFEVRE_Discurso_do_sujeito_coletivo_complexidade_e_auto-organizacao_2009.pdf?sequence=1); Acesso em: 13 de março de 2018.p. 05.

sociais e o metadiscorso teórico do pesquisador na tarefa de interpretação dos dados coletados.<sup>288</sup>

A partir desse ponto, estabelecida, portanto, essa metodologia como a que seria utilizada para o trabalho, necessário se fez desenvolver um projeto de pesquisa para ser submetido a um Comitê de Ética para avaliar as questões que seriam formuladas a esses refugiados e autorizar o prosseguimento da mesma, tendo em vista que esta pesquisa trabalha com seres humanos.

O projeto de pesquisa foi submetido para avaliação do Comitê de Ética em pesquisa da Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS) na cidade de Pouso Alegre/MG, através da Plataforma Brasil. O projeto seguiu os preceitos inclusos na resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde e na resolução 466/2012, da Comissão Nacional de Ética e Pesquisa e foi aprovado pelo comitê em 14 de agosto de 2018, através do parecer 2.821.733, que conclui que o estudo atende aos dispositivos das resoluções.

Diante da autorização do comitê de ética, iniciaram-se os contatos com as instituições Caritas (Centro de referência para refugiados) e Missão de Paz, ambas pertencentes à Igreja Católica. Depois de diversos contatos com a instituição Caritas, esta informou que, após entrar em contato com os refugiados nigerianos registrados em seu banco de dados, nenhum deles se dispôs a participar das entrevistas. Informou ainda, que muitos dos refugiados trabalham em lojas na Galeria do Reggae e que lá, talvez, alguns se dispusessem a participar das entrevistas.

Na Missão de Paz, instituição gerida pelo Padre Paolo Parise, é um local onde as pessoas que recebem refúgio no país são abrigadas por alguns meses até se estabelecerem no Brasil. Elas recebem, além de ajuda para regularização de documentos, cursos profissionalizantes, cursos de português e de história do Brasil para auxiliá-las na integração junto à sociedade brasileira.

O primeiro contato foi muito frutífero. O Padre Paolo, muito solícito, me informou que, naquela data, haviam dois nigerianos hospedados na casa da Missão de Paz e que eu poderia, se eles autorizassem, entrevistá-los. Também, me passou

---

<sup>288</sup> LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti e MARQUES, Maria Cristina da Costa. *Discurso do Sujeito Coletivo, complexidade e auto-organização*. Ciências e Saúde Coletiva. 2009; 14 (4):1193-1204. Disponível em: <[http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/12904/art\\_LEFEVRE\\_Discurso\\_do\\_sujeito\\_coletivo\\_complexidade\\_e\\_auto-organizacao\\_2009.pdf?sequence=1](http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/12904/art_LEFEVRE_Discurso_do_sujeito_coletivo_complexidade_e_auto-organizacao_2009.pdf?sequence=1)>; Acesso em: 13 de março de 2018. p. 05.

o contato de um refugiado sírio chamado Abdu, organizador da Copa para Refugiados, que me colocou em contato com outro refugiado nigeriano.

Posteriormente a esse contato com os locais selecionados como plano amostral para a coleta de dados, foram realizadas cinco entrevistas. Uma foi concedida pelo refugiado nigeriano que estava hospedado na Missão de Paz, outra foi concedida pelo refugiado nigeriano indicado pelo organizador da Copa para Refugiados e as outras três foram concedidas por refugiados nigerianos que trabalham em lojas na Galeria do Reggae, local indicado pela Caritas.

Portanto, esse primeiro momento constituiu a primeira etapa dessa pesquisa, em que se buscava uma maior aproximação com o tema. Isso ocorreu através de revisão bibliográfica dos poucos documentos e livros que existem a respeito do tema e também através dessas saídas de campo para reconhecimento dos locais onde ocorreriam as entrevistas e para uma maior aproximação com os entrevistados.

Para o segundo momento, que constitui a segunda etapa dessa pesquisa, embora o plano amostral preliminar mencionasse que seriam entrevistados, no total, 20 refugiados nigerianos residentes no Brasil, na cidade de São Paulo/S, do qual 10 refugiados seriam do sexo masculino e 10 refugiadas do sexo feminino, foram conseguidas apenas 5 entrevistas, todas fornecidas por refugiados do sexo masculino.

Isso ocorreu porque, ainda que tenham sido abordados muito mais do que 20 refugiados e que muitos deles conversaram livremente com esta pesquisadora, ao ser mencionado se eles autorizavam a gravação da entrevista e a utilização dela nesta pesquisa, apenas 5 autorizaram, havendo uma enorme repulsa por parte do restante, especialmente das mulheres, que passaram a dizer que não queriam ser entrevistadas e que não tinham nenhum conhecimento e nem opinião sobre o terrorismo do Boko Haram.

Diante disso, com relação aos 5 entrevistados que autorizaram as entrevistas, para realização delas, na dinâmica de campo, primeiramente, foi realizada a apresentação do projeto de pesquisa e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Tendo em vista que o idioma oficial da Nigéria é o inglês devido à colonização britânica, tanto a apresentação como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foram apresentados no idioma inglês.

Após a apresentação e a concessão da autorização, foram realizadas as 5 entrevistas, também em no idioma inglês, conduzidas pelo questionário roteiro,

formulado a partir dos problemas da pesquisa. Uma vez que se trata de pesquisa empírica qualitativa, as perguntas eram subjetivas e foram respondidas por cada entrevistado, em conformidade com a sua experiência de vida. As entrevistas foram ricas em detalhes, muitas delas, bastante emocionais.

Foi nessa etapa, em que as entrevistas foram concedidas, que houve a tentativa de conduzi-las para o assunto específico do trabalho e uma aproximação da pesquisadora com a narrativa daqueles que vivenciaram o conflito no Estado nigeriano, observando um certo distanciamento das falas com a bibliografia e os documentos coletados.

Ocorre que, para se criar o consenso necessário para o discurso – síntese deste trabalho, necessário se fazia que houvesse um equilíbrio de gênero entre os entrevistados, e isso, conforme já mencionado, não ocorreu. Apenas homens se dispuseram a participar das entrevistas, havendo uma enorme repulsa por parte das mulheres, repulsa esta, que será mais bem abordada em um dos próximos subitens. Diante dessa situação, o trabalho estava com apenas uma ótica: a ótica masculina sobre o problema.

Desta forma, nesta etapa do trabalho, percebeu-se que o método de análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) não alcançaria a Representação Social (RS) através do consenso da fala dos entrevistados, porque não havia diversidade. E que também, a utilização do discurso-síntese do método DSC sintetizaria a fala dos refugiados nigerianos, excluindo a riqueza dos detalhes narrados por eles sobre as suas experiências vividas no conflito da Nigéria.

Em vista disso, para a construção deste trabalho através dessas narrativas dos refugiados, optou-se então, pela utilização do método da História Oral, por ser um método de pesquisa que, segundo Ishikawa e Santos, “privilegia as “vozes” esquecidas pela história oficial: os iletrados, as minorias, as mulheres, os camponeses, os operários”<sup>289</sup> pois, método de pesquisa traduz bem a realidade do conflito na Nigéria: Há pouca narrativa sobre o conflito na Nigéria e a atuação do Boko Haram, e a que tem, é a da história oficial/hegemônica, isto é, a dos pesquisadores ocidentais, e não da história daqueles que realmente vivenciaram o conflito.

---

<sup>289</sup> ICHIKAWA, Elisa Yoshie. SANTOS, Lucy Woellner. *Voices da História: Contribuições da História Oral à Pesquisa Organizacional*. Disponível em: <[www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2003-epa-0186.pdf](http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2003-epa-0186.pdf)>; Acesso em: 17 de janeiro de 2019.

### A História Oral (HO), segundo Ishikawa e Santos:

(...) é uma história do tempo presente, pois implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. A presença do passado no presente imediato das pessoas é razão de ser da história oral. Nesta medida, a história oral não só oferece uma mudança para o conceito de História, mas, mais do que isto, ela garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a sequência histórica e a sentirem-se parte do contexto em que vivem.<sup>290</sup>

É um método de pesquisa que tenta, através da narrativa das “vozes” ignoradas, “(...) transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser usada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; (...) pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.”<sup>291</sup>

A primeira experiência dessa metodologia como atividade organizada se deu em 1948 na Universidade de Columbia nos Estados Unidos.<sup>292</sup> De acordo com Ishikawa e Santos, citando Meihy: “Isso se deu depois da Segunda Guerra Mundial, quando a combinação de avanços tecnológicos com a necessidade de propor novas formas de captação de experiências importantes como as vividas então por combatentes, familiares e vítimas dos conflitos passou a indicar uma nova postura dos pesquisadores em face das entrevistas.”<sup>293</sup>

Diante disso, a história oral se apresentou como uma alternativa diferente e de maior alcance do que a autobiografia, tendo em vista que autobiografia abarca a voz de pessoas que possuem grande influência dentro da sociedade. Ou seja, já há um curso pré-determinado na autobiografia. Em contraposição, “(...) os historiadores orais podem escolher exatamente a quem entrevistar e a respeito do que perguntar”<sup>294</sup> e podem nortear as evidências que precisam encontrar para a resposta do problema.

<sup>290</sup> ICHIKAWA, Elisa Yoshie. SANTOS, Lucy Woellner. *Vozes da História: Contribuições da História Oral à Pesquisa Organizacional*. Disponível em: <[www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2003-epa-0186.pdf](http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2003-epa-0186.pdf)>; Acesso em: 17 de janeiro de 2019.

p. 02.

<sup>291</sup> THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992. p. 22.

<sup>292</sup> ICHIKAWA, Elisa Yoshie. SANTOS, Lucy Woellner. *Op. cit.* p. 02.

<sup>293</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. In: ICHIKAWA, Elisa Yoshie. SANTOS, Lucy Woellner. *Vozes da História: Contribuições da História Oral à Pesquisa Organizacional*. Disponível em: <[www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2003-epa-0186.pdf](http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2003-epa-0186.pdf)>; Acesso em: 17 de janeiro de 2019. p. 02.

<sup>294</sup> THOMPSON, Paul. *Op. cit.* p. 25.



Meihy explica que o objetivo da história oral é a transformação. Portanto, aliando o objetivo da transformação com o da compreensão dos fatos, tendo vista que há uma imensa diferença entre verdade e experiência, o novo silogismo do método da História Oral passa a ser: “compreendendo para explicar, explicamos para transformar, donde “compreender é transformar”. ”<sup>295</sup>

Desta forma, segundo o autor, toda a ação da história oral é uma ação transformadora, que engloba os diversos níveis da sua construção, como o projeto de pesquisa, a escolha dos colaboradores/entrevistados, a condução das entrevistas, a produção do texto com as narrativas integrais e a sua eventual análise.<sup>296</sup>

Para Perazzo:

Os métodos da História Oral oferecem um suporte metodológico nos estudos da memória e das narrativas orais de história de vida, e também possibilitam a compreensão de processos comunicacionais e sua intersecção com a cultura. Cada sujeito, ao narrar sua trajetória de vida, se revela uma testemunha e um artífice da história. Essas narrativas orais não são menos verdadeiras, nem menos ficcionais do que muitas histórias oficiais. Não se busca a verdade, já que cada sujeito narra a partir de sua subjetividade, uma vez que cada um vê o objeto a partir do seu lugar no mundo e constrói sua narrativa de forma seletiva, marcando sua trajetória de acordo com sua concepção de mundo e sua percepção de si mesmo.<sup>297</sup>

Desse modo, como método de pesquisa, a História Oral é um método que valoriza a razão e os processos de comunicação, enquanto senso comum, como um saber intelectual, tendo em vista que tanto o entrevistado como o pesquisador precisam acessar a subjetividade para narrar, interpretar e transformar a experiência narrada em uma informação científica.

Dentro desse método de pesquisa, existem três modalidades de História Oral, segundo Meihy: “história oral da vida, história oral temática e tradição oral.”<sup>298</sup> Essas três modalidades se diferenciam da seguinte maneira:

Na história oral de vida o sujeito tem maior autonomia para dissertar o mais livremente possível sobre sua experiência pessoal; a ele é dado espaço para que sua história seja encadeada segundo a sua vontade. Na história oral temática há maior objetividade: a partir de um assunto específico e

<sup>295</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro*. Revista de História 155 (2º - 2006), 191-203. p. 195.

<sup>296</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Op. cit.* p. 195.

<sup>297</sup> PERAZZO, Priscila F. *Narrativas Oraís da história da vida*. Comunicação & Inovação, PPGCOM/USCS. v. 16, n. 30 (121-131) jan-abr 2015. p. 123.

<sup>298</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

preestabelecido, busca-se o esclarecimento ou opinião do entrevistado sobre algum evento definido. Ela tem características bem diferentes da história oral de vida, pois detalhes da vida pessoal do narrador apenas interessam na medida em que revelam aspectos úteis à informação temática central. Na tradição oral, o foco é a permanência dos mitos, a visão de mundo de comunidades que têm valores filtrados por estruturas mentais asseguradas em referências do passado remoto, que se manifestam pelo folclore e pela transmissão geracional.<sup>299</sup>

O desenvolvimento do método da História Oral para este trabalho se deu através da História Oral temática. Essa modalidade requer a narrativa dos entrevistados a respeito de um assunto específico que, neste caso, é sobre o terrorismo praticado pelo grupo Boko Haram na Nigéria, de modo a poder confrontá-la com outros documentos e fontes.

Isso porque, o objetivo central das entrevistas era construir uma narrativa, através das fontes orais captadas por meio de um gravador, sobre as experiências dos refugiados nigerianos residentes no Brasil na cidade de São Paulo/SP acerca do conflito existente na Nigéria entre o Boko Haram e o governo, bem como sobre os ataques terroristas praticados pelo grupo e o direcionamento específico para o gênero feminino.

Desta forma, após a coleta das fontes orais, iniciou-se então a terceira etapa da pesquisa, a etapa da organização e textualização dos dados. Nessa fase foi feita a organização dos dados colhidos através das narrativas e a interpretação das mesmas. A organização dos dados se dá da seguinte maneira: primeiramente foi feita a transcrição das narrativas orais, alterando-se o código de oral para escrito.

Essa foi a etapa mais laboriosa do trabalho por diversos motivos. Primeiro porque, a Nigéria é um país que possui mais de 300 tribos e 506 dialetos diferentes, então, embora a língua oficial do país seja o inglês, além dos dialetos, o inglês falado pela maioria da população nigeriana é o que eles chamam de “inglês quebrado”<sup>300</sup> ou “inglês crioulo”<sup>301</sup>, conforme nos ensina o entrevistado 2 em sua fala:

*Nós temos uma língua oficial que é o inglês. Porém, existe um outro sotaque para o inglês, chamado de inglês quebrado, que também pode ser chamado de*

<sup>299</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. In: ICHIKAWA, Elisa Yoshie. SANTOS, Lucy Woellner. *Vozes da História: Contribuições da História Oral à Pesquisa Organizacional*. Disponível em: <[www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2003-epa-0186.pdf](http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2003-epa-0186.pdf)>; Acesso em: 17 de janeiro de 2019.

<sup>300</sup> *Broken english*.

<sup>301</sup> *Creole english*.

*inglês crioulo, e que qualquer um na Nigéria pode falar e compreender, mesmo se você for para a escola ou não. Mas oficialmente nós falamos inglês britânico. Mas, para falar o inglês britânico, você precisa estar preparado para poder falá-lo bem. É isso o que não acontece com muitos nigerianos Igbos, eles não falam o inglês bem, porque eles não tiveram oportunidade para ir à escola.*

Desta forma, embora as entrevistas tenham sido feitas no idioma oficial da Nigéria, o inglês, em alguns momentos da entrevista, e essa dificuldade também esteve presente na transcrição dos áudios, houve lacunas de compreensão entre a pesquisadora e o entrevistado porque algumas expressões foram faladas ou no “inglês quebrado”<sup>302</sup> ou em algum dialeto da origem do entrevistado. Portanto, em alguns trechos das entrevistas não foi possível realizar a transcrição e a tradução na íntegra do que foi falado pelos entrevistados. Segundo, para que houvesse uma compreensão do contexto geral das falas, os áudios tiveram que serem reiteradamente repetidos até que essa pesquisadora pudesse realizar a transcrição e a tradução dos mesmos.

Posteriormente, foi feita a construção de textos, ou, textualização, com base na transcrição das entrevistas, em que se transformaram aquelas falas escritas em um texto do qual foram retiradas as perguntas formuladas, as repetições de fala, os sons e onomatopeias.<sup>303</sup> Já no momento da interpretação das narrativas, ainda nesta terceira fase, foram feitas diversas leituras dos textos produzidos para a compreensão das narrativas e elaboração de uma síntese interpretativa<sup>304</sup> para a redação dos textos deste trabalho. Para essa redação foi utilizada a forma da análise cruzada que, de acordo com Thompson, é a terceira forma de análise da História Oral em que “(...) a evidência oral é tratada como fonte de informações a partir da qual se organiza um texto expositivo.”<sup>305</sup>

<sup>302</sup> *Broken english.*

<sup>303</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de história oral. 4. ed., rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2002. *In*: CHRISTIMANN, Juliana Pugliese. A aplicação da metodologia de história oral – dando voz às memórias dos pescadores da praia do paquetá – canoas/rs. Disponível em: <<http://seminariosmemoriasocial.pro.br/wp-content/uploads/2016/03/C019-JULIANA-PUGLIESE-CHRISTIMANN-normalizado.pdf>>; Acesso em: 17 de janeiro de 2019. p. 05.

<sup>304</sup> CHRISTIMANN, Juliana Pugliese. *A aplicação da metodologia de história oral – dando voz às memórias dos pescadores da praia do paquetá – canoas/rs.* Disponível em: <<http://seminariosmemoriasocial.pro.br/wp-content/uploads/2016/03/C019-JULIANA-PUGLIESE-CHRISTIMANN-normalizado.pdf>>; Acesso em: 17 de janeiro de 2019. p. 05.

<sup>305</sup> THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral.* Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992. p. 304.

Como este trabalho tem como objetivo primordial a análise e a interpretação dessas narrativas como forma de averiguação das bibliografias e documentos sobre o conflito na Nigéria e o terrorismo do Boko Haram, para a análise cruzada e a confecção do texto expositivo final que narra a História Oral dos entrevistados, utilizou-se do sistema negrito e sublinhado para a citação das entrevistas. Assim, o projeto desta pesquisa se findou com a construção desse texto.

### 3.2 O conflito na Nigéria: o terrorismo do Boko Haram e o Governo nigeriano.

A Nigéria é um país em constante conflito étnico. Isso se dá em virtude do processo de colonização que não respeitou as tribos existentes na região, conglomerando-as sob um único território. Estamos falando de um país que tem mais de 300 tribos, 506 dialetos falados e diversas religiões. O entrevistado 2 diz que:

*A Nigéria, por exemplo, é dividida em muitas tribos. Na Nigéria você tem os Igbos, você tem no nordeste os Hausa, e você tem os Yurubas. Então na Nigéria você tem mais de 300 tribos, e você tem 500 línguas diferentes, dialetos. Então, entre os Igbos, eles têm diferentes dialetos e os Hausas apenas um. Essas são as 3 únicas tribos que são reconhecidas oficialmente na Nigéria.*

E para o entrevistado, um dos maiores problemas do país é que, em virtude dessa diversidade cultural e linguística, as pessoas não se compreendem, pois, embora o idioma oficial do país seja o inglês, a maioria das pessoas não fala o inglês e quando fala, é porque tiveram acesso à educação e o tem como uma segunda língua. Mas, à parte do idioma oficial, os nigerianos falam um inglês com um sotaque e algumas palavras diferentes. É o que eles chamam de “inglês quebrado” ou “inglês crioulo”<sup>306</sup>

Portanto, essa falta de compreensão entre a população dentro do país em virtude da diversidade linguista engloba uma série de implicações sociais e políticas. As consequências sociais derivam dos conflitos de disputa entre as tribos enquanto que

---

<sup>306</sup> *Broken english; Creole english.*

as consequências políticas derivam da origem étnica do Presidente da Nigéria. O entrevistado 2 narra que:

*Esse é o problema. Esse é o problema da Nigéria, nós temos diferentes línguas. Agora, se um homem da tribo Hausa é o presidente, um homem Igbo vai dizer: Não, ele somente vai favorecer as pessoas Hausas. Você vê o problema? Então, os Igbo vão dizer: Não, nós não queremos ele, queremos uma pessoa daqui e os da tribo Yoruba vão dizer: Não, nós queremos um Yoruba daqui. Então, no congresso, começou uma briga de uma tribo com outra tribo, e assim começou o conflito. Quando o conflito estava lá, as pessoas começaram a sofrer. Você elege alguém para trabalhar para a população, ela vai lá e metade dos problemas é lutar contra outras tribos, ela nunca irá fazer o seu trabalho, então as pessoas vão começar a sofrer.*

Então, o país hoje vive em constante conflito porque as etnias nigerianas não se compreendem linguisticamente e não se veem representadas por essa República Federal que conglomerou 36 Estados e um distrito federal sob um governo que tem um chefe e um vice para o Executivo. Esse conflito tem feito surgir movimentos independentistas na Nigéria e também insurgentes, como é o caso do Boko Haram. O entrevistado 2 narra que, a tribo Igbo, por exemplo, quer independência:

*Agora, na história da Nigéria, essas são as duas tribos que tem mandado na Nigéria por anos. O presidente está sempre entre aqui e aqui, aqui e aqui, e os Igbos nunca estão lá. Agora, os Igbos estão cansados e querem independência, eles querem ir. É uma longa história sobre o que acontece, sobre o projeto de independência da Nigéria, isso é diferente, e isso está no meio da guerra. Mas agora, os Igbos querem ir embora, agora eles querem a "Afra". (...) a "Afra" é a única organização pacífica para a independência, é por causa do campo, é porque eles não veem uma forma de ficar na Nigéria.*

O Boko Haram também surgiu de um grupo de jovens insurgentes que queriam criar um Estado Islâmico por discordarem do secularismo do modelo de Estado atual da Nigéria e também, por discordarem da atuação dos políticos mulçumanos

corruptos nesse governo. Esse era o objetivo deles, a criação de um califado islâmico em que lei maior seria a *Sharia* (a lei islâmica).

Essa insurgência do Boko Haram assim como os seus objetivos não são uma novidade. Outros grupos terroristas apresentam os mesmos preceitos fundamentais que ensejam na insurgência. É o que Noam Chomsky nos diz: Nesse mesmo sentido, relata que os inimigos primordiais dos terroristas, logo, do terrorismo: "(...) são aqueles que chamam de "regimes autoritários brutais, corruptos e opressivos do mundo árabe" Quando dizem isso, obtêm uma grande ressonância da região. No entanto, eles também querem substituir esses regimes por governos mais incisivamente islâmicos. E é aí que perdem a simpatia das pessoas da região."<sup>307</sup>

Os objetivos do Boko Haram são políticos se analisados sob essa perspectiva e a narrativa dos refugiados nigerianos vem confirmar isso. O entrevistado 5 narra que a motivação do Boko Haram é política.

*É Política. Porque, em parte, eles usam para exercer suas ambições políticas, é por isso que eles iniciaram a organização. E a má notícia é que eles fazem uma escalada sobre aquelas terras. Então é política.*

O entrevistado 4 narra que o Boko Haram existe por motivações próprias e que uns acreditam que são motivações políticas e outros que são motivações religiosas:

*O Boko Haram é só um dos grupos terroristas do mundo e a maioria dos países não sabem que existe, atualmente eles não têm motivo para existir, eu pessoalmente acredito que eles existam por interesses egoístas, eles querem que a Nigéria seja dominada. A parte norte da Nigéria é dominada por muçulmanos e eles não gostam da educação ocidental e eles querem que o governo abandone a educação ocidental, que seja praticada a educação islâmica, esse é o problema central e por isso que eles escolhem lutar por essa filosofia nas áreas extremas da Nigéria. (...) Os cristãos acreditam que o problema é mais religioso, os muçulmanos acreditam que o problema é político, porque nós cristãos, a maioria dos cristãos, acreditamos que os muçulmanos são pessoas mais violentas, alguma coisa do tipo. Os Muçulmanos não acreditam nisso, eles acham que o problema é político.*

---

<sup>307</sup> CHOMSKY, Noam. *A nova guerra contra o terror*. Estudos avançados 161 (44), 2002. p. 23.

O entrevistado 1 nos conta que o Boko Haram existe por causa de lideranças políticas.

*Cada um tem um ponto de vista, no qual o meu ponto de vista é que eu acho que o Boko Haram, na maior parte das vezes, é liderado por líderes políticos. A religião está lá, mas as pessoas que fundaram o Boko Haram ou patrocinaram o Boko Haram, as que dão as armas para eles aterrorizarem as tribos e as vilas e os nossos líderes são líderes políticos, então, eu estou te dizendo o meu ponto de vista.*

Além do descontentamento com a secularização e a ocidentalização da Nigéria, o Boko Haram, segundo Walker<sup>308</sup>, foi criado porque os jovens estavam insatisfeitos com os políticos mulçumanos que estavam governando o país e por acreditarem que as regiões norte e nordeste estavam sendo governadas por mulçumanos corruptos. Deste modo, ainda que se tenha a presença da religião na essência do Boko Haram, haja vista que seus integrantes são religiosos e querem um Estado associado à religião islâmica, o âmago da insurgência é uma questão política.

Contudo, um fator inesperado pela pesquisa surgiu nas narrativas desses refugiados. Todos, sem exceção, disseram que o grupo terrorista Boko Haram é, na verdade, patrocinado pelo governo nigeriano. Alguns argumentaram que é uma forma de manutenção do poder porque para a população, todo e qualquer ato do governo para reprimir as ações do grupo, são tidas como uma atuação de um governo eficaz no combate ao terrorismo. Mas em contra partida, segundo os relatos, o governo é quem injeta dinheiro no grupo.

O entrevistado 2 é muito claro em sua explicação quanto a questão de injetar o dinheiro no grupo.

*A minha opinião, como eu estou te dizendo, é que é político porque a maioria das pessoas que o Boko Haram tem matado. Agora você poderia me dizer que na Nigéria, por exemplo, o caso mais popular, que todo mundo sabe, é sobre as meninas que foram sequestradas da escola, você sabe? Foram para a floresta e*

---

<sup>308</sup> WALKER, Andrew. *What is Boko Haram?* Washington: United States Institute of Peace, 2012. p. 3.

*elas não podem fazer nada e o governo não pode fazer nada e no final, isso significa que alguma coisa está errada. O Presidente da Nigéria, antes dele assumir o ofício, ele se comprometeu com isso, que iria resolver o problema do Boko Haram. Então ele veio para a presidência como um homem Hausa, esse cara não tem ?? (13:06) em nossas vidas. As pessoas perderam as cidades. Se você vê as armas, que eles têm, de onde vem essas armas? Eles estão usando as armas do governo. Os veículos que eles usam são os veículos do governo. Quem está patrocinando eles? Alguém está patrocinando eles. Alguém não nos está dizendo a verdade, alguém está por trás deles. Eles vivem nas florestas, eles vivem em acampamentos. A onde eles vivem é possível que eles roubem mulheres, que eles roubem comida e que eles roubem coisas, mas não é possível que eles roubem isso, armas e veículos. Então alguém está patrocinando eles. Então me explica isso, as pessoas estão nas ruas e não têm nada e eles vivem na floresta. Então alguém do governo está por trás deles. Isso é o que eu digo. Mas isso é o porque o Boko Haram veio a existir, porque alguém é radical. O radicalismo vem de alguém querendo resistir a algo. Eles vieram a existir para desestabilizar o governo do Jhonata.*

O entrevistado 3 também narra que é o governo nigeriano quem patrocina o Boko Haram. Ele justifica isso ao explicar que tanto o presidente como as pessoas que estão no poder têm medo do Boko Haram porque são da mesma origem tribal dos integrantes do grupo, eles são Hausas.

*Na verdade eles estão usando o Boko Haram. Sim, claro. O governo da Nigéria é muito ruim. Me desculpe dizer isso. O governo da Nigéria é muito ruim. Porque eles são tão ruins? Porque eles patrocinam o Boko Haram, esse é o meu ponto de vista, não é só por causa deles, há negócios políticos nisso, os governantes geralmente vêm deles e isso é muito complicado porque o governo tem medo do Boko Haram, eles têm medo de serem mortos, porque não têm outro dia, não têm outro dia minha irmã, entendeu?*

O entrevistado 5 nos dá uma nova versão, a de que os políticos se aproveitam da existência do Boko Haram em virtude dos conflitos tribais.



*Há muitos problemas políticos e problemas de liderança, ou seja, há muitas coisas e o país não tem condições de estabilidade. Especialmente, as políticas nacionais não são boas, o governo não é bom, muitas mentiras são inventadas. O Boko Haram tem enfatizado muito isso. O Boko Haram é uma coisa entrelaçada no país, eles matam todos os cristãos. Na verdade muitos políticos se utilizam do Boko Haram para atirar e tirar a vida do povo, para expulsar os cristãos e assim ter a oportunidade de fazer o que bem entendem. Então nada tem mudado e eles controlam todo o país.*

O entrevistado 1 nos narra a ligação do governo nigeriano com o Boko Haram e a estratégia do governo para se manter no poder.

*As pessoas propagam a violência. No meu país, o próprio governo fornece armas para os terroristas do Boko Haram atacar vilas, bairros, cidades, tudo por causa que eles querem criar um cenário para que eles estejam aptos a utilizar para ganhar as eleições justificando que podem parar o Boko Haram. Mas eles são o Boko Haram. Eu falo pra você, por exemplo: eu “Joseph” como presidente vou parar o Boko Haram, mas eu como presidente dou armas ao Boko Haram. O governo compra armas de outros países e dão ao Boko Haram.*

*Eu penso que a religião é a causa disso tudo, é um jogo de poder, porque eles acreditam que esse jogo de poder vai dar o controle do país.*

*O governo, eles dizem ao povo, me eleja como governante, me eleja como presidente, que eu posso parar o Boko Haram, e então eles falam ao Boko Haram para parar e eles param, e depois das eleições dão mais dinheiro para o Boko Haram. Essa é a verdade, eu falo por mim como refugiado. Eu sou refugiado, eu vim para cá para poder sobreviver, para poder caminhar, para poder trabalhar, para poder ter uma vida melhor. Eu acredito que o Brasil dá um suporte muito bom para mim como refugiado e eu gosto disso, sou muito grato ao Brasil.*

Essa é a voz dos refugiados nigerianos residente no Brasil na cidade de São Paulo/SP sobre o conflito da Nigéria e sobre o terrorismo do Boko Haram. Essa é a história deles, é a verdade dos fatos vividos e experimentados por eles, o que não significa que seja a realidade pois esse método de pesquisa não busca a verdade absoluta, mas sim, a verdade daquele que está narrando a história.

Um conflito como esse, que envolve diversas nuances, talvez permaneça sempre incompreendido por nós ocidentais, embora estudemos e pesquisemos sobre o país, a cultura, a política, a economia e as relações sociais. O que nos resta claro é que, ainda que a religião esteja intrinsicamente enraizada na essência do grupo, a motivação para a insurgência e para a prática de atos terroristas por parte do Boko Haram é política.

### 3.3 O medo e o refúgio na voz de seus protagonistas.

A bibliografia massiva sobre o terrorismo retrata uma realidade ocidental dos fatos. A mídia internacional retrata com ênfase e repetições diárias apenas os atentados terroristas que ocorrem nos Estados Unidos e na Europa fazendo-nos crer que nós, ocidentais, somos as maiores vítimas do terrorismo e os que mais o temem.

Isso porque, segundo Salem Nasser: “Limitados como estamos, tendemos a naturalizar e incorporar como nossos os posicionamentos do que se convencionou chamar a “comunidade internacional”, composta essencialmente por Estados Unidos e seus aliados, europeus e outros, que fala pela boca de sua mídia.”<sup>309</sup>

Na verdade, para o autor:

(...) A dependência das agências de notícias internacionais e a reprodução daquilo que noticiam ou pensam grandes grupos de comunicação, essencialmente norte-americanos e europeus, é generalizada. Essa restrição, geográfica, por assim dizer, se explica em parte também pela questão linguística. Não podendo acompanhar o que se escreve em idiomas que não o inglês e o espanhol, ignora-se o que se diz e escreve em árabe, hebraico, persa, russo, chinês etc. (...) parece haver uma condicionante política para a fonte que se considera confiável ou digna de referência, ainda que essa ‘decisão’ não seja tomada conscientemente e talvez não seja sequer notada por quem opera no dia a dia as pequenas engrenagens de cada meio de comunicação.<sup>310</sup>

Mas ao analisarmos os bancos de dados do terrorismo internacional, verificamos que na verdade, o número de atentados terroristas e de mortes em decorrência

<sup>309</sup> NASSER, Salem H. *Olhares sobre as revoltas no mundo árabe*. Projeto História, São Paulo, n. 46, pp. 115-133, Abr. 2013. p.119.

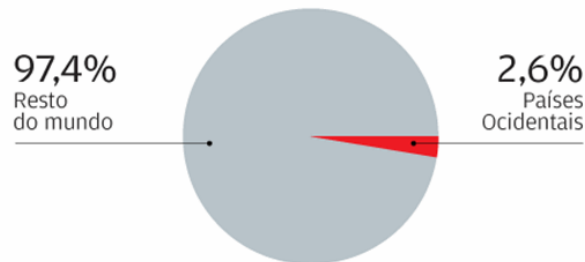
<sup>310</sup> NASSER, Salem H. *Op. cit.* p. 118.

deles que acontecem no Ocidente, chega a ser insignificante em comparação com o número de atentados terroristas e de mortes que acontecem na Ásia e na África.

Um gráfico da *Institute for Economics and Peace* com base em dados da *Global Terrorism Database da START* demonstram que, de 2004 a 2014, por exemplo, a morte de ocidentais por ataques terroristas representou 2,6% do total de mortes que ocorreram ao redor do mundo.

**Países ocidentais pesam 2,6% no número de mortos**

Vítimas mortais devido a ataques terroristas de 2004 a 2014

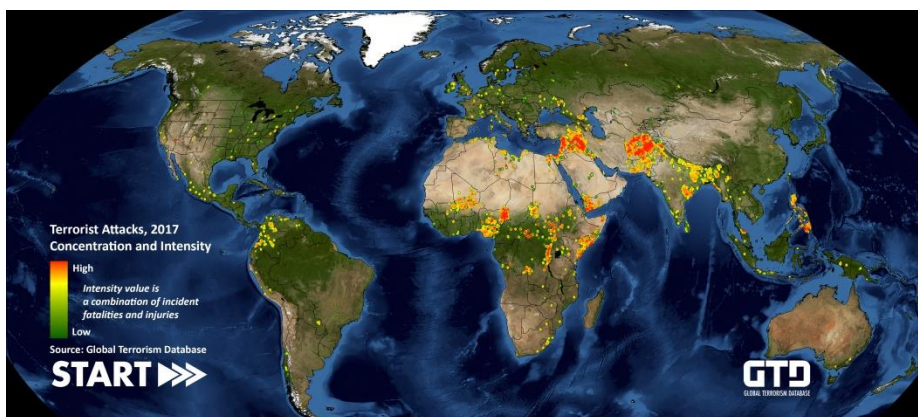


Excluindo o 11 de Setembro, apenas 0,5% dos ataques tiveram lugar em países ocidentais. As motivações para os atentados no Ocidente são sobretudo políticas (68%), seguindo-se o fundamentalismo islâmico (20%).

Fonte: Institute for Economics and Peace com base em dados da Global Terrorism Database do START

**Gráfico 4:** Vítimas mortais de ataques terroristas de 2004 à 2014.  
Fonte: Institute for Economics and Peace com base em Dados da Global Terrorism Database da START

E isso não foi diferente no ano de 2017. Com base no mapa de concentração e intensidade de ataques terroristas da *Global Terrorism Database da START*, é nítida que a maior concentração e intensidade dos ataques terroristas ocorridas naquele ano se deu no Oriente.



**Mapa 4:** Concentração e intensidade de ataques terroristas em 2017.  
Fonte: Global Terrorism Database START.

É claro que está análise crítica não retira a importância de cada vida perdida em qualquer ato terrorista no mundo, seja ele no Ocidente ou no Oriente. Na verdade, o intuito dessa análise é nos fazer pensar sobre o questionamento central deste trabalho: Quem tem medo do terrorismo? Somos nós, os ocidentais, que mais tememos o terrorismo, mesmo ele ocorrendo de forma esporádica? São os orientais os que mais temem o terrorismo por conviverem com ele quase que diariamente? Ou somos todos nós, o mundo, os governos, as vítimas, os próprios terroristas, os soldados da guerra contra o terrorismo, que tememos o terrorismo?

No caso específico do terrorismo na Nigéria, os protagonistas do terrorismo praticado pelo grupo fundamentalista islâmico Boko Haram, os refugiados nigerianos residentes no Brasil na cidade de São Paulo/SP, responderam a esse questionamento. Uns narrando a sua experiência fática do que é o terrorismo e como é conviver diariamente com ele e outros se silenciando.

Os que narraram a sua experiência fática foram os homens. Todos eles mencionam que todo mundo tem medo do terrorismo. O entrevistado 3 narra que, para ele:

*Todo mundo tem medo porque ninguém sabe a hora que irá morrer, aqui não, mas no meu país. Você não sabe disso no meu país, isso é o que acontece. Então todo mundo tem medo, não sei se você entende o que significa, os governos têm medo, porque os terroristas são inteligentes, eles fazem todo mundo ter medo. Entende?*

Para o entrevistado 5:

*As pessoas, todo mundo tem medo do terrorismo. Eles vivem no medo, há temor por todo o país, as pessoas não estão felizes, então querem uma mudança radical, eu quero colocar alguém lá para mudar os aspectos políticos para conseguir viver lá, as pessoas estão sofrendo, eles vão para o Sul e matam as pessoas lá e fazem muitas coisas. Enfatizando, muitas coisas não estão boas, eles querem uma mudança, para recompor o país, isso é possível.*

O entrevistado 4 também falou que para ele:

*Todo mundo, ninguém gosta do terrorismo, ninguém quer morrer, todo mundo tem medo dele, até mesmo os terroristas, até mesmo o governo, os soldados que lutam contra ele.*

De acordo com o entrevistado 2:

*Todo mundo tem medo do terrorismo. Todo mundo tem medo do terrorismo. Todo mundo pode ser vítima do terrorismo, claro. Mesmo você vivendo aqui você pode ser vítima do terrorismo. Na verdade, você pode dizer: Você, o que você tem feito sobre? Você nunca vai ter medo do que você não conhece, como eu posso explicar isso. Por exemplo, eu sei o que é alguém ter experiência de guerra, quem tem sido as vítimas da guerra, e nós nunca queremos que isso aconteça de novo. Mas alguém pode não saber o quê que isso significa e ficar dizendo: Deixa isso acontecer. Então, as pessoas que tiveram essa experiência elas não querem que isso aconteça nunca mais. Então, eu tenho a experiência em conflito, eu vi pessoas sendo mortas, eu tenho essa experiência. (...) Resumindo, a guerra não é lugar para se estar. Eu estou te falando da experiência de quem viu pessoas morrendo. Até para ir na igreja, eu queria rezar na igreja e não queria ver alguém sendo morto no caminho. Eu não quero ver isso. Mas as pessoas não entendem isso, elas falam: ahhhh, sem problemas. Então, eu tenho medo, eu não quero morrer, eu não quero sangue e nem problemas civis.*

O entrevistado 1 indagou e narrou que:

*Quem tem medo do terrorismo? Todo mundo tem medo do terrorismo porque o terrorismo não é bom. Na Nigéria, em Gana, na África no geral, todo mundo tem medo do terrorismo e eu penso que o terrorismo está ligado a causas fundamentalistas das pessoas que o praticam.*

Se observarmos as narrativas, todos são categóricos ao dizer que todo mundo tem medo do terrorismo. E todos temem o terrorismo porque essa é a sua

principal arma, é a estratégia utilizada por eles para alcançarem os seus objetivos. Segundo Barber: “(...) o inimigo não é terrorismo, mas o medo (...)”<sup>311</sup>

Porém, ainda que todos temam o terrorismo, são eles que conviveram diariamente com esse temor. Por isso para essa pesquisa a importância das entrevistas com os refugiados nigerianos residentes no Brasil na cidade de São Paulo/SP, pois somente a experiência fática deles é capaz de demonstrar o que é conviver e ter medo diariamente do terrorismo. Essa pesquisa visava entrevistar refugiados do sexo feminino e do sexo masculino.

As refugiadas nigerianas abordadas simplesmente se calaram. De todas as mulheres abordadas para serem entrevistadas, nenhuma aceitou participar. Na verdade, na abordagem inicial, quando a pesquisadora se apresentava e mencionava o tema das entrevistas, algumas delas até fizeram poucas observações. Mas, quando a pesquisadora questionava se elas queriam participar das entrevistas e se elas autorizavam a gravação e a utilização delas para esse trabalho, todas se calaram. A repulsa foi instantânea e partir desse momento elas não falaram mais e nenhuma mais tinha conhecimento sobre o assunto. O silêncio predominou.

O silêncio dessas mulheres nigerianas pode ser interpretado de diversas maneiras, mas nunca saberemos ao certo o que ele verdadeiramente representou. Esse silêncio pode representar (i) o medo de reviver a experiência com o terrorismo que ensejou no deslocamento forçado dessas mulheres; (ii) o contexto do medo delas de serem deportadas do Brasil em razão da sua fala; (iii) o contexto de uma experiência educacional limitada que as fazem desconfiar de pesquisadores e não compreender a sistemática do contexto social; e (iv) de uma abstenção de fala política em razão da corrupção no modelo democrático nigeriano e por terem a discussão política como uma questão predominantemente masculina.

Se analisado sob o contexto político da Nigéria, representa uma abstenção de fala política sobre o terrorismo. Embora elas tenham uma fala política sobre o que acontece no país, o medo em razão da desconfiança na democracia liberal nigeriana em virtude da corrupção, cria essa abstenção de fala que, segundo Miranda e Simioni, gera um paradoxo entre silêncio/fala política.<sup>312</sup>

---

<sup>311</sup> BARBER, Benjamin. R. *O Império do medo – Guerra, terrorismo e democracia*. Tradução de Renato Bittencourt. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 48.

<sup>312</sup> MIRANDA, Daniela. SIMIONI, Rafael Lazzarotto. Direito, silêncio e corrupção: um diálogo com Niklas Luhmann e Jürgen Habermas. Disponível em: <gov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/25351-25353-1-PB.pdf>; Acesso em: 22 de janeiro de

A democracia liberal nigeriana é o cerne do problema do Boko Haram na Nigéria. Foi através da imposição por motivos economicos pelos Estados Unidos que a Nigéria adotou esse modelo de democracia, que ocasionou na insurgência do grupo terrorista em razão do densenraizamento das tradições locais.<sup>313</sup> Hoje a manutenção da atuação do grupo no país ocorre em razão da corrupção da maioria política que, para se manter no poder nesse modelo de democracia liberal, patrocina o Boko Haram para criar o pânico e a instabilidade, para que o Governo “supostamente” os controle posteriormente, criando a falsa sensação de segurança.

A desconfiança e o medo fez com que essas mulheres abordadas se privassem da sua fala política, criando um silêncio predominante entre elas. Na perspectiva da teoria da Ação Comunicativa de Jürgen Habermas, o silêncio representa o bloqueio que o medo e a desconfiança ocasiona na ação comunicativa dessas mulheres na pretensão de validade do mundo subjetivo (sinceridade), sobre a ausência de discurso a respeito do que é o terrorismo e sobre o temor de conviver diariamente com ele, correspondendo ao interesse cognitivo delas por manter intacta uma intersubjetividade permanente ameaçada pelas entrevistas.<sup>314</sup>

A ação comunicativa em Habermas, segundo Simioni:

(...) é a ação que tem por objetivo o entendimento recíproco entre os participantes de uma interação, a respeito de uma situação. A ação comunicativa pressupõe, portanto, a capacidade dos participantes de criticarem-se reciprocamente e de chegarem, argumentativamente, a um acordo onde a única motivação válida é a força do melhor argumento.<sup>315</sup>

Para Habermas, portanto: “O discurso é então o espaço ideal no qual a ação comunicativa pode ser livremente exercida com vistas a um consenso livre de coações.”<sup>316</sup> Assim, o consenso social livre do coações representa um critério de validação e de legitimação das ações humanas.<sup>317</sup> Ao serem abordadas para as

---

2019. p. 12.

<sup>313</sup> BORRADORI, Giovanna. *A filosofia em tempo de terror: Diálogos com Habermas e Derrida*. Tradução: Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2004. p. 31.

<sup>314</sup> MIRANDA, Daniela. SIMIONI, Rafael Lazzarotto. *Direito, silêncio e corrupção: um diálogo com Niklas Luhmann e Jürgen Habermas*. Disponível em: <egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/25351-25353-1-PB.pdf>; Acesso em: 22 de janeiro de 2019. p. 13.

<sup>315</sup> SIMIONI, Rafael Lazzarotto. *Curso de hermenêutica jurídica contemporânea: do positivismo clássico ao pós-positivismo jurídico*. Curitiba: Juruá Editora, 2014. p. 517.

<sup>316</sup> SIMIONI, Rafael Lazzarotto. *Op. cit.* p. 518.

<sup>317</sup> GOMES, Lhuiz Roberto. *O consenso na Teoria do Agir Comunicativo de Habermas e suas implicações para a educação*. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/252525/1/Gomes\_LuizRoberto\_D.pdf>; Acesso em:

entrevistas e informadas a respeito do tema, as refugiadas nigerianas residentes no Brasil na cidade de São Paulo bloquearam, através do silêncio, o seu discurso sobre o terrorismo do Boko Haram.

Isso porque, para que se tenha um discurso motivado racionalmente na teoria do Discurso Racional da Teoria da Ação Comunicativa de Habermas, necessário se faz que haja o cumprimento de pretensões de validade. Habermas sustenta que:

(...) o conceito da racionalidade comunicativa deva ser analisado segundo o fio condutor de um entendimento linguístico. O conceito de entendimento remete a um comum acordo almejad pelos participantes e racionalmente motivado, que se mede segundo pretensões de validade criticáveis. As pretensões de validade (verdade proposicional, correção normativa e veracidade subjetiva) caracterizam diferentes categorias de um saber que se corporifica simbolicamente em exteriorizações. Essas exteriorizações podem ser analisadas mais de perto: por um lado, sob o aspecto da possibilidade de fundamentar exteriorizações como essas; por outro, sob o aspecto de como os atores se relacionam, por meio delas, com alguma coisa no mundo.<sup>318</sup>

Desse modo, para que haja a exteriorização das diferentes categorias do saber e de como essas categorias se relacionam, por meio de seus atores, com o mundo, através do discurso, necessário se faz que haja o cumprimento das três pretensões de validade: a do mundo objetivo (verdade proposicional), a do mundo social (correção normativa) e a do mundo subjetivo (sinceridade).<sup>319</sup>

Desta forma, não houve a exteriorização do discurso dessas mulheres sobre o terrorismo do Boko Haram porque o medo, ou a desconfiança, ou até mesmo o desinteresse de acessar o mundo subjetivo das suas experiências bloqueou o discurso e conseqüentemente a existência de um consenso social dessas mulheres sobre o tema.

Portanto, o silêncio dessas refugiadas nigerianas nas entrevistas representa uma forma de validação e legitimação desse medo cognitivo de exteriorizar argumentativamente o mundo subjetivo delas sobre as experiências, fazendo assim, com que elas optassem pelo silêncio para a manutenção da intersubjetividade permanente ameaçada pelas entrevistas.

Para superar esse paradoxo criado pela corrupção e pelo medo na Nigéria, em que se predomina o silêncio, Miranda e Simioni mencionam que necessário se faz

---

22 de janeiro de 2018. p.

<sup>318</sup> HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo 2: sobre a crítica da razão funcionalista*. Tradução: Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. p. 148.

<sup>319</sup> SIMIONI, Rafael Lazzarotto. *Curso de hermenêutica jurídica contemporânea: do positivismo clássico ao pós-positivismo jurídico*. Curitiba: Juruá Editora, 2014. p. 517.



assimetrizar o paradoxo silêncio/fala política através da utilização da teoria da Ação Comunicativa de Jürgen Habermas para criar uma projeção de futuro para essa democracia, de modo a equilibrar as relações entre o Estado e os seus cidadãos, amenizando o problema da corrupção e do terrorismo, eliminando o silêncio:

O paradoxo provocado pela experiência de corrupção (silêncio/fala política) requer uma assimetriação. Requer um terceiro valor criativo capaz de dar novo sentido ao silêncio e à fala política. (...) poderá ser a proposta da Teoria Deliberativa habermasiana. Essa teoria oferece condições de possibilidade de se pensar na construção de uma nova cultura política que possibilite um envolvimento muito maior dos cidadãos na organização e na tomada de decisões da sociedade.<sup>320</sup>

Isto é, para se combater a corrupção do governo nigeriano e, possivelmente o Boko Haram, necessário se faz implementar verdadeiramente os preceitos democráticos na Nigéria, criando um Estado que verdadeiramente represente a diversidade étnica e cultural do país, através de uma nova cultura política e democrática que incorpore as tradições locais da população e possibilite uma participação efetiva e verdadeira da população nos processos de decisões<sup>321</sup> de modo a fazê-los sentir-se verdadeiramente representados.

Mas, o mesmo medo que talvez as calou, é o mesmo que aterrorizou esses homens entrevistados e é o mesmo sentimento que foi o propulsor para o pedido de refúgio dessas pessoas aqui no Brasil. De acordo com o artigo 1º da Convenção de 1951 relativa ao Estatuto do Refugiado, refugiado é a pessoa que:

(...) temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele.<sup>322</sup>

A definição do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados é a de que refugiados: “São pessoas que estão fora de seu país de origem devido a

<sup>320</sup> MIRANDA, Daniela. SIMIONI, Rafael Lazzarotto. *Direito, silêncio e corrupção: um diálogo com Niklas Luhmann e Jürgen Habermas*. Disponível em: <egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/25351-25353-1-PB.pdf>; Acesso em: 22 de janeiro de 2019. p. 14-15.

<sup>321</sup> MIRANDA, Daniela. SIMIONI, Rafael Lazzarotto. *Op. cit.* p. 14-15.

<sup>322</sup> Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados (1951). Disponível em: <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao\_relativa\_ao\_Estatuto\_dos\_Refugiados.pdf>; Acesso em: 22 de janeiro de 2018.

fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, como também devido à grave e generalizada violação de direitos humanos e conflitos armados.”<sup>323</sup>

Ao analisarmos esses dois conceitos dados sobre o que é ser refugiado, verificamos que há uma diferença clara entre ser refugiado e ser migrante. Na verdade, essa diferença entre refugiado e migrante no âmbito do Direito Internacional se dá conforme o tipo de migração. O migrante forçado, ou refugiado, é aquela pessoa que é ser forçada, por temer, isto é, por ter medo de perseguição, de violação aos direitos humanos e de perder a vida, a deixar o seu país de origem e pedir refúgio em outro país.

Já o migrante voluntário, é aquela pessoa que toma a decisão de migrar livremente, por “(...) razões de conveniência pessoal e sem a intervenção de um fator externo. Aplicam-se, portanto, a pessoas, e membros de sua família, que se mudam para outro país em busca de melhores condições sociais e materiais de vida para si e seus familiares.”<sup>324</sup>

A legislação brasileira também traz uma definição para o conceito de refugiado com base na definição da Organização das Nações Unidas (ONU). A lei 9.474 de 1997 define em seu artigo 1º que:

Será reconhecido como refugiado todo indivíduo que: I - devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país; II - não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele, em função das circunstâncias descritas no inciso anterior; III - devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país.<sup>325</sup>

E essa definição de refugiado traz condições objetivas para que a pessoa seja reconhecida como refugiada. Portanto, o refúgio não é “(...) um instituto jurídico que

<sup>323</sup> ACNUR. *Refugiados*. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/refugiados/>>; Acesso em: 22 de janeiro de 2018.

<sup>324</sup> JUBILUT, Liliana Lyra. APOLINÁRIO, Silvia Menicucci O. S. *A necessidade de proteção internacional no âmbito da migração*. Rev. direito GV vol.6 no.1 São Paulo Jan./June 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-24322010000100013&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-24322010000100013&lang=pt)>; Acesso em: 22 de janeiro de 2018.

<sup>325</sup> BRASIL. *Lei 9.474 de 22 de julho de 1997*. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9474.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9474.htm)>; Acessado em: 22 de janeiro de 2019.

nasce da vontade de um Estado soberano de ofertar proteção a um cidadão estrangeiro que se encontra em seu território - é tão somente o reconhecimento de um direito pré-existente à demanda formal do indivíduo.”<sup>326</sup>

Conseqüentemente, a concessão do refúgio por um Estado soberano, como o Brasil, não é um ato discricionário deste Estado haja vista que existem condições objetivas para o *status* de refugiado. O medo, o fundado temor, são uma dessas condições objetivas para a caracterização do pedido de refúgio.

O medo também é o fator preponderante para que uma pessoa se veja obrigada, isto é, forçada a migrar para outro país adquirindo o *status* de refugiado. A concessão de refúgio por um Estado soberano visa garantir a esses indivíduos que os seus direitos humanos à vida e a integridade física, violados no país de origem, sejam respeitados e protegidos e deve garantir o direito fundamental à igualdade de tratamento dos refugiados com os nacionais.

Os refugiados nigerianos residentes no Brasil na cidade de São Paulo/SP, narram suas histórias sobre o refúgio. O entrevistado 3 nos conta que é por causa do terrorismo do Boko Haram que ele migrou forçadamente para o Brasil.

*Sim, claro. Por causa disso eu estou aqui há 4 anos. É por isso que eu deixei o país, por causa do terrorismo. Eles matam muitos cristãos nas igrejas, nas mesquitas, em lugares abertos, nos mercados de rua. O Boko Haram está em qualquer lugar, então é por isso que todo mundo tem medo deles, o país inteiro tem medo do Boko Haram.*

O entrevistado 5 dá uma resposta curta e simples sobre vinda dele para o Brasil. Ele disse *sim*, para a pergunta sobre se é por causa do Boko Haram que ele veio para o Brasil e quando foi perguntado se a família dele está na Nigéria, ele narrou:

*Não, minha família está em outros países por causa deles.*

---

<sup>326</sup> WALDELY, Aryadne Bittencourt. DAS VIRGENS, Bárbara Gonçalves. DE ALMEIDA, Carla Miranda Jordão. *Refúgio e realidade: desafios da definição ampliada de refúgio à luz das solicitações no Brasil*. REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum. vol.22 no.43 Brasília July/Dec. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1980-85852014000200008&lang=pt-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852014000200008&lang=pt-)>; Acesso em: 22 de janeiro de 2019.

O entrevistado 1 narrou o seguinte:

*Eu vim para o Brasil, o que eu quero dizer, por dois motivos: O primeiro é que eu vim para uma vida melhor e o segundo por causa da instabilidade política no meu país que nos prejudica e por causa das moléstias, o que significa, do chamado Boko Haram. O Boko Haram causa problemas e destrói vilas e cidades no meu país. Então, essa é a diferença entre o meu país e aqui. Então eu acredito que viver aqui no Brasil é algo bom, para conseguir um bom emprego, para expandir minha educação, e o mais importante, para começar uma nova carreira e uma família também.*

Enquanto que o entrevistado 2 nos mostra a maneira que ele vê o termo refugiado e o refúgio.

*Refugiado! O Brasil não utiliza essa palavra, eles não sabem o que isso significa, ninguém é refugiado, alguns podem estar com o status de refugiado, mas não são refugiados, ninguém nasceu para ser um refugiado. A condição que você está não é a condição que você é, as pessoas podem dizer que eles falam de uma condição, mas isso não é o que você é, você é mais do que isso. Se, o governo de onde você é estivesse fazendo tudo certo, você não estaria nessa situação, você mudaria de cidade e de país, mas não se refugiaria em outro país. De outra forma, ninguém é refugiado, as pessoas estão vivendo nesse status de refugiado, mas eles não são refugiados eu não sei se você entendeu isso. O Abdu te deu o meu contato para te dar o meu posicionamento sobre as condições atuais. Tem um livro, eu vou te mostrar o meu manuscrito, é um livro que eu falo sobre imigração, são história reais que eu escrevi que começam na África, são sobre as experiências que muito africanos estão vivendo lá. A jornada começa, como eu estava te dizendo, no conflito de Tana (incompreensível), em que eu estou falando o que que está acontecendo na Nigéria, mas em outra parte, não é só na Nigéria, os países africanos estão experimentando o conflito Tana. Então o que acontece é que as pessoas estão desestabilizadas, elas estão sendo forçadas a deixarem as suas comunidades e procurarem um lugar melhor para sobreviver, não importa o que você queira, você se torna um refugiado, é isso que ser refugiado significa, essa palavra. Um refugiado não é um imigrante, um imigrante pode decidir viajar para*

*qualquer lugar, é como é o caso dos brasileiros e de alguns nigerianos, eles estão vivendo bem, tem gente vivendo na Nigéria, mas se você viaja você faz uma escolha, não porque o Brasil está sofrendo, não porque Brasil está com um problema atrás do outro, mas porque é o seu direito. Agora, quando a sua viagem é o resultado da desestabilização, da guerra, do conflito, ou qualquer coisa, na sua comunidade ou no seu país, e você tem medo pela sua vida, de morrer, ou é político ou religioso, qualquer coisa, e você decide deixar o seu país, então esse imigrante vai ser um refugiado. Eu não estou fugindo por algo, eu estou fugindo de tudo. Eu deixei o meu país por causa do livro, porque eu quero dizer para o mundo todo o quê que está acontecendo no meu país.*

O medo de morrer, de ser perseguido, de viver em um lugar onde há conflito armado, onde os direitos humanos são violados fizeram dessas pessoas, refugiadas do terrorismo do Boko Haram. Então, ainda que todo o mundo tenha medo do terrorismo, são as pessoas que o vivenciam diariamente as que mais temem e as que mais sofrem com o terrorismo conforme constatado na voz de seus protagonistas.

### 3.4 O feminicídio terrorista do Boko Haram

O status da condição de mulher ao longo da história da humanidade tem sofrido algumas evoluções progressistas, e isso se deu a partir do século XX com a afirmação dos Direitos Humanos através da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 que declarou em seu artigo 1º que: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.”<sup>327</sup>

Essa igualdade buscada e “parcialmente” alcançada pelas mulheres ao longo desses dois últimos séculos nem sempre esteve presente na sociedade. Até então, a mulher não tinha um tratamento de igualdade. O papel estabelecido da mulher na sociedade era um papel de coadjuvante, de propriedade do homem, porque o modelo de sociedade estabelecido desde os primórdios da civilização era o da

<sup>327</sup> DECLARAÇÃO UNIVERSAL DE DIREITOS HUMANOS. Disponível em: <[https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR\\_Translations/por.pdf](https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf)>; Acesso em: 19 de janeiro de 2018.

sociedade patriarcal. Para Scott “o patriarcado é uma forma de organização social onde suas relações são regidas por dois princípios basilares: as mulheres são hierarquicamente subordinadas aos homens, e os jovens estão subordinados hierarquicamente aos homens mais velhos, patriarcas da comunidade.”<sup>328</sup>

Segundo Castells:

O patriarcalismo é uma das estruturas sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas. Caracteriza-se pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre a mulher e filhos no âmbito familiar. Para que essa autoridade possa ser exercida, é necessário que o patriarcalismo permeie toda a organização da sociedade, da produção e do consumo à política, à legislação e à cultura.<sup>329</sup>

Porém, embora esse modelo de família e, conseqüentemente de sociedade, vem sendo contestado em razão das mudanças no papel da mulher na sociedade mundial após o século XX<sup>330</sup>, a condição de inferioridade e submissão ao homem em razão do patriarcalismo, ainda permanece em algumas sociedades, como é o caso da Nigéria, em que essa condição de subordinação é acentuada em razão das tradições mulçumanas.

Não falo da religião islâmica propriamente dita porque, segundo Valcarcel e De la Fuente, “(...) O Alcorão elevou a posição da mulher da condição de objeto na sociedade árabe pré-islâmica para um estado de total igualdade e reconhecimento de seus direitos.”<sup>331</sup>, mas falo das tradições herdadas que se mantêm até os dias atuais. Riffat Hassan também cita a tentativa do Alcorão de libertar as mulheres:

O islam. tentou libertá-las, e o Alcorão, se está corretamente interpretado é um documento muito humano: mas a intenção do Alcorão foi desviada devido a existência de todas as tradições herdadas e pelo fato de que os mulçumanos não sabem distinguir nem sequer o que é islâmico do que é pré-islâmico.<sup>332</sup>

<sup>328</sup> SCOTT, Joan. Gênero: *Uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade, 20, 71-99. ISSN 0100-3143. p.

<sup>329</sup> CASTELLS, Manoel. *O poder da identidade*. Vol. II. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz & Terra, 2000. p. 169.

<sup>330</sup> CASTELLS, Manoel. *Op. cit.* p.05.

<sup>331</sup>(...) *el Corá elevó la posición de la mujer desde una condición de objeto en la sociedad árabe preislámica a un estado de total igualdad y reconocimiento de sus derechos*. VALCARCEL, Mayra soledad; DE LA FUENTE, Vanessa Alejandra. *Feminismo, identidad e islam: encrucijadas, estrategias y desafíos en un mundo transnacional*. In: *Feminismos islámicos*. Compilación: Ramón Grosfoguel. Caracas: Fundación Editorial El perro y la rana, 2018. p. 178.

<sup>332</sup> *El islam intento liberarlas, y el Corán, si está correctamente interpretado es un documento muy humano: pero la intención del Corán fue desviada debido la existencia de todas las tradiciones heredadas y por el hecho de que los mulçumanos no saben distinguir ni siquiera lo que es islâmico de lo que es preislâmico*. HASSAN, Riffat. *Sélection d'articles de Riffat Hassan: Theologie Feministe et*

A Nigéria é um país dividido entre os muçulmanos da região norte e nordeste e os cristãos da região sul. Conforme relatado no primeiro capítulo deste trabalho, essa divisão ocasiona em uma enorme dicotomia no país. No que tange à situação da mulher nigeriana, a subordinação está presente, principalmente, nas regiões norte e nordeste do país, em que prevalece a religião islâmica. Valcarcel e De la Fuente mencionam que: “(...) A situação real das mulheres nos países islâmicos é tão diferente do ideal, nem fornece soluções concretas para os problemas de desigualdade e violência nos quais o patriarcado mantém muitas mulheres Muçulmanas sob controle hoje.”<sup>333</sup>

Essa estrutura influenciou diretamente no modo de atuação do grupo terrorista fundamentalista islâmico Boko Haram. Os atos de violência contra o gênero feminino passou a ser a principal estratégia de combate do grupo terrorista a partir do ano de 2012. Isso se deu em razão do fato de o governo nigeriano ter capturado e aprisionado as mulheres e os familiares dos líderes do grupo, como uma tentativa de combatê-los.

Isso ocasionou em uma enorme revolta do grupo que, diante do ocorrido, divulgou um vídeo no dia 30 de setembro de 2012 ameaçando vingança ao governo através do sequestro das esposas dos governantes nigerianos. Shekau, líder do grupo, deixou bem claro que: “Uma vez que vocês estão mantendo presas nossas mulheres, (risos), apenas esperem e veja o que acontecerá com as suas mulheres, com as suas próprias esposas de acordo com a lei da *Sharia*.”<sup>334</sup>

Desde então o feminicídio tem sido uma das principais estratégias do grupo. O feminicídio, segundo o artigo 1º da Declaração sobre a eliminação da violência contra as Mulheres proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas na sua resolução 48/104, de 20 de Dezembro de 1993, é: “qualquer ato de violência contra

---

*les Femmes dans le Monde Musulman*, Paris: Ediciones de Women Living Under Muslim Law. Paris, 1989. p. 10.

<sup>333</sup> *la situación real de las mujeres en los países islámicos es tan diferente de la ideal, ni tampoco aporta soluciones concretas a los problemas de desigualdad y violencia en los que el patriarcado mantiene sometidas a muchas mujeres musulmanas hoy en día.* VALCARCEL, Mayra soledad. DE LA FUENTE, Vanessa Alejandra. *Feminismo, identidad e islam: encrucijadas, estrategias y desafíos en un mundo transnacional.* In: *Feminismos islámicos.* Compilación: Ramón Grosfoguel. Caracas: Fundación Editorial El perro y la rana, 2018. p. 178.

<sup>334</sup> *Since you are now holding our women, (laughs) just wait and see what will happen to your own women... to your own wives according to Sharia law (Ibid).* ZENN, Jacob; PEARSON, Elizabeth. *Women, Gender and the evolving tactics of Boko Haram.* Journal of terrorism research. Disponível em: <<https://jtr.st-andrews.ac.uk/article/10.15664/jtr.828/>>; Acesso em: 19 de fevereiro de 2018.

a mulher ou meninas baseado no gênero do qual resulte, ou possa resultar, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico para as mulheres, incluindo as ameaças de tais atos, a coação ou a privação arbitrária de liberdade, que ocorra, quer na vida pública, quer na vida privada.”<sup>335</sup>

Milhares de meninas raptadas e aprisionadas na floresta de Sambisa e nas montanhas de Mandara são privadas de toda e qualquer assistência, vivendo de forma primitiva. As que foram obrigadas a casamentos com os seus captores, sendo chamadas de noivas-crianças, são obrigadas a providenciar a comida para todo o acampamento e a trabalhos braçais. Outras são forçadas a se tornarem combatentes, cometendo suicídio como meninas-bombas.

As que não sofrem com a violência direta do Boko Haram são obrigadas a fugirem por medo de um dia se tornarem vítimas do grupo, refugiando-se em países da região, expondo-se à fome, à miséria e a condições precárias de vida. Segundo as Nações Unidas (ONU), através da sua agência especializada ONU Mulheres, mais de 100.000 mulheres e meninas se deslocaram de suas cidades ou vilarejos para o Níger, tornando-se refugiadas. Elas representam 70 por cento das pessoas deslocadas para o Níger.<sup>336</sup>

Além das mulheres, as meninas se tornam alvos deliberados do Boko Haram. De acordo com a Unicef:

As crianças se tornaram alvos deliberados, muitas vezes sujeitos a violência extrema - de abuso sexual e casamento forçado a sequestros e assassinatos brutais. As crianças também se tornaram armas, feitas para lutar ao lado de grupos armados e às vezes usadas como bombas humanas, incluindo um caso de jovem enviada à morte com uma bomba atada em seu peito em Maiduguri.<sup>337</sup>

<sup>335</sup> Declaração sobre a eliminação da violência contra as Mulheres. Disponível em: <[<sup>336</sup> UN WOMEN. \*Fleeing Boko Haram, women seek healing and economic resilience in Niger camps\*. 2017. Disponível em: <<http://www.unwomen.org/en/news/stories/2017/10/feature-niger-fleeing-boko-haram>>; Acesso em: 13 de fevereiro de 2018.](https://popdesenvolvimento.org/.../descarregar-ficheiro.html?...Género%2FDeclaração...>; Acesso em: 19 de fevereiro de 2018.</a></p>
</div>
<div data-bbox=)

<sup>337</sup> *Children have become deliberate targets, often subjected to extreme violence – from sexual abuse and forced marriage to kidnappings and brutal killings. Children have also become weapons, made to fight alongside armed groups and at times used as human bombs, including a case of young girl sent to her death with a bomb strapped to her chest in Maiduguri*. DUVILLIER, Laurent. *Missing Childhoods. The impact of armed conflict on children in Nigeria and beyond*. UNICEF/NYHQ2015-0479/Esiebo. Nigeria, 2015. p. 04.



A violação aos direitos humanos das mulheres, com a prática do feminicídio por parte do grupo terrorista Boko Haram, também foi constatada na voz dos refugiados nigerianos residentes no Brasil, na cidade de São Paulo/SP, entrevistados:

Para o entrevistado 4:

*Naquelas áreas, a maioria das vítimas são mulheres e crianças porque, na maioria das vezes, elas não conseguem se defender nas áreas ocupadas. Os homens, na maioria das vezes, têm capacidade de se defender, já as mulheres e crianças não têm capacidade de se defender e isso acontece com a maioria das vítimas, que acabam perdendo suas vidas, na minha avaliação geral.*

Para o entrevistado 1:

*No meu país, quero dizer, as principais vítimas são as mulheres. Por quê? Porque na maioria das vezes eles adotam sobre (incompreensível) virgens, não só matematicamente, eu estou falando sobre garotas pequeninhas entre as idades de 15 anos para cima, eles adotam elas. Algumas eles levam para longe e matam, algumas são estupradas, algumas conseguem escapar, mas é um longo caminho a volta para a vila. Então, a maioria das vítimas são femininas.*

Para o entrevistado 2:

*Geralmente são as mulheres. Homens e mulheres são vítimas, mas no geral, as mulheres vão sofrer ao longo do tempo e são as vítimas. Você sabe, há um entendimento a respeito dos Africanos. Eu acredito que na América de que falamos, está tudo certo, as mulheres podem cair fora. Aqui no Brasil as mulheres têm poder, muitos homens são vagabundos. Muitos homens tem poder na África. Tem acreditam que eles estão no controle, que eles têm o poder e que as mulheres não têm direitos. Por outro lado, também, todas as religiões pregam, não só o Boko Haram, que as mulheres não devem ir à escola, que elas têm de se ocupar de seus maridos, prover sexo e cozinhar para eles. Elas não podem ter outros homens enquanto os homens podem sair e ter várias esposas que não há óbices. Os homens podem dormir por aí, mulheres não podem, os homens têm o direito de fazer o que eles quiserem, as mulheres são proibidas de tudo. É isso.*

Desta forma, a narrativa dos refugiados nigerianos e o silêncio e a repulsa ao tema desta pesquisa por parte das refugiadas nigerianas residentes no Brasil, na cidade de São Paulo/SP, demonstram um consenso quanto à violação aos direitos humanos das mulheres na Nigéria por parte do grupo terrorista Boko Haram com a prática do feminicídio. O medo dessas mulheres que conseguiram escapar para o Brasil é tão grande, que elas se silenciam e fingem não saber nada sobre o assunto, como uma forma de ignorar os seus verdadeiros sentimentos.

Essas atrocidades ocorrem diariamente na Nigéria. Milhares de mulheres e meninas sofrem atos de violência em razão do simples fato de serem mulheres e meninas, pois para o grupo, que se pauta nos preceitos fundamentais da *Sharia* (lei islâmica), tais práticas, além de serem uma forma de vingança ao ato praticado pelo governo nigeriano de prender as suas esposas, ocorrem porque nessa tradição herdada, a mulher é inferior e subserviente ao homem, justificando assim, a prática desses atos de violência contra elas. E por fim, como estratégia de terrorismo, o feminicídio fragiliza o Estado nigeriano, amedrontando as famílias do norte e nordeste do país.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 e a mudança de paradigma trazida por eles impactaram de uma vez por todas a estrutura da sociedade contemporânea. Desde então, o medo enraizou-se nas mentes dos ocidentais de modo a acreditarem que estão em constante perigo e na iminência de sofrer um novo ataque terrorista. Ademais, a atuação dos meios de comunicação global contribui para isso. Embora tenhamos atentados terroristas em todo o mundo, a mídia internacional propaga, com repetições diárias e incessantes à época dos ataques, apenas aqueles ocorridos na Europa e nos Estados Unidos, difundindo uma narrativa global de que o ocidente é o mais afetado com o terrorismo e, conseqüentemente, o que mais o teme.

Desde a data fatídica do maior atentado terrorista da história da humanidade, o 11 S, inúmeras organizações terroristas surgiram ao redor do mundo porque perceberam que a estratégia do medo utilizada pela *Al-Qaeda*, era a arma mais eficaz para alcançar os objetivos pretendidos, porque ele paralisa uma população e desestabiliza um governo, descontrolando assim, um Estado. Diante disso, houve um crescente número de ataques terroristas especialmente no continente asiático e no continente africano em que grupos como o Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EIL) e o Boko Haram atuam.

Considerado em 2017 como o quarto grupo terrorista mais perigoso do mundo em virtude do número de mortes por ataque, o grupo terrorista fundamentalista islâmico Boko Haram tem assolado a Nigéria e ocasionado um dos maiores deslocamentos forçados do continente africano nessas últimas décadas de atuação e isso ficou nítido nas narrativas dos refugiados nigerianos residentes no Brasil na cidade de São Paulo/SP, entrevistados nessa pesquisa através da utilização da metodologia da História Oral Temática.

Criado 2002 em um país recém-democratizado e secularizado, na região mais pobre, a nordeste, e predominantemente mulçumana, o Boko Haram foi o resultado da insurgência de um grupo de jovens contra esse modelo de Estado ocidentalizado que ocasionou um desenraizamento das tradições locais com a implementação da laicidade e do modelo de educação ocidental, e contra a corrupção excessiva dos governantes mulçumanos.

Com os objetivos primordiais de criar um Estado Islâmico onde seria implementada a *Sharia*, lei islâmica, de combater a educação ocidental secular e de combater a corrupção dos políticos e dos líderes mulçumanos do governo, e com os objetivos suplementares de, através do medo, deslegitimar o governo nigeriano e conseguir a adesão forçada da população aos preceitos do grupo, a atuação do Boko Haram intensificou a dicotomia socioeconômica existente entre as regiões norte e sul. As narrativas dos refugiados nigerianos confirmam que os objetivos que ocasionaram na criação do grupo terrorista Boko Haram eram políticos. Quatro, dos cinco entrevistados, narraram que o surgimento do grupo se deu por ambições políticas e interesses próprios.

Ademais, analisando a insurgência do grupo através da Teoria da Ação Comunicativa de Jürgen Habermas, constatou-se que a criação do Boko Haram se deu em virtude de uma falha comunicativa, isto é, de um defeito de comunicação que ocasionou na ruptura da comunicação entre o governo nigeriano e os integrantes do grupo, haja vista que eles não se viam representados por esse modelo de Estado nigeriano ocidentalizado e secular.

Essa ruptura da comunicação para Habermas ocorre em virtude de um distanciamento e de uma conseqüente incompreensão entre esses indivíduos, que se deu em razão da práxis da vida cotidiana conjunta dos nigerianos não repousar sobre uma base sólida de convicções fundamentais comuns em virtude da colonização do mundo da vida (esfera regulada pela busca do entendimento através de procedimentos mediados linguisticamente) pelo Sistema (mercado).

Assim, o terrorismo praticado pelo grupo fundamentalista islâmico Boko Haram seria uma forma de rejeição, segundo o autor, à modernidade e à secularização imposta através da globalização, pelo consenso do sistema da ciência, da cultura, da religião e de modelo de Estado das potências ocidentais globalizadas e mercantilizadas sobre os países orientais vulneráveis, como é o caso da Nigéria, gerando tensões entre os sistemas de ambos, ocasionando a invasão do sistema dos países orientais pelas condições sistêmicas das potências ocidentais, acarretando a supressão dos sistemas naturais dos países vulneráveis.

Portanto, essa falha comunicativa e essa rejeição a esse modelo de Estado ocidentalizado e secular da Nigéria ocasionou a prática de atentados terroristas pelo grupo Boko Haram ao longo dessas quase duas décadas de atuação. A narrativa dos refugiados nigerianos corrobora com os dados coletados, demonstrando que

vilas e cidades são destruídas pelo grupo e que milhares de nigerianos estão sendo violentamente mortos ao longo desse período. E os que não são, estão deslocando-se forçadamente para outros países do continente, gerando um dos maiores deslocamentos forçados da história do continente africano.

Constatou-se também, que as principais vítimas do grupo terrorista são a própria população nigeriana, em razão dos ataques do Boko Haram serem direcionados especificamente a ela. Na narrativa dos refugiados apurou-se que todos têm medo do terrorismo e sofrem com ele diariamente em razão da insegurança e do medo de terem as suas vidas tiradas pelos insurgentes a qualquer momento, pois a incerteza de quem são eles, de onde eles estão e de quando e aonde eles irão atacar, consome a mente dessas pessoas.

Mas, embora toda a população nigeriana sofra com os ataques realizados pelo Boko Haram, são as mulheres as suas principais vítimas. Na análise cruzada dos dados coletados com a narrativa dos refugiados nigerianos constatou-se a prática de feminicídio pelo grupo em razão das tradições religiosas herdadas e não dá religião em si. Além do que, tal prática, que teve início em 2012, é uma forma de represália à prisão das mulheres e familiares dos combatentes pelo governo nigeriano naquele ano. Desde então, milhares de mulheres e meninas foram sequestradas, estupradas, forçadas à conversão ao islamismo, a casamentos com os combatentes ou a se tornarem mulheres bombas pelo simples fato de serem mulheres e meninas.

O pavor que as mulheres têm do Boko Haram é tão grande que as refugiadas nigerianas residentes no Brasil na cidade de São Paulo/SP, abordadas para as entrevistas, simplesmente paralisaram-se e silenciaram-se quando souberam o teor das perguntas e a necessidade de autorização e gravação das entrevistas. O silêncio dessas mulheres, analisado sobre a perspectiva da teoria da Ação Comunicativa de Jürgen Habermas, representa a corrupção da democracia liberal nigeriana que impossibilita a existência de uma fala política ativa delas sobre o terrorismo do grupo, porque foi a imposição forçada desse modelo democrático o motivo da insurgência do Boko Haram e hoje, segundo a fala dos homens entrevistados, é a corrupção do modelo o motivo da manutenção do grupo.

O medo em razão da desconfiança e da insegurança nessa democracia liberal nigeriana em virtude da corrupção cria essa abstenção na fala dessas mulheres sobre o terrorismo no país, e o medo de acessar o mundo subjetivo e

reviver as lembranças de conviver diariamente com o terrorismo e os motivos que fizeram com que essas mulheres deixassem o país e se tornassem refugiadas, fez com que não houvesse um discurso, pois uma, das três pretensões de validade do discurso da teoria da Ação Comunicativa, a pretensão de validade do mundo subjetivo (sinceridade), foi bloqueada. A ausência de discurso a respeito do que é o terrorismo e sobre o temor de conviver diariamente com ele, corresponde ao interesse cognitivo dessas mulheres por manter intacta uma intersubjetividade permanente ameaçada pelas entrevistas.

A corrupção na Nigéria criou um paradoxo entre o silêncio e a fala política, que somente poderá ser resolvido através da assimetria do paradoxo e da criação, através da teoria da Ação Comunicativa de Habermas, de um projeto para o futuro dessa democracia que possibilitasse uma participação ativa da população nigeriana nas decisões do governo de modo a fazer com que as tradições locais e os anseios da população fossem representados pelo governo, amenizando a corrupção política no país e a atuação do Boko Haram.

O silêncio dessas mulheres nigerianas pode ser interpretado de diversas maneiras, mas nunca saberemos ao certo o que ele verdadeiramente representou. Esse silêncio pode representar (i) o medo de reviver a experiência com o terrorismo que ensejou no deslocamento forçado dessas mulheres; (ii) o contexto do medo delas de serem deportadas do Brasil em razão da sua fala; (iii) o contexto de uma experiência educacional limitada que as fazem desconfiar de pesquisadores e não compreender a sistemática do contexto social; e (iv) de uma abstenção de fala política em razão da corrupção no modelo democrático nigeriano e por terem a discussão política como uma questão predominantemente masculina.

Mas um ponto interessante e inesperado pela pesquisa surgiu na fala dos refugiados nigerianos entrevistados: o de que, na verdade, o governo nigeriano utiliza-se do Boko Haram como forma de propagar o medo para se manter no poder, em troca de armamentos e veículos. Eles alegam que hoje há integrantes do grupo terrorista no governo nigeriano e que os ataques são uma estratégia entre os dois para fazer com que a população amedrontada confie e vote nos que estão no governo em troca de um combate intenso ao grupo, que nunca acontece.

Portanto, o medo está presente diariamente na vida dos nigerianos, seja ele em razão de uma insurgência ou em razão da manutenção do poder e tem tido um papel nessa sociedade neuronal do século XXI. Ele afeta diretamente a psique dos

nigerianos que veem suas vidas estagnadas por causa dele. Ainda que todo mundo tenha medo do terrorismo, e isso ficou bem claro nas narrativas colhidas, sejam ocidentais ou orientais, são principalmente aqueles que sofrem diariamente com a atuação dos grupos terroristas os que mais temem o terrorismo porque eles são os que mais sofrem com ele. São eles que convivem com o pavor diário de sofrer um ataque.

São eles que se veem forçados a deixarem os seus países de origem para se refugiarem em outros Estados pelo fundado temor de perder a sua vida. Portanto, existe uma desconexão entre a narrativa global e a narrativa daqueles que vivenciaram o terrorismo na pele sobre quem tem medo do terrorismo, pois ela retrata apenas o medo daqueles que sofreram intimamente com o terrorismo em comparação àqueles que convivem lado a lado com os grupos terroristas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACNUR. *Refugiados*. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/refugiados/>>; Acesso em: 22 de janeiro de 2018.

AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz. *O terrorismo e as relações internacionais*. In: *Relações internacionais: polaridades e novos/velhos temas emergentes*. Organizadores: José Blanes Sala e Ana Lúcia Gasparoto. Marília: Unesp – Oficina Universitária, 2010.

AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz. *O terrorismo e as relações internacionais*. In: *Relações internacionais: polaridades e novos/velhos temas emergentes*. Organizadores: José Blanes Sala e Ana Lúcia Gasparoto. Marília: Unesp – Oficina Universitária, 2010.

AHMAN, Ehtisham; SINGH, Raju. *Political Economy of Oil-Revenue Sharing in a Developing Country: Illustrations from Nigeria*. In: IMF Working Paper WP/03/16, 2003. Available in: <<http://www.imf.org/en/Publications/WP/Issues/2016/12/30/Political-Economy-of-Oil-Revenue-Sharing-in-a-Developing-Country-Illustrations-from-Nigeria-15955>>; Cited: 02 de junho de 2018.

ALCÂNTARA, Priscila Drozdek de. *Terrorismo: Uma abordagem conceitual*. Disponível em: <[http://www.humanas.ufpr.br/portal/nepri/files/2012/04/Terrorismo\\_Uma-abordagem-conceitual.pdf](http://www.humanas.ufpr.br/portal/nepri/files/2012/04/Terrorismo_Uma-abordagem-conceitual.pdf)>; Acesso em: 20 de outubro de 2018.

AREND, Hugo. *O 11/9 e seus significados teóricos e políticos para a segurança internacional*. In: *Direitos Humanos e terrorismo/org*. Rosa Maria Zaia Borges, Augusto Jobim do Amaral, Gustavo Oliveira de Lima Pereira. Porto Alegre: EDIPUCS, 2014.

ARTURI, Carlos Schmidt; OLIVEIRA, Guilherme Ziebell de; CHAISE, Mariana Falcão. *Reforma no setor de segurança em Estados Pós-Autoritários Africanos: Conclusões preliminares a partir dos casos nigeriano e tunisiano*. *Rev. Conj. Aust.* | Porto Alegre | v.8, n.42 | p.96-113 | jun./jul. 2017 | ISSN: 2178-8839.



BANCO MUNDIAL. *Nigeria. Población, total.* Disponível em: <<https://datos.bancomundial.org/pais/nigeria?view=chart>>; Acesso em: 13 de maio de 2018.

BARBER, Benjamin. R. *O Império do medo – Guerra, terrorismo e democracia.* Tradução de Renato Bittencourt. Rio de Janeiro: Record, 2005.

BAUDRILLARD, Jean. *Power inferno.* Traduzido por Juremir Machado da Silva, 2ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade.* Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BLAKE, Hogarth. *Flora Shaw gives the name Nigeria.* Hogarth Blake Ltd. Available from: <<http://www.hh-bb.com/flora-shaw.pdf>>; Cited: 13 de maio de 2018.

BOLAJI, Mohammed. Between democracy and federalism: Shari'ah in northern Nigeria and the paradox of institutional impetuses. In: COSTA, Arthur Barreto de Almeida. *Uma Lei Mutilada, uma Nação Dividida: Sharia, federalismos e o (des)cumprimento dos Direitos Humanos na Nigéria.* Alethes: Per. Cien. Est. Dir. UFJF, n. 4, v. 6, pp.453-471, jul./dez., 2014. Disponível em: <<http://periodicoalethes.com.br/media/pdf/6/uma-lei-mutilada-uma-Nacao-dividida-sharia-federalismos-e-o-des-cumprimento-dos-direitos-humanos-na-nigeria.pdf>>; Acesso em: 15 de maio de 2018.

BONAVIDES, Paulo. *Do Estado Liberal ao Estado Social.* São Paulo: Editora Malheiros, 2014.

BORRADORI, Giovanna. *A filosofia em tempo de terror: Diálogos com Habermas e Derrida.* Tradução: Roberto Muggiati. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2004.

BRASIL. *Lei 9.474 de 22 de julho de 1997. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras*

*providências*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9474.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9474.htm)>; Acessado em: 22 de janeiro de 2019.

BREEDON, Jennifer. *Redefining terrorism: the danger of misunderstanding the modern world's gravest threat*. Revista de Direito Internacional. Brazilian Journal of International Law. Volume 12, N.2. Teoria do Direito Internacional. ISSN 2237-1036. Brasília: Uniceube, 2015

BRIGADÃO, Clóvis. *O 11 de Setembro: novas ameaças à paz*. In: BRANT, Leonardo N. Caldeira. Terrorismo e direito. Rio de Janeiro: Forense, 2003.

BUSH, George W. *Confira na íntegra o discurso de Bush após os ataques de 11/9*. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/estados-unidos/confira-na-integra-o-discurso-de-bush-apos-os-ataques-de-119,50fb27721cfea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>; acesso em: 30 de novembro de 2017.

CALEIRO, João Pedro. *Por que a Nigéria entrou em recessão?* Revista Exame. 04 de setembro de 2016. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/economia/por-que-a-nigeria-entrou-em-recessao/>; Acesso em: 13 de maio de 2018.

CAMPBELL, John. *U.S. Policy to Counter Nigeria's Boko Haram*. Council on Foreign Relations, 70 (2014): 1-29. In: XAVIER, Rafael Corrêa; FILIPPI, Eduardo Ernesto. Nigéria contemporânea: raízes da insurgência doméstica e implicações regionais. Rev. Conj. Aust. | Porto Alegre | v.8, n.42 | p.78-95 | jun./jul. 2017 | ISSN: 2178-8839.

CARDOSO, Tatiana de Almeida Freitas R. *A mundialização do terrorismo: A (re)definição do fenômeno após o 11 de setembro*. In: Direitos Humanos e terrorismo/org. Rosa Maria Zaia Borges, Augusto Jobim do Amaral, Gustavo Oliveira de Lima Pereira. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

CARNEIRO, Lucianne. *Nigéria é a maior economia da África, mas vive caos social*. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/nigeria-a-maior-economia-da>

africa-mas-vive-caos-social-12521128#ixzz5HDZss8l8>; Acesso em 01 de junho de 2018.

CARRETERO, Nacho. *Dentro do inferno do Boko Haram*. El País. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/23/internacional/1487852862\\_930917.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/23/internacional/1487852862_930917.html)>; Acesso em 02 de junho de 2018.

CASTELLS, Manoel. *O poder da identidade*. Vol. II. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz & Terra, 2000.

CHAUI, Marilena de Souza. *Convite à filosofia*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997.

CHOMSKY, Noam. *A nova guerra contra o terror*. Estudos avançados 161 (44), 2002.

CHOTHIA, Farouke. *Who are Nigeria's Boko Haram Islamists?* BBC African Service. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-africa-13809501>; Acesso em: 18 de fevereiro de 2018.

CHRISTIMANN, Juliana Pugliese. *A aplicação da metodologia de história oral – dando voz às memórias dos pescadores da praia do paquetá – canoas/rs*. Disponível em: <<http://seminariosmemoriasocial.pro.br/wp-content/uploads/2016/03/C019-JULIANA-PUGLIESE-CHRISTIMANN-normalizado.pdf>>; Acesso em: 17 de janeiro de 2019.

CIA. *The World Factbook - Nigeria*. Available in: <<https://www.cia.gov/library/publications/resources/the-world-factbook/geos/ni.html>> ; Cited: 15 de maio de 2018.

CIERCO, Teresa; BELO, António. *Será a Nigéria um Estado falhado? O grupo Boko Haram*. Revista Brasileira de Ciência Política, no 21. Brasília, setembro - dezembro de 2016, pp 121-146. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-335220162104>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n21/2178-4884-rbcpol-21-00121.pdf>> ; Acesso em: 02 de junho de 2018.

COMOLLI, Virginia. *Boko Haram: Nigeria's Islamist Insurgency*. London: Oxford University, 2015. In: XAVIER, Rafael Corrêa; FILIPPI, Eduardo Ernesto. Nigéria contemporânea: raízes da insurgência doméstica e implicações regionais. Rev. Conj. Aust. | Porto Alegre | v.8, n.42 | p.78-95 | jun./jul. 2017 | ISSN: 2178-8839.

CONVENÇÃO RELATIVA AO ESTATUTO DOS REFUGIADOS (1951). Disponível em:

<[https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao\\_relativa\\_a\\_o\\_Estatuto\\_dos\\_Refugiados.pdf](https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_a_o_Estatuto_dos_Refugiados.pdf)>; Acesso em: 22 de janeiro de 2018.

COSTA, Arthur Barreto de Almeida. *Uma Lei Mutilada, uma Nação Dividida: Sharia, federalismos e o (des)cumprimento dos Direitos Humanos na Nigéria*. Alethes: Per. Cien. Est. Dir. UFJF, n. 4, v. 6, pp.453-471, jul./dez., 2014. Disponível em:<<http://periodicoalethes.com.br/media/pdf/6/uma-lei-mutilada-uma-Nacao-dividida-sharia-federalismos-e-o-des-cumprimento-dos-direitos-humanos-na-nigeria.pdf>>; Acesso em: 15 de maio de 2018.

DA CRUZ, Anabela Faria Nogueira. *Interesses energéticos e implicações políticas: RPC e os Estados Unidos em Angola, no Sudão e na Nigéria*. 2012. p. 111. Dissertação de mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais. Universidade de Nova Lisboa, Lisboa, 2012.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DE DIREITOS HUMANOS. Disponível em: <[https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR\\_Translations/por.pdf](https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf)>; Acesso em: 19 de janeiro de 2018.

DECLARAÇÃO SOBRE A ELIMINAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES. Disponível em: <<https://popdesenvolvimento.org/.../descarregar-ficheiro.html?...Género%2FDeclaração...>>; Acesso em: 19 de fevereiro de 2018.

DUDLEY, Domenic. Forbes: *Os grupos terroristas que mais matam no mundo atualmente*. Disponível em: <<https://forbes.uol.com.br/colunas/2018/12/os-grupos->

terroristas-que-mais-matam-no-mundo-atualmente/>; Acesso em 05 de janeiro de 2019.

DUVILLIER, Laurent. *Missing Childhoods. The impact of armed conflict on children in Nigeria and beyond*. UNICEF/NYHQ2015-0479/Esiebo. Nigeria, 2015.

DUDLEY, Domenic. Forbes: *Os grupos terroristas que mais matam no mundo atualmente*. Disponível em: <https://forbes.uol.com.br/colunas/2018/12/os-grupos-terroristas-que-mais-matam-no-mundo-atualmente/>; Acesso em 05 de janeiro de 2019.

EL PAÍS. *Dentro do inferno do Boko Haram*. Nigéria, 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/23/internacional/1487852862\\_930917.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/23/internacional/1487852862_930917.html); acesso em 13 de fevereiro de 2018.

ESTADÃO. *Boko Haram assume sequestro de 276 meninas no interior da Nigéria*. Disponível em: < <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,boko-haram-assume-sequestro-de-276-meninas-no-interior-da-nigeria,1162436>>; Acesso em: 13 de fevereiro de 2018.

FANTÁSTICO. *Bin Laden explica os motivos*. Disponível em:< [https://www.youtube.com/watch?v=WB\\_KN-hf5co](https://www.youtube.com/watch?v=WB_KN-hf5co)>; Acesso em 03 de dezembro de 2018.

FIGUEIREDO, Eduardo Henrique Lopes. *A democracia e a indeterminação dos sujeitos na construção do constitucionalismo: Uma proposta de leitura do projeto da modernidade no século XXI*. In: *Constitucionalismo e democracia 2017: reflexões do programa de pós – graduação em direito da FDSM*. São Paulo: Editora Max Limonad, 2017.

FIGUEIREDO, Eduardo Henrique Lopes. *A democracia e a indeterminação dos sujeitos na construção do constitucionalismo: Uma proposta de leitura do projeto da modernidade no século XXI*. In: *Constitucionalismo e democracia 2017: reflexões do programa de pós – graduação em direito da FDSM*. São Paulo: Editora Max

Limonad, 2017, *apud* TAVARES, André Ramos. Curso de Direito Constitucional, 10ª ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

FIGUEIREDO, Marília Z. A.; CHIARI, Brasília. M.; e DE GOULART, Bárbara. N. G. *Discurso do Sujeito Coletivo: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa quali quantitativa*. *Distúrb Comun*, São Paulo, 25(1): 129-136, abril, 2013; Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/download/14931/11139>; Acesso em: 13 de março de 2018

FLÓREZ-VALDÉS, Joaquín Arce y. *Los principios generales del derecho y su formulación constitucional*. Madrid: Civitas, 1990.

FOREST, James J. F. *Confronting the Terrorism of Boko Haram in Nigeria*. Tampa: JSOU Report 12-5, 2012.

FRIZZERA, Guilherme; SOUZA JÚNIOR, José Maria de. *Tipificando o Terrorismo no Congresso Brasileiro: os projetos de lei e literatura acadêmica*. *BJIR*, Marília, v. 4, n. 1, p. 111-134, jan./abr. 2015.

GELI, Carles. *Byung-Chul Han: “Hoje o indivíduo se explora e acredita que isso é realização”* Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/07/cultura/1517989873\\_086219.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/07/cultura/1517989873_086219.html); Acesso em: 15 de dezembro de 2018.

GOMES, Luiz Roberto. *O consenso na Teoria do Agir Comunicativo de Habermas e suas implicações para a educação*. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/252525/1/Gomes\\_LuizRoberto\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/252525/1/Gomes_LuizRoberto_D.pdf); Acesso em: 22 de janeiro de 2018.

G1. *Boko Haram sequestrou 2 mil mulheres desde 2014, diz Anistia*. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/04/boko-haram-sequestrou-2-mil-mulheres-desde-2014-diz-anistia.html>; Acesso em: 13 de fevereiro de 2018.

HABERMAS, Jürgen. *A inclusão do outro: Estudos de teoria política*. Tradução: George Sperber e Paulo Astor Shoete. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

HABERMAS, Jürgen. *A nova intransparência: a crise do estado de bem-estar social e o esgotamento das energias utópicas*. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, n. 18, set. 1987.

HABERMAS, Jürgen. *O ocidente dividido: pequenos escritos políticos X*. Tradução: Bianca Tavalori, 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo 2: sobre a crítica da razão funcionalista*. Tradução: Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini, Petrópolis: Vozes, 2015.

HARARI, Yuval Noah. *21 lições para o século 21*. Tradução: Paulo Geiger. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras.

HASSAN, Riffat. *Sélection d'articles de Riffat Hassan: Theologie Feministe et les Femmes dans le Monde Musulman*. Paris: Ediciones de Women Living Under Muslim Law. Paris, 1989.

HERNANDEZ, Vladimir; HEGARTY, Stephanie. Aos 13 anos, fui produzida para ficar bonita e enviada para me explodir com um cinto-bomba. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-42983622>>; Acesso em: 05 de janeiro de 2019.

HIGAZI. *Mobilisation into and against Boko Haram in North-East Nigeria*. In: MATFESS, Hilary. *Boko Haram: History and Context*. Subject: Political History, Religious History West Africa Online Publication Date: Oct 2017 DOI: 10.1093/acrefore/9780190277734.013.11.

HOBBSAWM, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*. Tradução: José Viegas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HOFFMAN, Bruce. *Inside Terrorism*. New York: Columbia University Press, 2004.

HOLMES, Peter. *Nigeria: giant of Africa*. London: Swallow Editions, 1987.

HUMAN RIGHTS WATCH. *“Those Terrible Weeks in their Camp” Boko Haram Violence against Women and Girls in Northeast Nigeria*. All rights reserved. Printed in the United States of America. ISBN: 978-1-6231-32033, 2014.

HUSSEIN, B.; WALKER, L. *Nigeria and the Sunni Islamic insurgency of Boko Haram: over 170 killed in Kano*. Modern Tokyo Times, 2012. Disponível em: <http://global-security-news.com/2012/01/23/nigeria-and-the-sunni-islamic-insurgency-of-boko-haram-over-170-killed-in-kano/>; Acesso em: 19 de fevereiro de 2018.

IANNI, Octavio. *Sociologia do terrorismo*. In: Estados Unidos: a supremacia contestada. Ladislau Dowbor; Octavio Ianni; Ricardo Mendes Antas Jr (org). São Paulo: Cortez, 2003.

ICHIKAWA, Elisa Yoshie. SANTOS, Lucy Woellner. *Vozes da História: Contribuições da História Oral à Pesquisa Organizacional*. Disponível em: [www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2003-epa-0186.pdf](http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2003-epa-0186.pdf); Acesso em: 17 de janeiro de 2019

INDEXMUNDI. *Literacy*. Disponível em: <https://www.indexmundi.com/g/r.aspx?t=0&v=39&l=en>; acesso em: 01 de junho de 2018.

INDEXMUNDI. População na abaixo da linha da pobreza - Nigéria. Disponível em: <https://www.indexmundi.com/g/g.aspx?v=69&c=ni&l=pt>; acesso em: 01 de junho de 2018.



INDEXMUNDI. Pretróleo - produção Nigéria. Disponível em: <<https://www.indexmundi.com/g/r.aspx?t=0&v=88&l=pt>>; acesso em: 01 de junho de 2018.

INDEXMUNDI. Produto Interno Bruto (PIB) (bilhões \$) Nigéria. Disponível em: <<https://www.indexmundi.com/g/g.aspx?v=65&c=ni&l=pt>>; acesso em: 01 de junho de 2018.

INDEXMUNDI. Taxa de alfabetização. Disponível em: <<https://www.indexmundi.com/g/g.aspx?c=ni&v=39&l=pt>>; acesso em: 01 de junho de 2018.

INDEXMUNDI. Taxa de desemprego- Nigéria. Disponível em: <<https://www.indexmundi.com/g/g.aspx?v=74&c=ni&l=pt>>; acesso em: 01 de junho de 2018.

JOHNSON, Toni; SERGIE, Mohammed Aly. *Boko Haram*. Council on Foreign Relations. Council on foreign relations, 2013. Disponível em: <http://www.cfr.org/nigeria/boko-haram/p25739> . Acesso em: 13 de fevereiro de 2018.

JUBILUT, Liliana Lyra; APOLINÁRIO, Silvia Menicucci O. S. *A necessidade de proteção internacional no âmbito da migração*. Rev. direito GV vol.6 no.1 São Paulo Jan./June 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-24322010000100013&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-24322010000100013&lang=pt)>; Acesso em: 22 de janeiro de 2018.

LAQUEUR, Walter. *A History of Terrorism*. New York: Little, Brown, 2002. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/183562131/Walter-Laqueur-A-History-of-Terrorism-2001-pdf>>; Acesso em: 09 de fevereiro de 2018.

LARA, António de Sousa. *O terrorismo e a ideologia do ocidente*. Coimbra: Edições Almedina, AS, 2007.

LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti e MARQUES, Maria Cristina da Costa. *Discurso do Sujeito Coletivo, complexidade e auto-organização*. Ciências e Saúde Coletiva. 2009; 14 (4):1193-1204. Disponível em: <[http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/12904/art\\_LEFEVRE\\_Discurso\\_do\\_sujeito\\_coletivo\\_complexidade\\_e\\_auto-organizacao\\_2009.pdf?sequence=1](http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/12904/art_LEFEVRE_Discurso_do_sujeito_coletivo_complexidade_e_auto-organizacao_2009.pdf?sequence=1)>; Acesso em: 13 de março de 2018.

LEWIS, Bernard. *A crise do islã: Guerra santa e terror profano*. Tradução: Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Zahar.

LOSURDO, Domenico. *A linguagem do império: léxico da ideologia estadunidense*. Tradução: Jaime A. Clasen. São Paulo: Boitempo, 2010.

LOVEJOY, Paul E. *Nigeria: a country study*. Edited by Helen Chapin Metz; 5th ed. Washington: Federal Research Division, Library of Congress, 1992.

LUBENOW, Jorge Adriano *A categoria de esfera pública em Jürgen Habermas*. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Unicamp, 2007.

LUZ, Cícero Krupp da. *O Direito Internacional como legitimação da exclusão: notas de uma historiografia crítica para a América Latina*. In: SIMIONI, Rafael Lazzarotto. *Constitucionalismo e democracia 2018: reflexões do programa de pós-graduação em direito da FDSM*. São Paulo: Editora Max Limonad, 2018.

LUZ, Cícero Krupp da. *O paradoxo da manutenção do status quo da política internacional: as quatro falácias do código binário terrorismo/direitos humanos*. In: *Direitos Humanos e terrorismo/org*. Rosa Maria Zaia Borges, Augusto Jobim do Amaral, Gustavo Oliveira de Lima Pereira. Porto Alegre: EDIPUCS, 2014.

MATFESS, Hilary. *Boko Haram: History and Context*. Subject: Political History, Religious HistoryWest Africa Online Publication Date: Oct 2017 DOI: 10.1093/acrefore/9780190277734.013.11.

MAGATTI, Marcos. *Bauman e o destino das cidades globais*. In: BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MAKUMBE, John. Is There a Civil Society in Africa?, *International Affairs* 74, 2, 1998, pp.305-317 In: MGBA, Chimaroke. *Civil Society and Democratization in Nigeria: A Historical Perspective*. Department of Political & Administrative Studies Faculty of Social Sciences, University of Port Harcourt Nigeria. *American International Journal of Social Science*. Vol. 4, No. 5; October 2015. Available from: <[http://www.aijssnet.com/journals/Vol\\_4\\_No\\_5\\_October\\_2015/20.pdf](http://www.aijssnet.com/journals/Vol_4_No_5_October_2015/20.pdf)>; Cited: 13 de maio de 2018.

MARTINI, Rosa Maria F. *Habermas: 80 anos de percurso filosófico, novos rumos para a teoria crítica e reflexos na educação*. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul/RS, v.19, n1, p. 187-208, jan/jun. 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. In: ICHIKAWA, Elisa Yoshie. SANTOS, Lucy Woellner. *Vozes da História: Contribuições da História Oral à Pesquisa Organizacional*. Disponível em: <[www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2003-epa-0186.pdf](http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2003-epa-0186.pdf)>; Acesso em: 17 de janeiro de 2019.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 4. ed., rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2002. In: CHRISTIMANN, Juliana Pugliese. *A aplicação da metodologia de história oral – dando voz às memórias dos pescadores da praia do paqueta – canoas/rs*. Disponível em: <<http://seminariosmemoriasocial.pro.br/wp-content/uploads/2016/03/C019-JULIANA-PUGLIESE-CHRISTIMANN-normalizado.pdf>>; Acesso em: 17 de janeiro de 2019.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro*. *Revista de História* 155 (2º - 2006), 191-203.

MGBA, Chimaroke. *Civil Society and Democratization in Nigeria: A Historical Perspective*. Department of Political & Administrative Studies Faculty of Social Sciences, University of Port Harcourt Nigeria. American International Journal of Social Science. Vol. 4, No. 5; October 2015. Available from: <[http://www.aijssnet.com/journals/Vol\\_4\\_No\\_5\\_October\\_2015/20.pdf](http://www.aijssnet.com/journals/Vol_4_No_5_October_2015/20.pdf)>; Cited: 13 de maio de 2018.

MIRANDA, Daniela; SIMIONI, Rafael Lazzarotto. *Direito, silêncio e corrupção: um diálogo com Niklas Luhmann e Jürgen Habermas*. Disponível em: <<http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/25351-25353-1-PB.pdf>>; Acesso em: 22 de janeiro de 2019.

MOHAMMED, Al-Amin; CASCAIS, António. *Nigéria: as mulheres e meninas nas fileiras do Boko Haram*. DW Notícias, 2017. Disponível em: <http://www.dw.com/pt-002/nig%C3%A9ria-as-mulheres-e-meninas-nas-fileiras-do-boko-haram/a-37903071>; Acesso em: 27 de fevereiro de 2018.

MOHAMMED, Kyari. *The message and methods of Boko Haram*. In: *Boko Haram: Islamism, politics, security and the state in Nigeria*, CHOUIN, Gérard (org.). French Institute for Research in Africa / Institut Français de Recherche en Afrique (IFRA-Nigeria) University of Ibadan, Zaria: Ahmadu Bello University, 2014.

MONTCLOS, Marc-Antoine Pérouse de. *Boko Haram and politics: From insurgency to terrorismo* In: *Boko Haram: Islamism, politics, security and the state in Nigeria*, CHOUIN, Gérard (org.). French Institute for Research in Africa / Institut Français de Recherche en Afrique (IFRA-Nigeria) University of Ibadan, Zaria: Ahmadu Bello University, 2014. MOREZ, Francielli. *Introdução ao direito islâmico*. 1ª ed. Curitiba: Juruá, 2009.

MOREZ, Francielli. *Introdução ao direito islâmico – evolução histórica, aspectos dogmáticos e elementos de inserção social*. 1ª ed. (anno 2008), 1ª reimpr. Curitiba: Juruá, 2009.

MUHAMMAD, Aminuddin. Os *Sahaba*. Disponível em: <<http://www.islamemlinha.com/index.php/artigos/os-companheiros-do-profeta/item/os-sahaba>>; Acesso em: 01 de junho de 2018.

MURTADÃ, Ahmad. *Boko Harãm in Nigeria: its beginnings, principles and activities in Nigeria*. Copyright SalafiManhaj, 2013. Available in: <[http://download.salafimanhaj.com/pdf/SalafiManhaj\\_BokoHaram.pdf](http://download.salafimanhaj.com/pdf/SalafiManhaj_BokoHaram.pdf)>; Cited: 31 de maio de 2018.

MWALIMU, Charles. *The Nigerian Legal System: Public Law*. New York: Peter Lang Publishing Inc, 2005.

NAGHSHPOUR, S. et al. *The Shadow Economy and Terrorist Infrastructure*. In: *Countering Terrorism and Insurgency in the 21st Century*, edited by James J.F. Forest, Westport, CT: Praeger, 2007. In: FOREST, James. *Confronting the terrorism of Boko Haram in Nigeria*. Tampa: JSOU Report 12-5, 2012.

NASSER, Salem H. *Olhares sobre as revoltas no mundo árabe*. Projeto História, São Paulo, n. 46, pp. 115-133, Abr. 2013.

NWABUEZE, B. Democratization. Ibadan: Spectrum Books Ltd.1993 In: ALUMONA, Ikenna Mike. *The politics of democratization in nigeria: are the people involved?*; Department of Political Science, Igbariam Campus, Anambra State University; *Journal of Sustainable Development in Africa* (Volume 12, No.7, 2010) ISSN: 1520-5509; Clarion University of Pennsylvania, Clarion, Pennsylvania; Available from: <<https://pdfs.semanticscholar.org/0dfc/a358d7c2ffe3ec2dd858e0474b08300861e8.pdf>>; Cited: 14 de maio de 2018.

ODULARU, Olusegun. “*Crude oil and the Nigerian economic performance.*” *Oil and Gas Business In: XAVIER, Rafael Corrêa; FILIPPI, Eduardo Ernesto. Nigéria Contemporânea: Raízes da insurgência doméstica e implicações regionais*. Rev. Conj. Aust. | Porto Alegre | v.8, n.42 | p.78-95 | jun./jul. 2017 | ISSN: 2178-8839, Disponível em:

<[www.seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/download/72468/43899](http://www.seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/download/72468/43899)>;

Acesso em: 15 de maio de 2018.

OGOCHUKWU, E. O. *Socio-Economic Implications of the Boko Haram Insurgence in Nigeria: 2009-2013*. Thesis. Department of Political Science Caritas University, Amorji-Nike, Enugu, 2013 In: AWOJOB, Oladayo Nathaniel. The Socio-Economic Implications of Boko Haram Insurgency in the North-East of Nigeria. International Journal of Innovation and Scientific Research ISSN 2351-8014 Vol. 11 No. 1 Oct. 2014, pp. 144-150.

ONUBR. *Ataques do Boko Haram são crescente ameaça na África Ocidental e no Sahel, diz ONU*. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/ataques-do-boko-haram-sao-crescente-ameaca-na-africa-ocidental-e-no-sahel-diz-onu/>; Acesso em: 06 de janeiro de 2019.

ONUBR. *Cerca de 600 professores foram mortos desde o surgimento do Boko Haram na Nigéria, alerta UNICEF*. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/cerca-de-600-professores-foram-mortos-desde-o-surgimento-do-boko-haram-na-nigeria-alerta-unicef/>>; Acesso em: 02 de junho de 2018.

ONUNews. *Desde 2013, Boko Haram já sequestrou mais de mil crianças na Nigéria*. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2018/04/1618411>>; Acesso em: 02 de junho de 2018.

ONUNews. *Nigéria: danos da crise do Boko Haram superam US\$ 9 mil milhões no nordeste*. Disponível em: < <https://news.un.org/pt/story/2017/01/1574111-nigeria-danos-da-crise-do-boko-haram-superam-us-9-mil-milhoes-no-nordeste>>; Acesso em: 01 de junho de 2018.

OKEKEOCHA, Chinelo; EWOH, Andrew I. E. *Questioning the Constitutionality of Sharia Law in some Nigerias States*. Africa Social Science Review. Volume 6; Issue 1; Article 2; 5-23-2013; Available in: <<https://pdfs.semanticscholar.org/4644/ae77ddb3213464cafbecf21fa93e939f89fa.pdf>>; Cited: 14 de maio de 2018.

PAPE, Robert A. *Dying to Win: The Strategic Logic of Suicide Terrorism*. New York: Random House, 2006.

PERAZZO, Priscila F. *Narrativas Oraís da história da vida*. Comunicação & Inovação, PPGCOM/USCS. v. 16, n. 30 (121-131) jan-abr 2015.

PHILIPS, Douglas A. *Nigeria*. Series Consulting Editor Charles F. Gritzner South Dakota State University. Philadelphia: Chelsea House Publishers, 2004

PINTO, José Marcelino de Rezende. *A teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas: conceitos básicos e possibilidades de aplicação à administração escolar*. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X1995000100007>. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X1995000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1995000100007)>; Acesso em: 07 de janeiro de 2019.

PINTO, Maria do Céu Ferreira. *O fundamentalismo islâmico*. Lisboa: Instituto de Defesa Nacional, 1996.

PRATTEN, David. *The Man-Leopard Murders: History and Society in Colonial Nigeria*. Edinburgh: Edinburgh University Press Ltd for the International African Institute, London, 2007.

RANCIÈRE, Jacques. *O ódio à democracia*. Tradução: Mariana Echalar. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2014.

RAPOPORTY, David C. *The four waves of modern terrorism*. In: *Attacking Terrorism: Elements of a Grand Strategy*, por A. K. Croni and J. M. Ludes, 46-73. Washington, DC: Georgetown University Press, 2004.

RAMIREZ, Juan David García. Occidente frente al terrorismo internacional. *analecta polit.* | Vol. 1 | No. 2 | PP. 257-272. Enero-junio/2012/ISSN: 2027-7458/Medellin-Colombia.

REINARES, Fernando. *Característas y formas de terrorismo político en sociedades industriales avanzadas*. In: ARISTIZÁBAL, Luis Guillermo Patiño.

REINERT, Manuel; GARÇON, Lou. *Boko Haram: A chronology*. In: MONTCLOS, Marc-Antoine Pérouse de. *Boko Haram and politics: From insurgency to terrorismo* In: *Boko Haram: Islamism, politics, security and the state in Nigeria*, CHOUIIN, Gérard (org.). French Institute for Research in Africa / Institut Français de Recherche en Afrique (IFRA-Nigeria) University of Ibadan, Zaria: Ahmadu Bello University, 2014.

REVISTA EXAME. *Duplo ataque suicida do Boko Haram na Nigéria deixa 18 mortos*. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/duplo-ataque-suicida-do-boko-haram-na-nigeria-deixa-pelo-menos-18-mortos/>; Acesso em: 19 de fevereiro de 2018.

ROSER, Max; NAGDY, Mohamed; e RITCHIE, Hannah. *Terrorism. Graphic 7: Number of terrorism fatalities by region*. Available in: <https://ourworldindata.org/terrorism>; Access in: 07 de janeiro de 2018.

RPT NOTÍCIAS. *Cronologia dos principais ataques do Boko Haram na Nigéria*. Lusa, 2015. Disponível em: [https://www.rtp.pt/noticias/mundo/cronologia-dos-principais-ataques-do-boko-haram-na-nigeria\\_n796357](https://www.rtp.pt/noticias/mundo/cronologia-dos-principais-ataques-do-boko-haram-na-nigeria_n796357); Acesso em: 27 de fevereiro de 2018.

RUIC, Gabriela. *O que leva jovens africanos ao terrorismo? Não é (só) religião*. Revista Exame. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/o-que-leva-jovens-africanos-ao-terrorismo-nao-e-so-religiao/>; Acesso em: 15 de janeiro de 2019.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Do pós-moderno para o pós-colonial. E para além de um e outro*. Revista de Ciências Sociais e Humanas com sede editorial rotativa nas instituições académicas dos países de língua portuguesa. Edição dos números 6/7. Org. Elísio Estanque et al. Coimbra: Tipografia Guerra, Viseu, 2008.



SCHELLING, Thomas. *Who will have the bomb?* In: AREND, Hugo. O 11/9 e seus significados teóricos e políticos para a segurança internacional. In: Direitos Humanos e terrorismo/org. Rosa Maria Zaia Borges, Augusto Jobim do Amaral, Gustavo Oliveira de Lima Pereira. Porto Alegre: EDIPUCS, 2014.

SCHMID, Alex. *Political Terrorism: A Research Guide to Concepts, Theories, Data Bases and Literature*. New Brunswick: Transaction, 1983.

SCHMID, Alex P. *The Routledge Handbook Of Terrorism Research*. 1. ed. Estados Unidos: Routledge Taylor & Francis Group, 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: *Uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade, 20, 71-99. ISSN 0100-3143.

SIMIONI, Rafael Lazzarotto. *Curso de hermenêutica jurídica contemporânea: do positivismo clássico ao pós-positivismo jurídico*. Curitiba: Juruá Editora, 2014.

STERN, Jessica. *Terror em nome de Deus*. São Paulo: Ed. Barcarolla, 2004.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

THURSTON, Alexander. *Boko Haram – The History of an African Jihadist Movement*. Princeton: Princeton University Press, 2017.

UMEZURIKE, Chuku. Phd. *The Divergence of Economic Reforms and Democracy in Nigeria*. Department of Political Science University of Nigeria Nsukka. Being a paper for the 21st World Congress of the International Political Science Association, IPSA, at Santiago, Chile, July 12-16, 2009. Available in: [http://paperroom.ipsa.org/papers/paper\\_203.pdf](http://paperroom.ipsa.org/papers/paper_203.pdf); Cited: 14 de maio de 2018.

UN Womem. *Fleeing Boko Haram, women seek healing and economic resilience in Niger camps*. 2017. Disponível em:

<http://www.unwomen.org/en/news/stories/2017/10/feature-niger-fleeing-boko-haram>;  
Acesso em: 13 de fevereiro de 2018.

UNITED STATES DEPARTMENT OF STATE. *Patents of global terrorism*. Disponível em: <https://www.state.gov/documents/organization/10286.pdf>; Acesso em 30 de novembro de 2017.

US DEPARTMENT OF STATE. *U.S. Relations With Nigeria*. Bureau of African Affairs; Fact Sheet; February 21, 2017. Disponível em: <https://www.state.gov/r/pa/ei/bgn/2836.htm>; Acesso em: 13 de maio de 2018.

VALCARCEL, Mayra soledad; DE LA FUENTE, Vanessa Alejandra. *Feminismo, identidad e islam: encrucijadas, estrategias y desafíos en un mundo transnacional*. In: *Feminismos islámicos*. Compilación: Ramón Grosfoguel. Caracas: Fundación Editorial El perro y la rana, 2018.

VIANNA, Geraldo Luiz. *Constitucionalismo e democracia: O Estado Constitucional e a permanente tensão entre poder e direitos*. apud COSTA, Pietro. O estado de direito: uma introdução histórica. In: COSTA, Pietro; Zolo, Danilo. O estado de direito: história, teoria e crítica. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

VOX. *Gráfico 2: Boko Haram's bases tend to be in poorer states. The crisis in Nigeria, in 11 maps and charts*. Disponível em: <https://www.vox.com/2014/5/13/5710484/boko-haram-maps-charts-nigeria>; Acesso em: 13 de fevereiro de 2018.

VOX. *Gráfico 3: Governance is poor in northern Nigeria. The crisis in Nigeria, in 11 maps and charts*. Disponível em: <https://www.vox.com/2014/5/13/5710484/boko-haram-maps-charts-nigeria>; Acesso em: 13 de fevereiro de 2018.

VOX. *Gráfico 7: Boko Haram is violent even by al – Qaeda standards. The crisis in Nigeria, in 11 maps and charts*. Disponível em: <https://www.vox.com/2014/5/13/5710484/boko-haram-maps-charts-nigeria>; Acesso em: 13 de fevereiro de 2018.

WALDELY, Aryadne Bittencourt; DAS VIRGENS, Bárbara Gonçalves; DE ALMEIDA, Carla Miranda Jordão. *Refúgio e realidade: desafios da definição ampliada de refúgio à luz das solicitações no Brasil*. REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum. vol.22 no.43 Brasília July/Dec. 2014.

WALKER, Andrew. *What is Boko Haram?* Washington: United States Institute of Peace, 2012.

WELLAUSEN. Saly da Silva. *Terrorismo e os atentados de 11 de setembro*. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 14 (2): 83- 112, outubro de 2002.

WELLE, Deutsche. *Boko Haram mantém rotina de medo na Nigéria*. Carta Capital. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/internacional/boko-haram-mantem-rotina-de-medo-na-nigeria-1809.html>; Acesso em: 26 de fevereiro de 2018.

WELLAUSEN. Saly da Silva. *Terrorismo e os atentados de 11 de setembro*. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 14 (2): 83- 112, outubro de 2002.

WERMUTH, Maiquel Angle D. *Medo e direito penal: reflexos da expansão punitiva na realidade brasileira*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2011.

XAVIER, Rafael Corrêa; FILIPPI, Eduardo Ernesto. *Nigéria contemporânea: raízes da insurgência doméstica e implicações regionais*. Rev. Conj. Aust. | Porto Alegre | v.8, n.42 | p.78-95 | jun./jul. 2017 | ISSN: 2178-8839.

ZENN, Jacob; PEARSON, Elizabeth. *Women, Gender and the evolving tactics of Boko Haram*. Journal of terrorism research. Disponível em: <https://jtr.st-andrews.ac.uk/article/10.15664/jtr.828/>; Acesso em: 19 de fevereiro de 2018.

ZIZEK, Slavoj. *Bem vindo ao deserto do real! Cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas*. Coleção Estado de Sítio. São Paulo: Boitempo editorial, 2003.

## APÊNDICES

APÊNDICE 1: Autorização do comitê de ética da Plataforma Brasil.

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** QUEM TEM MEDO DO TERRORISMO? A TRAGÉDIA DAS MULHERES NIGERIANAS SOB O DOMÍNIO DO BOKO HARAM.

**Pesquisador:** BARBARA VIEGAS CARVALHO

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 91034618.5.0000.5102

**Instituição Proponente:** FUNDAÇÃO SUL MINEIRA DE ENSINO

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 2.821.733

**Apresentação do Projeto:**

O terrorismo pós 11 de setembro de 2001 representa uma mudança de paradigma: hoje, embora os atentados terroristas objetivem a deslegitimação de um Estado, os ataques não são mais direcionados ao Estado em si, mas sim, contra a sua população, e tem o medo como sua principal arma de ataque. Porém, ainda que o medo do terrorismo esteja presente em esfera global, esta pesquisa visa analisar a hipótese de que o terrorismo afeta mais os nacionais dos países de origem dos grupos terroristas do que a população do ocidente.

Nessa pesquisa será analisado especificamente a Nigéria e o Boko Haram através da análise do discurso da representação social dos refugiados nigerianos residentes na cidade de São Paulo/SP. O intuito será analisar o porquê do surgimento do grupo terrorista fundamentalista islâmico e se ele, visando derrubar a democracia nigeriana e implementar um Estado Islâmico, utiliza-se de ataques diretos a civis, especialmente do gênero feminino, como forma de fazer com que a população, em virtude do medo, perca a confiança no governo e adira aos objetivos do Boko Haram.

Assim, esta pesquisa visa demonstrar a existência de um dissenso comunicativo entre o discurso coletivo dos refugiados nigerianos residentes na cidade de São Paulo/SP e a narrativa global sobre quem são as pessoas que mais temem o terrorismo.

Para tanto, será utilizado o método de pesquisa de natureza empírica através da metodologia da análise do discurso do sujeito coletivo (DSC) fundamentada nos pressupostos das "representações

**Endereço:** Avenida Prefeito Tuany Toledo, 470

**Bairro:** Campus Fátima I

**CEP:** 37.554-210

**UF:** MG

**Município:** POUSO ALEGRE

**Telefone:** (35)3449-9232

**E-mail:** pesquisa@univas.edu.br

Continuação do Parecer: 2.821.733

sociais” (Lefevre & Lefevre, 2013, p. 131). Assim, serão analisados os juízos e opiniões dos nigerianos refugiados na cidade de São Paulo/SP, emitidos através dos seus discursos, verificando, por intermédio do consenso das representações sociais, quem são os que mais temem o terrorismo e o feminicídio praticado pelo Boko Haram.

Após a realização das entrevistas, busca-se demonstrar que o consenso do discurso coletivo dos refugiados nigerianos da cidade de São Paulo/SP corrobora com a fundamentação de Jürgen Habermas de que o terrorismo é uma falha comunicativa que ocasiona no surgimento de grupos terroristas como o Boko Haram e que, a narrativa global não demonstra a realidade fática daqueles que vivenciaram o terrorismo. Diante disso, esta pesquisa contribuirá para que a sociedade verifique que, na verdade, ainda que o mundo tenha medo do terrorismo, a população mais afetada por

ele e, conseqüentemente a que mais teme o terrorismo, são, no caso específico da Nigéria, os nigerianos, especialmente as mulheres em razão do feminicídio terrorista praticado pelo Boko Haram. A presente pesquisa analisará os ataques terroristas praticados pelo grupo terrorista islâmico Boko Haram como uma falha comunicativa entre o consenso do grupo e o consenso do governo nigeriano, com base na teoria da razão comunicativa de Jürgen Habermas. Verificará, através do discurso coletivo dos refugiados nigerianos, a resposta ao questionamento sobre quem tem medo do terrorismo e se são as mulheres, as principais vítimas do grupo.

Para tanto será utilizado o método de pesquisa de natureza empírica, através da metodologia da análise do discurso do sujeito coletivo (DSC), fundamentada nos pressupostos das representações sociais, no qual serão analisados os juízos e opiniões dos refugiados nigerianos residentes na cidade de São Paulo/SP, emitidos através dos seus discursos sobre o tema, de modo a alcançar o consenso das representações sociais sobre quem tem medo do terrorismo e a prática de feminicídio terrorista pelo Boko Haram.

### **Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Analisar a existência de um dissenso comunicativo entre o discurso da representação social dos refugiados nigerianos residentes na cidade de São Paulo/SP e a literatura ocidental quanto ao questionamento sobre quem tem medo do terrorismo e se há, ou não, a prática de feminicídio

**Endereço:** Avenida Prefeito Tuany Toledo, 470

**Bairro:** Campus Fátima I

**CEP:** 37.554-210

**UF:** MG

**Município:** POUSO ALEGRE

**Telefone:** (35)3449-9232

**E-mail:** pesquisa@univas.edu.br

Continuação do Parecer: 2.821.733

pelo Boko Haram na Nigéria.

Objetivo Secundário:

- Analisar o contexto político, econômico e religioso da Nigéria no ano de criação do Boko Haram e a evolução do grupo e dos seus objetivos intrínsecos e extrínsecos, bem como as principais implicações sociais ocasionadas pelo grupo;
- Analisar a mudança de paradigma do terrorismo após os atentados de 11 de setembro de 2001 e a existência de uma falha comunicativa que enseja na criação de grupos terroristas como o Boko Haram;
- Analisar as diferentes Representações Sociais dos refugiados nigerianos residentes na cidade de São Paulo/SP quanto ao terrorismo do grupo terrorista islâmico Boko Haram e a existência de dissenso entre a literatura ocidental e o discurso coletivo, quanto a quem tem medo do terrorismo e quanto a ocorrência ou não de feminicídio na Nigéria por parte do grupo.

#### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos:

A pesquisa apresenta como riscos a possibilidade de constrangimento dos entrevistados em responderem ao questionário e o desconforto por cederem uma parte de seu tempo para a realização da entrevista.

Benefícios:

Será beneficiária dessa pesquisa a literatura ocidental a respeito do terrorismo, uma vez que há poucos estudos de teor empírico, realizados no âmbito da análise do discurso do sujeito coletivo (DSC), sobre aqueles que vivenciam de fato o terrorismo. A comunidade científica também se beneficiará, uma vez que até o presente momento não há um consenso conceitual sobre o tema, sobre os motivos do terrorismo e sobre quem verdadeiramente é afetado e tem medo do terrorismo.

#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Trabalho muito importante, com relevância social e científica.

#### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Todos os termos obrigatórios foram apresentados.

#### **Recomendações:**

Nenhuma.

**Endereço:** Avenida Prefeito Tuany Toledo, 470

**Bairro:** Campus Fátima I

**CEP:** 37.554-210

**UF:** MG

**Município:** POUSO ALEGRE

**Telefone:** (35)3449-9232

**E-mail:** pesquisa@univas.edu.br

FACULDADE DE CIÊNCIAS  
MÉDICAS DR. JOSÉ ANTÔNIO  
GARCIA COUTINHO -



Continuação do Parecer: 2.821.733

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O estudo atende aos dispositivos da resolução 466/2012 e pode ser aprovado

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Ao término do estudo os autores deverão apresentar relatório final ao CEP.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1147657.pdf	02/07/2018 16:51:14		Aceito
Outros	AUTORIZACAOCARITAS.pdf	02/07/2018 16:50:41	BARBARA VIEGAS CARVALHO	Aceito
Outros	QUESTIONARIOingles.pdf	02/07/2018 16:48:43	BARBARA VIEGAS CARVALHO	Aceito
Outros	TCLEingles.pdf	02/07/2018 16:48:11	BARBARA VIEGAS CARVALHO	Aceito
Outros	Respostaoquestionamentodarelatora.pdf	02/07/2018 16:47:02	BARBARA VIEGAS CARVALHO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	30/05/2018 16:18:48	BARBARA VIEGAS CARVALHO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	30/05/2018 16:18:37	BARBARA VIEGAS CARVALHO	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoassinada.pdf	30/05/2018 16:01:21	BARBARA VIEGAS CARVALHO	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

POUSO ALEGRE, 14 de Agosto de 2018

---

**Assinado por:**  
**Rosa Maria do Nascimento**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Avenida Prefeito Tuany Toledo, 470

**Bairro:** Campus Fátima I

**CEP:** 37.554-210

**UF:** MG

**Município:** POUSO ALEGRE

**Telefone:** (35)3449-9232

**E-mail:** pesquisa@univas.edu.br



APÊNDICE 2: Questionário da pesquisa.

- 1) Qual é o seu país de origem e em qual região do país você morava?
- 2) Como é a vida no seu país de origem?
- 3) Há violência no seu país de origem?
- 4) Por qual motivo você decidiu deixar o seu país?
- 5) O Boko Haram surgiu por questões políticas ou religiosas?
- 6) Quem são as principais vítimas do Boko Haram? São os homens ou as mulheres?
- 7) Para você, quem tem medo do terrorismo?

APÊNDICE 3: Transcrição das entrevistas.

**Transcrição da gravação da conversa com o ENTREVISTADO 1 e a ENTREVISTADORA em 16 de agosto de 2018.**

Entrevistadora: Você é de onde?

Entrevistado 1: Eu sou da Nigéria

Entrevistadora: Quantos anos você tem?

Entrevistado 1: Eu tenho 27 anos.

Entrevistadora: 27?

Entrevistado 1: Sim.

Entrevistadora: E, por que você veio para o Brasil?

Entrevistado 1: Eu vim para o Brasil, o que eu quero dizer, por dois motivos: O primeiro é que eu vim para uma vida melhor e o segundo por causa da instabilidade política no meu país que nos prejudica e por causa das moléstias, o que significa, do chamado Boko Haram.

Entrevistadora: Meu Deus! Esse é o meu foco!

Entrevistado 1: Chamado Boko Haram! Causa problemas e destrói vilas e cidades no meu país. Então, essa é a diferença entre o meu país e aqui. Então eu acredito que viver aqui no Brasil é algo bom, para conseguir um bom emprego.

Entrevistadora: Sim.

Entrevistado 1: Para expandir minha educação, e o mais importante, para começar uma nova carreira e uma família também.

Entrevistadora: Sim.

Entrevistado 1: E cuidá-la.

Entrevistadora: Me conta mais, por favor, se você conseguir, sobre o Boko Haram. Você tem medo do Boko Haram?

Entrevistado 1: Na verdade no meu país todo mundo tem medo do Boko Haram, então, eu estou incluso também, eu também tenho medo do Boko Haram. Boko Haram está nas partes nortes do meu país e a parte norte do meu país está muito próxima da minha vila/tribo chamada ... (?) (2:19) ... Então, às vezes eles vêm até a minha vila, e em outras vilas, para molestar, estupram jovens espalhando medo, e às vezes eles destroem propriedades, matam e continuam matando mulheres casadas e homens. Então, é por isso que eu tenho medo deles, eles estão realmente aterrorizando o país.

Entrevistadora: Uhum.

Entrevistado 1: Obrigado.

Entrevistadora: E, obrigada você! Você acredita que as principais vítimas do Boko Haram são homens ou mulheres?

Entrevistado 1: No meu país, quero dizer, as principais vítimas são as mulheres.

Entrevistadora: Mulheres? Por quê? Você sabe o por quê?

Entrevistado 1: Por quê? Porque na maioria das vezes eles adotam sobre (incompreensível) virgens, não só matematicamente, eu estou falando sobre garotas pequeninhas entre as idades de 15 anos para cima, eles adotam elas. Algumas eles

levam para longe e matam, algumas são estupradas, algumas conseguem escapar, mas é um longo caminho a volta para a vila. Então, a maioria das vítimas são femininas.

Entrevistadora: E, vocês nigerianos, sabem o porquê Boko Haram existe? Qual o fundamento? O que eles querem dos Nigerianos? É político, é religioso? O que você pensa?

Entrevistado 1: Cada um tem um ponto de vista, no qual o meu ponto de vista é, eu acho que o Boko Haram a maior parte das vezes é liderado por lideranças políticas.

Entrevistadora: Você acha que é político e não religioso?

Entrevistado 1: Não, a religião está lá, mas as pessoas que fundaram o Boko Haram ou patrocinaram o Boko Haram, que dão as armas para eles aterrorizarem as tribos e as vilas e os nossos líderes, então, eu estou te dizendo o meu ponto de vista.

Entrevistadora: O seu ponto de vista é muito importante para mim, para dar uma voz. Eu realmente quero dar uma voz, eu entendo.

Entrevistado 1: Eu acho que o que precisamos no nosso país é que as grandes potências possam vir e colocar a ordem de volta, porque os nossos governantes estão incomodando, em bom exemplo, eles são os únicos que estão aterrorizando. Eu sou jovem e para mim o Brasil é para ter uma vida melhor, e na minha mente eu quero algo bom, algo ótimo para minha vida e para todo o meu futuro, e minha escolha não foi fácil. Mas os nossos líderes/governantes, o que eu quero dizer, é que eu não estou tentando colocar toda a culpa neles as vezes você quer mesmo ir embora, mas oficialmente eles não nos dão suporte, nem assistências sociais, indústrias, não nos dão condições para continuar. Ainda não vi ainda grandes acordos e nem ótimas oportunidades surgindo. Essa é uma forma de ajudar e encorajar os jovens, eles tendem a fazer isso da forma errada, eles tendem... (?) (8:20 -8:48) ... Então é só ruim, só ruim, realmente ruim. Se outros países vierem e pararem com esse terrorismo do Boko Haram, os nossos vizinhos, as nossas

peessoas, as nossas vilas, cidades, eu acho que a Nigéria será um lugar melhor, eu acho que será melhor, eu amo aquele país.

Entrevistadora: Eu entendo você. Por que você escolheu o Brasil?

Entrevistado 1: Certo. Agora isso é interessante, ok! Brasil é divertido, espirituoso. A minha profissão...

Entrevistadora: Qual é sua profissão?

Entrevistado 1: Eu o que eu quero dizer é que uma profissão é um tipo de andar, as pessoas vão para cima e para baixo se divertindo, eu ou em casamentos, se chama Dj.

Entrevistadora: Sério?

Entrevistado 1: Eu acredito que os brasileiros amam música, então essa é uma das razões para eu ter vindo para o Brasil. Eu também gosto de esportes então quando eu fui para os Estados Unidos eu fiquei sabendo que o Brasil era o número um em esportes, especialmente em futebol, então essa é a minha segunda razão. Minha terceira razão, acredito que essa é a mais importante, eu acredito no Brasil. As pessoas falam que o Brasil é ruim, não é bom, vocês não podem fazer isso eu acredito que o meu destino é aqui no Brasil, meu futuro é aqui no Brasil, tudo o que eu preciso dos brasileiros ou do governo é somente suporte, como um trabalho e educação, e isso é tudo. E em retorno a isso, visto que sou bom em inglês, eu posso usar meu inglês, para ensinar outros brasileiros.

Entrevistadora: Sim. Aqui o percentual é pequeno de pessoas que falam inglês.

Entrevistado 1: O Brasil é um dos melhores partes do mundo. É um dos países ao redor do mundo que fazem a coisa certa. Mas o Brasil tem um problema.

Entrevistadora: Me conte.

Entrevistado 1: O único problema do Brasil é a língua.

Entrevistadora: Português?

Entrevistado 1: Eu amo português!

Entrevistadora: É muito difícil para você?

Entrevistado 1: Sim! Eu falo isso porque se os brasileiros pudessem falar o português e o inglês, essas duas línguas, o Brasil iria crescer mais que os Estados Unidos. Porque todo mundo fala dos Estados Unidos, porque eles falam inglês. Se o brasileiros pudessem falar inglês, as indústrias iriam crescer, o país iria crescer, as amenidades começariam a crescer, e outros homens e outros países viriam para cá para investir e trabalhar. Então se os brasileiros se habituassem a usar o inglês como língua e também o português, o Brasil seria um lugar melhor.

Entrevistadora: Eu concordo com você! Deixe-me ver, mais uma questão. Sua família está na Nigéria?

Entrevistado 1: Sim, minha família está na Nigéria, eu vim para cá sozinho, então minha família continuou lá.

-Entrevistadora: Você tem irmãos e irmãs lá?

Entrevistado 1: Sim, eu tenho irmãos e irmãs lá. Mas eu sinto pena por eles, porque se eu tivesse dinheiro, eu traria todos eles para o Brasil. Eu não salvei eles e não posso salvá-los, então o Boko Haram pode ir lá na minha casa com minha família, eu não sei, e fazer eles de vítimas ou matá-los, eu tenho medo. Então agora eu só preciso encontrar trabalho, rápido, para poder guardar dinheiro e enviar para eles, para eles virem.

Entrevistadora: Você vai conseguir isso! Eu vou rezar para você.

Entrevistado 1: Amém! Você sabe, África é um lugar que sofre, eu não falo só do meu país, eu falo de todo o continente. Tem muitas coisas acontecendo na África, e o que está acontecendo com a África, os africanos têm talentos eles têm um bom futuro, mas os governos não estão investindo nos talentos, eles não estão ajudando os talentos. Em vez disso eles estão só pensando no dinheiro, regando o país. Então a África é pobre, é realmente pobre, muito ruim.

Entrevistadora: Sim! Para mim é um contrassenso porque nas minhas pesquisas a Nigéria tem primeiro PIB na África, é um país rico.

Entrevistado 1: A Nigéria teve sua independência em 1960, nós nos tornamos um país naquele dia, 1970, 1980, entre 1960 e 1980 Nigéria era muito rica, um bom país. A partir de 1990 até agora 2018.

Entrevistadora: Na 4 república?

Entrevistado 1: Sim.

Entrevistadora: É ruim?

Entrevistado 1: É ruim, tudo está indo para baixo, tudo está ruim na Nigéria agora. Eu quero que você entenda porque a maioria como eu por exemplo, eu sou católico, de boa família, boa pessoa, eu não estou julgando, mas se você ver sou uma boa pessoa. Agora eu vim ao Brasil procurar emprego, eu conheço brasileiros que tem trabalho, eu acredito que no Brasil meu futuro será melhor, uma vida melhor do que se eu estivesse na África. Eu estou fazendo aula de português para arrumar emprego, todo dia eu procuro emprego, mas ainda não tenho emprego. Eu conheço algumas pessoas que desistiram de procurar emprego e não conseguiram, algumas pessoas vão para as drogas vende-las para arrumar um dinheiro para comer, fazem coisas ruins. Porém para mim não dá, nunca fiz coisas erradas, eu sempre estou andando procurando emprego. Eu vi um amigo meu na tv sendo preso pela polícia federal, eu chorei, porque eu conheço ele, eu rezei e pedi pra Deus me ajudar.

Entrevistadora: Não desista! Deus está com você

Entrevistado 1: Amém, amém, amém eu rezo todos os dias, eu vou a igreja. Essa vida é uma escolha, na sua mente se você plantar o mal ele vem até você, se plantar o bem, ele vem até você. As vezes que plantei o mal, o mal veio até mim, agora eu planto somente o bem, eu gosto muito de Deus. Só tenho a agradecer o Brasil, porque o Brasil é uma boa casa para imigrantes, um bom país, por causa disso eu não vendo drogas, por causa disso eu não peço dinheiro a ninguém, por causa disso eu não roubo. O Brasil é uma ótima casa para imigrantes, o apoio do governo para os imigrantes é muito bom, como o bolsa família por exemplo, é muito bom.

Entrevistadora: Obrigada a você por essa entrevista, mas vamos a última pergunta, você já me respondeu antes, mas vou perguntá-la de novo: para você, quem tem medo do terrorismo?

Entrevistado 1: Quem tem medo do terrorismo...todo mundo tem medo do terrorismo, porque o terrorismo não é bom. Na Nigéria, em Gana, na África, todo mundo tem medo do terrorismo, e eu penso que o terrorismo está ligado a causas fundamentalistas de pessoas que fazem o terrorismo. Pessoas propagam a violência. No meu país o próprio governo fornece armas para os terroristas do Boko Haram atacar vilas, bairros, cidades, tudo por causa que eles querem criar um cenário para que eles estejam aptos a utilizar para ganhar as eleições justificando que podem parar o Boko Haram, mas eles são o Boko Haram. Eu falo pra você, por exemplo: eu, como presidente vou parar o Boko Haram, mas eu como presidente dou armas ao Boko Haram. O governo compra armas de outros países e dão ao Boko Haram.

Entrevistadora: Desculpa, Boko Haram para controlar o país ou governo?

Entrevistado 1: O governo, eles acreditam que se disser ao povo, me eleja como governante, me eleja como presidente que eu posso parar o Boko Haram. Sendo assim eles falam ao Boko Haram para parar e eles param e daí ele dão mais dinheiro para o Boko Haram. Essa é a verdade, eu falo por mim como refugiado. Eu sou refugiado, eu vim para cá para poder sobreviver, para poder caminhar, para



poder trabalhar, para poder ter uma vida melhor eu acredito que o Brasil dá um suporte muito bom para mim como refugiado e eu gosto disso, sou muito grato ao Brasil.

Entrevistadora: obrigado eu te desejo boa sorte no brasil eu irei rezar por você, posso usar esta entrevista para meu trabalho? Você me dá a permissão?

Permissão dada.

Te agradeço.

**Transcrição da gravação da conversa com o ENTREVISTADO 2 e a ENTREVISTADORA em 16 de agosto de 2018.**

Entrevistado 2: Nigéria, por exemplo, é composta, na maioria, dividida em muitas tribos, na Nigéria você tem os Igbos, você tem no nordeste os Hausa, e você tem os Yurubas, então na Nigéria você tem mais de 300 tribos, e você tem 500 diferentes línguas, de dialeto, línguas. Então, entre os Igbos, eles tem diferentes dialetos entre eles mesmos, os Hausa tem apenas um. Essas são as 3 únicas tribos que são reconhecidas oficialmente na Nigéria. E no nordeste, é a onde você tem o Boko Haram. O Boko Haram não existe nas terras dos Igbos. E não existe nas terras Yurubas. Eles existem aqui.

Entrevistadora: Apenas Lá?

Entrevistado 2: Apenas lá. E esse é o problema. Quando a Nigéria estava em guerra, foi isso o que aconteceu. Você sabe, todos os nigerianos, o problema do Boko Haram é apenas, particularmente em uma área da Nigéria, que é no nordeste. Na parte nordeste, nós temos o estado de Borno, e três ou quatro estados onde o problema acontece. Lá tem o estado de Plano, Ysuju, e eles não tem o problema do Boko Haram. Então é só em uma pequena parte da Nigéria que tem todo o problema. Agora, os Ygbos, eles tem outro problema, porque eles misturam diferentes línguas. Não é como no Brasil, Brasil fala apenas o português, é difícil e fácil para você compreender o que os outros brasileiros estão falando, e o Brasil pode se desenvolver porque o Brasil compreende o que as pessoas falam porque elas falam apenas uma língua.

Entrevistadora: Nós temos sotaques diferentes.

Entrevistado 2: Apenas sotaques.

Entrevistadora: Mas a mesma língua.

Entrevistado 2: Mas vocês compreendem porque é português. Agora, na Nigéria não é a mesma coisa.

Entrevistadora: As pessoas não entendem as outras pessoas?

Entrevistado 2: Nós temos uma língua oficial que se chama inglês. A Nigéria fala inglês oficialmente. Então, a parte do inglês, existe um outro sotaque para o inglês chamado de “inglês quebrado” que também pode ser chamado de inglês crioulo, e qualquer um na Nigéria pode compreender, se você for para a escola ou não, você pode falar, mas oficialmente nós falamos inglês, nós falamos o inglês britânico. Mas, para falar isso, você precisa realizar e estar preparado para poder falar o inglês bem, é isso o que acontece com muitos nigerianos Igbo, eles não falam o inglês bem, porque eles não tiveram oportunidade para ir a escola. Agora, nesse lugar Igbo, eu falo Igbo, eu sou da tribo Igbo, a maioria da tribo Ygbo tem diferentes diálogos. Se alguém em um lugar falar Igbo, pode ser que eu não esteja apto para compreender, somos os mesmos Igbo.

Entrevistadora: O meu Deus.

Entrevistado 2: Então esse é o problema. Esse é o problema da Nigéria, nós temos diferentes línguas. Agora, se um homem hausa é o presidente, um homem Ygbo vai dizer: Não, ele somente vai favorecer as pessoas hausa, você vê o problema. Então, os Ygbo vão dizer: Não, nós não queremos ele, queremos uma pessoa daqui e os Yuruba vão dizer: Não, nós queremos um Yuruba daqui. Então no congresso, começou uma briga de uma tribo com outra tribo, e começou o conflito. Quando o conflito estava lá, as pessoas começaram a sofrer. Você elege alguém para trabalhar para a população, você irá lá, e metade dos problema é lutar contra, você nunca irá fazer o seu trabalho, então as pessoas vão começar a sofrer. Mas ao final de um mês, é o que acontece na Nigéria, muitas pessoas são pobres, mas os ricos ficam mais ricos.

Entrevistadora: Ficam mais ricos

Entrevistado 2: Mas os pobres ficam mais pobres. Agora, na história da Nigéria, essas são as duas tribos que tem mandado na Nigéria por anos. O presente está

sempre entre aqui e aqui, aqui e aqui, e os Igbos nunca estão lá. Agora, os Igbos estão cansados e querem independência, eles querem ir. É uma longa história sobre o que acontece, sobre o projeto de independência da Nigéria, isso é diferente, e isso está no meio da guerra. Mas agora, os Igbos querem ir embora e agora eles querem a “Afra” eles almejam ser a “Afra”, isso é diferente, se você nunca ouviu falar, você está somente se concentrando no Boko Haram. O Boko Haram nesse momento, eles tem uma outra organização perigosa na Nigéria,

Entrevistadora: É a “Afra”?

Entrevistado 2: Não, não é a “Afra”, a “Afra” é a única organização pacífica para a independência, é por causa do campo, é porque eles não veem uma forma de ficar na Nigéria. Muita gente é atraída para ser da liderança. Os hausa e os Yurubas é ??? (06:52) pela presença dos Ygbos. Porque na história, os Ygbos vem dos judeus, eles vem de Israel, então eles são??? (07:01), eles são inteligentes. Agora, eles não tem o dinheiro do governo. Mas, eles são ricos, todo mundo é rico. Como? Porque eles lutam, porque eles são bons nos negócios, eu não estou dizendo isso porque eu sou Ygbo, eu estou dizendo a verdade, eles lutam em qualquer lugar. Agora, no Brasil, por exemplo, é difícil para você ver alguém que é hausa, você nunca vai ver, se você ver alguém que é hausa, ele é da embaixada, ele é diplomata. Eles estão apenas na Nigéria, eles estão lá e eles não viajam. Os Yuruba e os Hausa eles são juizes, você consegue, ver pessoas Yuruba aqui, o Brasil tem história, tem dos Yuruba, tem bastante Yuruba aqui, mas, a maioria das pessoas que você vê são Ygbos. Em qualquer parte do mundo que você for, você vai ver Ygbos. Porque? Eles estão procurando sobreviver. O campo. A Nigéria não esta sendo boa para eles, eles tentam todos os dias. Nós nascemos com esse dilema, a sobrevivência é o que você pode fazer para viver, você vai para sobreviver. Nós não precisamos depender do governo, nós não precisamos dos outros, vá para sobreviver, então nós pensamos dessa forma. Se você for, você tem que sobreviver, sua vida não está dependendo do governo, mas esses aqui, os hausa, eles querem mudar a Nigéria nesse momento. Então, quando o Boko Haram veio a existir? Você sabe, isso é quando alguém, de entre aqui, de Yuruba e Igbo, tem um presidente chamado Jhonata, ele era o vice presidente de um homem hausa chamado “Iaradua” mas o

laradua morreu enquanto estava presidindo, então, de acordo com a Constituição, ele teve que, como vice presidente, virar o presidente.

Entrevistadora: O presidente.

Entrevistado 2: Sim. Então, ele é do oeste da Nigéria, ele é Igbo, não Igbo realmente, mas é Igbo. É de outra tribo, tem muitas tribos, eles não são Igbo, eles não se reconhecem eles mesmos como Igbo, eles não são Igbos, mas outras pessoas veem ele como Igbo, ele tem um nome Igbo, mas ele não é de origem Igbo. Então isso significa que ele é exclusivamente Igbo e isso se tornou um problema. Então o Boko Haram veio a existir quando ele estava no ofício.

Entrevistadora: O Presidente?

Entrevistado 2: Não, eles fizeram isso para praticarem as suas atividades porque no final do dia era um Igbo homem que está junto com o presidente, e eles não podiam fazer nada, eles não podiam pará-lo, então a estratégia com isso é, o que o Boko Haram significa? Boko Haram significa uma campanha contra a educação ocidental. Então, de outra forma, se você for para a tribo hausa, muitos deles não vão para a escola, é aqui que você tem os muçulmanos. Os muçulmanos são a maioria e os Igbos são pequenos e é aqui que você tem os cristãos. Os Yurubas são misturados entre muçulmanos e Igbos e cristãos. Os Igbos não tem muçulmanos. Os muçulmanos que você vê são as pessoas do norte onde você tem as mesquitas e não igrejas. A mesquita colega, do mesmo jeito que você tem prédios de igreja, a mesquita colega. E os Igbos, os Igbos não são muçulmanos, eles são cristãos. Então, aqui, a Nigéria não está brigando apenas pelo problema das tribos. Eles também estão brigando pelo problema da religião, por essas duas coisas.

Entrevistadora: Você acha que o problema com o Boko Haram é por causa da religião ou da política?

Entrevistado 2: Não é, é combinado. Você nunca poderá dizer que não tem nada que eles estejam procurando. É político, isso é o número 1. Mas, se eu disser para você que é político, eu tenho que te provar isso e por causa de eu não conseguir provar isso, eu tenho que dizer o que eu sei porque

Entrevistadora: Então, qual é a sua opinião?

Entrevistado 2: A minha opinião, como eu estou te dizendo, é que é político porque o Boko Haram, a maioria dos que eles tem matado, agora você poderia me dizer que na Nigéria, por exemplo, a mais popular, todo mundo sabe, sobre as meninas que foram sequestradas da escola, você sabe, para a floresta e elas não podem fazer nada e eles não podem fazer nada e no final, isso significa que alguma coisa está errada. Agora o Presidente da Nigéria, antes dele assumir o ofício ele, se comprometeu com isso que ia resolver o problema do Boko Haram, você entende? Então ele veio para o ofício como um homem Hausa, esse cara não tem (incompreendido) em nossas vidas. As pessoas perderam nas cidades, se você ver as armas, se você ver as armas que eles tem, como que essa arma vem? Eles estão usando as armas do governo. Então, os veículos que eles são os veículos do governo, quem está patrocinando eles? Alguém está patrocinando eles. Alguém não nos está dizendo a verdade, alguém está por trás deles. Eles vivem nas florestas, eles vivem em acampamentos. A onde eles vivem é possível que eles roubem mulheres, que eles roubem comida, é possível que eles roubem coisas, mas não é possível que eles roubem isso. Então alguém está patrocinando eles. Então me diga isso, as pessoas estão nas ruas e não tem nada, elas são pobres e eles vivem na floresta. Então alguém do governo está por trás deles. Isso é o que eu digo. Mas isso é que o Boko Haram veio a existir por que alguém é radical. O radicalismo vem de alguém querendo resistir a algo. Eles vieram a existir para desestabilizar o governo do Jhonata.

Entrevistadora: O Igbo?

Entrevistado 2: Não. Ah sim, o Igbo.

Entrevistadora: Eles querem desestabilizar o governo do Igbo?

Entrevistado: Sim, o governo. Isso é porque, antes dele supostamente se tornar o próximo presidente, ele contestou porque ele perdeu a eleição. Você precisa saber. A eleição na Nigéria, eu posso te dizer, as pessoas discursam no microfone o tempo todo a qualquer momento mas a eleição na Nigéria não é livre.

Entrevistadora: Não?

Entrevistado 2: Não, não é. Não é. A eleição na Nigéria, o eleitorado do Hausa cometeu um grande erro porque o presidente é um homem Hausa, o eleitorado tanto faz, ele tem o poder para mudar os números, é por isso que o Jhonata perdeu a eleição. Agora na Hausa, a população não é maior do que a dos Igbos. Os Igbos tem população, mas o problema é que, durante as eleições, os Igbos não votam.

Entrevistadora: Por quê?

Entrevistado 2: Porque o sentimento é que, se eles votarem ou não votarem, os não terá diferença nos números. Você vai votar, mas eles não usam aquele número, não influenciará no vencedor. Se você vai votar você precisa sentir: Eu votei, eu votei, eu votei.

Entrevistadora: Eu tenho uma pergunta: Na Nigéria, todo mundo tem que votar? É uma obrigação?

Entrevistado 2: Todo mundo tem o direito de votar, mas não é uma obrigação. Você tem o poder de votar. O certo que é que você supostamente vote. Mas você pode decidir não votar. Isso é da lei Constitucional, é diferente daqui, porque aqui é obrigatório.

Entrevistadora: Sim

Entrevistado 2: Na Nigéria não. É o seu direito garantido constitucionalmente de votar.

Entrevistadora: Então esse é o motivo que as pessoas Igbo não votam porque sempre

Entrevistado 2: Toda vez eles votam e nada acontece. Eu estive no escritório do eleitorado na Nigéria, eu estive lá, então o que eu estou te dizendo é para constatar

que o mundo todo testemunhe a minha experiência. Eu estive no escritório que coleta os votos, é um escritório do governo, na área do governo, eu era um dos policiais da coleta de votos, o que acontece: as pessoas vão votar e o voto é manual, o papel onde elas votam é misturado com outro papel de voto. O voto não é impresso e deveria ser impresso. Então o papel oficial é invalidado, eles não usam ele, o que acontece é que essa urna misturada é invalidada e foram eles que fizeram isso. O escritório de contagem dos votos é muito fácil... esse é para o A, tantos votos, para o B, tantos votos. Você sabe em todas as áreas que quem ganhou é uma pessoa, mas a televisão anuncia que a outra ganhou. Então, como que você me convence que as eleições são livres? Os Igbo, eles não querem votar de novo, eles não querem votar de novo porque o sentimento está sendo morte, porque você vai e vota e no final do dia, o resultado é outro. Não, esse é o problema na Nigéria, a eleição não é livre e eu não sou orgulhoso disso. A Nigéria está procurando por um líder

Entrevistadora: Um ótimo líder

Entrevistado 2: Sim, um ótimo líder e o momento em que ganhar um grande líder, todos os nigerianos irão voltar porque é isso que a gente precisa, é isso que nós estamos procurando. Eu tenho uma ideia sobre o Boko Haram que você precisa saber porque agora tem uma outra organização perigosa que existe na Nigéria. As pessoas não estão falando a respeito disso. Eles são dos Hausa. A tribo Hausa tem uma outra tribo chamada Fulani. Essas pessoas Fulani que você vê, você sabe, eles tem cores como você, a maioria deles, mas não todos, o trabalho deles é tomar conta do caos. Eles se chamam Rex Man

Entrevistadora: Rex Man? O que é isso?

Entrevistado 2: Rex Man são as pessoas que tomam conta do caos, eles estão fazendo, eles tem diferentes animais, animais para as pessoas comprarem e matarem. O governo nigeriano, nesse momento autorizou eles para irem, se você tem a área da sua fazenda, eles vem de lugares diferentes para cuidar dos animais, e eles entram nas fazendas das pessoas e destroem as fazendas das pessoas e eles destroem qualquer coisa, estupram as mulheres que eles veem lá, eles entram



nas vilas e matam a maior numero que eles conseguem e o governo nigeriano autorizou eles de usaram a AK47, o que eles estão fazendo com a gente?

Entrevistadora: O meu Deus

Entrevistado 2: Você vê o problema? Ninguém está falando sobre isso

Entrevistadora: Não, eu por exemplo, estou estudando a Nigéria e eu escuto sobre o Boko Haram e eu nunca ouvi nada a respeito deles.

Entrevistado 2: Eu estou te falando agora que os Hausa são os únicos poder e eu não estou te dizendo isso porque eu sou Igbo, eu estou te dizendo à verdade, alguma coisa não pode ficar antes da televisão, qualquer dia pode acontecer o que eu estou dizendo, certo? Se você olhar para os Hausas, e eu não tem nada contra eles, você entende, eles também são nigerianos, mas, como você pode me dizer isso, que o presidente, que é um presidente Hausa, autoriza AK47, que é utilizada durante a guerra, como que eles podem utilizar isso para cuidar dos seus animais? Não, isso significa que ele autorizou a matança de pessoas. Agora a (incompreendido) fazenda está situada na área do nordeste, não no leste e nem no oeste, então todos eles estão, agora, cercando os Igbos. A Nigéria teve uma guerra civil há muitos anos atrás, na época da independência e a estratégia que eles usaram, isso é o que eu estou tentando trazer para você, eles usaram os Rex Man, os Fulanis, para cercar todos os Igbos em nome das fazendas, fazendas. Agora, depois que o (incompreendido) foi embora, então, daquele momento até agora, não teve guerra na Nigéria. Eu queria que tivesse guerra na Nigéria para que os Igbos pudessem escapar, porque eles estão sendo cercados. Você entende o que eu estou querendo dizer? Então essa é a estratégia. Agora, muitas mulheres estão sendo estupradas aqui, nos Igbos, agora para parar essa

Entrevistadora: Então, as mulheres estão sendo estupradas, mas não são as pessoas do Boko Haram, são os Fulanis?

Entrevistado 2: São os Fulanis. O Boko Haram não é o problema agora, porque o Boko Haram não tem interesse em todos, eles tem interesse nas pessoas índia ou

Hausa, você vê isso? Eles estão limpando eles mesmos, o problema não é a Nigéria e eles apenas existem em uma pequena parte do nordeste, o maior problema agora são os Rex Man. Esses outros, a cada ano, estão matando pessoas, forçando pessoas a se casarem para começarem uma comunidade, eles destroem tudo e matam. As pessoas do lado leste estão vivendo com medo e eles não tem ninguém no poder para falar por eles. O que é isso? Os Igbos não tem ninguém, não tem ninguém, isso é o problema. Então, imagina, como pode, se você me disser, que o presidente que ganhou a eleição está a 8 anos com a mesma eleição. Como pode isso? Como pode, eu fui votar uma vez na minha vida, na Nigéria tem um grupo de intelectuais, pessoas que foram educadas (incompreendido) todos anos, como eles não podem enviar um bom homem para se tornar o presidente da Nigéria, é uma missão complicada, isso não é possível, (incompreendido) é errado, você sabe que é o vice presidente? É um professor universitário da Universidade de Uruba e ele é pastor, então, isso é político, ele é o cara, os nigerianos não conseguem falar inglês e colocam um presidente para todas as nacionalidades da Nigéria. Como ele pode gerenciar ? É uma das mais complicadas nações no continente africano. Isso é terrível (incompreendido), ele está em Londres para acordos mas eles não entendem . As pessoas estão ao redor de apenas uma regra na Nigéria, não te Igbo aqui, ele é um homem velho, então ele não está entendendo o que está acontecendo lá, mas estão usando ele manipular, são as mesmas pessoas que estão por trás disso que está acontecendo na Nigéria. Para você ser prefeito, por exemplo, a prefeitura, algumas pessoas precisam patrocinar você para concorrer a eleição. E quando você ganha, tudo que a pessoa que patrocinou disser, você tem que fazer. As pessoas tem que patrocinar você para se governador, elas te colocam lá, esse é o problema que nós temos. Eu estou farto disso, todos os nigerianos estão farto disso, nós queremos lideres, nós temos pessoas, não é que nós não temos pessoas, nós temos pessoas. A maioria dos médicos que estão lá são nigerianos, a maioria dos advogados são nigerianos, estou falando de engenheiros. A maioria, a maioria deles está em qualquer lugar no exterior, se você para os Estados Unidos, cada ano, a universidade tem graduações, olha os nomes, nigerianos, nigerianos fazendo bem, porque? Porque eles são muito inteligentes, os nigerianos são inteligentes.

Entrevistadora: Por exemplo na minha pesquisa, eu usei muitos nigerianos

Entrevistado 2: Nigerianos são inteligentes.

Entrevistadora: Doutores

Entrevistado 2: Você viu isso? Você viu isso? Eu fiz engenharia de produção no meu país depois do alistamento militar. Você tem que fazer algo para sobreviver. Então, eu sou da tribo Igbo, nós nascemos com o dilema de que temos que sobreviver, em qualquer lugar que você for você produz, então eu tenho que sobreviver. Começar uma jornada. Eu não sou um refugiado.

Entrevistadora: Então você não é refugiado?

Entrevistado 2: O refugiado. O Brasil não utiliza essa palavra, eles não sabem o que isso significa, ninguém é refugiado, alguns podem estar com o status de refugiado, mas não refugiados, ninguém nasceu para ser um refugiado. A condição que você está não é a condição que você é, as pessoas podem dizer que, eles falam de uma condição, mas isso não é o que você é, você é mais do que isso. Se, o governo de onde você estivesse fazendo tudo certo, você não estaria nessa situação, você mudaria de cidade e de país, mas não se refugiaria em outro país. De outra forma, ninguém é refugiado, as pessoas estão vivendo nesse status de refugiado, mas eles não são refugiados eu não sei se você entendeu isso, o Abdu te deu o meu contato para te dar o meu posicionamento sobre as condições atuais. Tem um livro, eu vou te mostrar o meu manuscrito, é um livro que eu falo sobre imigração, são história reais que eu escrevi, começando na África, são sobre as experiências que muito africanos estão vivendo lá. A jornada começa, como eu estava te dizendo, no conflito de Tana (incompreendido), em que eu estou falando o que que está acontecendo na Nigéria, mas em outra parte, não é só na Nigéria, os países africanos estão experimentando o conflito Tana. Então o que acontece é que as pessoas estão desestabilizadas, elas estão sendo forçadas a deixarem as suas comunidades e procurarem um lugar melhor para sobreviver, não importa o que você queira você se torna um refugiado, é isso que ser refugiado significa, essa palavra, um refugiado é um imigrante, um imigrante pode decidir viajar para qualquer lugar, é como é o caso dos brasileiros e dos nigerianos, eles estão vivendo bem, tem

gente vivendo na Nigéria e estão vivendo bem, mas se você viaja você faz uma escolha, não porque o Brasil está sofrendo, não porque Brasil está sobre um problema atrás do outro, mas porque é o seu direito. Agora, quando a sua viagem é o resultado da desestabilização, da guerra, do conflito, ou qualquer coisa, na sua comunidade ou no seu país, e você tem medo pela sua vida, ou de morrer, ou é político ou religioso, qualquer coisa, e você decide deixar o seu país, então esse imigrante vai ser um refugiado. Eu não estou fugindo por algo, eu estou fugindo de tudo. Eu deixei o meu país por causa do livro, porque eu quero dizer para o mundo todo o que está acontecendo no meu país. Eu escrevi como se fosse uma ficção, mas na verdade são histórias reais. A história sobre três imigrantes que deixaram a sua comunidade por causa da desestabilização. Então agora, vamos falar sobre o Boko Haram, eu escrevi que o Boko Haram é uma estratégia, mas eu não chamei de Boko Haram, eu dei um nome fictício, você tem que fazer, é uma forma de fazer isso. É sobre um conflito como o do Boko Haram e eles procuram sobreviver. Mas a maioria deles não sai para viajar para exterior, eles vão para o deserto, muitos estão morrendo, é isso que está acontecendo na Nigéria e ninguém está falando sobre isso, e no continente africano, não só na Nigéria. Eles vão para o deserto e o deserto não faz parte da Nigéria, faz parte da Líbia, onde os direitos humanos são abusados, as pessoas estão sendo detidas contra as colinas, as mulheres estão sendo estupradas, eles compram as mulheres e destroem as suas casas, as pessoas estão sendo escravizadas e ninguém fala disso, a escravidão não acabou, ela ainda existe. Em Líbia, nesse momento, em Pladarie, todos os dias, não isso é o dia Kudan, não isso deserto, as pessoas estão morrendo no deserto apenas tentando sobreviver, eles estão tentando ir para uma área estabilizada. Esse é o problema. Muitos morrem no caminho. Muito muitos em Líbia. Eles vão para lá para tentarem ir para a Europa. Isso é o que ele tem lá. No processo, você tem muitas atividades para tentar entrar na Europa. Muitos morrem no mar mediterrâneo. Todos os filhos da África, que seriam o futuro, estão morrendo. Por isso que um homem do caribe me disse o lugar mais rico do mundo não são os países do petróleo: Iran, Iraque, entre outros, África do Sul, até a Petrobrás. Porque? Porque as pessoas morrem por essas potências. O que para você, você acredita que supostamente a sua geração deve ter? Um lugar rico é um lugar que conecta as pessoas. África tem o óleo e mortes, mas não apenas a Nigéria, não vamos falar só da Nigéria. Todas as partes da África estão tendo a mesma experiência ao mesmo tempo. Esse caras

tentando ir para a Europa, eles fazem parte da Nigéria. Se você ouvir que nigerianos estão se prostituindo na Europa, eles são de uma parte do Estado de Benue. Cada Estado da Nigéria, a Nigéria tem 36 Estados, quando você vê alguém se prostituindo na Europa, uma mulher, ela é desse Estado.

Entrevistadora: De Benue? Por quê?

Entrevistado 2: Essa é a cultura deles.

Entrevistadora: Eu tenho uma pergunta para você: Para você, quem tem medo do terrorismo?

Entrevistado 2: Todo mundo tem medo do terrorismo. Todo mundo tem medo do terrorismo. Todo mundo pode ser vítima do terrorismo, claro. Mesmo você vivendo aqui você pode ser vítima do terrorismo.

Entrevistadora: Mas você acha que nós, ocidentais, temos mais medo do que você, que já viveu lá?

Entrevistado 2: Na verdade, você pode dizer: Você, o que você tem feito sobre? Você nunca vai ter medo do que você não conhece, como eu posso explicar isso. Por exemplo, eu sei o que é alguém ter experiência de guerra, quem tem sido as vítimas da guerra, e nós nunca queremos que isso aconteça de novo. Mas alguém pode não saber o que que isso significa e ficar dizendo: Deixa isso acontecer. Então, as pessoas que tiveram essa experiência ele não querem que isso aconteça nunca mais. Então, eu tenho a experiência em conflito, eu vi pessoas sendo mortas na minha presença, eu tenho essa experiência, um dia os Rex começaram a matar os Igbos na parte norte e os Igbos começaram a matar os Hausas em uma cidade que eu vivi, eu estava lá, na minha casa e toda a cidade estava coberta de sangue, no primeiro eu escutei alguém e Bum, corpo morto corpo morto corpo morto em todas as partes, os Hausas estavam por toda a parte. Então essa a forma como eles matam. Você nunca ouviu que os Igbos estão morrendo nos Estados do Norte. Então o que você deve saber é que é um problema tribal, essa é a causa do problema. Então todos os Hausas na cidade foram mortos porque os Hausas não

investem nas terras Igbos. Eles nunca investem neles. Mas os Igbos investem neles. Se você no lado oeste da Nigéria, a maioria dos prédios das cidades são de Igbos, eles compram em qualquer lugar, eles não se importam, eles compram. Resumindo, a guerra não é lugar para se estar. Eu estou te falando da experiência de quem viu pessoas morrendo. Até para ir na igreja, eu quero rezar na igreja, eu não quero ver alguém sendo morto no caminho. Eu não quero ver isso. Mas as pessoas não entendem isso, elas falam: ahhhh, sem problemas. Então, eu tenho medo, eu não quero morrer, eu não quero sangue e nem problemas civis. Em qualquer lugar, você vê sangue em todo lugar. Nesse cidade, eles matam qualquer pessoa que eles veem, todos os outros Estados estão se desenvolvendo, essa cidade de Ubá, nunca vai ter. Os indivíduos tem o dinheiro, mas não tem o desenvolvimento, infraestrutura (eletricidade, água, água para beber), isso é ruim, muito sangue vai ser derramado. Eu, pessoalmente, não quero ter essa experiência, eu quero viver. Adivinha a onde eu quero viver: em uma cidade que tenha apenas um Deus. Utopia? Utopia é o meu sonho. Nesse lugar tem paz, não tem conflito, não tem problema, é isso o que eu tenho na minha mente, é por isso que eu deixei o meu país. O Caribe é um dos lugares mais pacíficos do mundo e é verdade. Eu fui para o Caribe em uma ilha chamada São Cristóvão, ela era colônia britânica, em que o presidente é o primeiro ministro, e ele veio com o seu carro, andando pelas ruas, ele não estava com medo, ele não tem nada contra a ninguém e ninguém tem nada contra ele. É isso que eu quero ver. Como que eu vou ver isso na Nigéria, eles matam ele. Ninguém consegue ver a casa branca da Nigéria, a onde o presidente vive, porque esse lugar é muito distante, fica do outro lado. Ele não tinha nada para sentir medo, ele só saiu e foi caminhar por que ele pode. Então os caribenhos veem o presidente saindo ainda na rua, e estando lado a lado deles, isso é o lugar que eu gostaria de viver. Isso é o motivo pelo qual as pessoas migram para outros países. Elas estão procurando paz, elas estão procurando um lugar para sobreviver e viver. Você sabe, eu amo o Brasil.

Entrevistadora: Por que você escolheu o Brasil?

Entrevistado 2: Isso é uma questão. Quando eu vim aqui, eu vi coisas que eu nunca tinha visto na minha vida. Vindo de uma cidade e de um país onde as pessoas preferem o conflito ao invés de mudarem a forma de ver, alguma coisa, me desculpe, eu prefiro não dizer me desculpe, para se desculpar por alguma coisa,

não, eles preferem brigar ao invés de se desculpar. Eu vim para o Brasil e eu caminhei de uma rua para a outra e eu olhei as pessoas, eu vi mendigos pedindo coisas e as pessoas não dando para ele e ele dizia: obrigado. E eu pensei: o que que é isso? Que tipo de mente é essa. Você vai na estação de ônibus e os brasileiros estão na fila única. Eu estava falando sobre isso, eu estava passando pela Dom Pedro, que foi um líder, estava passando um filme. Agora tem uma nova catraca construída, e eu supostamente não ia passar de graça lá, mas uma moça passou o cartão, eu ia passar o cartão, mas a mulher passou e a pessoas atrás também passaram. Isso é como os brasileiros são condicionados a fazerem coisas boas para os outros. Tem outra coisa, esquece os problemas que agora tem ocorrido no Brasil, os brasileiros são bons.

Entrevistadora: Sim.

Entrevistado 2: Eles aceitam como você é. Agora, eu estava falando sobre o transporte público, os ônibus públicos, o sistema é organizado, é muito organizado. Você vem e vê que tem assentos para as pessoas mais velhas. Isso não tem no meu país. Desde que eu estou aqui, e eu escrevi isso no meu livro, eu escrevi coisas boas para a minha comunidade, é uma terra de amor, uma terra de pessoas respeitadas, uma terra em que se usa a palavra desculpa, as pessoas dizem desculpa até quando elas não te fizeram nada, elas se desculpam e evitam o conflito. Você sabe, quando eu falo isso, me desculpa, eu resolvo o problema, eu vou falar: Não, eu não posso fazer isso, vamos brigar se você quer, a gente briga, isso não tem. Um país que tem moradores de rua, isso não é um problema, todos os países tem, mas tem uma coisa que eu estou procurando, a mente das pessoas e a mente dos brasileiros é boa, é isso. Quando você vê alguém com esse tipo de mente, eu não estou querendo que o Brasil não tem os seus próprios problemas, mas a maioria das pessoas aqui são boas. Então, quando eu caminho nas ruas, eu caminho como um rei, porque eu sinto que os brasileiros me dão suporte, me amam, eu me sinto amado, eu me sinto bem vindo, eu não me sinto distratado. Então, isso é o suficiente pra mim para eu ter paz. Eu tenho paz, eu estou te falando que eu tenho paz. Eles sabem que, ah, eu sou africano. Africano é bem vindo.

Entrevistadora: Todo mundo é bem vindo.

Entrevistado 2: Todo mundo é bem vindo. No Brasil, o mundo todo é representado aqui. Então, eu não tenho nenhum problema. As pessoas vem me entrevistar, como eles chamam discriminação?

Entrevistadora: Discriminado, preconceito.

Entrevistado 2: Preconceito. Essa palavra não existe pra mim.

Entrevistadora: Sério?

Entrevistado 2: Não.

Entrevistadora: Eu estou muito feliz de ouvir isso.

Entrevistado 2: Isso não existe pra mim. Às vezes alguém traz isso. Você sabe, isso está na cabeça. Eu ando com os refugiados e com os imigrantes. Tem algumas pessoas que tem isso na mente. Qualquer coisa eles dizem: ah, é porque eu sou um refugiado. Isso está errado. O problema é a pessoa. Se você ver alguma pessoa falar sobre preconceito, ou qualquer coisa, o problema é a pessoa, é a pessoa.

Entrevistadora: é a pessoa.

Entrevistado 2: Eu quero saber. Ah não, o problema é a pessoa. Primeiramente você tem que amar a si mesmo. Quando você ama você mesmo e se aceita, você sabe que você é um rei, quando você sabe que você é um rei, você caminha pelas ruas, não importa o que que as pessoas falam contra você, porque aquela é a opinião deles. A opinião não deve mudar quem você é, e esse palavra discriminação não existe. Quando alguém vem me discriminar eu falo, ah, você esta brincando e isso não me transforma. Entende, eu sou um homem feliz e eu criei a minha felicidade, eu me faço feliz. Você não vai me ver chorar, você não vai me ver triste porque se você decidir fazer isso, eu vou sair do lugar, e eu vou procurar alguém que vá me fazer feliz. Isso é uma escolha.



Entrevistadora: E eu estou muito feliz com essa conversa. Eu tenho mais duas perguntas e nós vamos terminar.

Entrevistado 2: Vá em frente.

Entrevistadora: Para você, na Nigéria, não existe democracia? A democracia existe só no papel.

Entrevistado 2: Democracia, nós estamos bem bem bem distante de ser uma nação democrática. Está longe. São as chances de todo mundo falar. Para você começar uma democracia, as pessoas devem começar uma democracia, eles devem estar prontos. A palavra democrata significa o governo do povo. Quando as pessoas estão juntas, elas deixam um legado. O legado que eles deixaram é uma regra para o mundo todo. Os americanos construíram regras para homens maus por quê? Porque os homens maus construíram a democracia para comprar (incompreendido). A democracia está longe, nós devemos voltar para o local onde as pessoas entendiam a democracia. Na Nigéria, nós somos uma nação democrata. Nós continuamos a ser governados por militares. Se você falar, e isso é verdade, você desaparece, eles matam você, na Nigéria e em todos os países africanos. Nós estamos longe. A África está longe da democracia. A democracia é você supostamente poder expressar a sua opinião, você é livre e tem direito de discursar, de dizer não, de dialogar, de protestar.

Entrevistadora: Quais são as principais vítimas do Boko Haram, os homens ou as mulheres?

Entrevistado 2: Geralmente são as mulheres, homens e mulheres são vítimas, mas no todo as mulheres vão sofrer, ao longo do tempo são vítimas, você sabe, há um entendimento a respeito dos Africanos, que eu acredito, na América de que falamos, está tudo certo, as mulheres podem cair fora, aqui no Brasil as mulheres tem poder, muitos homens são vagabundos, muitos homens tem poder, na África os acreditam que eles estão no controle, que eles têm o poder, que as mulheres não tem direitos, por outro lado, também todas as religiões pregam, não só o Boko Haram, que as mulheres não devem ir a escola, que elas tem de se ocupar de seus maridos, prover

sexo e cozinhar para eles, elas não podem ter outros homens, já os homens podem sair e ter varias esposas, não há óbices, homens podem dormir por aí, mulheres não podem, os homens têm o direito de fazer o que eles quiserem, as mulheres são proibidas de tudo, isso é (incompreendido), se você quer que sua esposa seja fiel, você tem de ser fiel, essa é a minha (incompreendido), se você quer ser civilizado, que tal se sua esposa o chama de homem civilizado, é como você deve ser, você deve ser talentoso, dizer por favor a sua esposa é o mesmo que dizer por favor a você mesmo, dizer não para isso, dizer não para aquilo, essa é a minha tendência, de outro modo, mulheres vão fazer sem sofrimento, existem muitas campanhas no meu coração ... na Nigéria, e essa campanha diz respeito a muitas senhoras, e as campanhas recaem sobre muitas senhoras, mas estão muito atrasadas.

Entrevistadora: Qual é a sua idade?

Entrevistado 2: trinta e oito

Entrevistadora: Qual a sua profissão?

Entrevistado 2: Agora sou professor de inglês, nesse momento, mas sou um engenheiro de produção

Entrevistadora: Você está há quanto tempo no Brasil?

Entrevistado 2: Há três anos. Completando quatro anos de Brasil em novembro.

**Transcrição da gravação da conversa entre o ENTREVISTADO 3 e a ENTREVISTADORA ocorrido em 03 de outubro de 2018.**

Entrevistadora: Antes de mais nada, você me autoriza a gravar essa entrevista?

Entrevistado 3: Sim, claro.

Entrevistadora: Em segundo lugar, o meu inglês não é tão bom.

Entrevistado 3: Não tem problema. Eu entendo.

Entrevistadora: Quantos anos você tem?

Entrevistado 3: 33 anos.

Entrevistadora: Há quanto tempo você vive aqui no Brasil?

Entrevistado 3: Eu estou há 4 anos nesse país, no Brasil.

Entrevistadora: E de qual parte da Nigéria você é?

Entrevistado 3: Eu sou de Ogun.

Entrevistadora: Do sul?

Entrevistado 3: Não, do oeste.

Entrevistadora: Certo, vamos começar. Para você, quem tem medo do terrorismo?

Entrevistado 3: Todo mundo tem medo porque ninguém sabe a hora que irá morrer, aqui não, mas no meu país, você não sabe disso no meu país, isso é o que acontece. Então todo mundo tem medo, então todo mundo tem medo, não sei se

você entende o que significa, os governos tem medo, porque os terroristas são inteligentes, eles fazem todo mundo ter medo. Entende?

Entrevistadora: Entendo. Você veio para o Brasil por causa do terrorismo?

Entrevistado 3: Sim, claro. Por causa disso eu estou aqui há 4 anos. É por isso que eu deixei o país, por causa do terrorismo. Eles matam muitos cristãos nas igrejas, nas mesquitas, em lugares abertos, nos mercados de rua. O Boko Haram está em qualquer lugar, então é por isso que todo mundo tem medo deles, o país inteiro tem medo do Boko Haram.

Entrevistadora: E você acredita que eles matam mais mulheres do que homens?

Entrevistado 3: Todo mundo pode ser morto, ninguém está salvo. Eu te disse, na igreja, todo mundo na igreja, eles explodem bombas lá e todo mundo morre. Todo mundo em todo lugar, no mercado de rua, na igreja, nas escolas, entendeu?

Entrevistadora: Você acredita que os objetivos do Boko Haram são políticos ou religiosos?

Entrevistado 3: É problema religioso, é por causa da situação da religião, é por causa da religião que eles matam, minha opinião é essa, é porque todos esses terroristas são muçumanos e não cristãos, nenhum cristão irá explodir bombas e matar pessoas, porque os cristãos não estão lá para matar, não estão na igreja para matar, estão para perdoar. Mas os muçumanos estão praticando assassinatos nas instituições, nas mesquitas, nas áreas práticas, eles matam por causa das virgens que vão ser dadas para eles no paraíso, porque isso é a sua crença. Mas a nossa cultura acredita que, mais do que matar, nós temos que ter moral, nós temos que ter uma posição, entendeu? Nós somos cristãos, os cristãos acreditam no perdão, acreditam que você tenha que perdoar, você entende?

Entrevistadora: Eu entendo.

Entrevistado 3: Mas os muçumanos, eles não ensinam isso.

Entrevistadora: Para você, eles são o problema para a educação no seu país?

Entrevistado 3: São muitos problemas, esse é o problema que eu não coloco meu filho na escola, eu tenho um filho lá, mas eu não ponho porque eles podem matar ele, é isso, tem muitos problemas no meu país que afetam todo mundo. Por isso eu decidi sair, não se pode mais estudar no meu país, é por isso que eu viajei.

Entrevistadora: Sim, eu entendo.

Entrevistado 3: Todo mundo tem medo, todo mundo tem medo, não apenas eu tenho medo, todo mundo, porque ninguém sabe a hora que eles virão, você pode estar dormindo e eles podem vir e pegar todo mundo, todo mundo tem medo. E isso é muito ruim.

Entrevistadora: Você acha que o governo pode ajudar a combater, a destruir o Boko Haram?

Entrevistado 3: Na verdade eles estão usando o Boko Haram.

Entrevistadora: O governo está usando o Boko Haram?

Entrevistado 3: Sim, claro. O governo da Nigéria é muito ruim. Sim, desculpe dizer isso. O governo da Nigéria é muito ruim.

Entrevistadora: Me fale mais.

Entrevistado 3: Porque eles são tão ruins? Porque eles proporcionam o Boko Haram, esse é o meu ponto de vista anterior, não é só por causa deles, há negócios políticos nisso, os governantes geralmente vem deles e isso é muito complicado porque o governo tem medo do Boko Haram, eles tem medo de serem mortos, porque não tem outro dia, não tem outro dia minha irmã, entendeu?

Entrevistadora: Entendi.

Entrevistado 3: Sim. Eles matam muito, todo mundo sabe, até os governantes, ninguém está livre no país.

Entrevistadora: E você acha que o Boko Haram tem sido pago pelo governo? As armas, por exemplo.

Entrevistado 3: Claro, eles estão sendo pagos pelo governo, o governo tem a solução para matar os matadores das igrejas, em vários lugares da igreja de Deus, eles tem matado pessoas que estão rezando para Deus nas igrejas, e todo mundo morre em muitas igrejas por um longo período, em muitos estados do meu país, incluindo o nosso, e o governo não tem providenciado nada, essa é a dificuldade.

Entrevistadora: Eu entendo

Entrevistado 3: Sim, eu acho que isso não acontece nesse país, no Brasil, eu vivo nesse país há 4 anos, eu nunca vi isso aqui, o governo tem olhado para você o tempo todo, providenciando tudo, no meu país ninguém tem providenciado, essa é a dificuldade, todos são suspeitos, mas o governo, todos eles são suspeitos, mas eles tem que provar para nós que são os mulçumanos, o Boko Haram, que isso é antes deles terem descoberto.

Entrevistadora: Eu entendo

Entrevistado 3: Você entende?

Entrevistadora: E, porque você escolheu o Brasil?

Entrevistado 3: Eu escolhi o Brasil porque aqui quando eu estava procurando, aqui é um dos melhores lugares, quando eu vim, eu disse que, é o seguinte, desde que eu vim, o Brasil tem sido bom para mim, eu tenho a minha parceira e ela está aqui no Brasil.

Entrevistadora: Você está feliz aqui?

Entrevistado 3: Eu estou muito feliz aqui neste país, muito feliz.

Entrevistadora: Você tem paz aqui?

Entrevistado 3: Eu disse que eu estou muito feliz aqui, ou seja, eu tenho paz aqui, em tudo, eu disse para você, eu tenho paz, eu tenho paz na mente, desde que eu moro aqui, muita felicidade.

Entrevistadora: Então muito obrigada por essa entrevista, você me ajudará muito a construir esse consenso e tentar entender mais sobre a Nigéria, porque eu quero dar para você e para todos os nigerianos uma voz, aqui no Brasil.

Entrevistado 3: Isso é bom, isso é bom, porque eu não sou nigeriano, eu sou Igbo, da onde eu sou, eles precisam de paz, Hausa bo, Igbo bo, eles precisam de um país, de um lugar melhor, é o que todo mundo quer, é o que os nigerianos querem, porque não há paz no país, nos temos diferentes línguas, Hausa tem uma língua e não é a mesma, os Hausa não querem os Igbos, não querem paz. Todo mundo, de todos os estados, querem paz.

**Transcrição da gravação da conversa entre o ENTREVISTADO 4 e a ENTREVISTADORA no dia 03 de outubro de 2018.**

Entrevistadora: Primeiramente o senhor me autoriza a gravar essa entrevista?

Entrevistado 4: Sim, permissão está dada.

Entrevistadora: Em segundo lugar, meu inglês não é tão bom, às vezes tenho dificuldade de falar algo, me desculpe por isso.

Entrevistado 4: Sem problemas, eu também. Meu inglês não é perfeito e o inglês não é a minha primeira língua, a minha primeira é .

Entrevistadora: Quantos anos você tem?

Entrevistado 4: Trinta e nove anos de idade.

Entrevistadora: Há quanto tempo você mora aqui?

Entrevistado 4: Eu moro no Brasil tem 12 anos.

Entrevistadora: Eu preciso saber, você é da Nigéria?

Entrevistado 4: Sim, eu sou do estado de Enugu.

Entrevistadora: Para você, quem te medo do terrorismo?

Entrevistado 4: Todo mundo, ninguém gosta do terrorismo, ninguém quer morrer, todo mundo tem medo dele, até mesmo os terroristas, até mesmo o governo, os soldados que lutam contra ele.

Entrevistadora: Deixe-me ver, como é a vida no seu país de origem?



Entrevistado 4: A vida na Nigéria é normal, assim como em qualquer parte da África ocidental, a situação social econômica não é nem tão boa e nem tão ruim. Os governos são ruins, mas no geral é boa.

Entrevistadora: Existe diferença social, econômica e religiosa entre as regiões sul e do norte?

Entrevistado 4: Existe sim. O sul da Nigéria é habitado pela tribo chamada Igbos, a maioria são cristãos, cerca de 95 a 99% deles são cristãos. Enquanto a maior parte Nigéria é ocupada pelos muçulmanos que vivem em fazendas. A parte oeste da Nigéria é ocupada pelos Kebbi, a maioria deles. Então essas são as maiores diferenças.

Entrevistadora: No seu país tem muita violência?

Entrevistado 4: A Nigéria não era um país violento até alguns eventos recentes. Sim mas recentemente se tornou devido ao Boko Haram e por seu extremismo que marca uma parte da Nigéria. Antes do Boko Haram a Nigéria era um país pacífico e calmo.

Entrevistadora: Você sabe me dizer o porque que o Boko Haram existe e porque começou a fazer terrorismo?

Entrevistado 4: O Boko Haram é só um dos grupos terroristas do mundo e a maioria dos países não sabem que existe, atualmente eles não tem motivo para existir, eu pessoalmente acredito que eles existam por interesses egoístas, eles querem que a Nigéria seja dominada. A parte norte da Nigéria é dominada por muçulmanos e eles não gostam da educação ocidental e eles querem que o governo abandone a educação ocidental, que seja praticada a educação islâmica, esse é o problema central e por isso que eles escolhem lutar por essa filosofia nas áreas extremas da Nigéria.

Entrevistadora: Certo. Você acha que eles matam mais mulheres do que homens e por quê?

Entrevistado 4: Naquelas áreas a maioria das vítimas são mulheres e crianças porque a maioria da vezes elas não conseguem se defender nas áreas ocupadas, porque os homens muitas das vezes tem capacidade de se defender, já as mulheres e crianças não tem capacidade de se defender, isso acontece com a maioria das vítimas, perdendo suas vidas na minha avaliação geral.

Entrevistadora: O problema com o Boko Haram é mais político ou religioso?

Entrevistado 4: Os cristãos acreditam que o problema é mais religioso, os muçulmanos acreditam que o problema é político, porque nós cristãos, a maioria dos cristãos, acreditamos que os muçulmanos são pessoas mais violentas, alguma coisa assim. Os Muçulmanos não acreditam assim, eles acham que o problema é político.

Entrevistadora: Agustin, muito obrigado por essa entrevista, você me ajudou muito com a minha pesquisa por que eu precisava ouvir uma voz sobre o que acontece na Nigéria e sobre o que acontece por causa do Boko Haram, porque aqui no Brasil, temos o nosso ponto de vista e eu quero ver o seu ponto de vista na minha pesquisa. Muito obrigado por isso.

Entrevistado 4: Eu que agradeço pela oportunidade, para expressar a minha visão sobre o meu amado país, a Nigéria.

**Transcrição da gravação da conversa com o ENTREVISTADO 5 e a ENTREVISTADORA no dia 03 de outubro de 2018.**

Entrevistadora: Antes de tudo, me concede permissão gravar esta entrevista?

Entrevistado 5: Sim.

Entrevistadora: Qual sua idade?

Entrevistado 5: Tenho quarenta e dois anos.

Entrevistadora: Há quanto tempo você vive aqui em Brasil?

Entrevistado 5: Há 4 anos.

Entrevistadora: Qual a sua região de origem na Nigéria?

Entrevistado 5: Eu sou do Estado de Sokoto.

Entrevistadora: Fica no Norte?

Entrevistado 5: Sim, no Norte.

Entrevistadora: Me fala, existe violência no seu País?

Entrevistado 5: Tem muita violência no nosso país, por isso estou aqui, porque aqui temos paz, somos cristãos e simplesmente, lá, não temos paz. A vida está em pedaços, eles matam muitas famílias e nós não estávamos felizes. E quando aconteceu, o país não tinha condições de estabilidade, houve mudança. Então porquê mudou? Foi uma resposta sádica e radical para as mudanças do país, e eu não me sentia muito feliz lá.

Entrevistadora: Por que lá não há paz? Quais são as causas?

Entrevistado 5: Há muitos problemas políticos e problemas de liderança, ou seja, há muitas coisas e o país não tem condições de estabilidade. Especialmente as políticas nacionais não são boas, o governo não é bom, muitas mentiras são inventadas. O Boko Haram tem enfatizado muito isso. O Boko Haram é uma coisa entrelaçada no país, eles matam todos os cristãos. Na verdade muitos políticos se utilizam do Boko Haram para atirar e tirar a vida do povo, para expulsar os cristãos e assim ter a oportunidade de fazer o que bem entendem. Então nada tem mudado e eles controlam todo o país.

Entrevistadora: Na sua opinião, o Boko Haram existe por motivação política ou religiosa?

Entrevistado 5: É política. É Política.

Entrevistadora: Por quê?

Entrevistado 5: Porque, em parte, eles usam para exercer suas ambições políticas, é por isso que eles iniciaram a organização. E a má notícia é que eles fazem uma escalada sobre aquelas terras. Então é política.

Entrevistadora: Você veio para o Brasil por causa do Boko Haram?

Entrevistado 5: Sim.

Entrevistadora: Sua família está lá?

Entrevistado 5: Não, minha família está em outros países por causa deles.

Entrevistadora: Para você, quem tem medo do Terrorismo?

Entrevistado 5: As pessoas, todo mundo tem medo do terrorismo. Eles vivem no medo, há temor por todo o país, as pessoas não estão felizes, então querem uma mudança radical, eu quero colocar alguém lá para mudar os aspectos políticos para

conseguir viver lá, as pessoas estão sofrendo, eles vão para o Sul e matam as pessoas lá e fazem muitas coisas. Enfatizando, muitas coisas não estão boas, eles querem uma mudança, para recompor o país, isso é possível.

Entrevistadora: Quem são as principais vítimas do Boko Haram?

Entrevistado 5: Cristãos, Cristãos.

Entrevistadora: Quanto ao gênero? Eles matam mais mulheres ou homens?

Entrevistado 5: Homens, ambos. Ambos. Cristãos em geral. Os principais alvos são os cristãos, todos são alvos, todos são vítimas, crianças são vítimas, elas não conseguem escapar.

Entrevistadora: Você considera que o Boko Haram é um problema para a educação?

Entrevistado 5: É um grande problema. Minha esposa está me ligando.

Entrevistadora: Sem problemas.

